

organizadores

Atauan Soares de Queiroz

Tânia Aparecida Kuhn

Marilde Queiroz Guedes

Cacilda Ferreira dos Reis

Cartas para
**Paulo Freire,
bell hooks e
Frantz Fanon**

organizadores

Atauan Soares de Queiroz

Tânia Aparecida Kuhnen

Marilde Queiroz Guedes

Cacilda Ferreira dos Reis

Cartas para
**Paulo Freire,
bell hooks e
Frantz Fanon**



2024

São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C322

Cartas para Paulo Freire, bell hooks e Frantz Fanon /
Organização Atauan Soares de Queiroz... [et al.]. – São
Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Demais organizadores: Tânia Aparecida Kuhnen,
Marilde Queiroz Guedes, Cacilda Ferreira dos Reis.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-220-5

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-220-5

1. Carta. 2. Paulo Freire. 3. Bell Hooks. 4. Frantz Fanon.
5. Educação. I. Queiroz, Atauan Soares de (Org.). II.
Kuhnen, Tânia Aparecida (Org.). III. Guedes, Marilde
Queiroz (Org.). IV. Reis, Cacilda Ferreira dos (Org.). V. Título.

CDD 370.866

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação - Cartas

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	efe_madrid - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Alternate Gothic, Belarius Sans, PF SignSkript
Revisão	Os autores e as autoras
Organizadores	Atauan Soares de Queiroz Tânia Aparecida Kuhnen Marilde Queiroz Guedes Cacilda Ferreira dos Reis



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil



Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil



Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



SUMÁRIO

Apresentação17

Carta-prefácio19

CARTAS PARA PAULO FREIRE

Atauan Soares de Queiroz

**Sobre estado de poesia, amor, esperança
e decolonialidade na Educação22**

Marilde Queiroz Guedes

**A extensão no centenário de Paulo Freire:
possibilidades na ausência/presença30**

Eliana Ayoub

Carta para celebrar a esperança37

Daniella Taveira dos Prazeres

**A palavra e o mundo:
ser professora é um ato de resistência!45**

Grazielle Matos dos Reis

**Educação em tempos de incertezas:
uma reflexão crítica para Paulo Freire53**

Géssica de Souza Canaverde

Ser professor é exercer a humana docência57



Ivana Cristina Lovo

Do individual ao coletivo para alcançar o *ser mais*..... 63

Olivia Rochadel

(Des)envidramento no contexto universitário:

a prática libertária de renovação dos instrumentos

de ensino-aprendizagem71

Cristiane Gomes Oliveira Arraes de Almeida

Carta em homenagem a Paulo Freire79

Antônia Maria Prado de Araujo

Carta para Paulo Freire84

Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio

A Educação como ato político

de transformação e libertação88

Nívia Barreto dos Anjos

Minha aproximação teórica, metodológica,

ética e política com Paulo Feire92

Sabrina Gomes dos Santos Costa Leite

Entre o medo e a ousadia100

Aúbe Soares de Queiroz Almeida

Minha primeira carta a Paulo Freire106

Emilly Monteiro de Alcântara Silva

Tecendo conexões:

uma carta reflexiva a Paulo Freire sobre diálogo e consciência crítica110

Elíara Marli Rosa

Carta a quem ousa esperar.....115



Kaonny Rodrigues da Silva

Carta aberta de diálogo e reflexão pedagógica 123

Elisângela dos Santos Clementino

**Carta de significação ao nosso
querido Paulo Freire!..... 127**

Edinéia Alves Cruz

**Sobre ser-me, em persistente esperar,
atravessada por conscientização,
gentetude e boniteza..... 133**

Marli Vieira Lins de Assis

“Paulo Freire para mim é tudo”! 139

Tainara lima

Amor além da leitura 144

Floraci Mariano de Carvalho

**Inteligência Artificial na Educação:
é possível negar ou inovar? 148**

Ozenilde Santos do Nascimento

**Encontro de almas, escritas e aprendizagens:
aprendendo com Paulo Freire 154**

Priscila Ferreira de Carvalho

**Os desafios atuais para contextualizar
aulas com abordagem freiriana para crianças..... 159**

Alana Gabriela Barros de Araújo

Diálogo e mediação da aprendizagem escolar 165



Raniely Souza Dourado

**Reflexões de uma (quase) pedagoga
com medo da docência 170**

José Nildo de Souza

**Letras livres na socioeducação:
inspirações freireanas com jovens em restrição de liberdade 176**

Kêmyly Alcântara Barreto

Vivências de uma monitoria de ensino..... 182

Joilton Lopes de Brito Lemos

**Escola como espaço de reprodução
ou de transformação social?..... 188**

Lana Lima Pereira

**A reexistência do fazer educativo
como prática de liberdade..... 194**

Marilza Pereira da Silva

A sombra das minhas memórias 199

Terezinha Oliveira Santos

**Do dia em que uma turma do 6º ano
silenciou um livro didático..... 206**

Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura

**Ao grande educador, transmissor
de amor e esperança..... 210**

Saoara Barbosa Costa Sotero

Escrevivências de uma professora-pesquisadora 217

Lucirleide Rosa de Jesus

Do sonho à realidade 223



Elayne Santana Costa

Inclusão:

um olhar atento a partir do diálogo e da educação libertadora..... 229

Jaílides Andrade Barreto Rosendo

**Gotas pedagógicas de um povo da
educação de jovens e adultos (EJA)..... 234**

Ananda Lima Silva Arruda

O silêncio da Educação 238

Jônatas Medeiros Júnior

**Sobre a desesperança gerada pela prática
conservadora disfarçada de Cristianismo 246**

Adilma Vilela

Carta a Paulo Freire 252

Cristino Cesário Rocha

**Uma carta a Paulo Freire em tempo
de esperança negra 256**

Camila Trindade Coelho

**Descolonizando a vida:
uma carta para Paulo Freire..... 265**

CARTAS PARA BELL HOOKS

Kátia Luzia Soares Oliveira

**E hoje em dia, como dizer eu te amo
no ambiente escolar?..... 272**

Bruna Moraes Battistelli

A docência como ferramenta de cuidado..... 280



Bárbara Magnani Rodrigues

Aprendendo a transgredir 288

Márcia Rasia Figueirêdo

Carta para Bell Hooks..... 296

Guilherme Vasco Marques

Ensinando a evoluir 302

Giovanna de Jesus Camargo

A vida entre o aprender e o ensinar..... 306

Danuza Kovaleski Machado

Por uma comunidade amorosa 310

Jenilza Rodrigues dos Santos

**Sentidos das experiências vivenciadas
por Bell Hooks 316**

Mariana Almada Viana

**É sobre o amor que habita em você
e chega até mim..... 323**

Thamires Gambôa dos Santos

Carta a uma antiga ancestral 329

Maria Eduarda dos Santos

**Uma carta sobre uma docência
inspirada em afetos 336**

Maria Ester Alves de Souza

**Carta para Bell Hooks:
história de uma vida 342**



Luana Moreira Vieira

Sobre dizer, acolher e combater..... 346

Carolina Cristina dos Santos Nobrega

Sobrevivência? Presente!..... 352

Jacineide Arão dos Santos

Sonhos:

fio condutor do meu estar no mundo..... 360

Margareth Maura dos Santos

Aprender a ser feminista sendo negra

ao erguer minha voz..... 366

Maria Eduarda Alves Sousa

Carta para Gloria Jean Watkins

em sua versão bell hooks 371

Daniele do Nascimento Silva

Amores em movimento.....375

Luciana Dantas de Paula

Carta para bell hooks:

educação, liberdade e amor379

Emanuelle da Silva Oliveira

Escolher sentir 385

Roberta da Silva Gomes

Coletivo bell hooks:

aquilombamento e possibilidade de (re)existência 390

Juliana Oliveira Albuquerque de Souza

Sigamos juntas! 396



Marifainy Mendes da Silva

Reflexões de uma buscadora de sabedoria:

uma carta para bell hooks..... 401

Raiane Medeiros Pinheiro

Registros de uma caminhada:

eterna aluna, eventual professora..... 404

Taila Jesus da Silva Oliveira

À bell hooks, com carinho:

em defesa do bem-estar em sala de aula 412

Quessia Karina Garcia

**Trajetórias de aprendizagem inspiradas
por bell hooks:**

uma carta reflexiva..... 418

CARTAS PARA FRANTZ FANON

Cacilda Ferreira dos Reis

Saúde mental e juventude negra:

uma reflexão a partir de Frantz Fanon 424

Edvânio Campos Macedo

Letras negras, crítica branca:

o eu, a zona do não-ser e uma pesquisa encarnada..... 434

Maria Divina Pereira Bomfim

Um dedo de prosa com Fanon 438

Helder Souza da Silva

Reflexões decoloniais de luta

e resistência em Frantz Fanon 445



Pedro Neves Gonçalves Franco de Carvalho

**Raça, classe e rap nas subjetividades
das gerações passadas, presente e futuras..... 451**

Olga Maciel Ferreira

Humanidade incerta:
dificuldades na construção do *eu* de uma pessoa racializada 458

Vitor Igor Fernandes Ramos

“Mamãe, olhe... um negro”:
carta a um amigo ancestral..... 462

Marília Claudia Favreto Sinâni

**Por uma práxis revolucionária em diálogo
com Frantz Fanon..... 469**

Paula Machava

Tributo a Fanon:
emancipação e consciência em Moçambique.....476

Eliane Costa Santos

Carta a Fanon..... 480

Áquila da Anunciação Camargo

Sangue negro, pele clara487

Sobre os organizadores e as organizadoras 492

APRESENTAÇÃO

Com muita alegria, compartilhamos esta obra¹ que homenageia três grandes pessoas autoras do pensamento crítico - Paulo Freire, bell hooks² e Frantz Fanon - por meio da produção de cartas reflexivas, autorais e criativas.

Freire, hooks e Fanon deixaram legado incomensurável no campo das Ciências Humanas e Sociais, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e revolucionário e para as lutas sociais. A escrita de cartas foi uma prática constante na vida desses/a autores/a, inclusive com publicações que se tornaram bastante conhecidas, como *Cartas a Guiné-Bissau*, de Paulo Freire, e a *Carta à juventude africana*, de Frantz Fanon. Por isso, elegemos esse gênero textual, profundamente dialógico e mágico, para homenageá-los/a e para compor os capítulos do e-book.

As setenta e nove cartas reunidas nesta publicação compartilham leituras, práticas e experiências que problematizam/contestam sistemas de opressão relacionados à raça, etnia, classe, gênero, corporalidade, nacionalidade, geração, entre outros marcadores sociais. Acreditamos que o pensamento crítico e decolonial é um caminho viável para *corazonarmos* as epistemologias dominantes e para construirmos e vislumbrarmos práticas de resistência, de reexistência, de (auto)cuidado, do bem viver e do bem comum.

- 1 Esta obra foi financiada com recurso da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal da Bahia (Edital n. 10/2024/PRPGI/IFBA).
- 2 bell hooks assina seu nome com letras minúsculas para sugerir movimento e, também, para se distanciar da identidade que mais se apegava, que é Gloria Watkins (nome verdadeiro), criando um outro eu (Hooks, 2013).

Docentes da educação básica e do ensino superior, profissionais da educação, pesquisadoras/es e estudantes da graduação e da pós-graduação produziram as cartas reflexivas que compõem esta obra. Por meio das cartas reflexivas, as pessoas autoras contam para Paulo Freire, bell hooks e Frantz Fanon, suas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, focalizando a produção de inéditos viáveis, a construção dos processos de descolonização de conhecimentos em diferentes contextos, os movimentos e as ações contra diferentes formas de discriminação e opressão, e o estabelecimento do amor e da esperança como elementos centrais e suleadores da vida social.

O e-book é uma ação conjunta do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagens e Educação, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (Geline/IFBA); do Marginais: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Minorias e Exclusão, vinculado à Universidade Federal do Oeste da Bahia (Marginais/UFOB); e da Academia Barreirense de Letras (ABL). Para nós, é uma honra assumir a organização desta publicação³. Por meio desta obra, buscamos incentivar o exercício da reflexão crítica, da imaginação, da criatividade, da escrita colaborativa e do diálogo transgressivo para a transformação social.

Prof. Dr. Atauan Soares de Queiroz

Profa. Dra. Tânia Aparecida Kuhnen

Profa. Dra. Marilde Queiroz Guedes

Profa. Dra. Cacilda Ferreira dos Reis

3

Esta obra também apresenta textos resultantes do projeto de pesquisa *Práticas discursivas para o bem viver*, cadastrado e homologado na PRPGI/IFBA, no módulo Pesquisa da Plataforma SUAP, em conformidade com Edital nº 16/2021/PRPGI, de 14 de outubro de 2021 (Edital de Pesquisa/Inovação Contínuo).

CARTA-PREFÁCIO

Lleida, 9 de mayo 2024

Querid@ lector@,

Las cartas son mágicas. No sólo permiten comunicarnos en la distancia, sino que, además, actúan como un vehículo de producción de la subjetividad y creación de interconexiones personales, profesionales, políticas e intelectuales. Conexiones que las convierten en un instrumento de vivencias, diálogos, aprendizajes, resistencias, y emancipaciones infinitas, como infinitas son las cadenas de cartas que forman los diálogos epistolares.

Es desde la magia de la carta que te doy la bienvenida, en nombre de la comunidad de afectos que lo tejen, a este viaje epistolar que, a lo largo de sus páginas, rinden homenaje a tres figuras fundamentales del pensamiento crítico: Paulo Freire, bell hooks y Frantz Fanon. Representantes de la lucha en pro de la negritud, la decolonialización, la justicia y la liberación, también encarnan el compromiso para con la educación como herramienta de transformación, inclusión, equidad, y justicia. A través de sus cartas, los remitentes de esta comunidad exploran, en forma de diálogo epistolar dirigido a estos pensadores, sus existencias, super/vivencias, incertezas, desafíos, miedos, sueños y esperanzas proyectadas en el poder emancipante de la educación. Cada carta es una ventana abierta a la intimidad y la sabiduría del pensamiento reflexivo y crítico de quienes la firman, pero también es una llamada a la imaginación, a la osadía, y a la acción, individual y colectiva.

Déjate llevar por este periplo epistolar, intelectual y emocional, que, cobrando vida a través de papel, te hará descubrir y recorrer trayectorias personales y profesionales militantes, cotidianas y perseverantes. Al embarcarte en esta aventura, te invito a que te conviertas en parte de esta conversación, haciéndonos llegar tus cartas para perpetuar la magia de la epistolaridad.

Con cariño y desde el cuidado, deseo que disfrutes de la travesía,

Meritxell Simon-Martin



CARTAS PARA PAULO FREIRE



Atauan Soares de Queiroz

SOBRE ESTADO DE POESIA, AMOR, ESPERANÇA E DECOLONIALIDADE NA EDUCAÇÃO

Caro Paulo Freire,

Escrevo-lhe para quebrar esses longos anos de silêncio envolvido nas elucubrações suscitadas pela leitura de suas obras. Embora não me conheça, achei que seria do seu agrado ler um pouco sobre como se deu meu encontro com você e de como esse encontro me tocou e me transforma.

Meu primeiro diálogo com seus textos foi antes da virada do milênio, quando cursava o magistério aqui em Barreiras, cidade do interior da Bahia. Lembro-me como se fosse hoje de folhear aquelas páginas um pouco amareladas de uma das edições de *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996). Sua expertise e sabedoria foram os elementos composicionais da obra que mais me marcaram naquele momento. A impressão que tinha era de que estava lendo uma ode prosopoética filosófica sobre teoria do ensino. Como seria possível teorizar de forma tão sensível o exercício do magistério, com lições potentes sobre ética e esperança, unindo amor e política? Lembro-me de cor de alguns dos saberes necessários à prática educativa: "ensinar exige rigorosidade metódica", "ensinar exige a corporeificação da palavra pelo exemplo", "ensinar exige estética e ética" e "ensinar exige querer bem aos educandos".

Aquela escrita prosopoética, ancorada de forma complexa em bases epistemológicas de natureza materialista e fenomenológica, era bastante provocativa. Reflexões sofisticadas sobre os efeitos do capitalismo na educação e reflexões existencialistas dialógicas sobre alteridade e subjetividade. Lembro-me que até a foto da criança com olhar distante na capa do livro me fazia interrogar várias questões relacionadas ao campo da Educação, sobretudo sobre as funções socioculturais da escola e o papel do/a professor/a na construção dos projetos de vida das pessoas. Eu pensava que tudo que seu livro queria era mudar a expressão daquela criança. Não sei se haveria alguma expressão ideal. Certamente não era aquela.

Nosso diálogo se manteve franco e honesto ao longo dos anos. Às vezes mais intenso, às vezes mais tímido. Sempre havia também, aqui e acolá, alguma colega de trabalho ou profissional da educação que dialogava com suas obras, em reuniões pedagógicas, encontros de sindicato, conversas no corredor da escola ou comentários em eventos. Trazer suas ideias para esses encontros dialógicos era uma espécie de convite para dar continuidade à leituras de seus textos.

Para mim, qualquer pessoa que citasse Paulo Freire estava muito bem acompanhada. Quando isso acontecia, a impressão que eu tinha era que o discurso saía do status de mera retórica. Não digo isso para que fique orgulhoso, até porque imagino que você deve afastar reação dessa natureza, mas para dizer-lhe que quem o lê e o cita constrói um ethos discursivo de si engajado e sensível, que sempre toca a pessoa ouvinte ou leitora.

Meus anos se passaram cheios de projetos, metas e afazeres, e meu diálogo teórico, político e amoroso com suas obras se fortaleceu, de fato, por conta própria e, principalmente, na pós-graduação, quando conheci pessoas muito queridas, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade de Brasília (UnB). Essas pessoas, sempre, de algum modo, te traziam para o debate acadêmico, a escrita de teses e dissertações, a elaboração de algum seminário, a conversa no café ou restaurante. Achava esse movimento de revisitar sua obra criticamente na pós-graduação muito coerente e necessário. Apesar de o forte discurso de relevância e atualidade em relação às publicações predominar no contexto universitário, estávamos fazendo um movimento insurgente e interessante: revisitar obras de décadas anteriores, extraindo delas ensinamentos e reflexões para entendermos o mundo hoje.

Saiba que suas ideias, obras e projetos continuam reverberando por aqui, no Brasil e no mundo, apesar de os tempos atuais estarem muito estranhos. Horror, barbárie e morte banalizados em

diversos cantos do mundo. Surpreendentemente, o capitalismo neoliberal tem, na atualidade, sustentado um casamento trágico com forças reacionárias e conservadoras. Isso mostra, também, que o capitalismo é tanto um projeto econômico de destruição do planeta e de precarização da existência, quanto um barco que fica à deriva e, de repente, estaciona em portos inóspitos. Não vou esmiuçar esses processos violentos que, em última instância, capturam até mesmo nossas forças vitais. Fiz somente para circunstanciar minha escrita e para situá-lo um pouco sobre o atual estado das coisas. Nessas poucas linhas, acho melhor falar de como você nos incentiva a pensar, mesmo em tempos difíceis, em práticas de resistência, reexistência e em decolonização⁴.

Sua obra, caro Paulo, tem sido uma fonte de inspiração para mim, como professor, pesquisador e cidadão, subsidiando-me a aprofundar a compreensão sobre debates sociais e culturais mais amplos, de forma crítica e emancipatória. Atualmente, tenho investigado e escrito sobre o pensamento decolonial, sobretudo no campo da Educação. Colonialidade tornou-se uma palavra-chave para entendermos melhor o modo como o capitalismo se apresenta hoje e como a modernidade se constitui. Toda vez que explano sobre o pensamento decolonial, trago suas obras como leituras indispensáveis.

Algumas pessoas dizem que você é um autor pós-colonial. Sem dúvida, não se trata de dar uma suposta “classificação” para você e suas obras, em termos teóricos, e sim de entender com quais ferramentas se constrói sua crítica, suas ideias e sua luta. As reflexões em *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1968), por exemplo, continuam atuais e necessárias para problematizarmos a colonialidade

4 Utilizo a forma decolonial, sem a letra “s,” conforme reflexão de Catherine Walsh (2013, p. 25), em *Pedagogías Decoloniales*: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir: “coloco em evidência que não existe um estado nulo da colonialidade, mas posturas, posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, insurgir, criar e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua na qual se pode identificar, visibilizar e encorajar “lugares” e construções alter-(n)ativas” (tradução livre).

do saber-poder-ser e suas consequentes ressonâncias no campo da Educação. Vejo tal obra como originariamente decolonial: uma reflexão crítica do Sul global para o mundo, produzida por um professor progressista, nordestino, de um país violentamente colonizado por europeus.

Certamente, suas obras nos ajudam a entender a colonialidade e a fabular/construir práticas de decolonização. Afinal, precisamos decolonizar escolas, universidades, currículo, práticas pedagógicas, identidades, subjetividades, sexualidades, agências, sistemas de conhecimento e relações sociais (Queiroz, 2024). Você nos dá pistas valiosas de como fazer isso a partir da Educação.

Creio que um dos maiores desafios nesse processo de decolonização é decolonizar o inconsciente, esse labirinto com poucas portas de saída. Na esteira de Suely Rolnik (2018), suspeito que uma das formas de decolonizar o inconsciente está exatamente nas artes, na literatura e na poesia. Como Paulo é um autor crítico, mas também um autor-poesia, vejo que você tem mais pistas ainda para nos dar. As artes, a literatura e a poesia, podem ser portas de saída do labirinto do inconsciente, o princípio da decolonização.

Trago o tema da arte neste momento, também, porque ultimamente tenho estado em estado de poesia. Sempre que me reconecto profundamente comigo entro nesse estado. Diria que se trata de um processo reflexivo baseado numa ética poética. No mês passado (agosto), completei quarenta voltas ao redor do sol e isso me tem deixado continuamente reflexivo, mais do que o habitual. Sinto que, cada vez mais, acolho aquela criança que me habita ao passo que reconheço/abandono paulatinamente as máscaras construídas ao longo da vida. Daí tenho pensado em decolonização e poesia. Decolonizar pela poesia para pensar amor e esperança em nossa vida, em nosso tempo. Penso que o estado de poesia é um estado de pergunta e de contemplação que nos coloca no limiar do material e do espiritual, entre sonho e realidade, instinto e consciência,

individualidade e coletividade, linhas duras e linhas flexíveis. Linhas de fuga. Esse estado de poesia interroga nossa garganta, ninho da palavra, como dizem os guaranis, e faz a alma a falar.

Surpreso fiquei e surpreso continuo porque nem a rotina que, muitas vezes, ganha matizes de cinza nem as burocracias do cotidiano me fizeram esquivar do prazer que é estar em estado de poesia. O estado de poesia me acompanha na observação do detalhe, no falar-abraço, tocar-ventania, escutar-janela e sentir-rio. Tateando sentidos ocultos, enveredando pelas camadas mais profundas dos textos e vendo o que o senhor dos destinos ora me entrega, construo portas de saída no labirinto para me decolonizar paulatinamente.

Baseando-me em suas premissas decoloniais, caro Freire, em seu diálogo criativo com Sartre e com Marx, não procuro pontes nem muros. Não. Chega disso ou daquilo. "O que procuro ainda não tem nome," como diria Clarice. Nem sei se terá, seja aqui e agora ou nos próximos quarenta anos. Nesse exercício reflexivo e ético-poético de decolonizar o inconsciente, escrevi, no dia do meu aniversário, num livre exercício de escrita, espécie de fluxo de consciência, as palavras que seguem:

A vida me tem ensinado a não abrir portas, mas a construir portas, janelas, becos e desvios. Por que não trens que atravessam rios e barcos que furam montanhas? O avesso do avesso? Vida é tatuagem sem decalque, com calma e com tempo, sem receio de ferir. Vida é paradoxo sem fim. Nebulosa que acolhe e convida: "trouxeste a chave?" Qual chave? A do tamanho? Ou aquela que abriu o cavalo de troia? Não, aquela que abre mistério. Resposta é vazio. Pergunta é o que importa.

Estado de poesia faz isso com as pessoas. Embaralha e confunde para explicar. Não inventemos de procurar explicações. Essas, inclusive, ficaram para os 20, 30 anos. O que me inquieta e me move está na busca pelo que não sei: pedagogia da pergunta.

Estado de poesia é assim, prazer irremediável pela fabricação de sentidos abertos e inconclusos. As metáforas sombreiam o caminho e de repente da garganta brota a palavra seminal, potente, desejosa de papel ou tela. Só quer vir para este mundo. Gestaçã o parto ao mesmo tempo. Talvez a gestaçã o seja do poeta, o verbo sempre esteve lá, não imóvel, muda de lugar e de forma também. Não esperemos previsibilidades. Estado de poesia só joga com o imprevisível. Desenha caminhos do “desver”.

Que tal, caro Paulo? Creio que está sorrindo dos meus devaneios poético-caóticos. Mas não é do caos que surge a estrela dançante, como diria o filósofo? Esse lampejo prosopoético me parece ajudar a refletir de forma pragmática sobre a decolonização do inconsciente. Nunca duvidei das forças dos movimentos micropolíticos para sacudir a pasmaceira do cotidiano. Na verdade, cada vez mais aposto nas potências das microrresistências no plano microsocial, as quais vão gerando microrressonâncias nas macropolíticas e no cenário macrossocial.

A Educação, sem dúvida, é uma área da vida onde podemos construir movimentos micropolíticos efetivos de decolonização. Decolonizar, poeticamente, a formação humana é um dos caminhos incontornáveis para fazermos justiça cognitiva e para enfrentarmos, com pés no chão, o racismo e o sexismo epistêmico, as situações de desvantagem social, as discriminações e as opressões. Reabitar suas ideias, afetuosamente, é fundamental para que isso aconteça.

Ler você hoje, Paulo, é mais que necessário, por diferentes razões. A grandeza do seu pensamento contribuiu e contribui muito para a construção de uma humanidade outra. Você é um pensador essencial para descortinarmos novas formas de fazer educação e para compreendermos criticamente a necessidade de uma ética poética amorosa de/para/sobre o bem viver, o bem comum, a humanização e a libertação. Sua produção intelectual possibilita a formação de leitores e leitoras sensíveis e abertos/as para se compreenderem melhor e compreenderem o outro, o mundo e o atual estado das coisas.

Certamente, precisamos estar sempre imbuídos no exercício de problematizar, ressignificar e reinventar suas ideias. Sabemos que era exatamente isso que você defendia, a recriação das ideias, situando socio-historicamente as práticas de libertação e de decolonização.

Caro Paulo, seguimos esperando por um mundo com mais livros e mais poesia, na luta pelo livre desenvolvimento intelectual, político, ético, estético e poético da humanidade. Seguimos esperando por vidas vivíveis e pelo bem viver.

Um abraço afetuoso.

Atauan

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009 (1996).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 [1968].

QUEIROZ, A. S. O que é decolonialidade? Por que e para que decolonizar? O giro decolonial na Educação. *In*: QUEIROZ, A. S. (et al). **Práticas discursivas para o bem viver**: decolonizando saberes. São Paulo: Pimenta cultural, 2024.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2.ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Marilde Queiroz Guedes

A EXTENSÃO NO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE:

**POSSIBILIDADES
NA AUSÊNCIA/PRESENÇA**

Caríssimo professor Paulo Freire,

Essa pequenina carta é para externar a minha admiração e carinho pelo ser humano, educador, referência mundial da educação humanizadora e libertadora, que fostes, és e serás. Antes do conteúdo específico, uma revelação pessoal: sou escriba desde que me alfabetizei, nos idos dos anos de 1960 do Século XX. Lembras do filme Central do Brasil, lançado em 1998, direção de Walter Salles? Me vi na personagem Dora, interpretada pela atriz Fernanda Montenegro, mas nunca cobreí, como fazia a personagem. Adoro fazer cartas. E mais, as uso como recurso metodológico na minha prática docente e pedagógica.

Como posto no título, sua ausência/presença continua muito forte entre nós. De igual modo, para lhe falar do Projeto de Extensão que estamos desenvolvendo há três anos. Em 2023, na terceira edição, tem foco especial sobre a vossa pedagogia. Todavia, nessa primeira carta, porque escreverei outras tantas, vou me deter na primeira edição realizada em 2021, data do centenário do seu nascimento.

Essa data histórica, para a educação brasileira, foi o ponto de partida para continuarmos lendo, relendo, revivendo, reinterpretando, reinventando suas ideias, seus ensinamentos e sua amorosidade. Afinal, este é o pedido que sempre nos fez. Além do que, não poderia deixar de lhe prestar homenagens nessa data tão especial, data em que o Brasil e tantos outros países, mundo a fora, renderam-lhe celebrações, comemorações, irmanados pelos sentimentos de esperança, fé, união, luta que nos impulsionam, a partir do seu legado.

Professor Freire, desde que passei a atuar no ensino superior, e faz um bom tempo, precisamente em 1990, compreendo com mais clareza o imbricamento do tripé ensino-pesquisa-extensão, e procuro aproximar minha prática pedagógica de forma a manter este tripé integrado organicamente e em evidência, ambos se retroalimentando. Parto da ideia freireana que “ensinar é uma especificidade

humana que exige segurança, competência profissional e generosidade" (Freire, 1996, p. 102). Assim, comungo com a ideia que o ensino deve estar voltado para uma concepção formativa, que articule indissociavelmente a teoria e a prática, dentro de uma visão sócio-histórica, emancipadora e inclusiva.

Ademais, a pesquisa é a base da compreensão da docência e da produção de conhecimentos para produção de novos saberes. Quanto à extensão, é uma dimensão indissociável da pesquisa, com o potencial de possibilitar a integração universidade escola. É um procedimento formativo, cultural, integrador e dialógico, necessário ao desenvolvimento do sujeito político, ético e cidadão. Outrossim, oportuniza aos estudantes aprofundamento de sua formação acadêmica, vivências em programas que podem melhorar seu desenvolvimento e as condições de vida de uma dada comunidade. Aprendi tudo isso, inclusive o linguajar, nas várias obras que publicastes.

Com essa visão, por ocasião do centenário, supramencionado, lancei no interior do componente curricular: Currículo, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) Campus IX, o Projeto de Extensão intitulado: *Esperança, Diálogo e Amorosidade: categorias reflexivas do Centenário de Paulo Freire*, com o objetivo de refletir com professores, pesquisadores e estudantes da graduação, em especial, sobre essas categorias, à luz do vosso pensamento, na perspectiva de busca permanente de uma educação humanizadora, dialógica e libertadora.

Considero de suma relevância manter viva sua presença entre nós, porém, isso só é possível com ações concretas de reinvenção do que sempre defendestes: uma educação democrática e humanizadora em que a esperança, o diálogo e a amorosidade sejam seus fundamentos básicos.

Sabemos que o diálogo é um elemento intrínseco à natureza humana, tão bem explicitado em seus escritos, como processo de humanização dos sujeitos. Por isso, todas as suas obras trazem o

diálogo como preocupação permanente. O diálogo com respeito às diferenças de ideias e posições, quanto a necessidade humana de comunicação social é um imperativo na prática freireana. Pois, o diálogo, em suas palavras, “nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança (...). Só o diálogo comunica” (Freire, 1989, p. 107). Nesta citação, percebo o entrelaçamento do diálogo com a esperança e a amorosidade, categorias também presentes no Projeto.

Desculpa-me, professor Paulo, sinto necessidade de ratificar, a atividade extensionista nos oportunizou celebrar, comemorar, rememorar sua memória, seu legado, seus ensinamentos, suas pedagogias (do oprimido, da indignação, da pergunta, da escuta, da tolerância, da correspondência, da autonomia, da esperança, dos sonhos possíveis).

Essa é uma forma que encontrei de tornar sua ausência em presença em nosso meio. Como pontua seu grande amigo e sucessor, na gestão da educação de São Paulo, nos anos 1989-1991, Mário Sérgio Cortella (2008, p. 17-18), “comemorar antes de mais nada é celebrar (...) algo que se deseja que fique célebre, que fique na nossa história”. Freire é um pensador que faz parte da história da educação brasileira, e de tantos outros países mundo a fora.

Há que se destacar a vitalidade e a atualidade da sua obra, professor, em tempos tão difíceis como os que temos vividos nos últimos anos, temporalmente, (2016-2022) do Século XXI, em que a educação e suas instituições e profissionais têm sofrido ataques de várias naturezas, os discursos de ódio, obscurantismo, negação da ciência e desprezo pela vida têm ecoado fortemente, por parte de muitos governantes e lideranças políticas. No entanto, resistimos, na defesa de um mundo mais justo socialmente.

Por isso, na minha percepção, a importância de revisitarmos o teu pensamento, e pensarmos no “Inédito Viável”, como possibilidade de pensar e construir um outro futuro para as próximas

gerações. “Esse foco no “inédito viável”, aquilo que ainda não é, mas pode e deve ser, na visão freireana tem como única possibilidade o *potiron*, ou seja, de mãos juntas” (Cortella, 2008, p. 20). Pois, como diz Nóvoa (1999), um dos seus leitores, o futuro é hoje, não é possível postergar a sua construção. O construímos no presente, com as condições que são dadas.

Quanto às três categorias escolhidas para iluminar todas as reflexões e ações durante a execução do Projeto, ao nosso olhar, são categorias básicas dos escritos freireanos, que também sempre estiveram presentes em sua práxis. Em suas palavras: “se não amo o mundo, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (Freire, 1989, p. 80). Percebemos a força da amorosidade freireana para com a humanidade, e só com ela é possível estabelecer o diálogo. Uma amorosidade competente, com uma formação de qualidade, comprometida com a realidade social que nos cerca.

Como sabemos, o diálogo é uma especificidade humana, criadora da sua condição existencial. Em *Pedagogia do Oprimido* (1983), tu propões que a educação tenha um caráter dialogal. Quando a educação assume uma função dialógica e de libertação, demonstra uma significativa capacidade de conscientização social, haja vista a potencialidade de promover o desenvolvimento de uma sociedade mais humana, crítica, inclusiva e menos preconceituosa.

No entanto, para que o diálogo se constitua com este caráter, nos lembra, mais uma vez, que ele deve ser constituído pelo amor, pela humildade, pela esperança. Esperança de esperar, de agir. “Esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. Esperançar é fortalecer a capacidade vital, é construir utopias (Cortella, 2014, p. 36).

Enfim, com a vitalidade e atualidade dessas ideias, princípios fundantes do vosso pensamento, perspectivamos, no ano (2021) de celebração e homenagens, revigorar nossa esperança na educação. É preciso ter esperança porque “a esperança é a alma da educação.

Não houvesse esperança, a educação não faria nenhum sentido, pois é a esperança que carrega adiante os ideais humanos" (Dias Sobrinho, 2016, p. 17).

Em tempos de aridez nas diversas dimensões da vida social e humana, a educação tornou-se uma esperança, uma possibilidade para enfrentar os desafios postos à sociedade, reconstruir os valores éticos, ressignificar as relações interpessoais e restabelecer o diálogo entre os diferentes grupos sociais, étnicos e culturais.

Para finalizar, aproveito para lhe informar que, desde o mês de janeiro/2023, estamos com novo governo na esfera federal. Governo do PT, partido que o professor ajudou a fundar. Estamos esperançosos em dias melhores para a educação e seus profissionais, assim como, para as outras áreas sociais, tão carentes de políticas públicas. É fato, enfrentamos muitas situações-limite, até *fake news*, acredita, meu professor?

Bem, não é possível lhe contar tudo nessa breve carta, mas essa boniteza tenho que registrar, a obra que publicamos em 2022, *"Educação e Mudança Social: o legado de Paulo Freire*, pela Editora Pimenta Cultural, fruto das leituras, reflexões e discussões dos autores que colaboraram com a primeira edição do Projeto.

Confesso que não foi tarefa fácil, porém, altamente prazerosa; materializamos algumas de nossas crenças, visões de mundo, sonhos e utopias, iluminados/as por suas ideias e ensinamentos, que nos orientam a compreender e agir frente à realidade. Melhor dizendo, perspectivar o "Inédito Viável" uma de suas categorias máximas.

Estimado Freire, você (com muito respeito) foi, é e sempre será inspiração, orientação, problematização e iluminação para uma prática pedagógica crítica, dialógica, amorosa e comprometida com os "esfarrapados" do mundo.

Paulo Freire ausência/presença entre nós!

Barreiras, 15 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, M. S. **Educação, escola e docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

CORTELLA, M. S. Vida maiúscula. *In*: GADOTTI, M. (org.). **40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

CORTELLA, M. S. Paulo Freire: utopias e lembranças. *In*: PERES, E. *et al.* (org.). **Processos de ensinar e aprender**: sujeitos, currículos e cultura, livro 3. Porto Alegre: Edipucrs, 2008, p. 17-32.

DIAS SOBRINHO, J. Autonomia, formação e responsabilidade social: finalidades essenciais da universidade. *In*: **Forges**. Ilhéus-Ba, vol. 4, nº 2, p. 13-30, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19.ed. 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with a strong green tint.

Eliana Ayoub

CARTA PARA CELEBRAR A ESPERANÇA

Querido Paulo Freire,

Início a escrita desta carta com o coração pulsando de alegria por fazer parte dessa homenagem tão especial que as(os) organizadoras(es) deste livro estão fazendo a você, à bell hooks e a Frantz Fanon. E já vou pedindo licença para chamá-lo de você, pois o faço com um tom de respeito e carinho, uma vez que convivo com seus ensinamentos há muitos anos, o que me traz um sentimento de muita proximidade entre nós, embora tenhamos nos encontrado pessoalmente apenas uma vez, nos corredores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1988 (cujo registro desse encontro eu guardo em um dos meus preciosos álbuns de fotografia).

Você, bell hooks e Frantz Fanon em uma mesma obra! Quanta gente importante reunida! *Importante* no sentido de que se *importam* com a vida, com a educação, com a justiça social, com a igualdade de direitos entre todas(os), independentemente de classe social, gênero ou raça; de que se *importam* com todas as pessoas, em especial com os(as) mais pobres, os(as) *despossuídas(os)*, os(as) *esfarrapados(as) do mundo*, os(as) *condenados(as) da terra*.

Com bell hooks, seus encontros e diálogos foram intensos e de muitos aprendizados para ambas as partes, resultando inclusive na escrita por ela de uma "Trilogia do Ensino": em 1994, "Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade" (Hooks, 2013); em 2003, "Ensinando comunidade: uma pedagogia da Esperança" (Hooks, 2021); e, em 2010, "Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática" (Hooks, 2020).

Já com Frantz Fanon, as aproximações foram por meio da leitura do livro "Os Condenados da Terra" (Fanon, 1968), uma vez que vocês não se conheceram pessoalmente. De acordo com Vivian Dias (2021), ao ler o livro de Fanon, você teve um grande impacto, o que influenciou fortemente a escrita/*re-escrita*, em 1968, da obra "Pedagogia do Oprimido" (Freire, 1987), momento em que você se encontrava no exílio, morando no Chile.

Mas afinal, quem sou eu? Melhor eu me apresentar para você. Meu nome é Eliana Ayoub, mais conhecida como Nana, apelido que me acompanha desde a infância. Sou uma mulher branca, sudestina, nascida em Campinas-SP, no ano de 1966, em plena ditadura militar no Brasil. Sou “professora sim, tia não!”, como você escreveu em seu livro de “cartas a quem ousa ensinar” (Freire, 1997b).

Desde que me formei no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1989, exerço a profissão de professora. Inicialmente, fui professora de educação física em escolas da educação básica e, desde 1998, sou professora da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, instituição onde você trabalhou de 1981 a 1991, quando retornou do exílio.

Curioso pensar que nunca fui chamada de “tia” pelas crianças ou jovens das(os) quais fui professora. Certamente, porque lecionei em escolas que alimentavam relações dialógicas e horizontalizadas entre todas(os), nas quais as pessoas eram chamadas pelos seus nomes e pelo pronome você. E assim, venho seguindo a minha vida de “professora sim, tia não” e, lecionando há mais de 25 anos na universidade, faço questão de continuar sendo chamada de Nana pelas(os) estudantes. Dentre tantos ensinamentos, aprendi com você que criar contextos de interações não hierarquizadas é fundamental na prática educativa; que exercer nossa autoridade docente, respeitando as(os) educandas(os), é totalmente diferente de ser autoritária(o) e arrogante; e que *ensinar exige querer bem aos(às) educandos(as)*, humildade e confiança, um dos *saberes necessários à prática educativa*. E foi justamente na reunião pedagógica de uma dessas escolas em que trabalhei, que eu conheci o livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” (Freire, 1997a), o qual se transformou no meu “livro de cabeceira”!

Bem, eu sei que pode parecer redundante afirmar isso, mas as suas obras são tão marcantes na minha formação, e na de tantas(os) educadoras(es), que seria impossível me remeter a várias

delas nesta carta para partilhar os significativos aprendizados que continuam me mobilizando a cada vez que eu retomo as suas leituras. Aliás, eu fiquei tão impressionada quando soube que o livro *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987) foi traduzido em mais de 57 idiomas (Santana; Souza, 2019). Você sabia disso?

Outra coisa que eu gostaria de te contar é que, assim como você, sou uma pessoa apaixonada por cartas. Devido a esse encantamento, venho trabalhando há mais de 20 anos com a proposta de escrita de cartas nas minhas aulas da Unicamp. Eu narro essa minha experiência e “mania” com as cartas no meu livro intitulado “Memórias da educação física na escola: cartas de professoras” (Ayoub, 2021), no qual eu teço reflexões acerca da educação física, do corpo e da gestualidade na escola, em diálogo com as cartas sobre memórias da educação física escolar escritas por professoras que foram alunas do Programa Especial de Formação de Professores em Exercício na Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas-SP, oferecido pela FE Unicamp. Nesse livro, que é fruto da minha tese de livre-docência (defendida em 2019), eu me aventurei numa escrita narrativa pautada no gênero carta para apresentar uma pesquisa que teve as cartas como fontes narrativas. Como seria maravilhoso poder te mostrar essas minhas cartas entretecidas por meio de um diálogo amoroso, solidário e profundo com essas alunas-professoras e, igualmente, com as suas cartas e os seus livros, assim como os de outras(os) autoras(es).

Aconteceu algo muito valioso durante o processo de pesquisa que originou o meu livro: fui presenteada com a obra “Cartas brasileiras” (Rodrigues, 2017) e, para minha grande surpresa, eu encontrei uma carta sua para Nathercinha, sua priminha (que te considerava como um tio)! Fiquei tão comovida com aquela carta escrita em 1967, quando você estava exilado no Chile, que fui ao encontro do livro de Nathercia Lacerda, “A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha” (Lacerda, 2016). Imagino quão emocionado você ficaria ao ler esse livro que é dedicado “A Paulo, pelo carinho das cartas”.

Quando eu o li, fiquei imensamente tocada com a boniteza das suas cartas, das de Nathercinha e das fotografias e imagens que narram histórias entrelaçadas entre você, Nathercinha e outras pessoas da família. As memórias de uma mulher que se correspondia com seu primo quando era criança movimentam as(os) leitoras(es) pelos (des)caminhos da sua história no exílio em plena época da ditadura no Brasil e em outros países da América Latina, mobilizando diversas reflexões sobre educação, política, humanização e emancipação, num momento em que tentaram, mas não conseguiram, silenciar a sua voz, a qual passou a ser ouvida, reconhecida e respeitada pelo mundo afora. São tantas homenagens, honrarias e títulos recebidos em diversos países ao longo da sua vida, e postumamente, que seria muito difícil mencionar todos eles.

Contudo, sublinho uma situação que me causou grande espanto e que, frequentemente, eu ressalto em minhas aulas na Unicamp. Estou me referindo ao “Parecer ao Conselho Diretor da Unicamp sobre Paulo Freire”, elaborado pelo professor Rubem Alves, seu colega da FE Unicamp, em maio de 1985, cinco anos após a sua designação como professor titular. Esse parecer foi publicado na seção Diverso e Prosa da Revista Proposições (Bittencourt, 2014). Com certeza, você deve se lembrar daqueles momentos sombrios de tensionamentos em torno dos processos de redemocratização da sociedade brasileira, inclusive no interior das universidades públicas, os quais remetiam às tantas perseguições que você sofria por defender uma sociedade justa, democrática e igualitária.

Naquela ocasião, Rubem Alves foi genial em sua *recusa em dar um parecer*. Vamos relembra alguns trechos do que ele escreveu:

O objetivo de um parecer, como a própria palavra o sugere, é dizer a alguém que supostamente nada viu e que, por isto mesmo, nada sabe, aquilo que parece ser, aos olhos do que fala ou escreve. [...]

Há entretanto, certas questões sobre as quais emitir um parecer é quase uma ofensa. Emitir um parecer sobre Nietzsche, ou sobre Beethoven, ou sobre Cecília Meireles? Para isto seria necessário que o signatário do documento fosse maior que eles, e o seu nome mais conhecido e mais digno de confiança que aqueles sobre quem escreve...

Um parecer sobre Paulo Régulus Neves Freire.

O seu nome é conhecido em universidades através do mundo todo. Não o será aqui, na UNICAMP? E será por isto que deverei acrescentar a minha assinatura (nome conhecido, doméstico), como avalista?

Seus livros, não sei em quantas línguas estarão publicados. [...] E os artigos escritos sobre o seu pensamento e a sua prática educativa, se publicados, seriam livros.

O seu nome, por si só, sem pareceres domésticos que o avalisem, transita pelas universidades da América do Norte e da Europa. E quem quer que quisesse acrescentar a este nome a sua própria "carta de apresentação" só faria papel ridículo.

Não. Não posso pressupor que este nome não seja conhecido na UNICAMP. Isto seria ofender aqueles que compõem seus órgãos decisórios.

Por isto o meu parecer é uma recusa em dar um parecer (Bittencourt, 2014, p. 256-257; grifos do autor).

Muitos anos se passaram após esse lamentável acontecimento e, desde maio de 2019, 34 anos mais tarde, o prédio principal da Faculdade de Educação da Unicamp passou a se chamar "Professor Paulo Freire". Que linda e justa homenagem, você não acha? Costumo dizer que, mais do que nunca, eu me sinto trabalhando num local vivamente "esperançado"!

Ah! E tem mais... Em 2021, ano em que o Brasil e o mundo festejaram os 100 anos do seu nascimento, a direção da FE Unicamp preparou um vídeo comemorativo e eu tive a honra de ser convidada

para “emprestar” a minha voz (e a minha emoção) para a narração do texto do vídeo ao “Patrono da Educação Brasileira”, que foi exibido por ocasião do “Colóquio Internacional Centelhas de Transformações - Paulo Freire & Raymond Williams - Parte 1” (o qual pode ser assistido no canal do youtube da FE Unicamp, a partir do minuto 17 - <https://www.youtube.com/watch?v=7SkucSf5Rxo>).

Admirado Paulo Freire, ao me aproximar do final desta prosa, vou me juntando ao coro das tantas pessoas que afirmam que o legado da sua obra é tão intenso, profundo e imprescindível, que você continua vivo aqui conosco, pulsando ensinamentos que nos auxiliam a continuar “esperançando” nesses tempos tão obscuros que estamos vivendo.

Nesta “carta para celebrar a esperança”, recupero, portanto, o que você anuncia: “não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico” (Freire, 1992, p. 10). Que esse *imperativo existencial e histórico* para o ser mais, seja, continuamente, alimentado pela *nossa* esperança, essa esperança que se constrói em *comunhão*, entre todas e todos nós, *com* todas e todos nós, *por* todas e todos nós, *para* todas e todos nós.

Com grande afeto e respeito,

Nana.

Campinas, 25 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. **Memórias da educação física na escola**: cartas de professoras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

BITTENCOURT, A. B. Um documento histórico: Parecer ao Conselho Diretor da Unicamp sobre Paulo Freire. *In: Pro-Posições*, v. 25, n. 3 (75), p. 251-257, set./dez. 2014.

DIAS, V. V. Convergências entre o pensamento de Frantz Fanon e Paulo Freire: da zona do não-ser à vocação ontológica do ser-mais. *In: Revista Estudos do Sul Global*, v. 1, n. 2, p. 239-246, 2021.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997a.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997b.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

LACERDA, N. **A casa e o mundo lá fora**: cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

RODRIGUES, S. **Cartas brasileiras**: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SANTANA, O. A.; SOUZA, S. C.. Pedagogia do oprimido como referência: 50 anos de dados geohistóricos (1968-2017) e o perfil de seu leitor. *In: Revista História da Educação*, [S.L.], v. 23, p. 1-31, 2019.



Daniella Taveira dos Prazeres

A PALAVRA E O MUNDO:

**SER PROFESSORA
É UM ATO DE RESISTÊNCIA!**

Estimado professor e escritor Paulo Freire,

Venho, por meio desta singela carta externar minha profunda gratidão ao senhor pela sua inestimável contribuição à práxis pedagógica para a Educação brasileira e universal, bem como para a formação de professoras resilientes e comprometidas com o "Ato de ler". Por isso, as reflexões tecidas neste escrito miscigenam minhas memórias e inquietações acerca da docência no século XXI.

Todo seu trabalho pautado no objetivo de delinear caminhos para promover uma sociedade brasileira mais digna, crítica, humana e menos desigual por meio da educação foi um grande marco para a história do país e do mundo. E muitos dos seus textos e práticas fomentam ações transformadoras todos os dias. Porém, "o direito à educação de qualidade", como preconiza a Carta Magna de 1988, ainda é um sonho distante para a maioria dos cidadãos brasileiros.

Você deixou um legado relevante sobre a necessidade de ressignificar o conhecimento por meio de uma Educação transformadora e mais humana ao considerar o contexto de mundo dos estudantes como pressuposto para a aprendizagem. Porém, dados recentes revelam que há muito a se fazer. Como exemplo, posso citar que, dos quase quatro milhões de inscritos no último Enem-2022, apenas dezenove candidatos tiraram a nota máxima 1000 na redação. Logo, é necessário analisar e buscar soluções para reverter esse quadro desastroso, mas que por outro lado revelou um dado interessante, o senhor irá gostar de saber: do total de notas, onze são de estudantes de municípios do Nordeste (Carvalho, 2023).

Além disso, segundo um relatório elaborado no mês passado pela Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), "o Brasil é um dos países com maior proporção de jovens que estão fora da escola e sem trabalhar". Isto é, se escrever é pensar e a leitura é o combustível para a prática da escrita, devemos refletir sobre esses dados, com o fito de promover, a partir da *Pedagogia*

da *Autonomia*, o bem-estar individual e social dos indivíduos, priorizando uma sociedade mais comprometida com a educação pública, enfim mais crítica e humana.

O senhor já disse isso em tempos pretéritos, e se eu pudesse escolher um poder de super-heroína agora, seria a habilidade de voltar no tempo, lhe contar tudo pessoalmente e buscar palavras de esperança e otimismo para fortalecer cada professora/or que luta incansavelmente por um mundo com mais leitores capazes de refletir sobre o significado de “ser humanidade”. Por isso, como sei que as palavras escritas atravessam o tempo por meio da Literatura e Educação, então, por que não uma carta? Desejo de todo coração que essas palavras o alcancem, como os seus valores e textos têm alcançado tantos professores/as desde a década de 1960.

“Ninguém escreve do vazio”, “Escrever não é um dom”, as frases citadas pela professora Neiva dos Santos Pereira, no início do curso de licenciatura, tiveram um grande impacto na minha concepção sobre leitura e escrita quando ingressei em Pedagogia no ano de 2010. Isso porque, a escrita é uma competência complexa que requer várias habilidades e, infelizmente, ingressei no nível superior com grandes lacunas nessa área da aprendizagem.

E foi assim, que há doze anos iniciei meu percurso docente como professora do 3º ano no Ensino Fundamental – anos iniciais. É curioso, havia dentro de mim a certeza e a coragem de enfrentar esse desafio, pois estava no terceiro semestre do curso de Pedagogia e completamente encantada com a possibilidade de tornar o mundo um lugar melhor e menos desigual por meio da Educação.

Havia um deslumbramento pelas teorias propostas no curso, reflexões sobre artigos e obras, mas principalmente, pela importância dos debates que aconteceram nas aulas de História da Educação e Políticas Educacionais. Sim, dentro de mim gritava um antigo desejo adolescente de “ser importante”, de “mudar o mundo”.

A jovem negra, de família humilde e da periferia sonhava alto dentro de uma realidade familiar e comunitária na qual a maioria das mulheres não concluíram a Educação Básica.

Porém, não analisei “as pedras no caminho” que encontraria, parafraseando o saudoso Drummond, tampouco as longas horas que deveria ter de dedicação fora do ambiente escolar para planejamento, elaboração de atividades, correções e estudo. Também não considerei que o salário não corresponderia ao suprimento de todas as necessidades e/ou investimentos em sonhos futuros. Enfim, os meus anos iniciais na Educação Básica foram muito difíceis.

Entretanto, à medida que o tempo passava tornava-me mais segura e eficiente no trabalho de ser professora. Logo, a resistência passou a ser a minha palavra-chave para o enfrentamento de uma luta diária e quando me dei conta, já havia concluído o curso de Pedagogia e já lecionava nos anos finais do Ensino Fundamental. Então, começou o grande mistério, pois de repente eu não tinha mais vontade de trabalhar e ir para a escola era uma tortura diária e deprimente.

Em um súbito delírio, pedi demissão, saí perdendo alguns benefícios previstos na CLT, chorei como criança sem saber explicar o que estava sentindo, não havia adjetivos que externassem tamanha angústia. Porém, no dia seguinte eu me senti livre para respirar, como se um fardo de toneladas fosse subtraído do meu corpo. Não tinha mais falta de ar, taquicardia, insônia, desânimo ou ansiedade, só hoje sei que o grande mistério era na verdade sintomas de um distúrbio emocional chamado de Síndrome de Burnout. Pois, é... Saudoso, professor, quem no passado iria imaginar que as maiores preocupações do século XXI seria a saúde mental. Não tive apoio psicológico profissional, como disse, só recentemente consegui associar tudo o que vivenciei com essa síndrome após leituras sobre o assunto.

Após um ano, decidi enfrentar uma nova formação acadêmica, precisava ocupar e ressignificar a minha vida, afinal, tornei-me *reexistência* e o desejo de mudar o mundo ainda estava lá.

Ironicamente, após o resultado do Enem, fui aprovada para ingressar nos cursos de Letras e Direito em instituições distintas da cidade. Uma dúvida cruel passou a incomodar meu sono, mas eu não deveria ter dúvidas, pois havia abandonado o sonho da docência. No entanto, ironicamente, “o coração tem mesmo razões que a mente desconhece”, como afirmou o filósofo francês Blaise Pascal, porque no último dia de matrícula para um dos dois cursos fiz a opção para o curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.

Reconheço, de fato, que nós professores não somos os “redentores da pátria”, não seria humano conseguir promover a aprendizagem significativa considerando tantas intempéries como, fatores externos à sala de aula: questões familiares, desigualdade social e etc. Porém, com o advento da primeira pandemia do século, da Covid-19, ficou evidente o quanto a educação pública brasileira está fragilizada. E isso, sem dúvida, também impactou no resultado do Enem-2022 citado anteriormente.

A dedicação mais intensa à leitura da palavra ressignificou a minha vida profundamente e aquilatau a leitura do mundo. O curso de Letras devolveu-me o encanto e o pensamento crítico em torno da docência e, agora, vivo a plenitude da *reexistência*. Nos novos estágios, percebi mais nitidamente, a importância de investir, incentivar e promover o ato de ler. Outro sonho adormecido da adolescência, de ser escritora, também ressurgiu.

A formação em Pedagogia me forneceu importantes subsídios durante a trajetória acadêmica em Letras. Então, não bastava apenas ser professora de Língua Portuguesa, era necessário ser ainda mais resiliente e preparada para as intempéries ou frustrações, desse modo, consegui estabelecer uma comunicação dialógica entre as duas áreas. Em consequência, algumas leituras foram retomadas como a da sua referida obra, *A importância do ato de ler*.

Uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 9).

O visível fato de que a maioria dos estudantes leem cada vez menos seja o mundo, seja a palavra escrita ou de que não conseguem nem sequer decodificar ou interpretar os signos linguísticos também desencadearam angústias. Como fazê-los compreender que linguagem e realidade são indissociáveis? Como fazê-los abraçar o ato de ler para transformar as próprias vidas e a comunidade?

Por isso, professor Paulo Freire, a sensação estranha e avassaladora que consigo tatear na mente agora é de como ter tido várias vidas em 12 anos de docência. A cada ano uma professora Daniella diferente e mais ciente do seu porquê no mundo. Em cada gesto de agradecimento dos estudantes que encontro é o fermento e a comprovação de que tenho conseguido deixar o mundo um pouco melhor e menos excludente.

Por que eu tenho resistido em uma profissão tão difícil e árdua na contemporaneidade? Ser professora, para muitos é apenas um dom, um sacrifício pelo amor à profissão. Porém, cada indivíduo carrega consigo os méritos ou fracassos de suas escolhas, cada ser único no mundo tem um papel importante, por isso, apesar da desvalorização e desrespeito à docência continuarem tão evidentes, sou uma profissional feliz e cada vez mais resistente.

Eu sou professora, porque sou filha da periferia e poderia ser hoje, só mais uma estatística cruel. Eu sou professora, porque resisti à pandemia da Covid-19 e durante esse triste capítulo da história da humanidade tive que estudar novamente para melhorar as

habilidades com a tecnologia. Tive todas as razões para abandonar a profissão, contudo fui resistência novamente.

Eu sou uma professora resistente, porque acontecimentos presentes e previsões futuras corroboram para a possível “extinção” dessa profissão em decorrência da ascensão das Inteligências Artificiais, como o ChatGPT. E pela redução do número de pessoas que almejam essa carreira, como afirmou a pesquisa recente do Instituto Semesp (Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação) que: “A educação básica do país pode enfrentar um déficit de 235 mil professores até 2040 (Sales, 2023). Finalmente, sou professora porque acredito no poder transformador da Educação na vida das pessoas.

Prezado, Paulo Freire, imagino que o senhor deva estar atônito com essas notícias que lhe envio, você lutou pela leitura e escrita, pelo direito ao Letramento de adultos das áreas rurais e periféricas, provou para o mundo a eficácia do trabalho docente quando ele é realizado de forma contextualizada e responsiva.

Em decorrência disso, nós, professores/as, precisamos nos unir rumo ao mesmo caminho que nos leve não somente à valorização profissional, mas conduza os estudantes à competência de ler o mundo e agir de forma positiva sobre ele (Freire, 1989). Contudo, esse aspecto é o vislumbre, para a maioria dos profissionais, de pensamentos e projetos oníricos.

Toda a sua contribuição e todo o seu empenho não foram em vão, muitas professoras/es seguem resistindo e almejando alcançar a aprendizagem dos educandos e a construção de um país mais igualitário. Eu, por exemplo, fico radiante ao corrigir redações de adolescentes e me deparar com inúmeras citações de pensamentos, teorias e frases produzidas pelo senhor.

Acredito que esta carta é reveladora e promissora, simultaneamente, pois seu nome será mais uma vez disseminado de forma

positiva e esperançosa. O seu amor pela educação nacional ressignificou muitas professoras e ainda o fará, no interior do Brasil, bem aqui, em Barreiras-Ba, e quiçá pelo mundo.

Diante de tudo isso, posso afirmar que a leitura é a matéria-prima para a escrita, mas sem contextualizar com o mundo ela será vazia e o ato de escrever uma mera reprodução que não conseguirá romper com os paradigmas que sustentam a desigualdade social no Brasil.

Com profunda gratidão, admiração e esperança,

Barreiras (BA), 25 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 set. 2023.

DRUMMOND, C. A. **Alguma poesia**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CARVALHO, M. **Região Nordeste tem maior número de notas mil na redação do Enem**. Disponível em: <https://www.sonoticiaboa.com.br/2023/02/16/regiao-nordeste-maior-numero-notas-mil-redacao-enem>. Acesso em: 03 set. 2023.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

Jornal Nacional. **Brasil está entre os países com maior proporção de jovens que estão fora da escola e sem trabalhar, diz OCDE**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/08/29/brasil-esta-entre-os-paises-com-maior-proporcao-de-jovens-que-estao-fora-da-escola-e-sem-trabalhar-diz-ocde.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SALES, B. **Brasil pode ter déficit de 235 mil professores até 2040, aponta estudo**. Acesso em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-pode-ter-deficit-de-235-mil-professores-ate-2040-aponta-estudo/#:~:text=Brasil%20pode%20ter%20d%C3%A9ficit%20de%20235%20mil%20professores%20at%C3%A9%202040%2C%20aponta%20estudo>. Disponível em: 03 set. 2023.



Grazielle Matos dos Reis

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE INCERTEZAS:

UMA REFLEXÃO CRÍTICA
PARA PAULO FREIRE

Prezado Paulo Freire,

Espero que esta carta o encontre onde quer que esteja, mesmo que apenas em espírito, pois, como sabemos, sua presença continua viva em nossa sociedade e em nossos corações. Hoje, enquanto refletimos sobre o legado de sua obra e pensamento, não posso deixar de me perguntar o que você diria sobre a educação em tempos tão desafiadores como os que vivemos agora. Você nos ensinou a importância de uma educação libertadora que prioriza a conscientização, a discussão e a ação em seu trabalho excepcional. Você declarou que a educação não é um ato neutro, mas sim um ato político que pode ajudar a manter ou mudar as estruturas de poder. No entanto, a questão é: estaria a sua pedagogia preparada para enfrentar as complexidades e incertezas deste século? Essa pergunta surge à medida que observamos o mundo atual.

As crises ambientais, a globalização e os avanços tecnológicos transformaram a realidade. A desigualdade social continua existindo, e novas formas de opressão surgem no mundo moderno. Por exemplo, a pandemia de COVID-19 demonstrou disparidades na educação, o que fez com que muitos estudantes tivessem dificuldades de acesso a uma educação remota.

Mais do que nunca, seus valores de discussão, colaboração e transformação estão de volta. Mas há problemas significativos para usar suas ideias no mundo real. O Anti-intelectualismo e a polarização política impedem a discussão e a promoção da conscientização. Em vez de servir como uma ferramenta para a emancipação, a tecnologia é frequentemente usada para criar bolhas ideológicas e difundir informações falsas.

Além disso, devemos levar em consideração o racismo, o sexismo e a LGBTQIA+-fobia que existem em nossa sociedade. Como sua educação trata essas formas de opressão? Como podemos mudar suas perspectivas para se tornar escolas inclusivas e seguras

para todos, independentemente de sua orientação sexual, raça ou gênero? Quando buscamos uma educação verdadeiramente libertadora, não podemos deixar de enfrentar essas questões urgentes.

Seguindo sua visão transformadora da educação, acredito que enfrentar essas formas de opressão exige um compromisso inabalável com a conscientização e a transformação. Sua pedagogia nos ensina que a educação deve ser um espaço de diálogo crítico, onde os alunos não apenas adquirem conhecimento, mas também questionam as estruturas de poder que perpetuam a opressão. Para combater a LGBTQIA+fobia, o racismo e o sexismo, convém promover uma reflexão sobre essas questões, estimulando a empatia e o entendimento mútuo.

Criar um ambiente educacional inclusivo e seguro, de acordo com sua visão, exigindo o reconhecimento das experiências e dos indivíduos, respeitando a diversidade. Essa pedagogia nos inspira a desafiar preconceitos, desconstruir estereótipos e promover uma cultura de respeito e igualdade. É através da educação libertadora que podemos moldar uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos possam florescer plenamente, independentemente de quem seja.

Em seguida, me preocupo com como sua pedagogia lida com a crescente mercantilização da educação, onde o lucro frequentemente prevalece sobre o bem-estar dos alunos. A criatividade e a diversidade de perspectivas que você aprecia podem ser sufocadas pela busca incessante por resultados quantitativos e pela padronização do ensino. Além disso, os problemas ambientais já fazem parte do nosso futuro. Como suas perspectivas sobre conscientização e ações podem ser modificadas para incluir uma educação ambiental mais profunda e sustentável? Como podemos ajudar os alunos a compreender o papel que desempenham na preservação da Terra?

Suas obras não são apenas um farol de esperança, mas também uma chamada à ação. Precisamos reimaginar e adaptar

suas ideias para atender às demandas de nossa época, à medida que enfrentamos os desafios do século XXI. Devemos continuar a defender uma educação que liberte, conscientize e transforme, mas também devemos ser adaptáveis e criativos. Inspirados por você, buscamos contribuir para a renovação da educação em nosso próprio caminho. Temos a obrigação de honrar seu legado, não apenas repetindo suas palavras, mas também reinventando-as para um mundo que está em constante mudança.

Caro Paulo Freire, no entanto, enquanto tento responder a essas perguntas, sinto gratidão por ter a sua sabedoria como guia. Outras gerações de educadores e defensores da justiça social foram influenciadas por seus valores. Eles nos lembram que a educação é uma ferramenta poderosa para criar um mundo mais humano e justo.

Com profunda admiração e gratidão.

Brasília, 26 de setembro de 2023



Géssica de Souza Canaverde

SER PROFESSOR É EXERCER A HUMANA DOCÊNCIA

Estimado Paulo Freire,

Às vezes me pego pensando se estou sendo uma boa profissional da Educação básica e se as minhas práticas educativas estão conseguindo contemplar de forma significativa e prazerosa a educação dos meus educandos. Hoje, estou na posição de educadora, ou mais precisamente, futura educadora; e através das experiências que já tive, tanto na Educação Informal quanto na Educação Formal, percebi quão desafiadora e ao mesmo tempo prazerosa é esta profissão. Nesse sentido, o objetivo dessa carta é para dialogarmos sobre a importância de pensarmos a Educação como um processo de contínua mudança e adaptação, sempre havendo reflexão sobre o atual processo educacional. Para isso, buscaremos responder à seguinte questão: *como devemos ser para ensinar?*

Como você mesmo declara, "[...] ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte" (Freire, 2001, p. 40). Para mim, essa sua fala significa que estamos sempre aprendendo, seja com nossos/as alunos/as em sala de aula, seja com pessoas no nosso cotidiano e, como nós somos seres inacabados, inconclusos e incompletos, estamos sempre assimilando e passando por novas experiências que vão também interferindo na forma como vemos o mundo.

Devemos ter em mente que *SER PROFESSOR* vai muito além de só transmitir conhecimentos e conteúdo, deve-se, inicialmente, *SER HUMANO*, tendo empatia com cada aluno, considerando e respeitando que cada um tem uma história de vida, a sua cultura, a sua própria realidade e a sua forma de aprender. Nesse sentido, ser professor é entender que aprendemos ao longo da vida permanentemente. Nessa lógica, no livro *Educação e Mudança* (2003), você fala sobre o comprometimento que o educador precisa ter com a educação e que comprometido é aquele que atua e reflete sobre a realidade para transformá-la.

Atualmente, ainda se tem a ideia de que professor é o único que tem algo para ensinar e que não pode ser questionado, que tem apenas a tarefa de transmitir o que sabe e, infelizmente, há muitos casos em que professores adotam esta postura, proporcionando uma educação que forma pessoas alienadas, que não questionam ou criticam o mundo ao seu redor. Ao me enxergar como futura professora, sigo a linha do pensamento freirianos em que a educação que muda e transforma pessoas, que não se resume em transmitir o conteúdo, mas em construir saberes coletivamente. Que não só ensina, mas que aprende com cada aluno ou pessoa, que se preocupa em formar seres com sonhos de poder ser o que quiserem, de pensar e criticar sua sociedade, seu mundo, contribuindo para uma vida melhor a todos. Você me ensinou que

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (Freire, 1981, p. 78).

Outrossim, devemos criar em sala de aula situações onde o aluno possa fazer indagações, envolvendo-os como protagonistas, reconhecendo a participação dos mesmos e o tempo de aprende de cada um, permitindo-se assim construir e reconstruir o seu conhecimento a partir do que fazem, pois o aluno só aprenderá quando sentir prazer no que está aprendendo. E como educadores, necessitamos ser crítico, aberto a sugestões, valorizando também o ponto de vista dos nossos educandos e não somente o nosso, preocupando, desta maneira com a qualidade do nosso ensino.

Como exemplo para desenvolvermos essa prática dentro da sala, é trabalhar com o lúdico, pois através dele a criança pode aprender brincando, ou seja, fazendo relação dos conteúdos programáticos com os jogos e as brincadeiras, deixando para trás o método tradicional de ensino e aprendendo os conteúdos das disciplinas de uma forma mais agradável e divertida. Desse modo, se viabiliza a

construção do conhecimento de forma interessante e prazerosa, garantindo às crianças a motivação intrínseca necessária para uma boa aprendizagem. É através da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

Piaget (1976) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Estas não são apenas uma forma de desafio ou entretenimento para gastar energia, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual e ainda facilita a aprendizagem, despertando o interesse e a curiosidade. A criança é curiosa e imaginativa, está sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades, visto que ela também adquire experiência brincando.

Para tanto, há a necessidade de uma formação continuada do professor na qual "o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (Freire, 1996, p. 21). É indispensável ao educador na perspectiva freireana, ação e reflexão constante do ato pedagógico e busca constante pela qualificação profissional, com o objetivo de aprimorar a prática docente e a trajetória profissional do professor.

O educador, quando ajuda o aluno a reconhecer seu papel na sociedade e refletir sobre sua realidade, está ajudando na formação de cidadãos conscientes, tornando-os aptos para intervir na realidade e mudá-la, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento, Segundo Mizukami:

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la (Mizukami, 1986, p. 86).

Assim, a educação é um importante instrumento transformador. É ela que nos impulsionará a buscar mudanças e melhorias para o nosso futuro.

A formação de professor não é algo simples ou uma tarefa fácil. É preciso ter gosto pelo que faz, caso contrário torna-se um castigo pessoal fazê-la. É um desafio contínuo ser professor e é uma conquista que se faz dia-a-dia, em cada atividade, na sala de aula, na escola, com os alunos, com os colegas professores e até com os pais dos alunos. Se ensinar fosse algo fácil e mecânico, existiria manual de instruções, mas só aprendemos na prática, no cotidiano, no terreno da sala de aula, colocando a mão na massa. É a prática, embasada pela teoria, que nos impulsiona à frente, é na prática que o professor desenvolve sua formação e nos forma o fazer pedagógico. São os alunos que nos formam professores, suas particularidades, seus saberes, seus encantamentos. Mas, acima de tudo, um olhar atento, investigativo, é o que nos mostra o caminho a seguir.

Como diria Heráclito, não entramos duas vezes na mesma água. A docência funciona da mesma forma, não entramos duas vezes na mesma classe. O ser humano se transforma a cada dia e a cada sala de aula por qual ele passa.

Apesar de todos os desafios verificados na vida e carreira do professor sabemos da importância que ele desempenha na vida e na aprendizagem dos alunos. Sua tarefa é árdua e difícil, mas também bela e significativa. Como nos diz você, Paulo, educar é um ato de amor e coragem. Precisamos em sala, ter empatia e contemplar a diversidade.

Por fim, agradeço a oportunidade de poder falar prazerosamente com alguém que tanto me ensina sobre a docência, a vida, a educação, e encerro citando "Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática" (Freire, 1991. p. 58).

E mesmo diante de todos os desafios precisamos seguir com o seu legado da esperança, da capacidade de sonhar com um mundo melhor e que nós sejamos o profissional de educação que idealizamos.

Uibaí (BA), 30 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1987.
- FREIRE, P. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Trad. de Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.



Ivana Cristina Lovo

**DO INDIVIDUAL
AO COLETIVO
PARA ALCANÇAR
O SER MAIS**

Queridos mestres Elza e Paulo Freire,

Início esta carta esclarecendo que, à medida em que estudo, reflito e procuro praticar os ensinamentos Freireanos⁵. Não consigo brindar o centenário do Paulo Freire, sem comemorar, também, a existência da Elza Freire e os 105 anos de seu nascimento. Uma mulher que foi professora, pedagoga, companheira e esposa de Paulo Freire, e que esteve junto com ele no delinear a Educação como prática da liberdade, como nos demonstra Nima Spigolon (2022) ao nos propor a Pedagogia da Convivência a partir das suas pesquisas, disponíveis no livro *Elza: Elza Freire e Paulo Freire: por uma Pedagogia da Convivência*. Dessa forma, nesta carta, busco compartilhar vivências e reflexões que a cada dia vão fazendo sentido para mim, entre elas, o entendimento de que pelos ensinamentos freireanos passo a considerar o que Elza e Paulo construíram juntos.

O movimento de aprofundar os estudos sobre os ensinamentos dessa mestra e desse mestre foi fomentado por minha condição de educadora na Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), localizada no contexto do Semiárido de Minas Gerais. Essa condição provocou o desafio de refletir minha prática como educadora de jovens e adultos, em um contexto de educandas/os majoritariamente afrodescendentes, sendo a maioria mulheres negras, muitas delas mães, ou que se tornam mães no percurso da graduação.

Essa realidade, agregada a minha condição de mulher branca, brasileira, com descendência italiana, ciente dos privilégios que essa condição me traz, assim como de opressões que são inerentes a um sistema social de supremacia branca, patriarcal, racista e capitalista, fui instigada a me aprofundar sobre os ensinamentos Freireanos e sobre o feminismo negro. Esse caminhar me conduziu ao enlace entre a Educação como prática da liberdade (Freire, 2011, 2014), a Pedagogia engajada, refletida por bell hooks (2017), desabrochando na Pedagogia da Convivência, trazida por Spigolon (2022).

5

Acompanho Coimbra (2021a) na proposta de transgressão à linguagem, ao utilizar freireana/freireano como poder de mudança de uma forma de escrita para uma dimensão concreta da politicidade.

No breve espaço desta carta, gostaria de me ater a potência do que os mestres Freireanos vão delinear como arqueologia da consciência, de onde emerge a práxis como movimento dialético de reflexão-ação-reflexão do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo em que está inserido, produzindo assim os próprios meios para intervenção crítica nas realidades, que, por sua vez, possuem interseção e incidências entre questões individuais e coletivas e entre diferentes formas de opressão. Revelo, então, que esse processo de tomada de consciência, transitando da denúncia ao anúncio do Ser mais, me remeteu as minhas experiências de me tornar sujeito com a capacidade de dizer não e fazer escolhas, que envolveu e envolve o caminhar pela educação formal, agregado a um processo de autoconhecimento, envolvendo o campo da psicologia e psicanálise, incluindo a dimensão espiritual com a prática de meditação. Assim, essa caminhada me aproximou e possibilitou melhor consciência sobre o que Elza e Paulo Freire produziram de revolucionário para a educação.

Freire explicita, nas obras *Pedagogia do Oprimido* (2014) e *Pedagogia da Esperança* (2011), um caminho processual de conscientizar, que indica como arqueologia da consciência. Descreve esse processo desde o entrar em contato com uma *situação limite*, passando pelo *percebido-destacado*, *tema-problema*, gerador do diálogo descodificador e problematizador, que permite ao sujeito gestar o sonho, ou seja, descobrir e delinear o *inédito viável*, que materializa o enfrentamento e aponta para a transformação da realidade, envolvendo e transformando o *esperançar* em *atos-limite*, que rompem os obstáculos da situação limite, e assim, rompem a fronteira que limitava o Ser, enquanto sujeito individual e coletivo, na direção do *Ser mais*, um sujeito que supera seus limites, produzindo novos conhecimentos, novos olhares, que o possibilita ampliar sua leitura de mundo.

Portanto, essa abertura para o processo de busca da consciência crítica, passa a ser gestado pelo sujeito no tempo contínuo e dinâmico da história, a partir da assunção da identidade cultural, que implica estar consciente da nossa condição de seres humanos

inacabados, o que nos convida a estar reflexivo, crítico e atuante no presente, alimentando esse processo, ou seja, mantendo essa postura constantemente. A partir da clareza sobre esse processo, e reforçando a importância do entendimento dialético sobre como se dão consciência e mundo na relação e introjeção do(a) opressor(a) pelo(a) oprimido(a), Freire (2011, p. 77 e 146), reforçando a escuta de Erich Fromm, cita: *"Uma prática educativa assim é uma espécie de psicanálise histórico-sociocultural e política"*.

Para esse movimento processual, Freire (2019, 2014, 2011) apresenta o sujeito e o diálogo como partes fundamentais que dinamizam o ato de conhecer. Nas suas obras, Freire (2014, 2011), entende os seres humanos como Sujeitos-sócio-histórico-culturais e o diálogo é apresentado como o meio problematizador da produção do conhecimento, pois, agregado a atitude de pesquisar, e como instrumento de comunicação na relação entre sujeitos e objetos, sustenta as condições para problematizar a realidade, refletir a prática, e promover a dialogicidade, que permite aos sujeitos superar a curiosidade ingênua, pautada no saber feito de pura experiência, que reflete o senso comum, para, então, alcançar a curiosidade epistemológica, que reflete na consciência crítica e geradora de novos conhecimentos e novas leituras de mundo, no Ser mais. Freire (2019, p. 33), destaca que, na verdade, a curiosidade *"muda de qualidade, mas não de essência"*.

A relação com o mundo traz o sujeito na sua dimensão individual e universal, como reconhece Adorno (1995, p. 199), *"reflexão sobre o sujeito é reflexão sobre a sociedade"*. Importante destacar o que Coimbra *et. al.* (2021b) esclarecem, de que o ser humano freireano é denominado de sujeito por entendê-lo como um ser de relações, um ser social, que inclui uma multiplicidade de seres, pois também é um ser cultural e um ser histórico. Essa multiplicidade incorpora também a *"compreensão do ser humano como ser de comunicação, um ser transcendente, um ser inacabado"* (Coimbra, 2021a, p. 135). E, nesse movimento entre o individual e o coletivo social, Freire afirma a vocação do sujeito para humanização, e explicita que a luta pela liberdade não é apenas individual, mas da classe social. Como afirma:

Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser. É por isso que, como indivíduo e como classe, o opressor não liberta nem se liberta. É por isso que, libertando-se, na luta necessária e justa, o oprimido, como indivíduo e como classe, liberta o opressor, pelo fato simplesmente de proibi-lo de continuar oprimindo (Freire, 2011, p. 138).

Como explica Freire (1981), a humanização das mulheres e dos homens, assim como a desumanização, exige ação na realidade, para a humanização há necessidade de transformação do mundo em que elas e eles se encontram na condição de oprimidas e oprimidos, e por isso proibidos de Ser mais. Por essa razão, Freire (1981, p. 79-80) vai chamar atenção para um dos pontos fundamentais das implicações pedagógicas do processo de humanização, ele destaca que a libertação não se dá dentro da consciência das mulheres e homens, de forma isolada do mundo, se dá na práxis desses sujeitos dentro da história, o que implica na relação consciência-mundo que, por sua vez, implica a consciência crítica dessa relação, o que vai apontar para outro ponto fundante em Freire (1981), o caráter político da educação, o que incorre na impossibilidade de sua neutralidade. Nesse sentido, Freire (1981 p. 81 e 82) vai reforçar que a prática educativo-libertadora se obriga a propor às mulheres e homens a arqueologia da consciência, esforço pelo qual eles e elas podem, em certo sentido, refazer o caminho pelo qual a consciência emerge capaz de perceber-se a si mesma.

Reconhecendo a importância de Paulo Freire, e partindo da realidade norte americana, bell hooks (2017), acentua o quão libertador foi, na sua época, superar noções de preconceitos e ódios pessoais para examinar sistemas de dominação e perceber como são interdependentes. E assim ela reforça o que traz Paulo Freire sobre a importância do estágio inicial da transformação, *"aquele momento histórico em que começamos a pensar criticamente sobre nós mesmos e nossa identidade diante das nossas circunstâncias políticas"* (Hooks, 2017, p. 67), que nos leva a uma mudança de atitude, em uma práxis significativa, ou seja, *"de tornar real, na prática, o que já se sabe na consciência"* (Hooks, 2017, p. 68).

Para hooks e Freire, pensar é uma ação, e a linguagem é expressão dessa ação. Assim, há uma potência de liberdade no ato de falar e se expressar, como afirma hooks (2019, p. 45) "*encontrar a voz é um ato de resistência*".

Falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros. ...

Toda vez que uma mulher começa a falar, inicia-se um processo libertador, que é inevitável e tem implicações políticas poderosas. ...

Consciência da necessidade de falar, de dar voz às variadas dimensões de nossas vidas, é uma maneira de a mulher não branca começar o processo de se educar para a consciência crítica (Hooks, 2019, p. 45-46).

Assim como Freire (2011) entende que consciência, linguagem e mundo estão interligados, hooks (2019) também soma a esse entendimento, afirmando a linguagem como um lugar de luta, e, assim, o ato de se tornar sujeito e recuperar o lugar de fala é ainda outra maneira de falar do processo de autorrecuperação, entendida em termos de recuperação de si, da própria dignidade que está conectada com uma educação para a consciência crítica, que se expande para o coletivo, a comunidade, a dignidade coletiva na mudança da realidade.

Entendendo que educar para a consciência crítica transita por uma pedagogia da libertação, hooks (2019, p. 79 e 80) questiona como podemos transformar os outros se nossos hábitos de existência reforçam e perpetuam a dominação em todas as suas formas, racismo, machismo, exploração de classe? Em resposta a esse questionamento, a autora sinaliza a necessidade de expandir a questão da autorrecuperação para incluir modelos de transformação pessoal que abordem tanto o opressor quanto o oprimido. Portanto, ela afirma que "*o esforço individual para mudar a consciência deve estar vinculado, sobretudo, ao esforço coletivo de transformar as estruturas que reforçam e perpetuam a supremacia branca*" (Hooks, 2019, p. 244).

A autora reforça que a mudança individual anda junto com a mudança na realidade política e social mais amplas e, que, em uma educação como prática da liberdade, o compromisso com a autorrealização dos estudantes é necessário e, fundamentalmente, radical, entendendo que *"ideias não são neutras e que ensinar de forma a libertar, expandir consciência, despertar, é desafiar a dominação em sua própria essência"* (Hooks, 2019, p. 115). Assim, para bell hooks (2017, p. 25), a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender, e se torna mais fácil para aqueles professores que entendem que *"nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos"*. A autora reforça ainda que, para tanto, *"é importante que professores tenham coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção"*.

Por fim, trago o que Spigolon (2022) anuncia, ao delinear a postura política-pedagógica de Elza Freire, como um fio condutor inspirador para nós educadoras/res: *"Descobrir e redescobrir com a busca do significado do outro pelo significado de si própria. Assim, procurar trabalhar a dimensão individual, sabendo respeitar o socio-cultural e vice-versa, sem anular ou perder o individual"* (Spigolon, 2022, p. 262). Nesse processo, entendo que o *Ser Mais* como uma construção permanente do novo, faz parte de um processo artístico, criativo e crítico, de nos reinventar a cada momento, de acordo com o que a realidade nos apresenta e instiga, o que nos remete a novos olhares, novas posturas, novas atitudes, mesmo que seja sobre questões antigas. O *Ser mais* pressupõe reflexões sobre nós no mundo, tornando-se impraticável mediar processos educativos a partir de algo que não foi vivenciado por nós, enquanto sujeitos com dimensão individual e coletiva. Me torno eternamente grata às mestras e mestres que possibilitam refletir minha prática a cada momento.

Diamantina, 04 de setembro de 2023.

Ivana

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Palavras e Sinais**: Modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

COIMBRA, C. L. A (in)completude da práxis no pensamento freireano. *In*: PAIXÃO, A. H.; MAZZA, D.; SPIGOLON, N. (Orgs.). **Centelhas de Transformações**: Paulo Freire e Raymond Williams. São José do Rio Preto, SP: HN, 2021a.

COIMBRA, C. L.; LIMA, J. P. R.; VENDRAMIN, E. O.; TONIN, J. M. F. Processo de avaliação da aprendizagem na visão do corpo docente: aprender, punir ou responsabilizar? *In*: Bafa, Accounting Education Special Interest Group, Annual Conference, 2021b.

FREIRE, P. **Ação cultural para liberdade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 17.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à Prática Educativa. 62.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Catia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Editora Elefante. 2019.



Olivia Rochadel

(DES)ENVIDRAÇAMENTO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO:

**A PRÁTICA LIBERTÁRIA
DE RENOVAÇÃO DOS INSTRUMENTOS
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Estimado Freire,

Fiquei feliz pela oportunidade de lhe escrever! Motivada por seus convites à reflexão crítica sobre a prática pedagógica, comecei a questionar sobre a configuração das salas de aula onde tenho lecionado, na universidade. Percebi que os cursos de licenciatura enquanto local para encontro de experiências, para formulação de saberes em conjunto por meio de pesquisa e debate acerca do fazer docente, requerem vigilância epistemológica para que não corramos o risco de criar salas de aula fixadas em programas, conteúdos e padrões. A primeira evidência que me fez chegar a esta reflexão foi o fato de que no início do semestre, alguns estudantes não esperavam para que pudéssemos nos encontrar, nos conhecer e aprender juntos. Estes pareciam entender que a qualidade das aprendizagens no semestre teria mais a ver com a minha *performance* do que com os nossos esforços em conjunto – não raro, ouvi o quanto a realidade que eu os apresentava parecia diferente da expectativa:

“– Achei que você fosse mais velha.”

“– Porque você ainda não postou a estratégia de avaliação no sistema?”

Pois é, no primeiro dia de aula, alguns estudantes queriam saber sobre o quão boa professora eu era e qual tipo de avaliação seria aplicado no semestre. A partir dessas experiências, refleti que a formação humana enquanto finalidade primeira no espaço universitário precisa ser trabalhada num processo longo, contínuo e persistente.

Felizmente, não perdi de vista os estudantes dispostos a estabelecer parcerias no processo de aprendizagem já no primeiro dia do semestre – eles compartilham suas histórias de vida, materiais de estudos e costumeiramente mantemos bons vínculos depois de encerrado o ciclo universitário. Um dia, um desses alunos me deu de presente Ruth Rocha no texto *Quando a escola é de vidro* (Rocha, 2003):

Eu ia para a escola todos os dias de manhã e, quando chegava, logo, logo eu tinha que me meter no vidro. É, no vidro!

Se não passasse de ano, era um horror. Você tinha que usar o mesmo vidro do ano passado. Coubesse ou não coubesse.

Dizem, nem sei se é verdade, que muitas meninas usavam vidros até em casa. E alguns meninos também.

Uma vez um colega meu disse para à professora que existem lugares onde as escolas não usam vidro nenhum, e as crianças podem crescer à vontade [...] (Rocha, 2003, p. 23).

As ilustrações de Walter e ao mesmo tempo a crítica política de Ruth sobre práticas de ensino desumanas na realidade escolar, foram para mim um presente! Espero que para você também!

Após ler Ruth, o inesperado aconteceu: percebi na minha visão uma rachadura, tirei os óculos e continuei percebendo a rachadura mesmo sem eles. Era eu, que estava dentro de um vidro que acabara de *trincar*. Minhas últimas primeiras aulas foram estruturadas com justificativas aos estudantes sobre o quão boa eu era para estar ali e, com alinhamentos sobre como seria a avaliação. Também havia me acostumado com a sensação de ficar anestesiada com frases que ouvia no primeiro dia de cada semestre:

“– Já fiz todas as leituras indicadas no seu plano de ensino. Posso fazer as avaliações e você abonar as faltas para eu concluir logo esta Disciplina?”

“– Tenho uma rotina de trabalho de três turnos e não costumo frequentar as aulas. Qual avaliação tenho que fazer para não reprovar?”

Por sorte, nunca morei perto do local de trabalho, então usei o tempo de deslocamento casa-trabalho-casa para pensar em respostas gentis e firmes na intenção de auxiliar os estudantes a renovarem o significado sobre sala de aula – convidei-nos a percebê-la enquanto espaço de relações cognitivas-sociais-afetivas.

Ainda assim, estava dentro de um vidro, pois me preocupara em demasia com a seleção de conteúdos para as disciplinas ao invés de elaborar convites e construir situações em que pudéssemos construir um roteiro de aprendizagem juntos a partir das nossas realidades e daquilo que poderíamos adquirir por meio de pesquisa e leitura.

Depois de configurada a hipótese de que eu atuava enquanto *professora envidraçada*, passei a me instrumentalizar com estratégias para quebrar este ciclo regressivo – que concebe o curso de Ensino Superior enquanto espaço restrito à formação profissional. E, por isso lhe escrevo: sou extremamente grata pela exposição clara e convidativa de suas obras⁶ que me auxiliou a pensar na educação enquanto caminho para emancipação de estudantes e professores e me motivou a buscar estratégias para criar aulas, que fossem solo fértil ao exercício do pensamento crítico sobre a realidade, para que os estudantes e eu pudéssemos renovar nossa capacidade de transformar ao meio e a nós mesmos.

Além de retomar as leituras de suas obras, pude contar com o apoio de parceiros de trabalho – havia uma professora disposta a refletir sobre o fazer docente comigo, trocamos ideias e definimos a interdisciplinaridade enquanto estratégia metodológica para turmas em comum – definimos juntas referências, o cronograma de ensino, uma quantidade maior de debates do que aulas expositivas, abertura às indicações de leitura por parte dos estudantes, estudos de caso e de situações problemas com espaço para formulação e proposição de prática pedagógicas. Yara⁷ e eu estávamos determinadas e instrumentalizadas para a saída de nossos vidros.

6 Mais especificamente: *Pedagogia do oprimido*; *Pedagogia da autonomia*; *Educação como prática da liberdade*.

7 Esse nome é fictício – escolhi em homenagem a minha primeira professora – e, representa várias professoras, professores e coordenadores de instituições onde trabalhei que foram parceiros em empreitadas pedagógicas significativas aos nossos processos de ensino-aprendizagem e às nossas vidas. Devido à isso, também chamo essas Yaras de *amigos da educação*.

Após apresentarmos a interdisciplinaridade enquanto metodologia de ensino e informarmos que os instrumentos de avaliação seriam definidos ao longo do semestre, alguns estudantes nos responderam:

“– Ok, mas o que vocês querem que a gente faça, mesmo?”

“– Interdisciplinaridade quer dizer então que as duas vão fazer provas iguais?”

Freire, foi doloroso perceber que os acadêmicos estavam dentro de vidros (estariam esses estudantes apresentando-nos sintomas de Pedagogia do Oprimido?). Então, Yara e eu definimos que o objetivo de aprendizagem primeiro de nossa proposta interdisciplinar seria o ato de *‘desenvidramento’* – uma experiência laboratorial conciliada aos conteúdos programáticos. Começamos destituindo a ideia de que os vidros deveriam ser lacrados quando estivéssemos em sala, concebendo a sala de aula enquanto local de interação. Decidimos que os espaços de fala seriam dedicados para captarmos informações que pouco a pouco utilizaríamos para convidá-los a sair do vidro – nós duas ocupamos muitos cafés, conversas por troca de mensagens de texto e, chamadas de vídeo até formular as primeiras ideias (docência requer tempo). Pedimos que os acadêmicos desenvolvessem produções textuais que nos ajudassem a saber sobre o desenvolvimento de suas ideias acerca da relação entre as suas experiências, o conteúdo programático e o seu conceito de sala de aula (atuávamos em cursos de licenciatura). Esses textos poderiam ser entregues impressos, por aplicativos de mensagens de texto no celular, e-mail, murais virtuais interativos ou até sinal de fumaça (risos).

O diálogo – que formalizamos por metodologia de debate, para que os estudantes não se assustassem pelo fato de que queríamos mesmo era conversar com eles – foi recurso primoroso para convidá-los para escapadelas dos vidros. Começamos perguntando sobre as realidades em sala de aula já conhecidas por eles, e, alguns respondiam ainda de dentro de seus potes:

“– Não sou professor(a), não tenho experiência em sala de aula.”

Após ouvir essa resposta muitas vezes, observamos que seu significado costuma ter mais a ver com medo de exposição ou com a certeza de que sala de aula não é local para expor dúvidas do que, de fato, com falta de experiência. Então, respondi com afetuosidade:

“– Não estou me referindo à sua carreira docente. Estou querendo saber mais sobre o que você vivenciou nas escolas que frequentou independentemente da posição ocupada. Poderia nos contar sobre algo vivenciado por você em algum momento da vida escolar?”

Pouco a pouco, estudantes saíram do vidro para dizer o que viveram e sentiram na escola. Suas lembranças raramente eram sobre metodologias e conteúdo, elas tinham mais informações sobre as experiências de convívio, sobre o que atualmente fazia sentido ou não para os seus valores e sobre processos que influenciaram na construção da própria identidade. À medida que valorizávamos a fala dos estudantes, nossa sala de aula tornou-se um conjunto de individualidades e, por isso, mais alunos cabiam nela (começamos a ter menos faltas para registrar no diário). O ponto auge de nossas conversas foi quando um número significativo de acadêmicos saiu do vidro para dizer o que não gostaria de repetir quando se tornasse professor. O melhor, é que eu e os outros saíamos dos vidros para ouvir as histórias e as ideias sobre quais ciclos escolares regressivos (vidros) estávamos dispostos a quebrar.

Com o passar do tempo e com o aumento da frequência dos diálogos, as histórias de vida pessoais não se separavam mais da vida acadêmica e fomos desfragmentando a ideia de que é o(a) professor(a) quem sabe e determina tudo o que deve acontecer em sala de aula (ufa!). Conseguimos ensinar uns aos outros e construir maneiras cada vez mais particulares e sofisticadas de aprender juntos: criamos portfólios e jogos, elaboramos vídeos, murais digitais, artigos, resenhas e mapas mentais que foram nossos instrumentos

para interpretação e elaboração de conhecimentos – definidos pela particularidade das turmas e de seus indivíduos (sim, nossas aulas e estratégias de avaliação consideravam particularidades). Essa rotina, nos conduziu à conceber a sala de aula enquanto espaço social complexo – desde então não tive aulas que pudessem ser repetidas ou replicadas, pois a realidade dos estudantes se tornou o ponto de partida para a relação didática a ser estabelecida.

Tiago⁸ foi o primeiro estudante a quebrar o seu vidro e se libertar. Ele disse a nós que ser homossexual, favelado e professor não é fácil. Nós decidimos juntos que iremos nos esforçar para gostar mais de coisas difíceis (risos). Tivemos momentos produtivos para nossa construção enquanto pessoas ao mesmo tempo que fazíamos debates ricos sobre aspectos das teorias estudadas (ao dar significado para nossa rotina na universidade nos tornamos mais motivados e produtivos, nossas aulas rendiam!).

Outros acadêmicos saíram do vidro, mas o guardaram num canto da sala justificando que poderiam precisar voltar para se aquecer ou contemplar o silêncio – era o caso de Maria⁹, que frequentemente argumentava sobre as proposições pedagógicas de nossas leituras e debates com respostas padrões:

“– Isso não dá para fazer lá na minha escola, pois...” não tem recurso, os alunos não querem, os pais não colaboram, ou, a direção não permite.

Subentendidamente, ela também dizia: *quando esse assunto vir à tona em minha escola, eu entro no vidro!* (risos).

8 Nome fictício em homenagem ao meu primeiro aluno (de atendimento educacional especializado no estágio não obrigatório que fiz enquanto cursei a Licenciatura em Pedagogia). Nesta carta, o nome Tiago representa muitos estudantes com quem tive a honra e a felicidade de aprender sobre sexualidade, gênero e afeto.

9 Nome fictício.

Embora acometida pelo ímpeto de querer puxar alguns do vidro, não forcei ninguém a sair, pois percebi que se trata de uma caminhada requerente de decisões autônomas, embasadas em valores que fomentem aos estudantes o significado de dignidade e humanidade.

Freire, considerando a Pedagogia da autonomia, sair do vidro é reflexo da emancipação humana? O ato de não sair seria consequência do medo da liberdade? Por favor não responda! Quero construir minha trajetória para a saída definitiva do vidro refletindo sobre essas questões.

Com carinho e gratidão, Olivia.

REFERÊNCIAS

ROCHA, R. Quando a escola é de vidro. *In*: ROCHA, R. **Este admirável mundo louco**. Ilustrações de Walter Ono. Rio de Janeiro: Salamandra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 144p.

The background is a complex collage. It features several pieces of aged, yellowed paper with handwritten text in cursive. One letter on the left is pinned with a silver pushpin and has the words "thank you for being honest, responsible, gentle" visible. Another letter on the right is also pinned and has "thank you for being honest, responsible, gentle" visible. A portion of a laptop keyboard is visible in the lower-left corner. Dried, light-colored flowers are scattered in the upper corners. The entire image is overlaid with a semi-transparent green filter and various geometric shapes like circles and triangles.

Cristiane Gomes Oliveira Arraes de Almeida

CARTA EM HOMENAGEM A PAULO FREIRE

Prezado Paulo Freire,

Escrevo estas palavras com um grande sentimento que me invade. Ele cresce em meu peito toda vez que penso no saudoso Paulo Freire e me lembro de seus ensinamentos, o sentimento de esperança.

Sim, é estranho pensar em esperança, talvez você leitor esteja pensando, dado o fato de que estou homenageando um homem que já se foi desta vida, e então a palavra deveria ser saudade, pois é o sentimento comum quando perdemos para a morte alguém muito querido, mas não.

Sem dúvida, falo do sentimento que me move e que me impulsiona nestas linhas e em minha vida, a esperança. A esperança de um país melhor para todos, para meus filhos, os seus e daqueles que ainda irão nascer nesta terra, e da necessidade que esta geração tem de esperar.

Em tempos de barbárie, de falsos patriotas, e eu sei que vocês sabem do que estou falando. Paulo Freire, sim, foi um grande patriota que lutou pelo seu povo e foi exilado por defender a educação da nossa gente. Toda a sua jornada de vida e o legado de seus ensinamentos são de uma riqueza ímpar, e nos dá esperança, nos diz que é possível mudar a realidade desumana que é ver e viver injustiças, lidar com a morte e a violência crescentes contra o povo negro e o povo pobre nas cidades e nas favelas, a morte do povo indígena yanomami, isso somente para dar alguns exemplos. Enfim, termos que ver, assistir pelo noticiário ou ver nossos irmãos morrendo e ter que nos acostumarmos com isso.

Vejam bem, sou uma mulher branca, filha de um pedreiro e uma dona de casa. Estou terminando o ensino superior na Baixada Fluminense do Rio. Já levei uma bala perdida, mas, para minha sorte, foi de raspão. Onde moro, às vezes, a violência nos abala, nem de longe sei o que é perder alguém que amo estupidamente pela

violência policial ou pelo crime organizado, mas o que quero dizer é que a realidade da nossa sociedade é feia, e não aguento mais ver e ter que me acostumar com isso.

E com minha revolta vem a ideia de que nunca vou me acostumar a ver que as pessoas ricas deste país preferem cruzar os braços e, simplesmente, explorar a mão de obra barata vasta, se aproveitando da falta de educação, perspectivas, oportunidades e opções, porque é disto que se trata a desigualdade social: se aproveitar da desesperança das pessoas e explorá-las, oferecer pouco em troca de muito trabalho e desdém por acreditar que os pobres têm que ser gratos pelas migalhas que nos jogam de sua mesa farta.

Isso é triste, é feio, corresponde a mais vil forma de humilhação, rebaixar o pobre, o preto, os lgbs, as mulheres, os indígenas, nos rebaixar a todos para que se sintam seres superiores.

Mas você deve estar se perguntando: cadê a esperança de que ela falou no início?! Bem, me desculpem se segui por um caminho sombrio, mas ocorre que a falta de esperança é feia demais, dolorida demais, para deixarmos de lado, é um sofrimento muito profundo ver seus filhos passando fome, ou sem perspectivas de futuro, é dilacerante demais para nós nos acostumarmos com isso.

Quando penso nos meus pais, um baiano e uma carioca, filhos de pais nordestinos e analfabetos... meus pais estudaram até o Ensino Médio e pouco puderam nos oferecer, a meus irmãos e eu. Me dou conta de que o progresso é lento e a estrada fica mais longa ainda quando não se pode contar com os estudos. Dos três eu sou a primeira da minha família a conseguir concluir o ensino superior, só em dezembro, e realizar meu sonho antigo de cursar uma universidade pública... e farei isso depois de três filhos e dos 39 anos.

Mas pude ter a sorte de escolher o curso de Pedagogia, onde conheci Paulo Freire e isso mudou minha vida para melhor.

Eu sempre fui observadora, e após transitar e conhecer diferentes tipos de pessoas que são da classe trabalhadora, mas que ganham salários muito diferentes, e portanto, têm condições financeiras diferentes e conseguem manter suas famílias conforme o que ganham, uns com muita dificuldade, outras nem tanto, pude notar que as diferentes formas de viver e de ler o mundo que os cerca pode ser determinante para a leitura de realidade da sociedade.

Quero dizer que todas as faixas econômicas das pessoas com quem convivi e acompanhei determinam o tipo de esperança que as pessoas têm na vida, mas não necessariamente lhe dá a consciência de lugar no mundo que essa pessoa ocupa na estrutura social. Também pude notar que a individualidade cresce nas pessoas conforme aumenta sua renda e sua qualidade de vida, de forma geral, é claro.

Infelizmente, existem pessoas que, conforme avançam em seus níveis de escolaridade, mais elas perdem a esperança na sociedade e nos governos, mais acreditam que chegaram a ascender em suas vidas apenas pelos seus esforços, e aqueles que não conseguem o fazem por preguiça ou falta de vontade, ou seja, aquelas pensam e tentam ser como os indivíduos da classe dominante, menos elas acreditam que ainda pertencem a classe trabalhadora, por serem médicos, advogados, engenheiros enfim, mais acreditam que estão conseguindo “ficar ricos”. E assim tentam socialmente punir as pessoas que não têm tanta escolaridade quanto elas, assim como Freire nos disse que, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor.

E é aí que entra o papel de uma mulher como eu, uma educadora recém-formada em Pedagogia pela UFRJ. Devo dizer que somos uma classe renovada, advindas depois da expansão da universidade pública nos anos 2000. Nos formamos na Universidade pública e adquirimos nossa consciência de classe com Paulo Freire, leitura obrigatória em nosso currículo de educação no Brasil e no mundo, e finalmente temos a chance de pisar no chão da escola e fazer a diferença sobre esta realidade dura.

A realidade hoje é que o nosso povo tem que saber como a sociedade capitalista funciona e que podemos alterar a realidade que nos cerca com nossas ações, com nossos pensamentos e com a conscientização de nossa classe, de que existe um conflito de interesses e estamos servindo de ferramentas de acúmulo de capital na mão de poucos.

A escola é um ambiente transformador. Ele deve ser tomado como tal por nós, intelectuais orgânicos anônimos, oriundos da classe trabalhadora, mulheres, pretos, indígenas, quilombolas, LGBT, enfim todos nós tradicionalmente excluídos da riqueza e do conforto para vivermos nossas vidas apenas servindo aos outros por muito menos do que merecemos ou precisamos.

Devemos nos unir, e nosso saudoso Paulo Freire nos deixou o tesouro mais importante, a ferramenta essencial necessária na transformação do pensamento do povo brasileiro pobre, a esperança na educação como agente transformadora. Por isso, serei eternamente grata a ele por ter a oportunidade de fazer parte desta luta, a luta pelo direito à dignidade, à vida feliz.

Os jovens dos dias de hoje precisam ter esperança neste país, e precisam saber que esta sociedade, este universo, pode, sim, ser transformado através de sua esperança em um futuro e um presente melhor para si e para todos.

A semente da esperança deve ser plantada nas crianças, regada nos jovens e deve florescer e dar frutos na vida adulta. Talvez se a semeadura do amor e da esperança for bem feita nas crianças da classe trabalhadora através da escola hoje, a colheita nos adultos de amanhã seja o verdadeiro catalisador de uma mudança social significativa e libertadora. Por isso, Paulo Freire é o maior educador que já existiu, pois ele angariou uma legião de intelectuais dispostos a mudar este país para a melhor. E viva Paulo Freire!!!

Rio de Janeiro, 04 de setembro de 2023.

Cristiane.

A collage of vintage letters, a keyboard, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Antônia Maria Prado de Araujo

CARTA PARA PAULO FREIRE

Prezado Paulo Freire,

A oportunidade de escrever-lhe esta carta é um portal que me permite atravessar o tempo, revisitar minha história enquanto aluna e projetar minhas experiências para minha práxis pedagógica, servindo-me dos conhecimentos adquiridos, porém, com estratégias diferentes, e parte disso, graças à criticidade, amorosidade e ações dialógicas sugeridas por você.

É com gratidão e reconhecimento que partilho com você alguns passos dessa caminhada de idas e voltas, de angústias e superações. Sei que gosta de dialogar sobre Educação. Nós, que acompanhamos suas angústias e, obviamente, os êxitos, sabemos que é de suma importância estabelecermos essa interlocução, pontuando, dentro de nossas possibilidades, o que já deu certo e o que está por vir, através de suas contribuições tão valorosas. Conforme dito na obra *Pedagogia da Esperança*, "minha esperança é necessária, mas não suficiente [...] ela só não ganha a luta, mas sem ela a esperança fraqueja e titubeia".

Então, eu fui uma aluna de classe multisseriada, que sofreu com a opressão, especialmente por causa da matemática. Apanhei, literalmente, de palmatória na escola, nas arguições da tabuada. O resultado disso é que até hoje não sei a "casa do 7" e nem a "casa dos 9". Além disso, sofro de um certo bloqueio (não memorizo datas e números de um modo geral).

Contudo, sempre me sobressaí na leitura e na escrita. Mais adiante lhe falarei sobre os pontos positivos dessa afeição.

Quero ainda falar dos "estragos" que o bullying fez em minha vida, quando fui estudar em São Paulo, pelo meu sotaque baiano nordestino. Sou uma pessoa extremamente ansiosa, já sofri depressão e fobia social. Tais agravantes ainda me fazem sofrer muito quando preciso falar em público. De tudo isso e muito mais, pude compreender, de certo modo, o que é salutar e o que pode causar danos na

vida dos estudantes. Claro que com a leitura de suas obras, essas questões se tornam mais claras. Certamente que achar é diferente de pensar. E o seu pensar é uma bússola para a rota certa, é âncora que nos firma no terreno do nosso ofício. Ratifica minhas palavras, entre outros, o seu pensamento: “me movo como educador, primeiro, porque me movo como gente” (Pedagogia da Autonomia).

Ah! Sobre o meu amor pela leitura e pela escrita, não poderei deixar de fazer alguns relatos. Eu comecei a escrever na areia aos dois anos de idade (o que à época, chamava a atenção das pessoas). Recentemente, com mais de sessenta anos de idade, lancei meu primeiro livro: À tona: páginas de areia. Ah! Sim, eu cursei Letras com Literatura, depois dos 40 anos. Fiz especialização em Estudos Linguísticos/Técnicas de Leitura e Produção Textual.

Produzir textos é, para mim, uma questão vital. O dia que eu não escrever é porque eu morri!

Desde minha adolescência, eu era “escriva”, como a personagem do filme Central do Brasil. Eu escrevia cartas para pessoas analfabetas, especialmente para as esposas enviarem aos seus maridos que foram trabalhar na construção de Brasília (os candangos).

Hoje, escrevo cartas como partícipe do projeto Cartas para a Vida. Ademais, sou poeta e membro da Academia Barreirense de Letras. Sou professora emérita da Secretaria Estadual de Educação da Bahia, e prossigo pela trilha condizente... escrevi, escrevo e escreverei.

Ainda tenho muito para lhe contar, Freire querido, mas, especialmente, muito ainda a aprender. Envio em anexo uma outra carta que escrevi para comemorar o seu centenário, um intertexto da carta de São Paulo, que trata da Caridade em relação à Educação segundo suas concepções.

Hoje vou me expressar utilizando o recurso da intertextualidade, haja vista a importância e a correlação das palavras dialógicas e de amorosidade entre São Paulo e Paulo Freire.

Ainda que domines todos os signos linguísticos,

Que conheças as doutrinas científicas e filosóficas,

Se não socializares, serás escriba sem leitor e verbalizador de falácias.

Que a amorosidade seja tua estratégia,

O diálogo teu recurso,

A esperança teu escudo!

Que a Educação saiba ler e escrever o mundo!

E que a escola seja o espaço de todos os passos para a vida inclusiva no contexto de cada indivíduo!

Educação é reciprocidade, não opressão.

É acolhimento e esperança. Não pode ser excludente.

Uma Educação que liberta é constante e nunca há de restringir,

Caso contrário, mestres e estudantes voltarão na contramão do tempo.

Viva a leitura de mundo em todos os idiomas pela linguagem freiriana!

Externo aqui, mais uma vez, minha gratidão por tudo e por tanto!
A sua maneira de pensar tem transformado a Educação no mundo.

Abraços!

Antônia Prado



Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio

A EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO DE TRANSFORMAÇÃO E LIBERTAÇÃO

Caro amigo Paulo Freire,

Estamos tentando voltar “à normalidade” depois de um turbilhão de acontecimentos. Nos últimos quatro anos, vivemos coisas que jamais imaginaríamos, passamos por um desgoverno fascista, racista, homofóbico, genocida que bombardeou nossa Cultura e Educação, inclusive, com ataques a sua pessoa. Como se não bastasse, fomos acometidos por uma pandemia, a COVID-19¹⁰, que tirou a vida de milhares de pessoas em todo o mundo, e, no Brasil, as perdas foram ainda maiores pela falta de políticas públicas que contribuíssem para diminuição dos impactos da doença. Foram tempos difíceis, que deixaram marcas na nossa sociedade.

No pós-pandemia, ainda persistem desigualdades sociais que afetam todos nós e que alargou o abismo entre os mais ricos e os mais pobres. Na educação, aumentou-se a utilização de tecnologias digitais no ensino, a adoção de modelos de ensino híbrido que se tornaram grandes desafios na aprendizagem, desdobrando-se em desigualdades educacionais agravadas. Tornou-se necessário um esforço contínuo de todos nós, educadores e educadoras, para dar conta de tantos desafios. O seu legado é o que tem nos inspirado a continuar a lutar por uma educação transformadora e emancipatória para todos.

Não sei se você se lembra, mas, me tornei educadora na Educação de Jovens e adultos e pesquisadora da área. E tenho nas suas obras um suporte teórico importante para a construção da minha pesquisa.

O seu trabalho com alfabetismo, por exemplo, foi e continua sendo um modelo, uma possibilidade de as pessoas realizarem uma leitura crítica do mundo que as cerca e, consequentemente, de transformá-la. A relação que você estabelece entre o homem e a natureza

10

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

atravessados pela cultura nos permite refletir sobre a compreensão do homem no jogo de suas relações com esses mundos, constituindo e, ao mesmo tempo, sendo constituído em meio à cultura. Por que digo isso? Porque, meu caro amigo, venho observando que as pessoas estão envoltas numa cultura capitalista de massa, pautada na individualidade e na meritocracia, indo na contramão do que seria uma sociedade justa e igualitária e, sobretudo, humanizada.

Conhecendo seus ideais para educação, como algo que não é desvinculado da vida pulsante dos indivíduos e que têm em si um mundo real, exigindo de nós uma atitude crítica, tenho pensado nessas questões e buscado alternativas criativas para minha práxis em sala de aula. Como você mesmo disse, “somente a formação e o desenvolvimento de uma consciência capaz de apreender criticamente as características dessa realidade particular possibilitariam o exercício de sua atuação criadora.” Entendo que o não determinismo sobre o indivíduo é capaz de emancipá-lo a partir de sua conscientização. Para explicar essa possibilidade, você nos apresenta o conceito de inédito viável, se referindo à solução para problemas que estão além das situações-limite. Como algo futuro a ser criado, ou seja, uma realidade que ainda não está posta, mas se configura como um projeto possível e em vias de se realizar. Por isso, o “inédito viável” constitui a força motriz da ação humana para a concretização de uma sociedade idealizada e sonhada, trazendo o *esperançar* para nossas vidas.

Considerando o conceito de inédito viável, nós, educadores e educadoras, devemos criar espaços educativos favorecedores dessa conscientização, para promover uma educação que seja libertadora e emancipatória para os indivíduos que aprendem. Para isso, precisamos considerar os diferentes graus de apreensão, ou seja, os variados níveis de consciência que os homens têm diante da realidade.

Você aponta três níveis de consciência: a primária, a mágica ou a crítica e que a educação deve buscar desenvolver a consciência

crítica por ser ela capaz de rejeitar a passividade e se caracterizar por uma atuação capaz de rever as posições, apresentar uma permanente reflexão, uma busca do rigor do raciocínio, da prática do diálogo com embasamento, o acolhimento ao novo sem a rejeição do antigo, e formas de vida flexíveis, questionadoras, ativas e autênticas. Como essa consciência crítica fez falta nos últimos quatro anos! Às vezes, me pego questionando: onde foi que erramos? Quanto retrocesso! Você acredita que fomos bombardeados por *fake news*, causando desinformação, polarização, prejuízos à reputação de pessoas e instituições, além de influenciar negativamente o processo democrático? Fomos ameaçados por um golpe, acredita?

Você, não sabe, mas, me acompanhou nas discussões sobre educação durante meu curso de mestrado. Nessa oportunidade conheci um teórico que apresenta algumas aproximações com suas ideias. É um pesquisador cubano, chamado Luís Fernando González Rey, teórico da subjetividade, na área da psicologia, que de maneira análoga à sua defende uma educação que se apoie no diálogo e em processos de criação e autoria dos educandos e educandas, como forma de favorecer momentos de produção e implicação subjetiva, superando a educação mecânica e reprodutivista, tão presente ainda hoje na escola.

Refletindo sobre tudo que li, estudei e venho estudando, com o seu auxílio, chego à compreensão de que educar como um ato político não pode se transformar em um simples “jargão” como tantos outros utilizados na educação, nem tampouco fazer parte apenas de uma composição escrita de um texto, é fulcral que a essência desta ideia assumida, por nós educadoras e educadores seja materializada em todas as esferas educativas e na própria inconclusão do homem e de sua constituição histórica.

Lucinete

Brasília, primavera, 2023.



Nívia Barreto dos Anjos

MINHA APROXIMAÇÃO TEÓRICA, METODOLÓGICA, ÉTICA E POLÍTICA COM PAULO FEIRE

Querido Paulo Freire,

Minha aproximação teórica, metodológica, ética e política com você é bem interessante! (E permita-me chamá-lo de você, porque me sinto muito próxima). Eu sempre fui sua fã, porém, como marxista impenitente (termo utilizado por José Paulo Netto), nunca fui sua seguidora. Durante os meus 29 (vinte e nove) anos de formação, sempre utilizei seu pensamento nas dinâmicas de grupo que desenvolvia com os estudantes. Inclusive mandei fazer vários quadros com a frase “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2022a, p. 77) para colocar em todos os quartos da Residência Estudantil do Instituto Federal em que trabalho. E olhe que tive que fazer um projeto muito bem fundamentado para justificar o investimento. Todo início de semestre fazia reunião, quarto a quarto, com os estudantes e eu, a Pedagoga e o Psicólogo, trabalhávamos sua frase, levando os educandos a refletirem sobre a realidade social e a importância da luta por uma sociedade na qual a dignidade humana seja uma prioridade.

Todavia, existia um embate na minha vida, porque eu, enquanto Assistente Social podia “usar” Paulo Freire, porém como acadêmica não. Afinal, você afirmava que “para fazer uma análise de classe[...] os instrumentos de análise marxista foram válidos algumas vezes, **mas agora precisam ser refinados...**” (Freire; Shor; 2021, p. 190 – grifo nosso). Por isso, eu, Assistente Social marxista impenitente, só podia mesmo citar suas lindas frases, jamais aplicá-las na minha vida acadêmica. E olha que eu nem percebi naquela época o quanto eu estava errada. Inclusive a professora Larisse Brito¹¹ (2023) fez um comentário em uma aula de Política Social na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que me fez refletir sobre o seu pensamento:

11

Aula de Política Social, ministrada no curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia, Campus São Lázaro, pela professora doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Larisse Miranda de Brito, em 16/09/2023.

Se tudo que vivemos girasse em torno **apenas** da relação capital X trabalho, uma mulher preta dona dos meios de produção, detentora de capital e/ou pertencente às classes mais altas da nossa sociedade, não continuaria a sofrer racismo. Por isso, sem desconsiderar a análise marxiana de (re) produção do capital, devemos também incluir o debate dos símbolos culturais que forjam relações mais complexas que àquelas reduzidas à área econômica (Brito, 2023, p. 43 – grifo nosso).

Ao ingressar no meu tão sonhado e almejado Doutorado em Serviço Social no Instituto Universitário de Lisboa, não imaginava o tamanho dos obstáculos que iria enfrentar, mas o maior deles talvez tenha sido adentrar aquela biblioteca tão deslumbrante e procurar, sem sucesso, meus escritores favoritos. Então achei um livro bem velhinho no meio daqueles novos... E era a sua *Pedagogia do Oprimido*. Encontrei, também, uns livros de Faleiros e outros de José Paulo Netto. Nas aulas do Doutorado, vocês três eram os únicos autores brasileiros citados (e você bem mais do que os outros).

Comecei então a pesquisar a dimensão política da minha profissão e tomei como referencial teórico quatro autores: Jim Ife (2004), da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, que estuda os três princípios dos Direitos Humanos: - Pós-modernismo; - Prática Anticolonialista; - O pessoal e o político; Dois autores israelenses: Gal, J e Weiss-Gal, I (2014) que abordam sobre os valores e pressupostos da Dimensão Política: - A Prática Política; - Mudança Social; - Envolvimento da Política; E, por fim, a autora portuguesa Graça André (2011) que desenvolve uma tese sobre os objetivos centrais dos Direitos Humanos: - O Respeito pela Dignidade; - A Autodeterminação; - A Justiça Social.

Eles são excelentes escritores, mas a minha saudade do meu Brasil e aquele frio levavam-me ao desânimo. Eu me sentia em um exílio. E você afirma que “No fundo, é muito difícil viver o exílio, conviver com todas as saudades diferentes – a da cidade, a do país,

a das gentes, a de certa esquina, a da comida..." (Freire, 2022b, p. 47). E olhe que o meu, diferente do seu, foi opcional, mas comer bacalhau todo dia é difícil para uma nordestina, imagine entrar no mar e tentar tomar banho em uma água que deixa o corpo dormente de tão gelada, isso em pleno verão. Mas como você argumenta, a saudade não pode virar nostalgia.

Aliviando minha saudade, acabei encontrando você naquela biblioteca em livros escritos na Califórnia e na Inglaterra. Foi muita emoção! A partir deste momento, o meu envolvimento com você passou a ser teórico, ético, metodológico e, principalmente, político. Primeiro, foi estudando uma autora californiana chamada Donna Mertens que percebi que era impossível pesquisar a Dimensão Política do Serviço Social sem me apropriar das suas ideias. Convém destacar que Mertens (2005, 2009, 2018) em três livros vem estudando o Paradigma Transformativo que é baseado na sua *Pedagogia do Oprimido*. Para a autora, o Paradigma Transformativo tem relação com a luta pelos Direitos Humanos, possibilitando a libertação das vozes abafadas dos oprimidos pelas estruturas de classe e pelo neocolonialismo, pela pobreza, sexismo, racismo e homofobia. "O paradigma transformativo fornece um guarda-chuva metafísico com o qual é possível explorar semelhanças nas crenças básicas que fundamentam as abordagens de pesquisa e avaliação que foram rotuladas de teoria crítica, teoria feminista, teoria racial crítica, participativa, inclusiva, baseada em direitos humanos" (Anjos; Amaro, 2023, p. 07). Agora sim, você entrou definitivamente na minha vida acadêmica, e isso fez com que minha estada em Portugal se tornasse mais leve, afinal você estava lá comigo.

Procurei logo escrever e publicar um artigo afirmando que o Paradigma Transformativo era baseado nas suas concepções. A partir deste momento, já não importava mais para mim ser uma marxista impenitente e sim evocar a reflexividade da minha profissão, inclusive percebendo que alguns conceitos marxistas realmente precisam ser refinados. E você dizia que era preciso "reconhecer que a educação,

não sendo a chave, a alavanca da transformação social, é, ainda assim, indispensável à transformação social" (Freire, 2021, p. 39).

Minha orientadora, que é uma estudiosa do seu pensamento, apresentou-me a obra de Margaret Ledwith (2016), famosa autora inglesa que atualmente ensina na Universidade de Cúmbria, na Inglaterra, a disciplina Justiça Social, e costuma afirmar nas suas aulas que você possui um status de ícone entre educadores e trabalhadores culturais que buscam a justiça social, pois você traz uma prática libertadora que gera mudanças. Então descobri definitivamente que não estava mais sozinha em Portugal, eu estava com você: brasileiro, nordestino, educador!

Depois de quase dois anos fora do meu amado país, enfim voltei para fazer minha pesquisa de campo no Brasil. Que delícia: o Nordeste, a Bahia, a família, o povo amoroso, as praias com água quentinha, as comidas deliciosas! E comecei a me retratar com você, estudando profundamente seu pensamento. Descobri que, no grupo de pesquisa do qual participo, um dos líderes é um investigador de suas obras. "Em Freire encontramos uma nova e complexa filosofia da educação. Uma filosofia essencialmente comprometida com a crítica da realidade e a conscientização. Ambas voltadas para o novo, para o futuro, para a esperança" (Moreira, 2021, p. 158). Que maravilha!

Incrível que na leitura dos seus livros, foi possível perceber que posso encaixar seu pensamento nas 9 (nove) categorias que venho estudando em minha tese, porque sua preocupação maior na verdade são os Direitos Humanos. Mas como você afirma que "a malvadez das estruturas socioeconômicas [...] ganha cores mais fortes no Nordeste brasileiro, a dor, a fome (Freire, 2022a, p. 35), e, além disto, que "sonhamos com uma sociedade menos agressiva, menos injusta, menos violenta, mais humana" (Freire, 2022b , p. 67), compreendi a enorme diferença entre a Segurança Pública em Portugal e no Brasil. Na minha segunda semana de pesquisa de campo em uma universidade pública na Bahia, as aulas foram suspensas por uma

semana, porque a guerra do narcotráfico e o confronto com a polícia estavam tão pesados, que os estudantes corriam risco de bala perdida. E eu que tinha vindo daquela universidade pública em Lisboa que possuía aquela biblioteca tão exuberante, só podia diante desta situação parar e refletir em tudo que você escreveu a vida toda. “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico[...] Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica” (Freire, 2022b, p.15). Então eu não podia fraquejar nem titubear, tinha que fazer minha pesquisa. Eu devia isso a você! Afinal você diz que “urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos” (Freire, 2022a, p. 77).

Eu preciso escrever uma tese que retrate a dimensão política do Serviço Social, que trabalhe cada uma das nove categorias centrais dos Direitos Humanos. E por isso, eu só consigo enxergar a boniteza do nosso país, da nossa terra, da minha Bahia e do seu Pernambuco. E as pessoas costumam me dizer: “Você não sente saudades de viver na Europa?” e eu sempre respondo: *Nenhuma, vá para uma fila de um Centro de Saúde lá e aprenda a valorizar o nosso Sistema Único de Saúde, que foi fruto de uma Reforma Sanitária pensada e construída coletivamente, que possui ainda muitos problemas, mas que atende com qualidade aos cidadãos.* Ou então, melhor, *vá pegar um ônibus em Sintra, e veja que no ponto formam-se duas filas, uma dos brancos e outra dos negros.* E por fim eu digo com um sorriso: *Vá estudar Paulo Freire e procurar entender todos os problemas sociais que o mundo enfrenta, fruto de um sistema capitalista desigual e opressor.*

Concluo esta carta, meu amigo, lembrando que demorei tanto para me aproximar de forma teórica, metodológica, ética e política de você, mas agora sou uma das suas mais fiéis discípulas. Assim como você sempre fez, acordo de madrugada para ler os seus livros, tentando recuperar o tempo perdido. E prometo a você que,

quando voltar da minha licença para o Doutorado, trabalharei seu pensamento com os estudantes de uma forma completamente diferente, aplicando na minha prática profissional cada livro que você escreveu. Você é o *icone* entre os pesquisadores que lutam pelos *Direitos Humanos* e também o *Inspirador dos Assistentes Sociais que atuam na Educação Profissional e Tecnológica* (estes são os títulos dos meus dois novos artigos). Sua Pedagogia do Oprimido originou o Paradigma Transformativo, porque o seu pensamento e sua proposta de formação de uma consciência política fazem uma diferença enorme neste mundo permeado por injustiças sociais.

Salvador, 12 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, G. M. Formar Assistentes Sociais para uma Mediação em Direitos Humanos. Lusiadas. *In: Intervenção Social*, Lisboa, n. 38, 2. semestre. 2011.

ANJOS, N. B.; AMARO, M. I. A relevância do paradigma transformativo na contemporaneidade em estudos que envolvem temas sociais. *In: Revista Macambira*, Serrinha-BA, v. 07, n. 01, p. 01-15, 2023.

FREIRE, P. **Direitos Humanos e Educação Libertadora**: Gestão Democrática da Educação Pública na Cidade de São Paulo. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2022b.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 85.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2023.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 15.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2021.

GAL, J.; WEISS-GAL, I. Policy practice in social work: an introduction. GAL, J.; WEISS-GAL, I. (Org.) **Social Workers affecting Social Policy**: an International Perspective. Chicago: University of Chicago Press, 2014. (pp. 1-16)

IFE, J. **Human Rights and Social Work**. Towards Rights-Based Practice. Cambridge: University Press, 2004.

LEDWITH, M. **Community Development in Action**: Putting Freire into Practice. Grã-Betanha. University of Bristol; Policy Press, Chicago. EUA. 2016.

MERTENS, D. M. An Introduction to Research. *In*: MERTENS, D. M. **Research and Evaluation in Education and Psychology**: Integrating Diversity with Quantitative, Qualitative and Mixed Methods. 2. ed. California: Sage Publications, 2005. (p. 01-42).

MERTENS, D. M. **Transformative Research and Evaluation**. New York; London: The Guilford Press, 2009.

MERTENS, D. M. **Mixed Methods Design in Evaluation**. California: Sage Publications, 2018.

MOREIRA, C. F. N. Método Paulo Freire, Trabalho com Grupos e Serviço Social. *In*: SCHEFFER, G.; CLOSS, T.; ZACARIAS, I. (Orgs.). **Serviço Social e Paulo Freire**: Diálogos sobre Educação Popular. Curitiba: Editora CRV, 2021. (p. 157-170)

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall tone is nostalgic and artistic.

Sabrina Gomes dos Santos Costa Leite

ENTRE O MEDO E A OUSADIA

Prezado Paulo Freire,

Escrevo esta carta para contar-lhe que valeu a pena! A sua luta e a luta de tantos outros professores, pesquisadores e estudiosos por uma educação emancipadora e libertária, contribuíram para que eu pudesse escrever esta carta.

"Permita que eu fale não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência é roubar o pouco do bom que vivi" (Emicida, 2019). Esse trecho da música AmarElo, cantada por Emicida, faz referência à desigualdade social. Lamentavelmente, o Brasil continua sendo um dos países mais desiguais do mundo. Essa música foi uma das que mais ouvi durante o período da recente pandemia do novo Coronavírus. Confesso que refutava o gênero musical rap, mas, a leitura de tua obra intitulada *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, foi, para mim, um banho de reflexões, que me permitiu perceber e tentar retirar algumas capas entre as várias que possuo. Capas de negação, preconceitos, hipocrisia e de tantas outras que vestimos diariamente. Tal obra me fez refletir sobre quem eu sou e o que eu desejo. Logo, me permiti e ousei ouvir as músicas que não me imaginaria ouvindo, ler o que eu gostaria e sempre encontrava uma desculpa para não fazer, a aprender a escutar ao invés de apenas ouvir, como você retrata em sua obra.

Paulo, no período da pandemia supracitada, onde milhares de pessoas no Brasil e no mundo sofreram, tive a dor mais dura e feroz em minha vida: a perda de minha mãe Almira. Ainda assim, juntei forças para ajudar a família de um estudante, apoiando-me nas ponderações de sua obra, que diz que não podemos nos fechar ao sofrimento dos estudantes porque a escola lida com gente. Escrevi a história da perda de minha mãe para ajudar aquele estudante a compreender sobre o tema "morte", pois tanto ele quanto sua família estavam sofrendo muito com a morte da avó. E nesse processo fui eu quem mais fui ajudada. Afinal, não somos ilhas, mas sim, sujeitos únicos, com subjetividades, crenças, identidade, cultura e filosofias próprias. Somos diversos e aprendemos uns com os outros.

Na pandemia do novo Coronavírus e também no recente período eleitoral em nosso país, pude perceber o tamanho da distância entre o que falamos e o que fazemos. Bauman (2015, p. 95) nos alertou sobre essa incoerência ao escrever: "Vocês se surpreenderão ao descobrir o tamanho do fosso entre ideais e realidades, palavras e ações". Agora, no período pós-pandemia, estamos frente a uma sociedade cada dia mais doente, ansiosa, deprimida e com pensamento acelerado. Também temos enfrentado o aumento da violência e de outros problemas sociais que afetam diretamente a escola. Afinal, é também na escola onde se refletem as transformações e os problemas da sociedade.

Diante desse cenário, nunca se fez tão necessário a reflexão e a disponibilidade para o diálogo – propósitos que foram marcas do seu legado. Eu, filha de empregada doméstica, atualmente professora efetiva da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), depois de 21 anos de docência, retornei à Academia, onde curso mestrado em Política Pública e Gestão da Educação na Universidade de Brasília (UnB), a qual apenas imaginei fazer parte. Tantas vezes me disseram que aquele lugar não era para mim. E eu acreditei. E quando ousei duvidar, olha aí, eu, em uma das melhores universidades do Brasil, pesquisando sobre educação. E nesse processo penso que posso ser instrumento de luta, em alguma medida, contra a desigualdade social, as relações de poder e os sistemas de opressão, porque me vejo como resultado das lutas de outros que me antecederam.

No presente, pesquisando sobre a gestão democrática e a participação das famílias na tomada de decisões da escola, reconheço que somos uma sociedade jovem na compreensão da democracia e dos espaços democráticos. Temos muito ainda a aprender, pois, a luta por uma educação para todos, em uma perspectiva crítica, com um novo olhar para a sociedade que está em constantes transformações, continua sendo o desafio a ser enfrentado.

Retomando a música supracitada de Emicida, é uma das mais profundas que já ouvi, pois traz a mensagem da compreensão da negação de espaços a muitos sujeitos históricos que tem sido marginalizados e oprimidos. Leandro, o nome verdadeiro do cantor, usa o rap como forma de resistência, luta e engajamento. Por meio de sua arte também tem buscado colaborar para que a realidade seja transformada. Essa música, por exemplo, foi utilizada em uma campanha de prevenção ao suicídio – enfermidade crescente no Brasil e no mundo. Outro trecho da música diz: “Eu sonho mais alto que drones. Combustível do meu tipo? A fome” (Emicida, 2019). Logo, me vem a pergunta: fome de quê?

Em sentido figurado temos fome e pressa. Temos fome de sonhos, de realizações, de dignidade, de saúde, de segurança, de inclusão, de cidadania e de educação. Temos fome, pois somos muitos e diferentes.

Sabemos que somos um país de distâncias físicas, sabemos que temos uma geografia que nos espanta e nos separa em suas imensas distâncias. Mas, o Brasil, não é apenas um país de distâncias materiais, o Brasil é um país de distâncias sociais e de distâncias mentais, de distâncias culturais, de distâncias econômicas e de distâncias raciais (Teixeira, 2009, p. 111).

O Brasil possui desigualdades em várias dimensões e, assim como Teixeira (2009), compreendo o tamanho da responsabilidade dos professores brasileiros e a importância de continuarmos resistindo em prol de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e inclusiva.

São muitas ações a serem desenvolvidas, entre as quais, a valorização dos professores – sujeitos e atores, por vezes, desprezados pela sociedade e pelo Estado e, muitas vezes, responsabilizados pelo fracasso da educação brasileira. Dessa feita, recordo-me de meus professores com carinho: Teresinha, Faruk, Helder e Adriana Melo. Ah! Se eu pudesse, teriam o salário de um deputado e o prestígio de um jogador de futebol. Quem sabe, um dia!

Diante do que tratei nessa carta, considerando o enorme desafio da educação e dos professores deste país, não posso concluir sem agradecê-lo. Obrigada por não desistir, por levantar a bandeira dos oprimidos e servir de instrumento de voz e ação! Obrigada por contribuir para que várias pessoas deste país pudessem também sonhar!

Embora muito seja preciso para reduzir as desigualdades, vários sujeitos desse país e, creio que também do mundo, antes invisibilizados, lograram transformar seus destinos a partir da educação e de oportunidades, inspirando outros a mudar o mundo ou pelo menos seu contexto. Por isso, valeu a pena!

Em tempos de reconstrução da democracia, os verbos odiar e confundir tem sido conjugados diariamente por muitos. Por outro lado, outros tantos, mesmo sem compreender ou aceitar, continuam sendo influenciados pelos ideais e pelas marcas de seu legado. Desse modo, os verbos esperar, ousar, refletir e procurar também continuam sendo conjugados.

Reproduzindo Evaristo (2016, p. 114), em sua obra intitulada *Olhos d'água*: "E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução".

Que possamos continuar buscando soluções entre o medo e a ousadia, de modo a contribuir para a retirada da capa de invisibilidade de muitos e para mudanças no mundo.

Abraços fraternos de gratidão,

Brasília, 01 de outubro de 2023.

REFERÊNCIAS

AMARELO, E. E. Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. 1 CD (48 min 48 seg).

BAUMAN, Z. **A riqueza de poucos beneficia a todos nós?** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Palhas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

TEIXEIRA, A. S. **Educação é um direito**: volume 7. Apresentação: Clarice Nunes. Prefácio: Marlos B. Mendes da Rocha. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (Coleção Anísio Teixeira).

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with a strong greenish-yellow tint.

Aúbe Soares de Queiroz Almeida

**MINHA
PRIMEIRA CARTA
A PAULO FREIRE**

Caríssimo Paulo Freire,

Olá! Sou professora, trabalho com adolescentes em uma escola municipal periférica desta cidade de Barreiras. Escola onde me encontrei e onde já tenho um significativo tempo em que atuo. Sou pedagoga, formada por uma instituição pela qual tenho grande apreço e que foi um divisor de águas em meu percurso profissional e pessoal, a Universidade do Estado da Bahia.

Tenho dois filhos, e como a corujasse se faz presente, são lindos. Daniel tem uma destreza muito boa para desenvolver textos autorais, e Estela está agora descobrindo o mundo das letras. Um mundo que a gente só conhece quando adentra esse universo subjetivo. Para muitos, esse universo impõe algumas barreiras que não os deixam aprender com proficiência.

A carreira no magistério há muito está presente em minha vida. O entusiasmo às vezes se esvai, noutras se reconstrói, e então a experiência vai se firmando como norte, às vezes como refúgio.

Educar necessariamente é um ato de amor. Ser educador não é somente uma escolha profissional, mas também uma escolha de vida. E neste ir e vir educando, a gente aprende e reaprende, numa constante busca por um saber novo, crítico e emancipador. Logo, concordo com você quando diz que,

por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (Freire, 2021, p. 40).

E ainda, agir de forma que sejamos honestos com o nosso pensar e nossa prática. "Nos tornamos responsáveis por aquilo que cativamos". Daí o respeito à diversidade e o cuidado com quem ensinamos e ao mesmo tempo aprendemos.

"A escola é feita de gente". Somos gente. Cada ator que compõe o coletivo da escola tem suas individualidades, suas particularidades, desejos, objetivos. Andamos nos corredores, adentramos as salas de aula, e muitas vezes só passamos. Não olhamos de fato. Não percebemos muitas vezes quem está a nos ouvir.

Outrora, certa vez, em um dos momentos de estágio, fizemos um sarau no qual foi trabalhado um de seus livros, *Pedagogia da Autonomia*. Momento bastante rico e reflexivo. Lembranças se eternizaram entre os que aqui estão e entre outros que já partiram.

Hoje, ao ler um texto no computador, deparei-me com a seguinte citação: "Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino". Curiosidade, palavra-chave para abrir várias portas.

Advém daí a busca...

A porta do conhecimento das coisas do mundo, e das coisas dos livros, das academias, das aprendizagens formais. Enfim, a curiosidade tem me movido a buscar. E quanto mais o tempo passa, me dou conta de que há muito a se desvelar, conhecer e viver.

Coaduno com seu pensamento quando afirma,

que a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (Freire, 2021, p. 43).

Ser educador na atualidade requer, além desse saber dos livros, o saber da empatia. Precisamos ter empatia. Nos colocarmos no lugar do outro e perseverar na busca por mediar nosso objeto tão almejado, o ensino e a aprendizagem de nossos alunos, de

forma que, além do aprendizado dos livros, nós os ajudemos no aprendizado da vida.

Logo, como você mesmo diz,

é exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (Freire, 2021, p. 52).

“Amorosamente acrescento”, que com todas as dificuldades, incertezas, cobranças e labutas diárias, precisamos sorrir e contagiar nossos estudantes, mostrando que estudar muitas vezes parece ser um processo doloroso, mas que o ato de conhecer é fantástico. Esse pensamento é ratificado em sua fala, assim disposto:

A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. (Freire, 2021, p. 64).

Despeço-me aqui.

Carinhosamente, Aúbe Soares

Barreiras (BA), 02 de outubro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.



Emilly Monteiro de Alcântara Silva

TECENDO CONEXÕES:
UMA CARTA REFLEXIVA
A PAULO FREIRE SOBRE DIÁLOGO
E CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Estimado Paulo Freire,

Escrevo esta carta muito esperançosa, mas também pensativa sobre a realidade, o presente e futuro da educação na nossa sociedade. Durante a minha jornada na graduação do curso de Pedagogia, pude experienciar três estágios diferentes e digo com convicção que todos me marcaram e deixaram ensinamentos, daqueles que só a prática é capaz de proporcionar.

O último estágio que realizei foi nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Admito que estar em uma sala de aula com 30 crianças de 7 anos de idade, na posição de regente, me fez refletir muito enquanto futura pedagoga e também enquanto humana. Foi desde a primeira semana de estágio que comecei a me questionar: Como pode haver aprendizagem e conscientização sem diálogo, sem escuta e sem afetividade? De que maneira os sujeitos poderão sentir-se seguros, acolhidos e capazes de aprender e atuar no mundo se a educação não lhes dá espaço para a autonomia, o erro, a expressão?

Assim, foi com base no viés de uma educação pautada no diálogo, na escuta e na afetividade que as indagações foram surgindo em minha mente, perguntei-me tais coisas, pois vi nitidamente a pureza, o desejo de saber e de ser escutada em cada criança que pude conviver dentro da sala de aula. É nesse sentido que reforço aqui o que traz em seus ensinamentos, que já tive, felizmente, o prazer de ler em algumas obras. Nesta carta, em nome de uma educação orientada para a autonomia, agradeço a você e clamo juntamente por uma relação humana dialógica, que possibilite ao educando identidade e confiança em ser quem se é, de saber ouvir, falar e aprender em comunhão.

Sem dúvidas, uma aprendizagem que o estágio juntamente com estudos e pesquisas me proporcionou foi o meu reconhecimento enquanto sujeito histórico. Observei-me em uma constante busca de ser mais e cada vez melhor, reconhecendo erros e acertos com humildade e autonomia. Como você afirmou "Gosto de ser

gente, porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo" (Freire, 2018, p. 52). Diante dessa perspectiva, compreendi que só serei capaz de praticar a pedagogia que defendo, entendendo e reconhecendo a pedagoga que sou e quero ser.

Desde então, ao me entender como ser histórico, compreendo também o outro da mesma forma, aí está a boniteza de ser gente. "Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim, uma prática em tudo coerente com este saber." (Freire, 2018, p. 59-60). É desta forma que o diálogo, a escuta e a afetividade se fazem presentes. Não podemos ignorar a educação como uma prática humana, é preciso validar os sentimentos, as emoções, os desejos e os sonhos, é preciso alma e também o rigor necessário para ser uma profissional competente (Freire, 2018). Acredito que seja uma questão de equilíbrio, não é mesmo?

Assim, para estar presente por completo em uma sala de aula, compreendi que preciso me desprender de preconceitos, permitir ser humana e agir com compaixão com aqueles que me cercam, seja com crianças, jovens, adultos ou idosos. Pois, de toda forma, "o nosso trabalho é um trabalho realizado com gente" (Freire, 2018, p. 141). É nesse sentido que afirmo que uma educação humanizada não é um despropósito, muito pelo contrário, ela é capaz de provocar mudanças, de trazer liberdade ao que está preso, de dar movimento ao que está inerte, de dar vida ao que se encontra morto.

Ademais, eu não poderia deixar de conversar com você sobre as dificuldades da nossa sociedade contemporânea, provida de uma educação bancária, focada no tecnicismo, alienação e consequente silenciamento das vozes do povo, somada também a uma desvalorização do corpo docente. Mas, digo que, apesar das dificuldades e angústias que vêm devastando os professores nos mais diversos lugares, seguimos conquistando melhorias, passando por transformações e lutando por aquilo que acreditamos:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu” submetido às prescrições alheias (Freire, 1999, p. 97 e 98).

Nesse sentido, imagino que querer bem ao outro é desejar que o conhecimento e a conscientização do mundo lhe seja possível, que as pessoas possam potencializar as suas identidades ao invés de apagá-las. Acredito, também, que por vir de uma família repleta de professores considero essa educação humanizada como primordial, de modo que desperte criticidade e autonomia nos sujeitos, que lhes permita expressão sem ferir o direito do outro.

Por fim, acho válido ressaltar ainda nesta carta que, ao estar próxima de alguns profissionais da educação em escolas e até mesmo nas universidades, percebo que muitos encontram-se estagnados, sem força para continuar temendo o futuro e com receio do agora. De certa forma, me encontro um pouco preocupada, mas, como sempre fiz, procuro seguir minha intuição e ver o mundo não somente por uma perspectiva, mas pelas várias que possui. Sei que se considera uma pessoa que gosta de viver a vida intensamente, e assim também pretendo ser. Como diria Gal Costa na letra escrita por Caetano Veloso “É preciso estar atento e forte. Não temos tempo de temer a morte!”. Desta maneira, imagino que o diálogo, a escuta e a afetividade podem desempenhar um papel crucial nas nossas vidas. É nas trocas, nos olhares, nas conexões que aprendemos e nos permitimos crescer e ser quem somos.

Irecê (BA), 13 de junho de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIL, G.; VELOSO, C. **Divino Maravilhoso**. Gravado por Gal Costa. Rio de Janeiro: Philips, 1968. Gravação em LP.

A collage of vintage letters, envelopes, and a keyboard with a green tint. The letters are scattered across the frame, some open and some closed. One letter in the bottom right corner is signed 'Rebecca'. Another letter in the top left corner has the words 'thank you for being honest, gentle, responsible, and again - forever'. A keyboard is visible in the bottom left corner. A small heart-shaped stamp is on an envelope in the top right. A pen is on an envelope in the bottom right. A small round object, possibly a button or a stamp, is in the center. The overall image has a green tint and a collage-like appearance.

Eliara Marli Rosa

CARTA A QUEM OUSA ESPERANÇAR

Estimado Paulo Freire,

O ano é 2023. Com muita alegria escrevo esta carta a quem ousa esperar. Escrever uma carta a Paulo Freire, autor de pensamento crítico, elevada estima e consideração, é uma proposta interessante, no entanto um desafio contemporâneo com algumas indagações: o que escrever? Em que poderá contribuir a escrita de uma carta pedagógica freireana na atualidade?

Esta carta, escrita a quem ousa esperar, nos conduz a um movimento de reflexão e diálogo. Um diálogo de esperança no sentido do verbo esperar; visto que nos ajuda a encontrar solução para os desafios, a construir pontes, gerar utopias e sonhos. Nesse movimento reflexivo e dialógico, você, Freire, é o maior e melhor exemplo inspirador de sonhos e esperanças, que nos leva a repensar todo o movimento e processo, sobretudo, os últimos cinco anos de desconstruções das políticas públicas nacionais, de maneira especial, às educacionais.

Assim sendo, externamos a importância do legado incomensurável de inspirações pedagógicas freireanas deixadas no campo das Ciências Humanas e Sociais que contribuíram e acompanharam todo o percurso de minha trajetória profissional na área da Educação. Trajetória marcada por muitas idas e vindas, chegadas e partidas, além de inúmeros desafios, muitos deles, até difíceis de imaginar. Desafios, - a quem ousa esperar -, contra discrepantes traços e diferentes formas de discriminação e opressão. No entanto, Freire, mesmo em meio aos desafios e adversidades, os meus pés percorreram caminhos que me despertaram a esse movimento, contextualizado pelas leituras de suas produções, suas práticas e experiências que questionam e contestam os sistemas de opressão.

Desse modo, evidenciamos a relevância desse movimento como processo de ação contínua e prolongada que expressa a oportunidade de ousar esperar a educação popular como prática de liberdade e concretude da realidade vivida, tendo em vista

que, enquanto “necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (Freire, 2011, p. 15). Nesse aspecto, a pedagogia freireana demonstrou ser um dos caminhos viáveis de ações contra as mais diversas formas de opressão e validou o estabelecimento do amor e da esperança como subsídios essenciais da vida social como prática de liberdade. Mas, a quem serve e para quem interessa a educação popular como prática de liberdade? Qual a importância da pedagogia freireana na atualidade?

Nessa linha de pensamento, as experiências vividas e vivenciadas na área da educação, inspiradas em sua pedagogia, Freire, nos deixaram muitas marcas, compreensões e incompreensões, lembranças encantadoras pautadas no chão da educação do campo e da cidade, compromissada com a educação popular como prática de liberdade em defesa da democracia e da vida, especialmente dos mais fragilizados e excluídos, cultural e socialmente. Essa sua pedagogia, nos leva a pensar um mundo melhor, ousar e sonhar, ir muito além; e, nesse movimento, esperar um outro propósito pedagógico, ou seja, uma educação freireana comprometida com a vida e com a existência humana.

Durante esse trilhar, tendo como foco os valores e princípios universais e como meta os ideais freireanos, os meus pés me conduziram a muitas formações em que aprendemos que, na práxis, a educação popular como prática de liberdade é um caminho viável para vislumbrarmos aprendizados de resistência e reexistência em prol do bem viver e do bem comum, além de estimular “[...] a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade” (Freire, 2015, p. 118).

Em se tratando de itinerário formativo, admito que ainda pulsa forte em meu coração, os momentos decorrentes desse processo de imersão na pedagogia freireana, experienciados durante o decorrer do projeto referente ao programa de Educação e Cidadania desenvolvido junto à Escola Sindical - São Paulo e Escola Sindical

7 de outubro em Belo Horizonte - Minas Gerais. Deprendemos dessa valiosa experiência que, a educação popular, presente na raiz desse seu legado, nos remete ao currículo enquanto percurso dessa bela trajetória que é a própria vida e a realidade do cotidiano. Experiência profunda que possibilitou e, ainda, possibilita admirar a beleza da vida e do mundo, a "abertura ao diálogo e o gosto da convivência com o diferente" (Freire, 2000, p. 20).

Durante esse percurso, Freire, sentimos muito presente, sua força e garra, ao pisar e trilhar o chão do projeto: Educação e Cidadania - Projeto SEMEAR -, durante o programa de educação e cidadania para a formação de trabalhadores rurais com promoção da cidadania, desenvolvimento sustentável e solidariedade no campo, com a oportunidade da elevação de escolaridade (ensino fundamental), acompanhado de práticas e aprofundamento profissional, além do alento da pedagogia freireana, motivando-nos a esperar como protagonistas defensores da educação libertadora, em que a educação e cidadania acontecem na práxis da vivência em situações reais por meio da educação popular - na cidade e no campo -, organização de movimentos de associação de bairro com participação social e programas de políticas públicas e geração de trabalho e renda em prol da elaboração e desenvolvimento de projetos de interesses da comunidade local, voltados para a economia solidária e geração de trabalho e renda. Eis aí a marca da pedagogia freireana e da educação popular com sentido e propósito de vida!

Para além dessas experiências, novos percursos, sempre trilhados em sua companhia, Freire, por meio de estudos e leituras de suas obras que nos levaram a sentir o movimento de suas palavras e contextualizações pedagógicas, argumentos da práxis libertadora em busca da humanização, sentido e significado à vocação ontológica do ser. Nesse percurso, outros chãos: Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação Casa), Educação nas prisões/Sistema Prisional em Unidades Prisionais; Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs/SP); Conservatórios Musicais,

Escolas de Ensino Fundamental e Médio; Escola de Tempo Integral; Escola do Programa Ensino Integral (PEI) e Faculdade.

Assim sendo, em um exercício dinâmico à imagem e semelhança de Jesus, a sua pedagogia, Freire, sempre esteve presente motivando nossos primeiros passos de aproximação ao evangelho de Jesus inserido na realidade social. Desse modo, Freire, - a seu exemplo e inspiração -, os meus pés experienciaram essa aproximação ao evangelho de Jesus inserido na realidade social, bem como a identidade e carisma missionário, seguindo o modelo de intimidade itinerante do próprio Jesus Cristo às periferias da existência e existenciais: a *Igreja "em saída"* (EG, n. 46), proposta pelo Papa Francisco.

Inspirada na pedagogia freireana, outro propósito: a Leitura Popular da Bíblia. A partir desse propósito, outro percurso: Curso de Pós-Graduação, especialização em Pedagogia Catequética, área do conhecimento - Teologia. Nesse movimento e percurso, os meus pés pisaram em muitos outros lugares, os quais almejam novos ares a desbravar outras terras, rios e mares, contando com a fonte e originalidade da Leitura Popular da Bíblia (LPB), na perspectiva metodológica e em diálogo com a educação popular libertadora como prática de liberdade, junto ao Centro de Estudos Bíblicos (CEBI): "onde pisam os pés, pensa a cabeça e ama o coração", com o "povo em luta, ocupando a Bíblia, sonhando em mutirão!"

No campo das investigações acadêmicas, a ousadia corajosa de dialogar contigo, Freire, e trilhar o movimento do "exercício pensante, apropriando-se da significação mais profunda do objeto" (Freire, 1998, p. 7), de modo a ressignificar a realidade atual presente enquanto se dialoga com o passado e o futuro, a partir das leituras e interpretação de textos bíblicos, de cada letra e palavra, em seus diversos e variados contextos relacionados à Educação e à Iniciação à Vida Cristã. Nesse constante movimento, outros percursos e experiências pessoais, profissionais e acadêmicas com publicações de trabalhos e artigos em revistas, participação e apresentação de trabalhos em Congressos, no Brasil e no Exterior.

Assim sendo, Freire, à luz de suas valiosas contribuições como prática de libertação, permeada por ações contra as formas de opressão e discriminação, tendo como elementos centrais o amor e a preocupação com uma pedagogia que, efetivamente dê sentido e significado à vida; sinto-me, hoje, sustentada por sua proposta metodológica de natureza crítico-dialógica, firmada epistemologicamente na sua concepção de educação, especialmente a educação popular freireana. Sinto-me, ainda, resiliente por e para superar os conflitos nas relações sociais e os ataques à democracia, tais como os vivenciados nos últimos cinco anos.

O seu método, Freire, pautado em vivência prática-pedagógica, histórica e social, além de política, frente ao seu compromisso com os mais vulneráveis, empobrecidos e excluídos, dentre outros; firmado como legado de tuas escritas, muito tem contribuído com a educação popular libertadora que fomenta outros espaços emancipatórios de participação social.

Nesse diapasão, a educação desempenha um papel significativo, uma vez que vislumbra o esperar de uma outra realidade, especialmente dos mais vulneráveis e excluídos. Tal compreensão perpassa, essencialmente pela formação humanizadora, tendo em vista que precisamos lembrar que, para reinventar a nossa existência e reescrever uma outra história, faz-se necessário ressignificar nossas práticas na construção de uma educação humanizadora.

Para tanto, um mundo melhor requer outras práticas educacionais que respeite, necessariamente o saber popular e outros saberes, como o científico, bem como a valorização da comunidade, dos espaços de escuta, diálogo e integração, tendo em vista a importância do respeito ao contexto cultural e ao saber popular que "implica necessariamente o respeito ao contexto cultural [...]" (Freire, 1992, p. 86).

Comungamos contigo, Freire: a educação necessita provocar outras mudanças. Para tanto, devemos “viabilizar os sonhos que parecem impossíveis” (Freire, 1991, p. 126). Essa é a educação popular como prática de liberdade que interessa ao setor popular, aos mais pobres, mais vulneráveis e mais excluídos - cultural e socialmente. No entanto, o maior desafio é a prática de uma pedagogia em uma dimensão mais humanizadora, pois como você mesmo sugere: “Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora” (Freire, 2013, p. 77). Assim nasceu e firmou o nosso compromisso por uma educação popular freireana em favor e defesa da democracia, da vida e do respeito à dignidade humana.

Para finalizar, Freire, encerro este diálogo com um trecho da carta freireana “Educação e Evangelho” (1977), escrita para jovens seminaristas alemães: “Costumo dizer que, independentemente da posição cristã em que sempre procurei estar, Cristo seria, como é, para mim, um exemplo de Pedagogo”. Posto isto, reafirmamos a importância de seu exemplo para a construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária. Utópica? Compromissada com um legado de amor, (auto)cuidado e respeito ao próximo, a exemplo de Jesus, especialmente em tempos de obscurantismos contemporâneos.

Por fim, nossa gratidão por sua inestimável contribuição e uma práxis pedagógica freireana universal e humanizadora! Nossas saudações fraternas, Freire!

Presidente Venceslau/SP, 22 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. **A Alegria do Evangelho**. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola: 2013.

FREIRE, P. **Educação e Evangelho**. Carta para jovens seminaristas alemães, texto datilografado, 1977.

FREIRE, P. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos/Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 55.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Política e educação**. Organização Ana Maria de Araújo Freire. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 9.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.



Kaonny Rodrigues da Silva

CARTA ABERTA DE DIÁLOGO E REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Caro Paulo Freire,

Espero que esta carta o encontre bem e que esteja apreciando a continuação de seu legado como educador e pensador progressista. Me apresento aqui como graduanda do 7º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - Campus XVI - Irecê (BA). Me chamo Kaonny Rodrigues da Silva, tenho 21 anos e, como eu costumo dizer, caí de paraquedas na educação, para ser mais específica, na Pedagogia.

Recentemente, tive a oportunidade de realizar o estágio nos anos iniciais, sendo este o meu terceiro e último estágio do curso, a turma foi 4º ano da pré-adolescência e gostaria de compartilhar minhas reflexões e experiências com você.

Antes de tudo, devo expressar minha profunda gratidão por sua abordagem revolucionária da educação, que tem sido uma fonte constante de inspiração para mim. Durante meu estágio, pude experimentar em primeira mão a importância de uma educação libertadora e centrada no aluno. Suas ideias sobre a pedagogia do oprimido e a conscientização foram fundamentais para moldar minha abordagem como estagiária.

Nos anos iniciais, percebi a importância de criar um ambiente acolhedor e estimulante, mesmo quando me senti insegura ao me ver como a professora de 32 alunos, responsável por mediá-los. Tive medos e inseguranças quando me deparei com situações novas e inesperadas naquele ambiente, mas em outros momentos me senti orgulhosa e grata por saber que os alunos se sentiram seguros para explorar e expressar suas ideias e também pelo apoio e carinho que passaram em cada momento.

Acredito que o processo educacional não deve ser uma mera transmissão de conhecimento, mas sim um diálogo autêntico e crítico entre professor e aluno. Ao valorizar as experiências prévias das crianças e incentivá-las a refletir sobre seu próprio mundo,

poder ajudá-las a desenvolver uma consciência crítica e a se tornarem agentes de transformação.

Durante meu estágio, também me deparei com os desafios enfrentados pelos professores nos anos iniciais. A falta de recursos adequados, a grande quantidade de alunos por turma e as demandas burocráticas podem parecer obstáculos intransponíveis. Algo que me incomodou muito foi a saída de alguns alunos para realização de oficinas com outros professores, isso prejudicou a forma de ensino/aprendizagem que levei nos planejamentos.

No entanto, suas palavras ressoaram em minha mente quando me senti desencorajado: “A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo.” Com essa citação como guia, busquei encontrar soluções criativas e adaptar as estratégias pedagógicas para atender às necessidades dos alunos.

Uma das lições mais valiosas que aprendi durante meu estágio foi a importância do diálogo genuíno com os alunos. Ao ouvir suas vozes e perspectivas, pude me conectar verdadeiramente com eles e compreender suas necessidades individuais. Descobri que, ao construir um relacionamento de confiança com os alunos, pude promover um ambiente de aprendizagem significativo e inclusivo.

Além disso, percebi que a colaboração com os colegas de trabalho é fundamental para o sucesso na educação. Compartilhar experiências, estratégias e recursos com outros professores me permitiu expandir meu conhecimento e enriquecer minhas práticas pedagógicas. O trabalho em equipe e a troca de ideias são elementos essenciais para a construção de uma educação transformadora. Foi uma troca de experiências simultâneas entre regente, colegas de turma que também estavam na mesma escola, com professoras da faculdade, com funcionários em geral e principalmente com eles, nossos alunos, nossa futura geração.

Paulo Freire, sua visão revolucionária da educação continua a inspirar e orientar educadores em todo o mundo e eu sou uma dessas pessoas que ver a educação por outra ótica, com esperança de que estamos caminhando para um futuro melhor. Seu compromisso com a justiça social, a igualdade e a emancipação dos oprimidos é um farol de esperança em um mundo que muitas vezes parece desigual e desumano. Sua crença na capacidade humana de transformar a si mesma e ao mundo é um lembrete poderoso de que, como educadores, temos um papel fundamental na construção de um futuro, um futuro próximo, o nosso amanhã. Me sinto na abertura de dizer que esperar é papel do pedagogo. Notamos cotidianamente a alegria, a criatividade no olhar dessas crianças e na certeza de que o amanhã traz grandes avanços. As crianças e adolescentes sabem e querem aprender e nós como pedagogos devemos instigá-los a ir cada dia mais longe.

A collage of vintage letters, a keyboard, and dried flowers with a green tint. The letters are scattered across the image, some showing handwritten text. A keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. A green circular shape is in the upper center.

Elisângela dos Santos Clementino

**CARTA
DE SIGNIFICAÇÃO
AO NOSSO QUERIDO
PAULO FREIRE!**

Prezado Paulo Freire,

Olá! Muito bom estar escrevendo essa carta para você. Sou de uma família de piauienses. Meus pais vieram para Brasília, na década de 70, na época da construção da capital federal. Somos seis irmãos, sendo 4 mulheres e 2 homens. Sou a caçula das mulheres, fui criada pela minha avó materna Adília, no sul do estado do Piauí na cidade de Bom Jesus, com quem aprendi os valores da vida e a vontade de crescer em sabedoria e graça, bem como avançar nos estudos.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por esta oportunidade de vida e a todos os meus colegas de magistério, do curso de Pedagogia, de Letras e das pós-graduações cursadas por mim, em especial, pelos ensinamentos que tivemos na educação com a leitura e discussão de suas obras.

Cursei o magistério à noite, enquanto trabalhava durante o dia no comércio. Nesse período, final da década de 90, tinha professores que indicavam seus livros para produção de fichas de leitura, bem como redação de pequenos textos. Foi paixão à primeira vista. Meus cadernos continham comentários e avaliação crítica de escritores, poetas e filósofos que passei a ler depois das suas leituras.

Deixe-me compartilhar com você que hoje sou professora de educação básica da rede pública contando com vinte e três anos dedicados nesta área. No momento me encontro afastada para estudos, devido estar cursando um mestrado para fortalecer o órgão público em que trabalho, pois um órgão público com servidor capacitado tem mais condições de crescer e avançar na melhoria da prestação dos seus serviços.

Estou no processo de escrita da minha dissertação e acredito que terei maior compreensão e desenvoltura no campo universitário por meio do estudo, da reflexão e crítica, dos subsídios teóricos-metodológicos e das demandas atuais da educação brasileira em que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende.

As linhas de pesquisas que participo são: GEPPESP- Grupo de Estudos e Pesquisa Profissão, Docentes: Formação, Saberes e Práticas e a ETEC- Educação, Tecnologias e Comunicação, no momento estou estudando sobre a Inteligência Artificial na Educação. E todos os meus professores têm apreço e admiração por você e pelo seu trabalho. Você está no cronograma das atividades do semestre e nos planos de curso da nossa Faculdade de Educação.

Segundo Freire (2001), ninguém escreve se não escrever, é preciso começar a escrita da dissertação com objetivos a alcançar para obter um bom êxito e avançar.

No panorama mundial há temas específicos, como educação, saúde, emprego e proteção ambiental que devem ser discutidos pois tem causado impactos e capacidades extraordinárias com o uso da IA. Se você estivesse por aqui, teria como ajudar com suas análises críticas e sua prática.

Agora como recurso mais recente acessado pelos alunos e professores do mundo inteiro, tenho que te avisar que temos o ChatGPT, que é uma ferramenta com a capacidade de responder e elaborar textos complexos e bem articulados. Bem preocupante para nós professores, pois o uso frequente dessa ferramenta pode inibir o desenvolvimento do pensamento crítico, bem como a capacidade de argumentação dos mesmos.

Fico pensando que no ritmo que estamos caminhando cada dia mais nossos estudantes se preparam menos e a formação fica falha com poucas experiências, são muitas dificuldades materiais e dependência dos outros. Precisamos parar de vitimismo e buscar ocupar nossos espaços sociais, ressignificar os marcadores sociais e trabalhar junto em prol da comunidade

Acredito que o desenvolvimento da inteligência artificial na nossa sociedade e o acesso a ela para gerar a escrita e parte do conteúdo de textos possa ocorrer desde que seja um auxílio para

fazer uma pesquisa, analisar conteúdos e interagir com a IA para formar o pensamento.

Em relação ao meu processo de raciocínio lógico tenho evoluído com o estudo de disciplinas que ampliam mais os meus pensamentos, o conhecimento em relação a teorias e práticas pedagógicas, sinto que tenho muito a aprender, como você sempre fala.

Penso que, em relação ao que preciso adquirir, aperfeiçoar na escrita e na parte de conteúdo gerado pela IA, a tendência é agir sobre a produção gerada, realizando ajustes ao meu estilo de forma que personalize o trabalho.

Não gostaria de julgar ninguém, mas tenho a impressão que muitos dos estudantes do ensino fundamental, do ensino médio e da graduação fazem uso da IA, da pós-graduação ainda tenho dúvidas se fazem uso da inteligência artificial, pois muitos tem ainda uma visão tradicional. Precisam perceber que vivenciamos uma nova fase da humanidade, que não pode ser ignorada.

Relembremos que o contexto situacional do ano de 2020 nos trouxe uma pandemia em que aconteceu a oferta de conteúdos pedagógicos de forma remota aos estudantes da rede pública e privada do Distrito Federal, dos demais estados e do mundo. A tecnologia como forma de acesso à educação por parte de muitos, com ela conseguimos atuar e competências foram adquiridas nesse processo.

Quero pontuar a realização de cursos nesse período: produção de material didático, GSuite e *moodle* online. Todos disponibilizados pela nossa Escola de Aperfeiçoamento dos Professores que foram o pontapé na nossa formação. Tivemos que nos adaptar a tecnologia. Estava atuando na coordenação pedagógica e o protagonismo dos professores foi marcante, bem como a atuação na escola pública nesse processo que vivemos.

Agora, pensando no curso de formação vigente, o que levanto de dilemas sobre a prática da assistência da IA para a escrita e conteúdo de produções científicas são os questionamentos éticos, sociais e morais quanto ao seu uso que devem ser lembrados constantemente.

Imagino que virão mais mudanças na educação e que no futuro pode permanecer ou ser alterada em relação aos projetos de pesquisa, às dissertações e as teses de doutorado, considerando a potência da IA para gerar integralmente o texto escrito. Vamos aguardar as cenas dos próximos capítulos. Sigamos confiantes!!

É importante colocar que a relação entre aprendiz e o ensinante é um trabalho coletivo pois envolve duas partes: o trabalho do ensinante, de um lado, e de um aprendiz do outro. A parceria desses sujeitos faz a diferença na escola e no mundo. Como gostaria que as pessoas entendessem a necessidade dessa parceria!

Sugiro como iniciativas coletivas para todos nós professores um canal de troca, de rede de aprendizagem como: debates, congressos, produção de textos, produção de filmes, vídeos, propagandas, blog coletivo com experiências vividas, mobilização dos estudantes na comunidade escolar, etc. Você nos ensinou a acreditar que só por meio da educação as mudanças acontecem. "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Freire, 2000, p. 67). E ainda vai além. "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Freire, 2004). E assim vamos fazendo a diferença.

Para finalizar deixo aqui as minhas considerações de apreço e vontade de aprender em mais um percurso desta trajetória na coletividade e com cada um na sua individualidade. Trabalhar da melhor forma possível. Vencer na vida, admitindo que não sabemos de nada. E que possam surgir mais Paulos Freires em nossa vida.

Abraços!!!

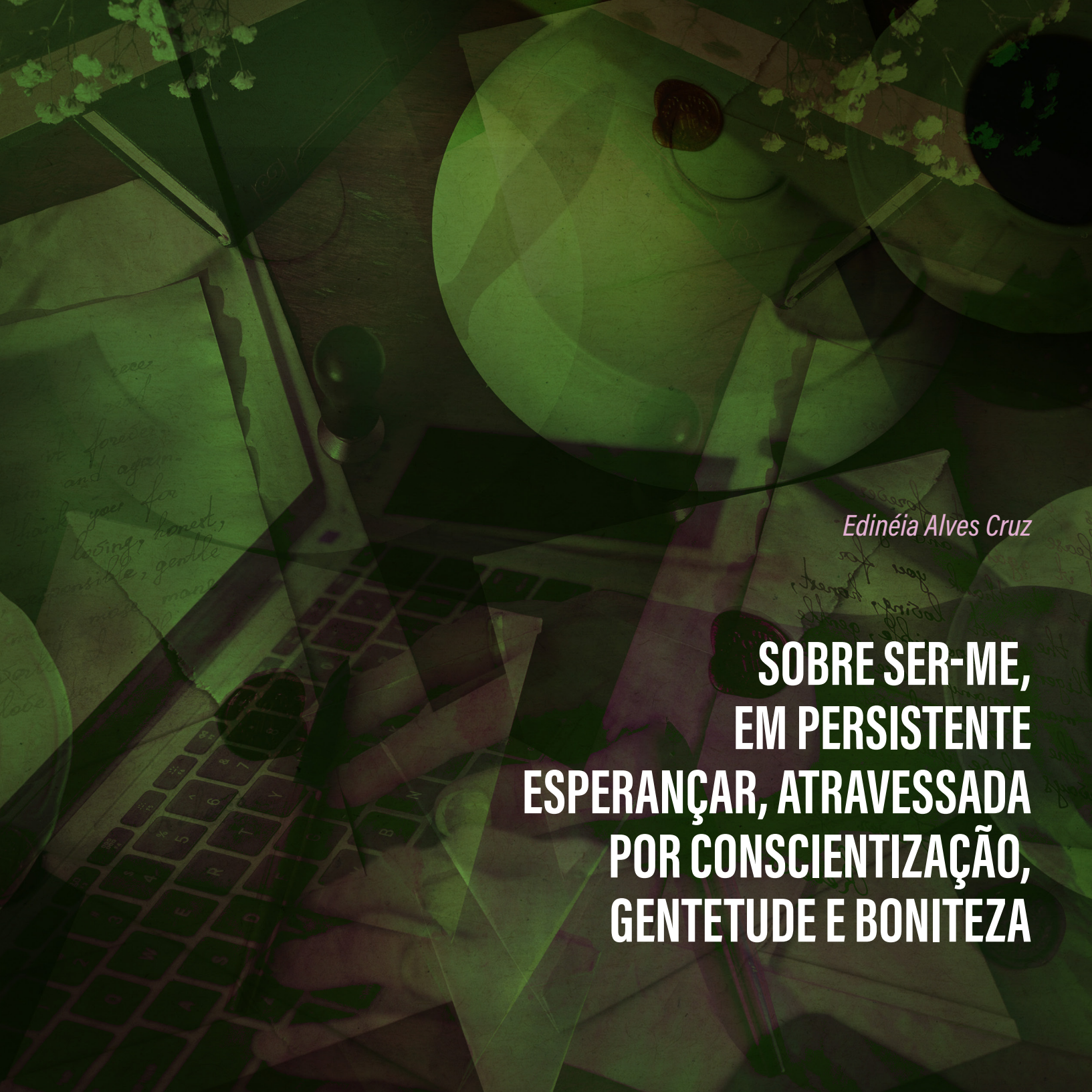
Ceilândia, 02 de outubro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire. Freire aos professores: ensinar, aprender- leitura de mundo, leitura da palavra. *In: Estudos avançados*. São Paulo, v. 15. n.42. p. 259-268, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.



Edinéia Alves Cruz

**SOBRE SER-ME,
EM PERSISTENTE
ESPERANÇAR, ATRAVESSADA
POR CONSCIENTIZAÇÃO,
GENTETUDE E BONITEZA**

Querido Senhor Paulo Freire,

Por questões de criação, não me sinto à vontade para lhe chamar senão erguendo ante seu nome o pronome Senhor. Lá no interiorzinho de Minas Gerais, aprendi desde cedo a sorver sabedoria e experiência da convivência com os que abriram caminhos por onde eu pudesse avistar o horizonte de meus sonhos. Cresci concebendo Senhor e Senhora como chamamentos preciosos demais para serem gastos ao léu. Sigo valendo-me deles como bandeira honrosa, marcador de respeito e admiração que não cabem em limites. Vertido em Seu, Senhor marca também ternura, vínculo reconhecido de humanidade.

Escrevo-lhe, então, Seu Paulo, para juntar minhas mãos cheirando à terra às suas. Para desfiarmos juntos a linha de pensamento que interliga os sentidos dos saberes ora concebido ora como chão, ora como abraço, para acolher meus passos. Inspiro-me em ti para colorir de persistência o esperar, enquanto me constituo nas convivências e escrevivências Educadora do Campo e autora de mim. Estou enraizada num cotidiano cheio tão cheio de possibilidades quanto de contradições. E elas são de tantas naturezas. Ai de mim se não pudesse nutrir os anseios de transformação que me movem das significações de conscientização, gentetude e boniteza. Há nessas palavras, assim como em esperar, essencialidade epistemológica singular. Sorvo-a com atenta curiosidade da fundura de sua obra e trajetória, para servi-la na mesa que circundo com meus pares de vida em trabalho. Em comunidade, entusiasmados, comungamos utopias emancipatórias. As microrrevoluções de que damos conta a cada dia vão nos transformando e movimentando pela vida, de dentro para fora, em espiral ação-reflexão-ação.

Sabe, Seu Paulo, não sou boa na lida com certezas. Aliás, me dói a rigidez delas. São as desconfianças que me instigam. Vivo adentrando fissuras, tateando as texturas das relações, porque não desaprendi a desconfiar de que haja algo importante acomodado no

improvável, no absurdo ou no apagado. Desconfio de que o âmago da consistência de seu legado seja a sensibilidade que te postura na consideração do sujeito como (a)gente de transformações a partir dele mesmo. Observando como o Senhor embebe racionalidade de gentetude, e vice-versa, sem macular nem uma nem outra, aprendi a desconfiar também da previsibilidade das ações humanas. Venho tirando da pele de meus sentidos as escamas de costumeiro fatalismo. Da tendência ao salvacionismo também. Tem se tornado mais fluida a respiração das possibilidades de surpreender-me positivamente. Há poesia neste deságue de leveza nas relações. Se negarmos o potencial de maravilhamento que há na realidade, o que nos restará senão suportá-la? Decidir vivê-la traz o rigor da responsabilidade social aos processos de conscientização. O principal deles diz respeito a e respeita o que me vincula às causas que sinto reluzir, olhos adentro.

Aliás, meus olhos tropeçaram pela primeira vez na palavra boniteza, quando eu cursava pedagogia, ainda no raiar do século presente. Pedagogia da Autonomia: ponte. Não parei. Talvez eu ainda não tivesse consciência suficiente de mim no mundo para sair das margens e caminhar na direção dos sentidos da palavra lida. Não sabia ainda analisar como a presença dela dá profundidade ao texto. Mas não hei de morrer pagã. Boas palavras, quando nos acham, não nos perdem. Sua boniteza seguiu comigo, Seu Paulo! Experimentada a vida de educadora aprendente no desenrolar de duas décadas até aqui, ora em passos lentos, ora em rodopio, ora flutuando, ora ainda me jogando de ponta-cabeça, amparada por estudos de sua obra, por relatos de estudiosos de sua ela e sobre as fontes de que o Senhor bebeu afeto ao longo da vida, pude compreender sua jornada para significação de boniteza, racionalizada na indissociabilidade entre o belo, o bom e o ético. Desconfio de que minha experiência de descoberta dos sentidos e adjacências de boniteza, com as vistas deslizando pelo colorido dos ipês cerratenses, possa se aproximar em alguma medida dos tons de seus lúcidos encantamentos sobre o mundo que leu no amolengar, debaixo da mangueira de sua infância. Me emociona essa possibilidade.

Assentei boniteza num lugarzinho macio do peito como palavra-princípio-guia de meus passos nessa trajetória compartilhada de construções identitárias em diferentes papéis sociais que, impassíveis de completude, se atravessam entre si e me atravessam em unísono e também em tempos e modos específicos, conforme dá pra movimentar a vida. Palavra-princípio-guia, porque é boniteza que eu desejo sentir pulsar em mim, conscientemente, ainda que tudo o que meus olhos alcançam seja impermanência. Assim, saberei por onde recomeçar e seguirei para onde o coração apontar, sempre que necessário, esperando sem cessar. Quando penso, escrevo ou pronuncio boniteza, Seu Paulo, sinto-me lhe pedindo a bênção para me atrever a tentar interferir na crueza dura da realidade que me atravessa. Gosto de falar boniteza em voz alta. Tanto que sempre sorrio ao dizê-la. Fica um gosto bom na boca. Encoraja-me a decidir.

Não sei se meu pedido por mais-que-pedagógica bênção, emanado daqui, te alcança de alguma forma aí onde estás. Conforta-me pensar que sim. Por isso, sigo. Devagarinho, sendo o pouquinho que sei ser de cada vez, unindo coragens às coragens de bons pares. Aprendo. Cheguei a pensar que minha palavramundo fosse coragem. Coragem no sentido de teimoso atrevimento mesmo. Mas ando desconfiando muitíssimo de que seja boniteza. Talvez coragem funcione melhor como o ar que dança para a boniteza florescer em cada destempo e contexto em que ela é essencial. Venho regando as sementes da boniteza freireana entregues à terra da etnografia de meus dias tecidos a microrresistências e revoluçõeszinhas encadeadas, na Educação do Campo, na Universidade, em sociedade e em meu eu colonizado - em desconstrução.

Há tantas nuances de sua presença no mundo que me fazem transbordar em encantos, Seu Paulo! O Senhor continua presente em seu legado. Vivi para ver os movimentos em torno das comemorações de seu centenário alvoreçarem curiosidades, diálogos e construções. E, como não se joga pedra em árvore que não dá fruto, também vi, disfarçadas de contrapontos, tentativas vis de deslegitimação

das praxiologias cujos sentidos compartilhou ao longo de sua vida e para além dela. Prevalecerão as microrrevoluções lançadas em rede no mar de boas possibilidades de nos constituirmos mais humanos em coletividade. Elas sempre prevalecem, não é mesmo?

Ao abordar o currículo como território em disputa, Miguel Arroyo ressalta o poder daquele que se assume agente de transformação social por meio do exercício de sua função de educador na, da e com a escola pública, este lugar aqui que é de todo mundo. Quando o sociólogo-educador fala dos incômodos que a atuação docente crítica provoca nos que se escoram na hegemonia de poder, organicamente meu pensamento é direcionado para o Senhor, Seu Paulo. Para sua trajetória e também para a rasura das razões por que tentam distorcer seus posicionamentos.

Após tantas leituras e descobertas contigo, é impossível não me indignar. Aquela indignação que movimenta o esperar, sabe? No fim das contas, mas sem dar fim à indignação, sinto pena e também angústia de tanta ignorância. sinto vergonha alheia também. E fico pensando que talvez um tête-a-tête com o território da escola pública possa chamar à razão os incomodados com seus feitos e com a reverberação de seu sentir-pensar-fazer. Quem sabe janelas se abram? Quem sabe observem melhor a diversidade que estrutura nosso país? Quem sabe aprendam que respeito é direito inerente à pessoa humana? Afinal, Paulo Freire jamais será conjugado no passado.

É magistral sua sabedoria no uso das palavras. Puxa a gente pelo coração, na direção da desopressão. O Senhor transgride as concepções simplistas de luta, desencadeia novas significações para a verbalização dela: palavra posturada em movimento coletivo. Vale-se de palavras para dar fôlego às raízes de tantas gentes, causas, construções, mudanças. Tenho aprendido com o Senhor que empunhar palavras de campos semânticos e lexicais vinculados à emancipação humana gera força, de dentro para fora. Situa-me,

quando vou a campo, à medida que me constituo campo. De sujeito em sujeito, Seu Paulo, o Senhor continua girando o mundo. Aliás, o giro do mundo, seja ele mundo-gente ou mundo-lugar, não se mantém igual depois de tocado pelas palavras que tuas mãos constroem. Liberdade de tantos. Fúria de uns.

Enfim, Professor Paulo Freire, atravessado por tantas lutas, o que ficou debaixo dos calos de suas mãos? Essa seria uma pergunta cujo entoar da resposta eu gostaria de ter podido fruir. A que palavras daria sentido? Como as significaria? Alegro-me pelas oportunidades de, sorvendo os registros de suas práticas teóricas, saber-me e ser-me, multidimensionalmente, em persistente esperança, atravessada pelos sentidos que o Senhor conferiu a conscientização, gentetude e, sobretudo, boniteza. Muito obrigada!

Brazlândia - DF, 25 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.



Marli Vieira Lins de Assis

**"PAULO FREIRE
PARA MIM É TUDO"!**

Amado e eternamente admirado Paulo Freire,

Eu não tive o prazer de conhecê-lo presencialmente, mas conheci suas obras, quando ainda estava no curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, em 1996. Nesse ano, eu fazia o meu primeiro estágio supervisionado e a nossa saudosa professora Ely Ferraço Rosa nos dizia: "Antes de começarem o estágio, vocês precisam ler um livro muito especial: *A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*, de Paulo Freire". E assim foi feito. Posso dizer que foi amor à primeira leitura. Um amor sem tamanho por aquele homem que dizia o que eu, tão jovem ainda, já acreditava:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 1996, p. 13).

Lendo a obra (*op.cit.*) e vivenciando-a de maneira praxica em meu estágio, experienciei, no cotidiano de uma turma da 2ª série, da Educação de Jovens e Adultos, os saberes que o mestre me ensinava em cada capítulo de seu livro. Nos primeiros contatos com os educandos, ministrei uma aula sobre tipos de sujeito, conteúdo esse que foi pouco a pouco sendo aprendido e vivenciado por meio dos exemplos reais que utilizávamos em sala de aula e, no final estágio naquela turma, eu escutei: "você dá aula melhor que a nossa professora!" E eu, num sobressalto, indaguei: "mas por quê"? E a educanda, que estava sentada no fundo da sala, me disse com uma voz muito segura: "porque você sabe explicar melhor que ela e a gente pode

falar na aula!" Eu agradeci a fala da educanda e fui embora tocada por aquelas doces palavras ditas a uma estagiária inexperiente, mas feliz.

Daquele dia em diante, vivi cada um dos saberes que Paulo Freire sabiamente nos ensinava e entendi porque a aula tinha sido boa para aquela educanda. A aula foi boa porque não transmiti conhecimentos, mas, partindo de uma realidade concreta, construí significados para aqueles conteúdos juntamente com os educandos. Entendi que a aula tinha sido boa porque tivemos a oportunidade de compreender e vivenciar os seguintes saberes:

Não há docência sem discência

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática

Ensinar exige apreensão da realidade

Ensinar exige saber escutar

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Hoje, com quase 24 anos de sala de aula e tendo passado por quase todas as etapas e modalidades da educação básica, pela educação superior e pelos projetos de alfabetização de jovens, adultos e idosos, levo Paulo Freire e os seus saberes que, às vezes, parecem tão "óbvios", a todos os espaços de ensino e de aprendizagem. Exemplo disso é o depoimento do educando Francisco Galiza, do Projeto de Alfabetização e de Letramento - Letrar Cidadania, que é ofertado no Centro Universitário IESB de Ceilândia, Distrito Federal, onde sou professora do Curso de Pedagogia.

Em uma tarde de sábado à tarde recebi o telefonema do Francisco me dizendo que estava na livraria e que estava querendo comprar um livro de Paulo Freire. Nesse momento, não pensei duas vezes em demonstrar minha alegria: um educando, em processo de

alfabetização, querendo ler Paulo Freire. Imediatamente, eu lhe disse que não havia necessidade de comprar, pois eu lhe daria o livro: *A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. Algumas semanas depois, o educando teve acesso ao livro e começamos as leituras coletivas da obra. Em um belo dia, na Universidade de Brasília, em uma apresentação que eu fazia sobre Paulo Freire juntamente com Francisco, uma aluna da pós-graduação lhe perguntou:

- Onde você conheceu Paulo Freire e o que ele é para você?

O educando respondeu:

- Foi no Projeto de Alfabetização, no Letrar Cidadania, onde a professora Marli dá aula que eu aprendi sobre Paulo Freire e hoje, para mim, ele é tudo!

Sim, Paulo Freire, você é tudo para nós! Sua forma de ver o mundo, as pessoas e a educação nos tocaram e nos tocam de tal forma que não conseguimos nos manter na inércia da educação bancária, que prevalece em nosso meio até os dias de hoje.

Com você, bradamos um grito forte que diz: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" e, é por essa educação transformadora e libertadora que nós lutamos juntos com nossos educandos, sejam eles provenientes dos bancos escolares ou dos bancos do mundo e nos alegramos, porque com eles, provamos que você não nos deixou apenas ideias. Você nos deixou um legado prático que nos move e que nos encoraja a irmos além e a comemorarmos junto com o educando seus aprendizados e suas conquistas, como a conquista de Francisco, que nos diz: "Paulo Freire para mim é tudo", como a conquista do educando que se alegrou a escrever: "Nina, Nina é o nome da minha mulher", com a conquista do educando que, juntando sílabas da palavra tijolo, nos diz: "Tu já lê" e com tantas outras conquistas.

Obrigada, Paulo Freire, por nos ensinar a ver e a ler o mundo com outros olhos: os olhos da esperança e da libertação. Obrigada, Paulo Freire, por nos ajudar a levar a liberdade aos nossos educandos e por permitir que vivenciemos as várias pedagogias que nos deixou como exemplo, não para copiarmos, mas para irmos além!

Peço licença para terminar com um trecho do poema “Canção para os fonemas da alegria”, de Thiago de Mello, conforme Freire (1967, p. 27-28), que nos diz: “Peço licença para terminar soletrando a canção de rebeldia que existe nos fonemas da alegria: canção de amor geral que eu vi crescer nos olhos do homem que aprendeu a ler”

Brasília, 02 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 18.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Nina, a descoberta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NF0LjkV2Lg8>. Acesso em: 02 out. 2023.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color is a deep green.

Tainara lima

AMOR ALÉM DA LEITURA

Prezado educador Paulo Freire,

Escrevo-lhe essa carta com assuntos que só você, devido a sua grande contribuição na história da pedagogia mundial, conhecido como “o patrono da educação brasileira”, entenderia.

Nesse sentido, logo de início, começarei falando um pouco sobre a minha trajetória acadêmica, a qual me trouxe até aqui, como estudante de Arquitetura e Urbanismo no Instituto Federal da Bahia, mas ao longo da carta trarei diferentes memórias sobre a minha relação com a leitura. Bem, no começo da minha trajetória como estudante, tive um pouco de dificuldade, sobretudo no tocante à leitura. Lembro-me que logo no início do 1º ano do ensino fundamental, minha mãe me retirou de uma escola pública da qual eu já estava familiarizada e me matriculou em uma instituição privada totalmente nova e diferente do que eu estava acostumada. Com o passar do tempo, percebi que todos ali já estavam aprendendo a formar sílabas e ler, enquanto eu sabia meramente as letras do alfabeto, o que foi me fazendo perder um pouco do interesse, além de me sentir inferior aos demais.

Foi quando, então, minha mãe me comprou um jogo da memória, de onde vem a minha palavramundo “Memória”, o qual foi de fundamental importância para que eu tomasse gosto para aprender a ler, pois despertou em mim a curiosidade de descobrir o que estava ali. Para isso eu tinha que ler os nomes dos objetos que apareciam nas cartas do jogo. Lembro-me de minha mãe me ajudando todos os dias até que então, depois de um tempo, eu finalmente consegui ler a minha primeira palavra, a qual eu não me lembro bem, mas foi um dia único e extremamente importante para me tornar quem eu sou hoje e ser tão fascinada pela leitura. Lembro-me como era incrível passar de carro pelas placas das ruas e rapidamente juntar as letras, formar as sílabas e saber o que estava escrito. Como um passe de mágica, eu olhava e mentalmente já sabia o que estava escrito.

A esse respeito, é válido salientar em práticas de ensino “Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la (Freire, 1982, p. 12). Diante desse pensamento, é notória a importância do hábito da leitura compreendida e não apenas a codificação de palavras, e haja vista cenário hodierno, muitas das vezes só se da importância a codificação das palavras sem levar em conta o verdadeiro sentido da mesma.

Frente a isso, falo por mim, quando de início comecei a ler, a sensação de saber o que estava escrito me proporcionava mais ainda o prazer na leitura, pois eu tinha curiosidade em descobrir o que estava escrito e sempre aprender novas coisas, o que acontece até hoje. É substancial o ato de buscar o conhecimento, uma sensação única: você lê e entra nas palavras. Eu, particularmente como estudante, prezo bastante por um ensino profícuo que se misture com a finalidade da vida.

Lembro-me da pressão a qual era imposta sobre mim pelos meus avós, visto que os meus primos já sabiam codificar palavras e eu não. Para eles, era sobre ler e não sobre saber o que estava lendo. Nesse viés de pensamento, Freire, achei bem pertinente o seu debate na obra *A importância do ato de ler*, a qual me serviu de referência e inspiração para escrever esta carta, além de me fazer relembrar os momentos da minha infância, sobretudo aqueles relacionados ao meu primeiro contato com a leitura, assim como você relembra o seu, e dos prazeres e aprendizagens que ele o trouxe. Sua abordagem de modo geral ainda me fez refletir sobre o que realmente é ler e ter mais consciência da importância do saber ler, ver a leitura com um olhar além de que eu já tinha.

Embora eu e muitas outras pessoas sejamos fascinadas pelo saber ler e compreender o mundo, vale salientar que boa parte das instituições do mundo implementam como método de ensino

a educação bancária a qual, em suas palavras refere-se quando “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (Freire, 1987, p. 33); onde o ensino é meramente propedêutico, com o intuito de depositar o conteúdo no estudante a fim de que o mesmo absorva esse tal conteúdo visando apenas vestibulares, concursos, entre outros meios os quais servirão apenas para o mercado de trabalho, esquecendo-se do principal objetivo que seria o aprendizado e o conhecimento sobre um determinado conteúdo o qual se leva por uma vida inteira, assim como você mesmo reforça em suas obras. Por fim, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos a todas as suas contribuições para a educação brasileira, tais como os métodos de ensino que se fazem pertinentes até os dias atuais.

Tainara

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1987.



Floraci Mariano de Carvalho

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO:

É POSSÍVEL NEGAR OU INOVAR?

Estimado Paulo Freire, o meu respeito e consideração.

Meu nome é Floraci Mariano de Carvalho, tenho 44 anos de idade, sou professora efetiva da Rede Pública Municipal de Goiás há 18 anos, e atuo como Coordenadora de Formação Continuada de professores pela Secretaria Municipal de Educação de Novo Gama (GO). Atualmente faço mestrado acadêmico, cursando o segundo semestre no PPGE da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC).

No atual momento, meu interesse é sobre inteligência artificial e educação. Sinto como se estivesse tateando com relação a essa temática, no início de fazer várias descobertas com grandes possibilidades no campo de pesquisa. A temática investigada ainda é pouco explorada no Brasil e no mundo, mas acredito que buscarei caminhos assertivos que ajudarão a seguir com sucesso e resiliência no campo de estudo. Na perspectiva de pensar que a temática sobre a IA se desdobra no desenvolvimento de um campo novo e pouco pesquisado, me vejo na obrigação de pensar em pontos de apoio na universidade que estudo, para buscar leituras e experiências com a escrita de textos gerados pela IA e os humanos.

Gostaria de compartilhar que estou vivendo e vendo o avanço da Inteligência Artificial em todo mundo, principalmente na área da educação, uma era em que as máquinas estão dominando o cenário social em todos os sentidos. Conforme Russel e Norvig (2010), a Inteligência Artificial (IA) é um sistema de máquinas inteligentes que estudam comportamentos humanos para resolução de problemas e imitam inteligência humana.

Ressalto que propriamente, no campo da educação, a evolução dos usos dos algoritmos na escrita de textos híbridos¹²,

12

A educação híbrida caracteriza-se por: combinar o aprendizado online e o presencial; fornecer experiências de aprendizagem que integram as tecnologias digitais da informação e comunicação; inserir a tecnologia como facilitadora e potencializadora do ensino. Disponível em: <http://www.cipead.ufpr.br/portall/index.php/ufpr-hibrida/educacao-hibrida/>). Acesso em: 02 out. 2023.

com a colaboração do humano-máquina, está deixando os professores assustados. Diante de tal situação, questionamentos são levantados sobre quais as causas, efeitos e benefícios que a IA trará a aprendizagem dos estudantes? Quais as possibilidades ou prejuízos isso causará a educação? Segundo Freire (2010, p. 232), “no decurso de nossa vida pessoal e social, encontramos obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, as “situações-limite”.

Diante do fato que a IA está ganhando proporções inesperadas com o avanço do conhecimento, acredito que exista a possibilidade desta ferramenta ser benéfica para os professores e estudantes no processo de aprendizagem da língua escrita, no entanto, se usada de maneira responsável e com segurança ética na preservação dos dados dos indivíduos. Ao refletir sobre o processo de escrita dos estudantes, vejo que é de suma importância direcionar o sujeito para a construção da escrita autônoma, no sentido de o professor poder auxiliar a partir da leitura crítica de situações para o desenvolvimento das habilidades essenciais dos estudantes.

Com o avanço do pensamento prospectivo relacionado ao uso da IA, o que está em jogo é o fato de que as máquinas estão se projetando para um futuro de alienação e controle de comportamentos pré-estabelecidos dos seres humanos, a fim de suprimir a liberdade e exaltar o sistema de capitalismo de vigilância no controle total e dominação das massas. Isso, sim, me preocupa. Estamos em um grande debate sobre os perigos dos usos dos algoritmos para o espaço escolar, para tanto, é necessário que se faça ouvir as vozes dos professores sobre o que pensam em admitir ou não o uso da IA na produção de textos escritos híbridos com intencionalidade e personalização do ensino aprendizagem dos estudantes. “O inédito viável” é, pois, uma categoria que encerra nela mesma toda uma crença no sonho e na possibilidade da utopia. Na transformação das pessoas e do mundo. É, portanto, tarefa de todos e todas (Freire, 2010, p. 234)”.

A respeito de admitir ou não que eu tenha experiências para fazer o uso da IA, para gerar a escrita de textos híbridos, parte do conteúdo do projeto de pesquisa e na produção de artigo científico com a colaboração de algoritmos. Penso que existe a possibilidade da parceria humano e máquina, porém é preciso que a universidade crie mecanismos de vigilância, produzindo códigos de ética que possibilitem o acompanhamento das escritas de textos híbridos pelos estudantes. Para Kaufman (2016), ética é um comportamento do indivíduo construído com base nos relacionamentos na sociedade.

Nesse sentido, os meios de comunicação das universidades públicas teriam que atuar junto aos professores orientadores de uma forma sistemática, abrindo espaços para discussões no universo acadêmico, que vai muito além do chão da sala de aula. Nesse viés, a perspectiva seria de buscar meios de preservar a privacidade dos dados dos estudantes e professores com uma política de respeito mútuo e responsabilidade.

A respeito da utilização da IA para gerar a escrita de textos híbridos para a pesquisa, penso que a possibilidade de fazer parceria entre a escrita de textos híbridos, parte por IA e humanos, tem sido causa de discussões no meio educacional. No entanto, precisa de muita cautela, responsabilidade e acompanhamento da escrita acadêmica. Acredito que a IA veio para ficar e revolucionar. Não tem como negar a sua existência no mundo, é necessário se atentar como os sistemas educacionais farão com suas políticas e ações para mostrar a importância no meio educacional, como utilizar essa ferramenta como possibilidade e auxílio ao ensino-aprendizagem dos estudantes, com o uso consciente e com todas as normas de segurança e responsabilidade social.

Contudo, a respeito da utilização da IA na geração de textos escritos híbridos, penso que os espaços educativos precisam acompanhar e auxiliar os estudantes para a tomada de consciência crítica sobre a utilização da ferramenta, que haja discussão consciente

dos riscos e benefícios para a comunidade acadêmica, haja vista ser uma temática nova e pouco explorada, onde o debate não está ainda amadurecido em pensar para além dos horizontes. Para Freire (2018, p. 93), “o que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados.”

Atualmente, o grande dilema sobre a prática da assistência da IA para a escrita e conteúdo de produção científica é com relação a ter pouco material na base de dados sobre a temática e poucas discussões na academia sobre o uso responsável da IA no auxílio aos estudantes. Nesse ínterim, não podemos abafar as discussões sobre os avanços, perigos e benefícios dos usos dos algoritmos na educação, pois, se não avançarmos a respeito do assunto, os estudantes correrão o risco de utilizarem essa ferramenta sem visão crítica e sim para outros fins prejudicando, dessa forma, o processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, o auxílio dos docentes é de suma importância no processo educativo. No argumento de Freire:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigidez metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (Freire, 1996, p. 14).

Acredito que a IA não poderá andar sozinha sem o auxílio do ser humano, pois não haveria máquinas se não tivesse mentes pensantes e inteligentes dos homens. Não dá para dissociar uma coisa da outra neste universo tão propenso a debates e reflexões. O que me preocupa no cenário atual, com relação ao desenvolvimento da IA, é o fato de que, com o capitalismo de vigilância, entidades governamentais não têm a intenção de preservar a privacidade dos dados dos indivíduos. A proposta futura é que o mundo seja dominado por máquinas, tirando a liberdade dos seres humanos, com o objetivo do lucro e dominação das massas. Isso não trará

benefícios nenhum, e sim medo e controle do comportamento das pessoas de maneira opressora. Neste contexto, a IA pode ser utilizada para um bem maior da sociedade, sem envolver a ganância do capitalismo e dos donos das grandes empresas privadas.

Assim, termino a minha carta, propondo iniciativas com ações que abram espaços para debates, fóruns, eventos nacionais e internacionais que incluam nas discussões sobre o futuro da IA na produção de textos escritos acadêmicos e o papel do professor no auxílio aos estudantes frente a essa temática tão inovadora e urgente na universidade pública. Entendo que a educação está caminhando para um grande debate, em repensar as suas práticas educativas para uma nova era da informação frente os desafios das inovações tecnológicas.

Agradeço e expresso minha elevada estima e consideração.

Brasília, 02 de outubro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, A. M. A. Inédito viável. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2.ed. Revista e Ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 65.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

KAUFMAN, D. Inteligência Artificial: questões éticas a serem enfrentadas. *In*: **Privacidade, vigilância**. Controle do IX Simpósio Nacional da ABCiber. São Paulo, 2016.

RUSSELL, S. J.; NORVIG, P. **Artificial intelligence**: a modern approach. 3 ed. Upper Saddle River: Pearson Education Limited, 2010.



Ozenilde Santos do Nascimento

ENCONTRO DE ALMAS, ESCRITAS E APRENDIZAGENS:

APRENDENDO COM PAULO FREIRE

Prezado Paulo Freire,

Espero encontrá-lo bem depois de tanta “desinvenção” da educação. Mas fique tranquilo porque aos poucos as coisas estão entrando no eixo. Estou lhe escrevendo para contar como tem sido a minha trajetória. Acredito que ficará feliz em ler meu relato. Você lembra lá em 1996, quando te disse que daria certo?

Pois bem, estou aqui dezessete anos depois para agradecer seu incentivo e apoio. Ainda sem ser professora naquela época, aprendi com você sobre a necessidade da construção de uma escola democrática que evidencie uma nova abordagem na relação entre educador e educando, que considere como base da aprendizagem a troca horizontal de saberes e experiências vivenciadas por todos os envolvidos no processo.

Até então menina, conheci a sua obra quando catequista na igreja católica, há vinte sete anos, e quem diria faria daquele momento uma escada para galgar diversos níveis da educação e a ajudar a formar sujeitos a partir de uma perspectiva crítica e autônoma para serem capazes de transformar política e socialmente suas realidades. “O interesse pelo curso e a experiência surgiu da necessidade de oportunizar aprendizagens significativas e práticas sociais aos alfabetizando da região que desejavam ler e escrever para melhor se relacionar na sociedade” (Nascimento, 2021). Você sempre defendeu a diversidade, a luta, a democracia, a autonomia, a liberdade de pensamento, sendo que nem por um minuto deixou de ser um intelectual amoroso e humilde.

Então, após aplicar o seu método Paulo Freire na igreja, ajudando a abrir o mundo do letramento para aqueles senhores e senhoras que mesmo no adiantar da idade viam na educação uma forma de independência e de interagir com o mundo, “Muitos fatos foram relevantes, principalmente o momento das rodas de conversas, que permitiam a interação do grupo e a troca de saberes vivenciados por cada um” (Nascimento, 2021).

Foi naquele nosso encontro, no centro de formação, você lembra? CEPAFRE (Centro de Educação Paulo Freire) na Ceilândia, que ainda resiste ao tempo e as pressões políticas, porém mantém viva sua memória e sua luta. Neste espaço, ouvi atentamente seu discurso sem ainda compreender a dimensão que seus ensinamentos tomariam no mundo, assim como na África com as *Cartas à Guiné-Bissau* e tantos outros lugares. E eu sou extremamente feliz por fazer parte desse processo. Sei que fiquei muito tempo sem lhe dar notícias, mas ser professora requer muito tempo e tem sido corrido por aqui em busca de desenvolver saberes e conquistar o meu espaço como educadora sendo *Professora Sim, Tia Não: Carta a Quem Ousa Ensinar*.

Mas, como você sabe, sou apaixonada pela educação e acredito que “educar é um”[...] ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 2019, p. 127).

Deixe-me compartilhar com você que aquela menina, oriunda de escola pública, tornou-se professora também de escola pública porque acredito em mim, assim como você acreditou em todos nós, ensinando a vivenciar *A educação como prática da liberdade* para agir sobre o meio em que vivemos e sermos seres transformadores.

Hoje tenho vinte e seis anos de trabalho com a educação básica, acredita? Atuei em tantos lugares e níveis que não consigo descrever tamanha emoção. Você nem imagina como valorizo e me inspiro na *Importância do ato de ler em três artigos que se completam*, levando para sala de aula e para a vida aprendizagens significativas.

Atualmente não alfabetizo jovens e adultos, mas procuro estabelecer uma relação de diálogo aonde quer que eu esteja, e vou te dizer que tenho estado em muitos lugares contribuindo com a formação de professores. Você pode não acreditar, mas em pleno século XXI, depois de tantos ensinamentos que você nos deixou,

ainda existem professores que mantêm a prática da *Educação e atualidade brasileira* com o viés na educação bancária, sem perceber o tamanho do prejuízo que essa prática traz para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Trabalhando com a formação docente tenho encontrado muito desafios para ajudar esses profissionais a refletirem, *Por uma pedagogia da pergunta, Pedagogia da Indignação e da esperança*, de maneira que possam repensar as suas ações que em sala de aula possam contribuir para uma educação emancipatória.

Como sinto saudade de você socializando teorias e pensamentos. Fico imaginando que nome daria a um livro para descrever a educação no quadro presente, mas te antecipo que tivemos poucos avanços e continuamos vivendo no mundo em que vigora a *Pedagogia dos oprimidos*.

No entanto, você ficaria feliz em ver os inúmeros percursos dos seus pensamentos que estão propagando no Brasil e pelo mundo, compartilhando e vivenciando suas concepções sobre o ser humano e a educação, avivando uma *Pedagogia da Esperança*. São tantos estudiosos renomados que trazem as suas teorias para o campo científico, consolidando *Conscientização – Teoria e Prática da Libertação*, que nos remete ao pensamento consciente de quem age e defende que não temos outra saída a não ser preparar os educandos numa relação dialógica mediada pelo mundo e que represente *Educação e Mudança*, de dentro par fora.

Outra curiosidade que você precisa saber é que o seu método continua sendo aplicado até hoje, sabia? Por meio do seu método, muitas pessoas são inseridas diariamente no mundo letrado, e os educadores buscam se basear na *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos* e perpetuar seus ensinamentos.

A *Propósito de uma Administração*, queria muito que você estivesse aqui dando continuidade aos seus escritos, e *À Sombra*

Desta Mangueira, pudesse mobilizar debates, reunir e encantar centenas de pessoas como fez comigo décadas atrás. Mas acredite que seu legado está favorecendo a formação de educadores desafiados a desenvolver mentes críticas e pensantes, sejam eles *Educadores de Rua*, *uma Abordagem Crítica – Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua*, ou qualquer outra minoria que precisa ter sua voz propagada por meio da educação, na busca de caminhos possíveis para mudar a condição de marginalizados do processo e serem agentes na sociedade.

Ademais, Freire (1996), você sempre defendeu que a desigualdade entre as classes sociais acarretava opressão das classes mais altas sobre as classes populares, e durante a sua ausência tivemos alguns avanços e muitos retrocessos políticos e econômicos, os quais não foram nem serão abordados nessa carta, mas teremos outro momento para dialogar, afinal o problema ficou avassalador no presente cenário brasileiro diante da pandemia que alastrou o país. Continuarei seguindo seu legado e acreditando que somos capazes de fazer a diferença porque eu também sou parte da educação. Um abraço fraterno de sua eterna aprendiz.

Taguatinga, 01 de outubro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

NASCIMENTO, O. S. Sementes que geram frutos. *In*: **Primavera Paulo Freire! 100 anos**, 2021, Rio de Janeiro - online. Primavera Paulo Freire! 100 anos/ Fio cruz, 2021.



Priscila Ferreira de Carvalho

OS DESAFIOS ATUAIS PARA CONTEXTUALIZAR AULAS COM ABORDAGEM FREIRIANA PARA CRIANÇAS

Prezado Paulo Freire,

Utilizo as obras de sua autoria para inspiração da escrita dessa carta pedagógica, como *Pedagogia da Autonomia* e *Professora sim, tia não*, fontes que serviram para instruir a caminhada como professora e estagiária do ensino fundamental I. A leitura dessas obras possibilitou potencializar a convicção de que sou uma eterna aprendiz no cotidiano com meus alunos.

Paulo, sinto informar que as coisas por aqui continuam as mesmas, apesar de todo o esforço e dedicação que foi a sua vida em prol de uma educação de qualidade para os filhos dos trabalhadores. Os professores continuam adoecendo muito. No estágio de observação, as aulas foram ministradas pela docente substituta de forma mecânica e repetitiva, transformando os alunos em copistas e reprodutores de atividades xerocopiadas. Apesar da preocupação da coordenação pedagógica solicitar a inclusão do lúdico nas atividades, o comodismo em repetir mais do mesmo e a dificuldade de sair do tradicionalismo levam os professores a “esquecerem” de fazer do aluno construtor e pesquisador de seus conhecimentos científicos e o exercício da autonomia, fundamental para a vida escolar das crianças. Outro ponto também importante que não se leva em consideração é o campo afetivo dos educandos, pois muitas vezes era retirado o recreio por castigo e autoritarismo docente que não buscava o diálogo na mediação dos conflitos.

Como problematização para o nosso diálogo, retomo aqui uma questão que você já apontou inúmeras vezes em suas obras, mas que merece ser lembrada: “Como romper com um paradigma tradicional e demagógico, ainda presente, mesmo de forma inconsciente no fazer docente, para paradigma pedagógico humano, afetivo e democrático?”. Parto, assim, do pressuposto, que essa mudança deve partir de mim como professora e também como estudante, pois como você diz, “o docente deve assumir-se como ser pensante, comunicante, transformador, criador e transformador de sonhos” (Freire, 2011, 22).

Assim, caro Freire, percebe-se que o ensinar exige respeito à autonomia do educando que vem sendo cada vez mais tirada da criança, jovem ou adulto, não se insere uma aula dialógica que faça sentido na atualidade, que ressalte a realidade do aluno. Urge que o professor tenha essa percepção de sentido em suas aulas e não retire do aluno, nem minimize sua curiosidade e identidade cultural.

Nessa carta, trago também minhas inquietações, meus sonhos, minha esperança e minha forma de ver o mundo Freire. Percebo que um dos maiores desafios para o educador é inserir de fato uma aula que faça o aluno ousar em sua criticidade, respeitando a criatividade e não apenas traga atividades já prontas, uma vez que nesse processo a leitura e a escrita inicia com a percepção de mundo e da realidade, e não apenas como ato mecânico de decodificar letras e signos. Pois, em suas falas, "O processo de escrever que me traz a mesa, com minha caneta especial, com minhas folhas em branco, condição para que eu escreva, começa antes mesmo que eu chegue à mesa, nos momentos em que sou pura reflexão em torno de objetos" (Freire, 1997, p. 8-9). Nessa visão, nota-se a percepção da importância de trazer a realidade do aluno para um contexto pedagógico, dialógico e que respeite a criatividade tanto do discente como do docente.

Tenho percebido, Freire, que diversos professores estão cansados da sala de aula e dos problemas da educação como a questão salarial e de saúde, que os levam a não se dar ao trabalho de preparar uma aula inovadora, pois na visão de muitos o melhor aluno é aquele quieto, que não atrapalha a aula do que o participativo e questionador. Por conta desse pensamento, muitos docentes acabam sendo conteudistas por acomodação e às vezes por falta de investimento público para melhorias. Portanto, educar é ato de amor, afetividade, criatividade, competência científica para que se possa compreender a posição do aluno que vem de uma classe menos favorecida, e que essa profissão requer lutas pelos seus direitos enquanto profissional e dos seus alunos enquanto cidadãos.

Assim, como educadores, temos que ter consciência de que a práxis educativa não é transferir conhecimentos de forma conteudista e mecânica. Requer perceber que estamos em aprendizado contínuo enquanto ser cultural e histórico que se identifica em um processo de inacabamento. Assim, "A inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca" (Freire, 2011, p. 54), conforme foi dito pelo Senhor.

Nessa perspectiva, reflito diante da minha prática docente, se tenho aplicado o ensino lúdico e se estou sendo afetiva com meus alunos e percebo que sim. Tenho feito meu melhor diante dos meus limites, e já cometi muitas falhas como ser humano. Faço sempre uma crítica a mim mesma de como melhorar a metodologia de ensino utilizando o lúdico, e pesquisando a minha prática em cursos de aperfeiçoamento e nessa caminhada acabo aprendendo juntamente com meus alunos.

Hoje estou atuando na sala de aula do 1º ano do ensino fundamental I, no projeto de alfabetização e intervindo através de jogos, letras móveis, potencializando o sensorial, conforme o nível de dificuldade de cada aluno e também de suas habilidades. Como educador é indispensável a amorosidade aos educandos com quem estou comprometida a partir do diálogo que me aproxima das crianças.

Dessa forma, tenho esperança de que a educação venha a ser de qualidade e que valorize a criticidade e autonomia dos alunos enquanto protagonista da sua aprendizagem que fuja da prática educativa bancária que existe desde a época da colonização quando o opressor impôs sua prática educativa, religiosa e desconsiderou outros saberes e culturas existentes, impondo como prática uma ação não só escravista, mas também racista e preconceituosa. Portanto penso que o trabalho do educador é romper com esta estrutura em que os alunos devem ser dóceis, acomodados e submissos, por mais mudanças significativas que a educação já tenha sofrido na atualidade.

Assim, querido Freire tenho utilizado suas ideias para fazer dos discentes seres críticos e curiosos, pois, "Se, de um lado, não posso me adaptar ou me "converter" ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impor-lhes arrogantemente o meu saber como verdadeiro" (Freire, 2011, p. 79). É importante salientar, que quem tem poder quer sempre calar a classe popular, para que estes não lutem por seus direitos e se sintam culpados por sua situação desvantajosa. O educador tem como responsabilidade auxiliar o educando em sua participação crítica no mundo em que está inserido seja ele político, histórico, cultural e social, para que intervenha na sociedade em que está inserido e lute por melhorias.

Diante disso, Freire quero pontuar que me situo no mundo como sonhadora e venho trazer inquietações através dessa carta para dialogar sobre os procedimentos nas atividades escolares que estão cada vez mais demagógicos e autoritários, o que causa preocupação, pois em consequência disso, os docentes estão inibindo a curiosidade dos alunos e até mesmo a sua. Outrossim, "Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino" (Freire, 2011, p. 83). Percebe-se que a construção do conhecimento se dá a partir do objeto de curiosidade, sem está só se alcança a memorização do que está sendo dito pelo professor, mas sem real significado de capacidade crítica de problematização. Dessa forma, a postura do professor tem que estar sempre aberta de forma dialógica para questionamentos, para a curiosidade, a reflexão, e não apassiva diante dos discentes.

Portanto, concluo reafirmando minha inconclusão e a inconclusão de professores em formação inicial ou continuada uma vez que a realidade é também dinâmica e mutável. Somos seres em construção reescrevendo a história da educação com vistas "a um novo tempo apesar dos perigos".

Por fim, finalizo essa carta agradecendo a sua atenção e as ótimas cartas, obras e textos que o Senhor deixou para mostrar o caminho de como ser um professor humanista libertador com as crianças, jovens e adultos deste país, que ainda não assumiu de fato na educação suas ideias.

Hidrolândia - Uibaí (BA), 28 de junho de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

LINS, I; MARTINS, V. **Novo tempo.** Álbum Novo tempo. Portugal, 1980. duração 4'e14".



Alana Gabriela Barros de Araújo

DIÁLOGO E MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Caro Paulo Freire,

Escrevo-lhe com profundo respeito e gratidão para expressar minha experiência transformadora durante meu estágio em uma turma de quarto ano das séries iniciais do ensino Fundamental. Sou estudante de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Irecê. Enquanto aprofundava nos princípios e ideias abordados em alguns de seus livros como *Pedagogia do Oprimido*, *Educação e Mudança* e *Pedagogia da Autonomia*, muitas reflexões sobre minha formação docente foram possíveis. Em especial, durante meu processo de estágio, essas obras foram verdadeiros guias, e é uma honra poder compartilhar com você a maneira como suas orientações influenciaram meu desenvolvimento pedagógico e contribuíram para minha jornada como educadora.

Ao mergulhar em suas obras, fui inspirada por sua visão humanista da educação, onde o diálogo, a conscientização e a emancipação são elementos-chave para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Seus conceitos e ideias me ajudaram a repensar minha própria abordagem educacional, despertando-me para o potencial de transformação social que pode ser alcançado por meio da educação crítica.

Durante meu estágio, tive a oportunidade de aplicar seus conceitos em sala de aula, levando em consideração a realidade social, política e cultural dos meus alunos. Sua abordagem pedagógica libertadora e conscientizadora serviu como um guia essencial para minha prática docente, ajudando-me a romper com modelos tradicionais e a estabelecer um ambiente de aprendizado mais inclusivo e participativo.

Pedagogia do Oprimido (Freire, 1971) despertou em mim uma consciência crítica sobre as estruturas de poder presentes na educação e na sociedade como um todo. Compreendi a importância de reconhecer e enfrentar as injustiças e desigualdades que permeiam

nosso sistema educacional, a fim de promover uma verdadeira transformação. O conceito de diálogo como uma ferramenta de libertação me levou a repensar minhas práticas de ensino, incentivando a participação ativa dos alunos e a valorização de suas vozes.

Neste livro, é revelada a realidade sobre as estruturas de poder presentes na educação e na sociedade como um todo. Com sua análise crítica e profunda, você expôs as formas de opressão que permeiam os sistemas educacionais e proporcionou-me ferramentas para desafiar essas estruturas e promover a libertação dos oprimidos. Essa obra revolucionária foi uma referência constante na minha práxis.

Já em *Educação e Mudança* (Freire, 1979), me proporcionou uma visão mais profunda sobre a educação como um ato político e transformador, assim como o papel social do educador e da pesquisa. Através de suas palavras, compreendi que a sala de aula é um espaço onde as relações de poder podem ser desafiadas e onde a conscientização pode ser cultivada com compromisso e atuação dialogada. Sua ideia de que a educação é um processo de constante transformação ressoou em mim, inspirando-me a buscar mudanças e renovações contínuas na minha prática pedagógica.

Fui tocada pela profundidade de suas ideias e pela maneira como você desafia as estruturas opressivas que permeiam nossas sociedades, a convivência com os alunos na sala de aula permitiu-me entender a importância de uma educação libertadora que se baseia na conscientização crítica dos estudantes. Seu conceito de "educação como prática da liberdade" ecoa fortemente comigo, pois acredito que a educação deve capacitar os indivíduos a compreender e transformar sua realidade social.

Além disso, fiquei impressionada com sua abordagem holística da educação, que considera não apenas a dimensão cognitiva, mas também a afetiva e social dos alunos. Busquei enfatizar na sala

de aula a importância da empatia, do diálogo e da construção coletiva do conhecimento, estabelecendo um ambiente de aprendizagem participativo e inclusivo.

Suas ideias sobre a necessidade de transformar o mundo por meio da educação e o papel do educador como agente de mudança inspiraram-me a buscar constantemente novas abordagens, estratégias e técnicas que puderam promover o engajamento, a reflexão crítica e o empoderamento dos alunos.

Ao longo do meu estágio, pude testemunhar o poder dessas ideias em ação. Os alunos, inicialmente apáticos e desinteressados, começaram a se envolver de forma mais ativa e crítica nas atividades propostas. Os diálogos se tornaram mais ricos e significativos, permitindo que eles expressassem suas perspectivas individuais e compartilhassem suas experiências de vida. Aprendi que a construção do conhecimento não é um processo unilateral, mas sim uma troca constante entre professor e aluno.

Em *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996) foi especialmente impactante para mim. Nesta obra, encontrei reflexões profundas sobre a importância da formação de sujeitos autônomos, capazes de exercer sua cidadania plena e participar ativamente na construção de um mundo melhor. Suas orientações sobre a prática docente, o respeito às individualidades dos alunos e a valorização de suas experiências foram de imenso valor para minha trajetória como estagiária.

A experiência na sala de aula me fez perceber a necessidade de desafiar as estruturas de poder e as desigualdades sociais que perpetuam a exclusão e a marginalização. Sua defesa pela educação como um meio de conscientização, de despertar a consciência crítica e de promover a justiça social é um lembrete poderoso de que nós educadores temos um papel fundamental na transformação de nossas sociedades.

Como educadora, tenho a honra de seguir seus passos e me orientar com suas ideias em minhas práticas pedagógicas. Seu legado continua a nos inspirar a criar espaços educacionais inclusivos, nos quais os alunos possam se tornar sujeitos de sua própria aprendizagem e agentes de mudança em uma sociedade mais justa.

Agradeço por ter dedicado sua vida ao avanço da educação crítica e transformadora. Suas obras são um farol de esperança para todos os que acreditam no poder da educação para construir um mundo mais justo e igualitário. Seus escritos têm sido uma fonte inestimável de inspiração e orientação, sua visão da educação como um ato de amor, compromisso e transformação ecoará em minha prática docente ao longo de toda minha carreira me guiado na busca por uma educação mais libertadora e humanizadora.

Com admiração e respeito,

São Gabriel (BA), 04/06/2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Raniely Souza Dourado

REFLEXÕES DE UMA (QUASE) PEDAGOGA COM MEDO DA DOCÊNCIA

Caro Paulo Freire,

Como uma pedagoga em formação, posso dizer que tenho tido várias experiências desde o início do curso, assim como o contato com suas produções, mas acredito que ainda não seja o suficiente. Já visitei e observei escolas, estudei e discuti a teoria, estagiei em espaço não formal, na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, e me vi nesse último estágio, respectivamente, ainda tentando viver e *compreender a Formação e Identidade Docente*. Sendo assim, passando pelo processo do estágio, tento agora refletir "*Como lidei com os medos que envolvem a docência?*", porque essa sem dúvidas foi uma das coisas que me marcaram no estágio, o medo de assumir uma sala de aula e tudo relacionada a ela.

Posso lhe dizer, Freire que nunca me imaginei professora até estar no curso de Pedagogia. Imagine está assumindo uma sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental!!! O medo, a insegurança ao enfrentar o novo surge, inquieta e me faz questionar "o que faz um professor ser um bom profissional?", porque afinal, penso que não se trata de um dom, não é algo feito apenas por amor. É também estudo, reflexão, prática, esperança, didática, criticidade, é um trabalho que tem um papel fundamental na sociedade. Então, assumir a responsabilidade da docência é ter compromisso pessoal, profissional e social, apesar dos receios que se tem.

Uma das primeiras coisas que precisei fazer para lidar com os meus medos, foi tomar consciência deles e ir verbalizando com minha parceira no estágio. Entender que não estava sozinha e que, em alguns casos, as situações podem ser mais assustadoras na nossa cabeça, foi essencial eu começar parar de acreditar não ser capaz de estar à frente de uma turma. Em uma de suas cartas, do livro "Professora sim, tia não" o senhor diz que "a assunção do medo é o começo de sua transformação em coragem." (Freire, 1997, p. 45). E de fato, não ter vergonha e assumir seus sentimentos pode ser o primeiro passo para conseguir enfrentar tudo que estiver por vir.

A verdade é que o docente é um ser humano e também tem seus sentimentos, expectativas, limitações, o senhor mais do que eu, deve saber disso. Durante o estágio, não só em uma, mas em várias situações me vi conversando com os educandos sobre o fato daquele momento/processo ser algo novo para mim e minha dupla. Que aprendíamos algo com cada um deles e também que não sabíamos de tudo, em alguns casos iria e foi preciso pesquisar em casa sobre um assunto que foi colocado como dúvida para, posteriormente, podermos responder. A isso você chama de humildade epistemológica que “requer também, profunda confiança – não ingênua, mas crítica – nos outros e uma opção, coerentemente vivida, pela democracia.” (Freire, 1997, p. 45).

Um medo em específico, era o de não saber nada. Quando falo agora parece bobo, mas no momento do estágio não me pareceu. A crença nisso foi mudando ao longo ainda da primeira semana dentro da sala de aula. O processo de ressignificação do saber se dá na ação reflexão como você argumenta em Pedagogia da Autonomia, fazer e pensar sobre o fazer (Freire, 2019). Nesse processo me vi pensando no que os professores da faculdade disseram, me vi vasculhando na memória os estudos dos teóricos, o que observei em outras experiências que presenciei e tentando pôr em prática sempre relacionando a realidade da turma que estava. E para minha surpresa, naquele momento consegui lidar com o que foi necessário. No Professora sim, tia não, na carta Contexto concreto e contexto teórico, o senhor ressalta que “é desvelando o que fazemos desta ou daquela forma, à luz de conhecimento que a ciência e a filosofia oferecem hoje, que nos corrigimos e nos aperfeiçoamos.” (Freire, 1997, p. 70). Portanto, nesse processo vou pensando e praticando melhor ao pensar na própria prática.

O ensinamento que consigo tirar disso é que posso afirmar que não sei de tudo, visto que sempre vai ter algo para aprender, para desconstruir e reconstruir. Mas não posso me apegar a ideia de que não sei de nada, afinal “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.

Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa." (Freire, 1989, p. 39). Tento levar isso comigo na maioria das situações, principalmente nas que a insegurança aparece. Durante os 15 dias de regência com a turma de 20 crianças, sabia que aquele era o momento para aprender e poder viver, mesmo que durante pouco tempo, a docência, e errar faz parte do processo.

O que posso dizer, Freire, sobre o medo de errar é que se permitirmos, ele pode ser paralisante. Deixamos de fazer algo apenas por ter o achismo de que faremos errado, de que existe apenas uma maneira correta. Em certas ocasiões me vejo tendo essa relação complicada com o medo como consequência do sistema educacional ao qual fui submetida ao longo da vida, em que o erro não era bem visto, apenas acertos, e você cresce com a cobrança de ter que acertar em tudo desde a primeira vez que se dispõe a fazer. Ainda hoje nem todos enxergam, na educação, o erro como tentativa de acerto ou mesmo como alternativa de aprendizado. Espero e tentarei ser uma professora que não se prenda a essa visão. Que consiga e tenha disposição para fazer uma avaliação considerando todo o processo de ensino-aprendizagem.

Isso me faz lembrar sobre outra questão, planejamento. São tantas coisas que precisam ser levadas em consideração quando sentamos para planejar. Nesses momentos me via sentindo o medo de não planejar algo que fosse significativo e envolvente para os educandos, que durante a aula fosse maçante e apenas mais conteúdos sendo depositados ali. Como é necessário trabalhar os livros didáticos, houve um receio de não saber relacionar os conteúdos a realidade da turma pois, "o necessário ensino desses conteúdos não pode prescindir do crítico conhecimento das condições sociais, culturais, econômicas do contexto dos educandos." (Freire, 1997, p. 46). Agora o senhor pode estar se questionando, "e como você foi lidando com o medo relacionado a isso?". Bem, o que posso te dizer é que somente no desenrolar das aulas que fui analisando o que fluía bem e o que não era tão significativo, e assim fazendo as modificações,

além de contar com o apoio e orientações das professoras de estágio e a da turma que estagiei.

Além dos receios que já tinha, me deparei com outros quando comecei a regência. O de não conseguir envolver todos os alunos no processo de desenvolvimento do projeto de estágio. Eu e minha parceira de estágio tivemos um estudante que pouco se envolvia na aula, com a turma, nas atividades, era quietinho no canto dele. E agora me lembro do senhor dizendo que as vezes um pequeno gesto de um professor pode ser significativo para o educando, em sua assunção por si mesmo (Freire, 2019). O gesto foi umas das saídas que nos vimos utilizando com ele. Em várias situações o olhar, um balançar de cabeça, um sorriso pode ser significativo, e acredito que isso tenha feito diferença no desenvolvimento do educando em questão.

São tantas coisas a serem ditas..., mas essas são, brevemente, as questões que destaco como marcantes no estágio. Disse no início que tudo que pontuei ainda não foi o suficiente, e não foi. Estou quase terminando minha licenciatura e ainda tenho tanto a aprender. Que baita responsabilidade é ser professor. Ainda estou me descobrindo como educadora e tenho um longo caminho para percorrer. Mas o que vivi, principalmente nesse estágio, ajudou muito a me ver como professora, a superar os medos, a entender que ao escolher essa profissão irei viver um processo diário de reflexão, de construção e reconstrução. Além disso, me fez refletir que tipo de docente almejo ser. Amorosa, reflexiva, que está disposta a aprender com o educando, que entende a necessidade do equilíbrio entre a rigorosidade científica dos conteúdos e o respeito dos saberes que os estudantes trazem previamente. Para isso, tenho a consciência de que irei traçando os caminhos que melhor me identifico ao longo do processo, sempre buscando repensar o que não foi significativo.

Ibititá (BA), 28 de junho de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 58. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.



José Nildo de Souza

LETRAS LIVRES NA SOCIOEDUCAÇÃO:

**INSPIRAÇÕES FREIREANAS
COM JOVENS EM RESTRIÇÃO
DE LIBERDADE**

Prezado Paulo Freire,

Esta carta convida a um compartilhamento de leituras e práticas pedagógicas em artes cênicas realizadas com jovens em restrição de liberdade em um estabelecimento de internação socio-educativa do Distrito Federal, periferia de Brasília. Problematisa corporeidades sentenciadas relacionadas à condição de classe social, pois, quase a totalidade de jovens que cumprem internação por infrações penais estão marcados no Mapa do encarceramento de jovens do Brasil (2015) possuem elementos distintivos comuns: juventude considerada “pobre e degenerada” ou “os futuros criminosos”; indivíduos que não se enquadram nos parâmetros normativos; fora do ambiente familiar, ou em situação de “risco moral”; jovens recolhidos das ruas por mendicância; classificados como “menores”, “delinquentes” e “perigosos” pela polícia; criminalização da juventude pobre e negra brasileira por parte do Estado; doutrinação do princípio militar de segurança nacional; criminalização dos usuários de drogas; apreensão por “atitude suspeita”; discurso ideológico negacionista sobre a juventude pobre.

Como os jovens-presos, também fui adolescente na cidade satélite de Ceilândia, periferia de Brasília, uma das regiões mais violentas da capital do país. E, como todo o jovem dessas regiões, encontrei percalços e desafios em meu trajeto formativo: tráfico de drogas, armas de fogo, criminalidades, exclusão de classes, gêneros e etnias. Quando fui lecionar artes cênicas na Papuda (Complexo Penitenciário do DF), me reencontrei com adultos-presos, que também foram adolescentes nessa mesma região e que atravessaram igualmente estágios de exclusão. Sem dúvida, eu acabei me sentindo identificado com esse horizonte humano, reconhecendo-me pertencente a ele.

Neste percurso como docente em teatro no presídio, durante os anos de 2006 a 2011, concebi, junto aos educandos-presos, metodologias e processos de criação em artes cênicas intitulados “A Construção do Ser Social”, “A Cena Detida” e “A Teatralidade

Precária”¹³ fundamentados na pedagogia libertadora de Paulo Freire. Tornei-me ainda professor-formador na Eape, coordenando o curso “Muito Além das Grades” e a formação docente em grupos de pesquisa sobre pedagogias para a socioeducação.

Quando cheguei às unidades de internação para lecionar artes cênicas aos socioeducandos, percebi que esses adolescentes eram filhos e filhas de presos, ou possuíam algum vínculo de parentesco com os presidiários do Complexo da Papuda. Depreendi, então, o que me acompanha neste roteiro profissional: a construção efetiva de espaços de interação social para o teatro na socioeducação, encampando a linguagem e a expressão desses jovens (singularidades existenciais e visão de mundo) por meio de narrativas negadas e teatralidades censuradas, exclusões autobiográficas e ciclos geracionais de encarceramento.

Os itinerários de lágrimas e vozes desses jovens constituem também a minha aventura linguístico-profissional nas artes cênicas como arte-educador e ressocializador no sistema prisional. Proponho, assim, em um campo estético-artístico designado como narrativas teatralizadas para esse horizonte humano peculiar, que atravessa ciclos geracionais no cárcere das estigmatizações e exclusões, uma oficina de artes cênicas na qual os jovens-presos dão corporeidades às suas narrativas, bem como teatralidades às suas existências.

Vou contar, assim, nessa carta minha experiência docente-artística com jovens em restrição de liberdade. Pretendo focar suas produções estéticas na construção de processos cênicos em contextos de privação de liberdade. Intitulei o projeto com o nome Letras Livres na Socioeducação. Por quê? Porque se trata de movimentos e ações de leiturização com as artes cênicas.

13 Os resultados dessa experiência foram publicados no livro de minha autoria “A Linguagem Corporal Reclusa”, no Festival Cara e Cultura Negra de 2013 (SOUZA, 2013). As referidas práticas artísticas ainda foram premiadas pelo Instituto Innovare de Ressocialização de Jovens em 2015, no Ministério da Justiça.

Nestes movimentos e ações constroem-se formas de enfrentamento e rupturas teatrais com a opressão e a discriminação que diariamente convivemos em um estabelecimento de internação socioeducativa.

Destaco aqui a perspectiva crítica de Freire (1997) como fundamento para reflexão da minha práxis pedagógica em um estabelecimento de internação socioeducativa. O autor me inspirou com sua pedagogia crítico-libertadora porque pude, em meu trajeto formativo e existencial delimitar pontos de intersecção e pertencimento entre o que vivi e o que vivem esses jovens. E, nesse sentido de pertencimento, os estudos freireanos da liberdade inspirou-me uma leitura sobre meu papel na socioeducação como professor de teatro e os papéis que os socioeducandos desempenham na construção dos seus jogos cênicos.

Na teatralização das narrativas cênicas percebi que, utilizando os princípios da pedagogia libertadora de Paulo Freire - cenas em círculos, funções exercidas coletivamente, descentralização da autoridade e da liderança no grupo - eu poderia compartilhar e vivenciar esses papéis entre e com esses jovens potencializando a visão crítica de serem vistos nesses papéis por mim mesmo: como professor e como ator nos jogos cênicos construídos nas encenações de suas narrativas. Portanto, o momento de contato desses jovens com a leitura por meio do teatro caracteriza oportunidade para emancipação de sua condição de ser sentenciado em um regime de restrição de liberdade projetando mudanças sociais nas cenas que evocam a liberdade - enfrentamento, superação e reconhecimento.

Utilizo o teatro como forma de explicitar as condições que cumprem a internação: perda do direito de ir e vir. As vivências dialógicas e literário-teatrais se desenvolvem em uma biblioteca na qual montei, organizei junto com esses jovens e concebi o projeto Letras Livres na Socioeducação. Diariamente esses jovens frequentam a biblioteca da unidade de internação e de lá não querem sair. Essa afeição que pegaram à biblioteca é produto da aplicação dos princípios da pedagogia freireana e do meu esforço como professor de teatro e arte-educador.

Para construir vínculos desses jovens com a leitura tomei várias iniciativas. E, em cada iniciativa dessas, eu levava a poesia, a música e o teatro como forma de motivá-los a se interessarem pela leitura.

Entre essas iniciativas concebi diversas atividades: mala da leitura¹⁴, carrinho literário, leitura na rede, café com leitura, produção de cartazes, leitura de capas, musicalização, leitura com rimas e oficina de teatro. Desta forma, a biblioteca se tornou também um ambiente onde experimentam projeções da liberdade que almejam, vivências pós-muros de internação, sonhos, desejos, e inquietações. As impressões cênico-corporais que teatralizam em suas narrativas são provenientes de suas leituras ou de percursos vividos.

As referidas iniciativas resultam, portanto, de um esforço por encontrar vínculos entre as narrativas das histórias contadas pelos socioeducandos e suas teatralidades compartilhadas em uma oficina de artes cênicas. Ao imprimirem um sentido singular em suas teatralidades, acabam por expressar narrativas sobre liberdade. Descobrem em seus modos de ser, sentir, pensar e estar no mundo processos criadores em teatro. Por meio das artes dramáticas produzem enredos teatralizados em cenas individuais e em grupo. Nas cenas de rejeição, culpa e condenação representam a indiferenciação com a depreciação da dimensão humana. Veem nessas cenas os percursos das vulnerabilidades que trilharam desde cedo em suas trajetórias. Identificam, assim, papéis e personagens, lugares e situações características. Ora se assemelham, ora se distinguem pelas experiências vividas. E, nesse jogo de vínculos entre narrar e teatralizar, uma autoconsciência se instala tanto no compartilhamento de suas próprias ações quanto na maneira de ver o outro interpretá-los e interpretar a si mesmos.

14

Essa atividade se tornou a atividade inicial do projeto. Foi sugerida pelo supervisor pedagógico do núcleo de ensino da unidade de internação visando o empréstimo de livros, pois, não existia biblioteca nas dependências do estabelecimento. Ou seja, ele sugeriu e eu tomei a iniciativa de realizar uma campanha de leitura junto a jovens em restrição de liberdade.

No teatro dispõe-se uma sala de aula de outro jeito: coordenação de atividades cênicas em círculos, distribuição coletiva de tarefas, combate ao autoritarismo e, portanto, a desconcentração de poder – alguns dos princípios da pedagogia freireana ou pedagogia libertadora. Essas dinâmicas já subvertem a ordem hierárquica da unidade de internação. Desse ponto tenho que negociar com a segurança, pois, minha aula é acompanhada pelos agentes que são responsáveis pelo deslocamento dos socioeducandos até a biblioteca, local onde ocorre o projeto que criei, Letras Livres na Socioeducação. Todas essas pequenas dinâmicas teatrais restituem, gradativamente, a palavra e a leitura àqueles jovens que, privados de suas liberdades, estão condicionados à obediência e a disciplinarização de seus corpos: cabeça baixa, ombros encolhidos e braços para trás.

A guisa de conclusão, o arte-educador na perspectiva da pedagogia libertadora de Freire (1997) pode propor caminhos para estimular os socioeducandos nas práticas coletivas com a linguagem teatral. Não se trata de buscar desculpas para o crime ou a infração cometida, mas, ajudá-los a observar, por meio de uma pesquisa participante, como se constroem os estereótipos, os preconceitos, possibilitando, a partir dessa observação, que se posicionem criticamente.

Recorrem, portanto, à linguagem cênica em suas narrativas teatralizadas. A avaliação e apreciação da produção criadora dos socioeducandos realizam-se por meio de um acervo teatral/artístico de construção coletiva da aprendizagem: textos narrativos e elaboração de ações cênicas onde cada um, nos círculos freireanos do saber, diz a “sua palavra”, emancipando-se ética e esteticamente.

REFERÊNCIAS

Brasil. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do encarceramento:** os jovens do Brasil / Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. – Brasília: Presidência da República, 2015. 112 p.: il. – (Série Juventude Viva).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.



Kêmily Alcântara Barreto

VIVÊNCIAS DE UMA MONITORIA DE ENSINO

Querido Paulo Freire,

É com muita alegria que lhe escrevo esta carta para relatar as minhas vivências na educação pública e na Monitoria de Ensino Superior. Meu nome é Kêmily Alcântara Barreto, sou estudante de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia e sou agricultora em busca de uma graduação no nível superior. Venho *da roça*, estudei desde a educação infantil até o nível superior em escolas e instituições públicas, fato este que me traz incentivo para lutar e acreditar no ensino público de qualidade.

Sou mulher, sou neta, sou filha, sou mãe. Venho de uma geração de mulheres do campo, minha família é *da roça*, sou a primeira a ingressar no ensino superior, e o senhor nem imagina o abrir de portas que foi esse ingresso. Minha prima também se tornou filha da UNEB e minha irmã agora também é. Meu coração transborda ao lhe contar isso, a luta por uma educação pública, emancipatória, deve fazer parte do cotidiano das nossas escolas. Acredite, sem o incentivo da minha mãe e dos professores que sempre me disseram que eu poderia ir além, que fizeram minha inscrição no programa Universidade Para Todos - UPT, eu jamais teria chegado aqui. Não por não ter capacidade de ir além, mas por não ter conhecimento sobre como ingressar em uma universidade.

Quero te contar um pouco da minha trajetória. Morei na roça até os 16 anos e comecei a estudar aos 5 anos de idade graças a minha mãe e ao meu pai que foram atrás de transporte na secretaria de educação de Ibititá (BA), governo tem políticas públicas de permanência estudantil, como é o caso do Mais Futuro, PIBID, Partiu Estágio, Monitorias de Ensino, programas esses que me auxiliaram no desenvolvimento profissional e financeiramente, pois me davam a oportunidade de focar no curso e não precisar voltar a trabalhar na roça e/ou em casa de família, pois como é sabido Freire, a dificuldade de estudar sem a família conseguir ajudar é grande.

Desta forma, eu consegui fazer parte dos programas e assistências estudantis do governo estadual e federal, comecei com o PIBID que durou 18 meses atuando em sala de aula, logo após esse programa, consegui a bolsa do Mais Futuro. Após o PIBID eu consegui fazer o Partiu Estágio e atuei junto a coordenação de uma escola estadual da minha cidade Ibititá-Ba, local que aprendi muito sobre coordenação pedagógica. Com o encerramento da bolsa do Mais Futuro, surgiu a oportunidade de fazer o estágio do próprio programa no Núcleo Territorial de Educação-NTE 01 dentro do Setor Pedagógico, e foi o ambiente que me proporcionou vivências do fazer pedagógico inestimáveis.

Concomitantemente com o estágio do Mais Futuro eu fiz a Monitoria de ensino superior, e ahh... Freire... chego a suspirar por me encontrar em um ambiente de orientação. Eu convivi com colegas e futuros pedagogos que estão compreendendo a educação como uma ação transformadora de realidades, a experiência de monitorar na sala do ensino superior me proporcionou apreciar o cuidado e a busca pela educação emancipatória que os estudantes e futuros pedagogos estão fazendo e lutando para acontecer. São cabeças pensantes que percebem e se tornam parte da luta pelas mudanças na educação.

Dentro deste desenvolvimento profissional a Monitoria de Ensino na disciplina de Pesquisa e Estágio me proporcionou conviver com a realidade de diversos estudantes do curso de pedagogia, lidar e aprender com diversos temas e está ali na prática do dia a dia auxiliando no processo de orientação do que é educar e como educar, me fez ter mais certeza de que a coordenação é a minha área. Orientar, auxiliar, coordenar faz parte da minha identidade enquanto profissional e a monitoria de ensino me proporcionou esta experiência.

Dentro da Monitoria juntamente com a professora do componente que é a minha orientadora - Lormina Barreto - eu consegui enquanto aprendente da docência no ensino de nível superior,

partilhar das experiências juntamente com meus colegas e encontrar dentro destes partilhamentos o meu tema de pesquisa para o TCC. Em uma escuta atenta dos relatos dos futuros pedagogos em seus processos de estágio na escola Parque Municipal Ineny Nunes Dourado, na cidade de Irecê-Ba, trouxeram à tona assuntos emergentes para se trabalhar e contribuir com a educação do nosso município. Bingo! Eureka!! O papel do coordenador na dinamização do currículo da rede municipal.

Então Freire, encontrar dentro da monitoria de ensino superior a vocação por pesquisa despertou em mim, graças aos seus ensinamentos o desejo por acreditar e trabalhar dentro de um conceito de fazer pesquisa *para* a educação ao invés de uma pesquisa *sobre* a educação, pois houve entendimento de que a pesquisa deve ser voltada para uma práxis pedagógica, que deve acontecer de forma crítica e transformadora. Porém querido Freire, estudar sobre o novo causa medo, e mais uma vez me apego aos seus pensamentos que diz que "Se você racionaliza o medo, então nega o sonho. [...] o medo vem de seu sonho político, e negar o medo é negar o sonho" (Freire, 1986, p. 39).

É necessário coragem para enfrentar o *Novo*, é necessário apoio para ir além, e eu preciso agradecer à minha orientadora que esteve nesta jornada me incentivando, despertando minha veia freiriana, pró Lormina Barreto Neta, a educação, cuidado e humanidade que a senhora despertou nas suas aulas durante a Monitoria, a sua implicação nas orientações fizeram despertar o conceito freiriano de uma educação que seja emancipatória, e é importante que você saiba sobre isso Freire, por que isso faz jus a sua luta, seus ensinamentos estão sendo repassados e a busca por uma educação pública, de qualidade, emancipatória e humanizadora vem ganhando e tomando força.

Lembro-me que você falava em seus livros de pensar-se em uma educação capaz de reconhecer a cultura do educando e agir com base nela, naquela realidade, pois somente assim ela faria

sentido para aquele que vai ser alfabetizado, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” sendo que esta leitura somente fará sentido se for acompanhada de uma capacidade de ler o mundo, de perceber o mundo, de reconhecer os papéis desempenhados pelos atores do mundo e de reconhecer-se como peça naquele mundo, e foi isto que eu vivenciei durante a monitoria de ensino.

O reconhecimento de que as escolas devem ser locais no qual o ensinar e o aprender se tornem um momento alegre, de escuta a comunidade, diretores, professores, zeladores, de respeito pelas crianças, respeito esse de entender as crianças como parte ativa e constituinte da escola. E era essa a orientação fornecida pelas professoras de estágio, e eram esses os relatos dos universitários em formação, preocupados com o processo de ensinar e aprender das crianças, então, querido Freire é nítido seu legado neste entendimento dos profissionais que estão em formação.

As orientações partiam da necessidade de se ter uma visão crítica do que seria ensinar, estudar e aprender, do reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos, de falas, de conhecimentos, compreendidas a partir do diálogo, e a parte mais bonita que pude vivenciar nesta Monitoria foi a preocupação dos pedagogos em formação na busca pela emancipação, uma emancipação no sentido de que a criança possa mudar sua própria história, acreditar em si mesmo, transformar o mundo. No sentido de uma prática emancipatória que dá voz e sugere a autonomia das crianças de se reconhecerem no mundo e de ressignificarem sua existência.

Ah Freire, vivenciar a prática de uma formação para os futuros pedagogos se reconhecerem e se educarem por meio das práticas sociais foi inspirador, me encontrei pesquisadora neste processo e atualmente faço parte do grupo Ação e Mobilização Social pela Educação a partir da Infância (GP-AMEI), que é um grupo de

Empoderamento Comunitário a partir da Infância, com foco também na alfabetização freiriana, pois me entendendo dentro de contexto social, sendo mulher, negra e pobre, preciso conhecer e reconhecer o que é ser oprimido e o que é ser opressor, senão o oprimido continua em seu lugar de oprimido e não sai para a luta, já que:

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isso no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existência, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira (Freire, 2011, p. 23).

Então Freire, agradeço os seus ensinamentos enquanto humano, ser inacabado e em constante evolução, pelas reflexões a mim oportunizadas. Agradeço a luta pela permanência das políticas públicas de incentivo ao ensino superior. Agradeço às professoras de Estágio, Lormina e Daniela pela excelência das aulas administradas, aulas de escuta, reflexivas. Este é um processo permanente, a constância por uma educação pública que se caracterize pelo respeito aos saberes dos educandos e tenha como princípios a ética, solidariedade e a transformação social, ou seja, que possamos viver a frase: ao mesmo tempo que luta, educa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.



Joilton Lopes de Brito Lemos

ESCOLA COMO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO OU DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?

Prezado companheiro Paulo Freire,

Antes de tudo, preciso dizer que ainda me sinto extremamente emocionado pela passagem do seu centenário. Data simbólica, que nos encheu de orgulho, pois vivenciávamos, naquele momento, mais um período obscuro de nossa História. O Brasil flertou mais uma vez com ideologias de extrema direita. Ódio, perseguição, negacionismo, sucateamento da educação e da cultura. Assim como nos anos 1960/1970, seu nome esteve envolvido nos discursos de ódio daqueles que se apresentam como defensores da família, da moral e dos bons costumes. Falo dos indivíduos que se dizem nacionalistas, que se apossaram da bandeira nacional e saíram pelas ruas gritando que você era o grande vilão da educação brasileira. Vivemos tempos difíceis, mas tenho que lhe dizer que seu nome, sua história e seu legado foram devidamente defendidos, nas escolas, nas universidades, nas praças públicas e em todos os atos em prol da democracia. O “*esperançar*” de Paulo Freire nutriu cada um de nós que, como você, defende o Estado Democrático de Direito. Seu centenário foi festejado em todos os cantos desse país e você segue sendo o patrono da educação brasileira.

Escrevo esta carta para lhe contar que durante minha vida acadêmica fui me apaixonando por seus escritos. Ainda no Ensino Médio, aluno do Curso Normal (Formação de Professores), tive contato com uma de suas obras. Uma professora pediu par que lêssemos o livro *Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar*. A partir dessa leitura, sinto que comecei a construir o professor que sou, consciente do papel social da escola, das disputas ideológicas, do papel formativo e de luta da greve dos trabalhadores e de que os educandos são sujeitos da História.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, participei de um grupo de pesquisa, onde estudávamos a sua obra. Naquele período, entre 2009 e 2012, mergulhei mais profundamente em seus pensamentos e comecei a

fazer pontes com outros autores, seja para embasar ideias semelhantes ao que é defendido em sua obra, seja para contrastar concepções divergentes.

Certo dia, lendo *A Reprodução*, de Bourdieu e Passeron (1970), foi inevitável construir essa ponte entre a obra desses autores franceses e sua *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1968), ambas publicadas no mesmo período histórico, apresentando interessantes análises sobre o papel social da escola.

Para Bourdieu e Passeron, a escola serve para reproduzir as classes sociais. Assim sendo, filhos de rico estudam para continuar sendo ricos e filhos de pobre, para continuar sendo pobres. Pois na visão desses pensadores, a escola se utiliza da cultura da classe dominante para impedir o acesso das demais classes sociais aos espaços de poder. Os autores exemplificam ressaltando a hierarquia existente entre os cursos superiores, onde os sujeitos pertencentes às classes populares dificilmente cursam as faculdades frequentadas pela classe dominante:

[...] os estudantes originários das classes desfavorecidas se orientem antes para as faculdades de letras e de ciências e os estudantes das classes favorecidas para as faculdades de direito e de medicina (Bourdieu; Passeron, 2008, p. 262).

Tomaz Tadeu da Silva (2009) revela que “a seleção que constitui o currículo é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes.” Assim sendo, o currículo escolar, baseado na cultura desse grupo, ou seja, uma cultura branca e eurocêntrica, é a grande arma de dominação; privilegiando esses e excluindo os estudantes das classes populares. Não é à toa que, ainda hoje, a evasão escolar é um ponto preocupante na educação brasileira.

No entanto, há sujeitos que conseguem furar essa bolha, acessando certos espaços de poder:

Bourdieu ressalva que as diferenças culturais entre os alunos das diversas classes sociais seriam menos evidentes nos níveis mais elevados do sistema de ensino. Isso ocorreria porque os alunos das classes médias e populares que chegam a esses níveis do sistema já teriam passado por um processo de “superseleção”, no qual teriam sobrevivido apenas aqueles mais qualificados (Nogueira; Nogueira, 2004, p. 87).

Então, companheiro Freire, se o currículo escolar contribui decisivamente para a manutenção do status quo, é preciso repensá-lo, reconstruí-lo sobre as bases de uma educação democrática, onde todos os alunos possam ser vistos como sujeitos históricos, constituídos por diferentes saberes. E é justamente em *Pedagogia do Oprimido*, que vamos encontrar as bases teóricas que nos faz acreditar que o professor pode e deve ser muito mais que um agente a serviço da estratificação das classes sociais, mas um agente transformador, que, através de sua práxis, vai buscar caminhos para a conscientização das classes populares.

[...] Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos*. (Freire, 1987, p. 30).

Os dominados são pessoas alienadas, eles foram persuadidos pela classe dominante. Estes inculcaram nos oprimidos que a realidade que está posta não deve ser questionada porque Deus assim quer, e se revoltar contra esta situação é afrontar as vontades divinas.

Sem crerem em si mesmas, destruídas, desesperançadas, estas massas dificilmente buscam a sua libertação, em cujo ato de rebeldia podem ver, inclusive, uma ruptura

desobediente com a vontade de Deus – uma espécie de enfrentamento indevido com o destino. Daí a necessidade, que tanto enfatizamos, de problematizá-las em torno dos mitos de que a opressão as nutre. (Freire, 1987, p. 162).

Esse pensamento está tão impregnado na cabeça dos oprimidos que é comum ouvirmos frases do tipo: “A vida é assim mesmo.”; “Se Deus quer assim, o que eu posso fazer?”; “Eu nasci pobre, vou morrer pobre; essa é a realidade.”

Os dominadores conseguem invadir a mentalidade dos dominados, impondo sua visão de mundo, onde só os brancos ricos têm direitos plenamente garantidos. Portanto, o trabalho do professor revolucionário é extremamente exaustivo, pois este precisa recuperar a humanidade roubada pelos necrófilos – que são os opressores. Nesta sua perspectiva, companheiro Freire, os revolucionários são biófilos, pois lutam para que os oprimidos se conscientizem, descobrindo com isto, que são sujeitos de sua história e não meros objetos.

Enquanto os professores que servem à dominação se prosttram diante da realidade, nada fazendo para transformá-la, os professores revolucionários respeitam os seus alunos, dialogando, incentivando-os a buscar conhecimento, mostrando que o futuro não está dado, que a história é feita por homens conscientes e que, portanto, é importante deter os dominadores – aqueles que nos proíbem de viver, de falar e de pensar.

Sinto que estou me alongando e sem querer cansá-lo, companheiro Freire, volto, para terminar, ao “esperançar”. Escrevo esta carta, a pouco dias da chegada da primavera. Justamente hoje, dia em que se comemora a Independência do Brasil. Há nove meses, o Brasil respira aliviado. Conseguimos, na eleição presidencial de outubro de 2022, depois de muito esperançar, afastar a extrema direita do poder. Hoje, Luiz Inácio Lula da Silva desfilou em carro aberto, com a faixa presidencial no peito, comemorando a Independência do Brasil – data que podemos e devemos problematizar. No final das come-

morações, Lula chupou jabuticabas colhidas, por ele próprio, de uma jabuticabeira que plantou em seu segundo mandato. É a prova cabal de que *“Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera”*.

Duque de Caxias (RJ), 07 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. PASSERON, J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NOGUEIRA, M. A. NOGUEIRA, C. M. M. A escola e o processo de reprodução das desigualdades sociais. *In*: NOGUEIRA, M. A. NOGUEIRA, C. M. M. **Boudieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.83-101.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma Introdução às Teorias do Currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



Lana Lima Pereira

A REEXISTÊNCIA DO FAZER EDUCATIVO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Saudoso e respeitável Freire,

Venho através destas singelas palavras na tentativa de dialogar com sua grandiosa e relevante contribuição à educação brasileira a minha experiência como professora e educadora. E, assim, tentarmos pensar juntos em uma possível reexistência para o fazer educativo enquanto prática de liberdade.

Sinto dizer, mas muito pouco se tem avançado no sentido de uma pedagogia libertadora. A nossa incessante busca tem sido um processo tortuoso e doloroso para todos os envolvidos. Infelizmente o afeto tem sido substituído pelas tantas e tantas tarefas de entra e sai de uma turma para a outra, de uma escola para outra, quando não, de um município ao outro. Refiro-me especificamente ao ser educador nos dias atuais. São acúmulos de vínculos e de tudo que nos enche e nos deixa sem tempo nem para pensar e praticar a tão sonhada liberdade. Estamos, cada dia mais, caminhando para o pragmatismo do que para a práxis transformadora. Se nós que devemos ser o exemplo para aqueles que estamos lhe dando, imagina esses alunos. O exercício do pensar está cada vez mais em extinção. Ah, Freire, vivemos a era dos professores cansados. E dos humanos que deixam o “trabalho do pensamento” para o meio digital. Tudo que se quer lembrar, fica nas nuvens, pesquisa-se no Google. Assiste-se no Youtube.

E não acaba nisso, o cansaço não é apenas o físico, não. O pior deles vem acompanhado do demasiado descaso do aluno por parte de seu aprendizado. Deste educando que tanto nos preocupamos com sua vida para além-sala de aula. Muitos não vislumbram nada por meio da educação ao contrário do que aconteceu comigo há alguns anos quando eu estudava o ensino básico. Sei que a década da qual eu cresci e pude cursar o período escolar, a década de 1990, foi frutífera e carregada das benesses das lutas envolvidas no período anterior. No entanto, atualmente, em 2023, os alunos objetivam mais a vida nas mídias e enxergam as possibilidades intermediadas pela

cultura digital. Ela compete com o nosso papel em sala. O universo digital tem ditado todas as regras do sistema. Tudo de maneira difusa e desorganizada. Cada um faz o que quer, compartilha o que deseja, sem ter um olhar cuidadoso e cauteloso sob seus dedos.

Não sei até quando as telas vão tomar o protagonismo de crianças e jovens em relação à escola. E o que parece é que esse fenômeno está só começando. Há até o interesse dos educadores-pesquisadores por metodologias que deem conta de atravessar o aluno com o olhar crítico e reflexivo tão apregoado por você, e sempre desafiador para que os alunos não apenas sejam receptores, mas atores do conhecimento de que passa por suas vidas. Mas poucos resultados ainda estamos vendo no sentido do desenvolvimento do conceito e da prática da autonomia entre eles. Muito menos uma prática de reexistência e de liberdade que assegure de fato a construção de uma transformação social.

Podemos considerar que sou uma jovem professora, com sete anos vivendo a Educação Básica deste país. Sete anos vivenciando contradições nesse meio. De São Miguel do Guamá -PA, Maracanã-PA a Belém-PA, nas sedes dessas cidades e até nas estradas desse Estado, vemos um fazer educativo que não consegue ultrapassar as velhas estruturas hierárquicas e suas arbitrariedades sobre o ensino-aprendizagem. Ano após ano ainda vivenciamos a mesma organização. Ouso afirmar que estamos vivendo um período mais centralizador dessas forças hierárquicas, especialmente na escola pública. As secretarias de educação têm tomado para si todas as decisões que dizem respeito aos movimentos escolares, sutilmente, desde os eventos escolares, as decisões pedagógicas, e até, do que competiria apenas ao quadro da comunidade escolar, como por exemplo, a organização de Conselho de Classe, de Plantões Pedagógicos. Tudo, as secretarias querem dizer quando e como fazer e a comunidade escolar, só deve seguir fazendo. Apesar disso, temos leis que apresentam letras evidentes sobre a gestão democrática, a inclusão de todos os tipos de pessoas no interior da

escola, no entanto aqui vemos o quanto a teoria e a prática traçam caminhos diversos e contrários.

Freire, não estou aqui apenas para lamentações, até porque sabemos que a vida humana parece apresentar esses polos opostos, configurando o bem e o mal, o claro e o escuro, o fazer e o dizer, a teoria e a prática. É complexo. E como você belamente discutiu em *Pedagogia do Oprimido*, nós somos seres em construção, incompletos, num eterno estar sendo. Dialogando sobre essa essência com os filósofos gregos, como Heráclito, quando pôs em evidência que aquilo que permanece é a mudança, esta característica bem ilustrada pela icônica frase de que ninguém é o mesmo depois de se banhar no rio, nem mesmo este rio. Tudo está em constante mutação. Estamos sempre em movimento. Por esse motivo é que o entendimento do que devemos fazer para alcançar a tão necessária e possível libertação é esse movimentar-se, seja individual e/ou coletivamente.

Mas há questões que eu adoraria ter a oportunidade de sentar ao seu lado e lhe questionar: será que é somente pela problematização sobre as nossas atitudes, sobre nossas visões de mundo e sobre aquilo que estamos fazendo na escola que vamos de fato conseguir mudanças significativas em nossas vidas, ou especialmente dos oprimidos e marginalizados? Ou há outro caminho possível além do apenas Esperançar?

Digo apenas, porque esta palavra, apesar de carregar uma força de dizer, ela continua no âmbito da teoria, da ideologia ou mesmo da palavra, e não da prática em si. Então, quando vamos conseguir superar essa dimensão para construir novas sociabilidades? Quando nossa maior ênfase será na prática da transformação e não nas teorias sobre ela? Como vamos reexistir perante tanta violência? Outra grande questão é como cultivar o amor à luta pela libertação da humanidade diante do contexto de hiperindividualização e de egocentrismo?

A minha grande preocupação, Freire, é se realmente conseguiremos superar as nossas necessidades individuais de sobrevivência, de existência e de reexistência, através da profissão de educador, com todos os desafios que carregamos nas costas na contemporaneidade, da falta de condições de trabalho, da precária remuneração e da desmotivação dos alunos pelos estudos, e assim construir uma possível prática de liberdade. Esta carta, mais do que resolver essa questão, é querer abrir um diálogo com você que tanto dedicou seu tempo, pensamento e escritos vislumbrando a tão sonhada libertação da humanidade, em especial dos grupos marginalizados. A questão que quero finalizar este diálogo é então: como reexistir na profissão em busca da libertação?

Belém, 07 de setembro de 2023.

Lana

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the image, some with wax seals. A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Marilza Pereira da Silva

A SOMBRA DAS MINHAS MEMÓRIAS

Estimado professor Paulo Freire!

Sou pedagoga e estudante do curso de pós-graduação lato sensu em educação do campo, ambos pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XVI. Ao pensar essa carta, me perguntava de que maneira a importância do ato de ler (Freire, 2003) poderá proporcionar a aproximação entre o meu ato de ler com o mundo da minha pretérita infância. Portanto, é imprescindível dialogar sobre as intenções, com o senhor, a respeito das minhas experiências de leitura do mundo, antes mesmo da decodificação da palavra escrita. Sou mulher nascida de uma mistura, que considero de grande boniteza, carrego em meus traços a força e a resistência dos caboclos e caboclas indígenas e da ancestralidade negra. Filha de pais agricultores, fui criada entre o velame de bode, o caroá, unha de gato e a macambira, sou da moradora da cidade de Irecê, Chapada Setentrional, Estado da Bahia. Meu nome de batismo é Marilza, mas identifico-me como Índia Caatingueira.

A vida dura, o estigma da seca, a falta de alimentos suficientes, fazem parte da minha história, e de tantas outras pessoas como o senhor bem sabe. Tivemos fases boas e ruins, condições que superamos graças a resiliência dos meus pais, que também aprenderam da dura vida sertaneja em tempos difíceis, como minha mãe, que na sua adolescência sobreviveu as grandes secas comendo cuscuz de mucunã, alimento que podia alimentar ou matar a família, ela sobreviveu mais forte e com a sabedoria de multiplicar o pão para a prole quando éramos mais bocas que comida.

Herdei do meu pai a teimosia e de minha mãe a esperança, assim nas lutas que eles construíram fomos agraciados com um pedaço de terra, elemento sagrado na construção e promoção da vida, fazendo que nossas condições melhorassem quando a família foi contemplada com um lote de reforma agrária, no assentamento Califórnia II, município de Itaguaçu da Bahia, sendo este, meu mais

importante espaço informal de educação, no qual vivi muitas experiências interessantes.

No início persistiram algumas dificuldades, roupas, calçados, comida, visto que o primeiro alimento do dia era café com farinha, esta última em abundância por consequência da significativa produção e beneficiamento da mandioca, onde se fazia a farinha e a extração da tapioca para fazer o beiju que por um período era alimento mais qualificado. Também a criação de pequenos animais ajudou na condição nutricional.

Tínhamos tarefas definidas nos trabalhos da roça, de acordo com nossas idades e força, na desmancha da mandioca, por exemplo, a função da molecada era abastecer as vasilhas com a massa da mandioca para “tirar a tapioca” antes que essa fosse para a prensa, atividade prévia à torrefação. Após cumprir essa tarefa, brincávamos de esconde-esconde dentro dos fornos à lenha, antes de ser aceso para torrar a farinha, também brincávamos de repetir o trabalho dos adultos de igual modo, raspando, ralando a mandioca para tirar a massa. Outros coletavam gravetos para acender o forno e ainda tinha aquelas que cozinhavam para todos, tomamos consciência no ato de brincar, da importância da coletividade vivenciada nessas ações, bem como com os adjuntos que eram comuns entre vizinhos para o trato com a terra ou a construção de moradias.

A casa de farinha era a melhor estrutura física da área do assentamento, uma casa grande de tijolinho, com amplo alpendre que em dia de beneficiamento as mulheres utilizavam para a raspagem da mandioca e em seguida se instalavam na mesma sombra para tirar tapioca. Entre fornos, bulinetes, prensas e repreensão dos adultos corríamos brincando de bila, segurando pedaços de beijos nas mãos.

A cada noite, acendia-se uma fogueira em frente à casa de um vizinho diferente, para contar as resenhas do dia, ninguém escapava das pilhérias. O mais gostoso eram as noites de lua cheia,

aí podíamos cabriolar à vontade e isso não era repreendido porque estávamos debaixo do olhar atento dos pais.

No assentamento tive minhas mais importantes leituras de mundo, um mundo que nos enchia de saúde e bem-estar a partir do contato com a natureza, as brincadeiras, sobretudo as paneladas (piquenique), que aprendíamos a cozinhar enquanto brincávamos, misturávamos as práticas de vida com as viagens da infância.

Essa viagem de minha vida me traz como referência seu livro, à *Sombra desta Mangueira* (Freire, 2015), quando o senhor traz a vivência no seu quintal nos fazendo entender que antes de ser brasileiro é um cidadão do Recife, do bairro tal, de tal casa com tal quintal. O quintal para mim também é aspecto importante na construção de minha identidade, das brincadeiras nas sombras dos oitões da casa ou da caixa d'água, nas sombras das umburanas, dos umbuzeiros e até mesmo das cercas de madeira que dividia o quintal da roça ou do chiqueiro das cabras; do banho de chafariz escondido porque a água por ser escassa, não era brinquedo. Memórias carregadas de sentidos e sentimentos, como expressa no texto, "A terra que a gente ama, de que a gente sente falta e a que se refere, tem sempre um quintal, uma rua, uma esquina, um cheiro de chão, um frio que corta, um calor que sufoca, um valor por que se luta..." (Freire, 2015, p. 33).

Assim, nas lembranças da minha infância sinto os cheiros de mato, na trilha que ligava nosso lote aos demais cortando a caatinga, para ir à escola, ali a mente me transportava para outros tantos mundos, conversando com os colegas ou sozinha eu criava situações problemas e ia buscando solucionar.

A nossa escola era um prédio minúsculo que ficava mais ou menos dois quilômetros da nossa casa, íamos para ela por dentro da caatinga a trilha encurtava a distância, a escola ficava na chamada Sede, era considerada o centro do assentamento, onde aconteciam os eventos comunitários, missas, batizados, casamentos, reuniões etc.

Meu primeiro acesso às letras não foi na escola, ao chegar na classe do “ABC”, estranhei, visto que já cheguei alfabetizada e a professora achou melhor me promover para a primeira série. Eu estava avançada na aprendizagem, mas traumatizada com a metodologia utilizada na minha alfabetização.

Meu irmão mais velho, que estudou até a quarta série ganhou a missão imperiosa de alfabetizar, eu e minha irmã. Por sermos as mais novas, não tínhamos recursos para a farda, então tínhamos que esperar para herdar dos irmãos mais velhos.

Ele um ditador, com a cartilha em mãos, tínhamos que soletrar e dizer corretamente as palavras, sem nunca ter conhecido o alfabeto e assim entender as sílabas e as frases. Na hora da lição chorávamos, porque não tínhamos como decodificar aquelas gravuras, sabíamos o quão doloroso seria errar e assim a cada erro, apanhávamos com cabos de vassoura ou enxada, com a bainha de facão, um galho fino da planta e as marcas avermelhadas corriam pelo corpo entre letras, lágrimas, xingamentos. Aprendemos rápido, porque a sensação era de que, não escaparíamos à próxima lição. Acredito que meu irmão recebeu o que o senhor chama de “educação bancária” sugerindo, a descontextualização, uma dicotomia homens-mundo inexistente, sozinhos, solitários. *Homens espectadores e não recriadores do mundo* (Freire, 2013).

A educação que recebi, violenta não só simbólica, mas fisicamente a meu ver era um tipo de adestramento, domesticação, mas apesar das surras, o espírito de rebeldia, impróprio para as mulheres já me acompanhava, este de algum modo, me protegeu de mim e dos meus entes queridos.

Me descobri deste modo inteligente, primeiro pela leitura do mundo e bloqueada em seguida pela leitura da palavra, que nem sequer se referia ao meu mundo. Na escola não foi diferente, a tabuada, era um terror que tirava o sono, a vassoura, o chicote e enxada foram substituídas pela palmatória ou por coques (cascudos com as

mãos em punho) o que em mim causava frequentes dores de cabeça. A professora mostrava seu poder de forma autoritária e violenta, buscando nos silenciar e domesticar, como se fôssemos animais em adestramento, sem liberdade de pensar, sem o direito a expressar, sem o respeito ao sujeito, me fazendo recordar o que o senhor diz no livro *Pedagogia da autonomia*: "[...] a autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se" (Freire, 1996, p. 104).

Nessa época, morávamos em Morros do Higino, no município de Jussara na Bahia, nos obrigando a mudar para esse povoado para continuar os estudos, fomos morar com a minha bisavó materna e minha avó paterna, duas senhoras distintas e com a doçura das avós.

Morar com as avós não era ruim, tinha uma outra energia, outro formato e funções, a minha, por exemplo, era de fazer as compras, pois tinha excelente memória e não esquecia nenhum item da compra, minha avó confiava em mim, pela primeira vez me senti, útil, inteligente e feliz! Era outra forma de ler e entender o mundo, seus símbolos e significados.

Sair do assentamento para povoado, foi difícil, mas, adaptável, tínhamos as mesmas amizades e compartilhávamos de muitas coisas comuns. Difícil mesmo foi sair de lá para a cidade, abandonar a terra tão sonhada e conquistada com tanta luta para tentar a vida em terras estranhas.

Protestei, mas ouvi meu pai me dizer que eu não me governava, e assim, passei por muitos lugares que não eram meu lugar, nunca havia superado a relação de tortura vivenciada com meu irmão. Mais uma vez rompi laços, porém desta vez para seguir meu caminho, tentar voltar de algum modo às minhas origens e buscar resgatar um pouco do que tinha na minha infância nas sombras dos oitões, cercas, umburanas e umbuzeiros, este último adoçando a minha alma destrozada e ferida pela crueldade de um mundo que não me representava como ser humano.

Na minha busca solitária de não aceitar ser capacho dos que não sabiam me amar, perdi a esperança, mas me reconectei com ela, assim me reporto a Pedagogia da Autonomia, quando o senhor sabiamente diz que: [...] “É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança” (Freire, 1996, p. 29). Com esperança me refiz, sofrida, endurecida pela vida, mas, “esperançada” das coisas boas, da minha caminhada de vida pelas trilhas das Caatingas semiáridas.

Freire, sei que faríamos um lindo diálogo sobre tudo isso. Te agradeço por transformar e contribuir com minha vida. E, fique tranquilo, suas ideias jamais morrerão, porque as ideias se eternizam em outras pessoas mantendo sua história vívida, inspiradora e pulsante. Sigo inclusive atuando na educação, inspirada no seu “esperançar”, Como educadora, os diálogos com seus livros e a sua história de vida, remete à minha prática hoje. Gratidão!!

Até um dia, amigo querido!

Índia Caatingueira

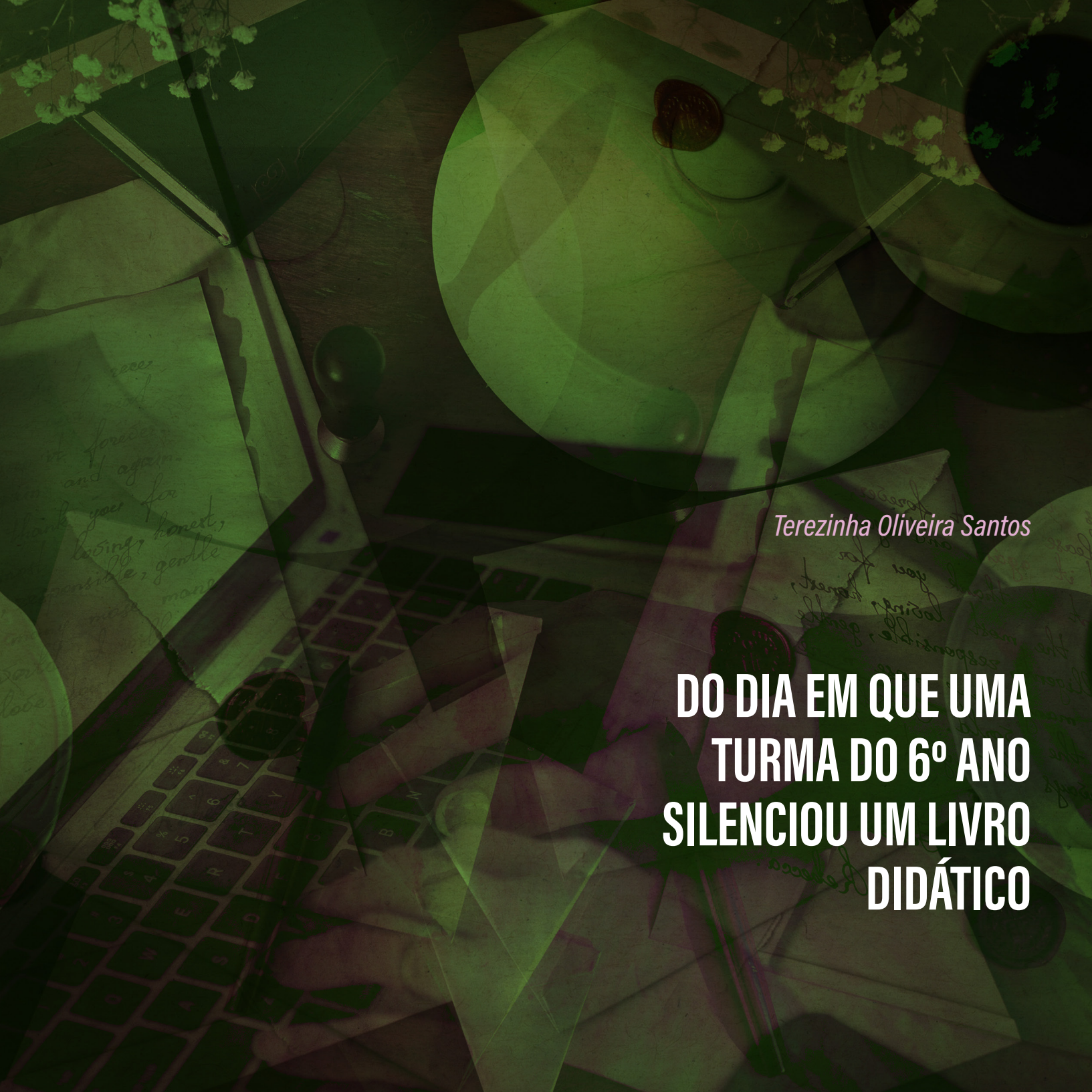
Irecê – BA, setembro de 2023

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.



Terezinha Oliveira Santos

DO DIA EM QUE UMA TURMA DO 6º ANO SILENCIOU UM LIVRO DIDÁTICO

Querido professor Paulo!

Meu ato de escrever esta carta é guiado por suas palavras, nas páginas iniciais do livro, *A importância do ato de ler*: três artigos que se completam, gosto muito daquela sua imersão poética-filosófica ao conceituar a compreensão crítica da leitura como um processo no qual a palavra escrita, a linguagem escrita possui um tempo que lhe é anterior e um tempo que se estende "(...)na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" (Freire, 1989, p. 9). Na sala de aula de Língua Portuguesa, em especial, a linguagem se materializa nos gêneros do discurso, orais e escritos. Autores, a exemplo de Marcuschi (2010), nos falam de um *continuum* entre fala e escrita, no entanto, o mito da supremacia da escrita sobre a oralidade persiste e, nessa ideologia, se perde aquilo que você tanto apreciava, educador querido: a escuta, o prestar atenção ao que a pessoa está dizendo para, a partir dali, em comunhão, se pensar em formas de transformar a realidade comum no texto a ser lido.

Em nossos discursos pedagógicos aparecem termos, tais como: "interações", "dialogicidade", "de(s)colonialidade", a exemplo, mas sabemos que, na prática, a rotina de muitas salas de aula, em especial, daquelas destinadas às populações empobrecidas - em seus entrecruzamentos de raça, gênero, território, faixa geracional, etc., - ainda é marcada por ranços coloniais, entre eles, o silenciamento das pessoas discentes e a insistência de uma "educação bancária" como *modus operandi* das relações de poder verticalizadas, nas quais - a figura docente demarca o seu discutível espaço hegemônico. Talvez, uma escola assim seja aquela marcada pela evasão, já que é um lugar do não-sentido. É a escola que nos faz lembrar de personagens transgressoras como a Totonha, dos Contos Negreiros, de Marcelino Freire (2005) ou da Belonísia, de Itamar Vieira (2019), em Torto Arado que não sentia atração por um espaço que nada

lhe dizia, melhor seria continuar suas andanças pela roça, quintal e cozinha lugares da sua vivência.

Em suma, aprendi muito com seus ensinamentos, professor. Mas, não houve lição maior do que o fato que passarei agora a contar-lhe. Em 2008, eu lecionava Língua Portuguesa numa escola pública municipal do subúrbio ferroviário de Salvador, precisamente no bairro de Paripe. Um dia, estava em sala com a turma do 6º ano, turno vespertino, após a chamada nominal, Miguel, um estudante que sempre chegava após o horário, adentrou a sala com sua simpatia adolescente, pele avermelhada queimada pelo sol e um sorriso que resolvia qualquer problema, principalmente a pontualidade.

Naquela aula, teríamos a leitura de um texto cuja temática estava relacionada às baleias e à preservação da natureza. Enquanto a turma se organizava para encontrar a página no livro didático, Miguel passou a contar que, na noite anterior, ele e outros pescadores haviam capturado um pinguim na rede. Foi a maior onda!!! A sala queria saber tudo em relação a essa ave, seus colegas só conheciam a espécie através de imagens nos livros, revistas, Internet, ou naquele filme "Happy Feet" em que eles são personagens. Eu, também!

Então, Miguel se levantou e passou a narrar, com mais ênfase, que o pinguim, capturado por eles na rede de pesca, estava cheio de óleo; contou que ele tinha uma espécie de penugem no revestimento de seu corpo. Contou que fazia muito frio em alto mar e, para resolver isso, é rotina para os homens do barco tomarem uns goles de cachaça. Ele também era um "homem". Pela manhã, ao regressarem à terra, encaminharam o animal marinho aos órgãos ambientais competentes.

A maioria dos alunos tinha alguma experiência com a pesca. A região é litorânea e aquela é uma das atividades de sobrevivência. De repente, um dos ouvintes começou a ensinar como é que se pesca a Arraia, explicando que ela possui no seu corpo um ferrão que

pode ferir gravemente a pessoa. Um outro narrador interveio e contou sobre o baiacu; um peixe que infla quando é ameaçado e possui um veneno. E eu, aprendiz, fiz perguntas como ouvinte interessada.

Que momento, professor! Que momento! Em qual livro eu encontraria um ensinamento maior? O mar adentrou a nossa sala, com seus mistérios, seus causos, nas vozes daquelas meninas e meninos em suas experiências com aquele acidente geográfico, que é a enseada dos Tainheiros, a parte “periférica” e “esquecida” da Baía de Todos os Santos. Lembro-me de que olhei para a turma, Miguel ainda conversando, gesticulando, levando os colegas a rirem das suas histórias. Lembro-me de que guardei o livro. E parecia que, ao longe, a voz de Dorival Caymmi nos dizia: *O mar quando quebra na praia ...é bonito ...é bonito*, E eu poderia afirmar, querido professor, que quando ele “quebra” numa sala de aula, beleza maior não há!

Com os olhos marejados e transbordando de gratidão,

Despeço-me!

Terezinha Oliveira Santos

REFERÊNCIAS

FREIRE, M. Totonha. *In: Contos Negreiros*, 2005. Disponível em: <https://edview.php?id=2510534>. Acesso em: 30 set. 2023.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto arado**. 1a Reimpr. São Paulo: Todavia, 2019.



Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura

**AO GRANDE EDUCADOR,
TRANSMISSOR DE
AMOR E ESPERANÇA**

Estimado e saudoso Paulo Freire,

Venho através desta, escrever-lhe brevemente as minhas angústias, indagações, sonhos e algumas reflexões sobre a educação brasileira.

Apesar de não me conhecer, ousou dizer que lhe conheço bem, por meio de suas majestosas e inspiradoras obras reflexivas, porque foi contigo que aprendi a esperar, não no sentido de esperar, mas no sentido de ter um vislumbre positivo para o futuro. Contigo aprimorei minha prática educadora por meio de uma educação problematizadora e com certeza, tornei-me uma educadora mais atenta e consciente da realidade que me cerca.

Deve estar se perguntando como anda o nosso Brasil. Pois bem, resta-me dar-lhe notícias. Nesses vinte e seis anos que nos deixaste, muitas mudanças aconteceram em nossa sociedade e algumas merecem ser destacadas ligeiramente por nós educadores (as).

No campo tecnológico o aceleração das informações em tempo real, a ampliação das redes sociais acentuadas com a modernização e popularização dos aparelhos celulares, alargou em proporções gigantescas o processo de globalização.

Nas últimas décadas as relações humanas foram sendo paulatinamente alteradas e modificadas. Atrelado as essas mudanças surgiram novas dinâmicas de educação, bem diferentes em relação a épocas anteriores, que pressupõe novos modelos e estratégias educacionais.

Em se tratando de transformações, vale ressaltar que essas foram aceleradas pelo advento da pandemia do COVID-19, nos últimos três anos, que engendrou alterações significativas na forma de ministrar aulas.

Nesse interim, a nossa educação teve que se adaptar a novos moldes, em uma perspectiva remota (aulas assíncronas e síncronas).

Nós educadores, resistimos, nos reinventamos, muitos de nós tivemos que aprender às pressas, trabalhar com recursos tecnológicos, dar aulas online, muitas vezes sem nenhum treinamento, criar canais no YouTube, blogs e grupos em redes sociais, fazer busca ativa dos educandos via celular.

Há casos de muitos educadores(as) que deixaram a sequência de atividade remota nas portas das casas de seus educandos, tudo isso para tentar diminuir o dano no processo ensino-aprendizagem em meio ao medo real da morte que nos assolava. Perdemos bastante pessoas, cerca de 700 mil brasileiros, conforme dados do Ministério da Saúde.

Dessa famigerada experiência, a educação colheu danos irreparáveis. Para termos noção dos impactos da pandemia na educação do Brasil, destacamos a taxa de abandono no ensino médio na rede pública que saltou de 2,3%, em 2020, para 5% em 2021; o déficit educacional estimado nas aulas remotas em relação às presenciais destaca um aprendizado de apenas 17% em matemática e 38% em língua portuguesa, como aponta os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Recentemente a educação em nosso país se deparou com outro desafio, desta vez os eventos de ataques às nossas escolas e a onda de terrorismo que as impregnou, em meio às ameaças reais e falsas notícias que levaram pânico generalizado à comunidade escolar. Nesse clima de insegurança, o sentimento de que a escola é um lugar seguro, onde podemos deixar nossos filhos despreocupados não se encaixa mais nessa descrição.

Se com todas essas mudanças, não refletirmos o nosso papel de educador e ressignificar nosso lócus de vivências e aprendizagens sucumbiremos ao esvaziamento da nossa profissão.

Dessa forma, é preciso planejar, replanejar e selecionar bem o que se ensina, em uma perspectiva dialógica como que nos falastes.

Afinal, a necessidade das crianças, adolescentes e jovens de hoje, vai além da mera transmissão de conteúdo. Em dias nebulosos, como os de hoje, é preciso suscitar a pedagogia do amor, com nova base epistemológica voltada para o diálogo, liberdade com troca de saberes diversos sob à luz de uma educação dialógica e problematizadora. Assim como disseste em 1978:

O educador deve ser um inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos. Sua tarefa não é a de servir-se desses meios e desses caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e depois entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem negasse o esforço da busca, indispensável ao ato de conhecer. Na verdade, nas relações entre o educador e os educandos, mediatizados pelo objeto a ser desvelado, o importante é o exercício da atitude crítica em face do objeto e não o discurso do educador em torno do objeto (Freire, 1978, p. 17).

Oh! meu caro Freire, depois de avançarmos tanto com a Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional, Nº 9394/1996 (LDB), e leis como nº 10639/2003, nº 11645/2008 que instituíram a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira e ensino de história e cultura indígena, respectivamente, além da lei de cotas nº 12.711/2012 para o ensino superior.

Em 2019 retrocedemos em termos de políticas educacionais, com a proposição de um documento de caráter normativo de Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Novo Ensino Médio (NEM), arrisco em dizer que nos distanciamos de uma educação plural e cada vez mais perdemos a autonomia.

A pressão por um ensino homogêneo, unificado e livresco nos traz à tona as suas críticas de uma educação bancária (Freire, 2005) e nos permite traçar novos rumos em busca do inédito viável, pois, agora mais do que nunca, suas ideias fortalecem a nossa tomada de consciência.

Não podemos nos calar diante de tantos retrocessos, é preciso que levantemos a bandeira de uma educação problematizadora, que compreendemos nossos jovens no mundo pós-pandêmico.

A consciência desses problemas que a escola enfrenta atualmente, nos fazem romper com a visão ingênua sobre o mundo à nossa volta, e nos impulsionam para a luta de dias melhores.

E dentre estas lutas está a valorização pecúnia dos professores, que apesar de muitas conquistas, a exemplo da lei do Piso nº 11.738/2008 que regulamenta o piso nacional dos profissionais do magistério da Educação básica, necessita de uma reforma para garantir o cumprimento efetivo da mesma, visto que anualmente muitos prefeitos e governadores dos Estados brasileiros se recusam a fazer o reajuste salarial.

E por falar em políticos, o cenário nacional passou por algumas mudanças e permanências nessa esfera. Nas últimas duas décadas, o partido dos trabalhadores esteve na presidência do Brasil durante quatorze anos, os quais foram interrompidos pelo impeachment de Dilma Rousseff. Esse acontecimento da história recente entendida por muitos historiadores como golpe de 2016, a exemplo de Hebe Mattos, Tânia Bessone, Maria Beatriz Mamigonian, Luiz Felipe Alencastro, Sidney Chalhoud dentre outros, denuncia o crescimento dos discursos de ódio e o risco de um atentado pela democracia. Essa fragilidade política acentuada, provavelmente pela alienação de massa, por meio de discursos ideológicos pela defesa da pátria e família levou a eleição de estadista neoliberal, intitulado de direita política.

A liberdade de imprensa no Brasil se deteriorou nos últimos anos, e de acordo com os índices da classificação Mundial da Liberdade de Imprensa ficou na 107ª posição em 2020 durante o governo do último presidente brasileiro. O que nos leva a compreender essa dinâmica perigosa do silenciamento das vozes do povo brasileiro.

No entanto, meu nobre educador, como diz o dito popular *não há mal que dure para sempre*, o gigante adormecido acordou no segundo turno e nos reacendeu a esperança de dias melhores. Por hora, ainda somos um regime democrático de direito.

Aqui me despeço amado pensador, sonhando com um mundo mais justo e igualitário, pois acredito na educação. Assim finalizo esta carta com suas palavras “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Freire (2000, p.31).

Com a boniteza da amorosidade,
Barreiras-Bahia, 04 de junho de 2023.

REFERÊNCIAS

Ataques de Bolsonaro deterioram liberdade de imprensa no país, segundo RSF. In: **Abraji**. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/ranking-mundial-da-liberdade-de-imprensa-2020-estamos-entrando-numa-d%C3%A9cada-decisiva-para-o>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. **Lei 11645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. **Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular.** Brasília: MEC/SEB, 2017. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. **Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007[...] e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em 03 jun. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 03 jun. 2023.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira** (Inep). Disponível em: www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/estatisticas-revelam-os-impactos-da-pandemia-na-educacao. Acesso em: 02 jun. 2023.

BESSONE, T.; MAMIGONIAN, B.G.; MATTOS, H. (Orgs.). **Historiadores pela Democracia: O golpe de 2016: a força do passado.** São Paulo: Editora Alameda. 2016.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau:** registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4 ed. 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 49.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.



Saoara Barbosa Costa Sotero

ESCREVIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA- PESQUISADORA

Admirado Paulo Freire

Em dois mil e dezenove, eu iniciei o mestrado em Ensino de História na busca de pensar sobre a minha prática docente através de rupturas e (re)conexões com uma vivência acadêmica que estava secundarizada por uma série de crenças limitantes sobre mim, o meu potencial intelectual e de ser incapaz de produzir ciência em uma academia branca e eurocentrada. Este período foi muito transformador para mim, me descobri pesquisadora e fiz uma dissertação escreviente enviando cartas às pessoas que de alguma forma fizeram e fazem parte da minha caminhada docente e da minha passagem pelo mestrado.

Na minha dissertação intitulada, “Escrevivências: ensino de História e narrativas de nós na Educação de Jovens e Adultos”, defendida em 2022, na Universidade do Estado da Bahia, Paulo Freire, escrevi uma série de passagens sobre a minha vida, emaranhada com a minha formação pessoal e profissional, trazendo conflitos, aprendizagens, frustrações, transformações e amadurecimentos que hoje me fazem compreender que para caminhar na docência os conflitos, aprendizagens, frustrações e transformações não podem deixar de existir, porque como você mesmo trouxe em *Pedagogia da Autonomia* a educação é uma eterna ação-reflexão-ação, assim sigo mergulhada em todos esses afetos e tento usá-los para me impulsionar a fazer o melhor que posso na minha prática docente.

Paulo Freire, quero te contar algumas reflexões que tive com a minha pesquisa de mestrado. A primeira delas é a necessidade de pensar a educação como prática de liberdade, como meio de emancipação do sujeito a partir da compreensão da realidade em que vive. Você trouxe em *Pedagogia do Oprimido*, publicado em 1983, que tudo o que existe, assim como a realidade opressora em que vivemos, é fruto da ação humana e as transformações só podem ser operadas também pelas pessoas, no momento em que a compreendemos.

Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos no Sesi Bahia tenho percebido como é importante para as pessoas que fazem parte da turma, o movimento de ir a escola, de ter seus saberes valorizados subvertendo o pensamento equivocado de que na EJA estão as pessoas incapazes de aprender. Não estar dentro da idade estabelecida por lei, como a ideal para cursar a educação básica é o reflexo da realidade dura daquelas pessoas que Miguel Arroyo chama de “passageiros da noite” em seu livro *Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*, que foi publicado em 2017.

Miguel Arroyo propõe que pensemos em quem são estas pessoas que chegam a EJA e principalmente seus itinerários. Elas começam sendo passageiras do amanhecer ao saírem muito cedo para o trabalho, geralmente ocupando postos de trabalho penosos e considerados inferiores e após uma longa e cansativa jornada de trabalho, se tornam passageiros da noite, saindo dos trabalhos, formando longas filas nos pontos de ônibus para chegar à escola e tentar finalizar o ciclo formal de formação incompleto em sua infância e adolescência.

Nesse livro, Paulo Freire, o autor questiona se nós, professoras, sabemos dos percursos de vida das pessoas que estão em nossas salas de aula, de suas esperanças, seus medos, frustrações, traumas, se olhamos para estas pessoas e percebemos o recorte de raça, gênero e classe que as atravessam e o quanto isso não é aleatório dentro da sociedade injusta que vivemos. Se percebemos o quanto a EJA acaba sendo a última oportunidade dessas pessoas de finalizar o ciclo e acabar com a frustração do fracasso perante uma sociedade tão marcada pela formalidade das instituições, que desconsidera outros saberes e conhecimentos forjados nas passagens do amanhecer ao anoitecer.

Nem sempre tive isso em mim, e com trabalho na Educação de Jovens e Adultos no Sesi Bahia passei a conhecer por causa da Metodologia do Reconhecimento de Saberes. Todas as pessoas que se matriculam fazem um diagnóstico chamado Reconhecimento de

Saberes - RDS - que tem o objetivo de construir um plano de estudos personalizado para cada estudante, partindo de suas experiências formais, informais e não formais, valorizando e certificando as competências que desenvolveram em suas práticas cotidianas.

Paulo Freire, nesta metodologia, as pessoas constroem um portfólio pessoal selecionando e contando suas histórias, suas aprendizagens no mundo do trabalho, nas convivências com os diversos grupos do qual fazem parte ao longo dos seus dias. Ter uma metodologia que permita que as pessoas escrevam e falem sobre si é de uma potência incrível! São palavras de pessoas não brancas que historicamente tem seus direitos negados, e neste momento tem a possibilidade de falar sobre si como sujeito de sua própria história.

A doutora Conceição Evaristo aborda a potência de pessoas negras falarem de si mesmas. Dentro da literatura, ela cunhou o conceito de "Escrevivência". No livro "A Escrevivência e seus subtextos", publicado em 2020 ela fala de como a apropriação da palavra escrita é uma forma de romper com o passado colonial, pois deixamos de ser objetos de estudos e passamos a ser as intelectuais que pesquisam, elaboram, escrevem, contam as histórias. Trouxe isso para o meu mestrado para pensar como o ensino de História pode ser transformador quando nos desvencilharmos da história única, como trouxe Chimamanda Ngozi em O perigo da história única, publicado em 2019, do olhar colonial sobre as experiências não brancas e passamos a conhecê-la a partir do olhar de quem as vive.

Paulo Freire, eu tenho aproveitado o RDS para me conectar com as pessoas que formam a minha turma para compreender suas realidades e ter empatia com seus processos, dificuldades, mas sobretudo para enxergar as potências que chegam escondidas no cansaço e na fragmentação da intelectualidade dessas pessoas com as crenças limitantes sobre si.

A segunda reflexão que fiz, Paulo Freire, foi partindo da pergunta: para que serve o ensino de História na Educação de Jovens e Adultos? Entendo que o ensino de História na EJA precisa ter a finalidade de contribuir para uma educação emancipatória. É através dela que nos referenciamos no mundo quando compreendemos nossas origens, tradições, valores, a realidade em que vivemos, como chegamos a ela e principalmente como olhar o mundo a partir da diversidade que o habita, pensando a partir de epistemologias não hegemônicas e com práticas que visem reduzir as desigualdades e subalternização construídas historicamente e mantidas até os dias atuais.

Essas subalternizações estão presentes formando a estrutura da sociedade a partir do racismo, do sexismo, da LGBTQIAPN+fobia, do patriarcado, no preconceito de classe e que geralmente atravessam as pessoas que fazem parte das turmas de EJA, assim como professora de História, penso e tenho buscado praticar um ensino de História, que possa ampliar as concepções de realidade, para que se autorreconheçam como sujeitos da história, na história e que fazem história, atravessados pelas suas subjetividades e que as enxerguem como potência, pois são elas que nos tornam seres únicos no mundo e por isso cada pessoa, cada história é tão importante.

Paulo Freire, muito das concepções que tenho atualmente, foi bebendo da fonte de sua sabedoria e compreendendo o seu olhar sensível e amoroso sobre a educação e como docente, busco fazer um ensino de História que nos faça olhar para o nosso passado para nos referenciar nele, nos empoderar do legado deixado por nossa ancestralidade, mas aquela da riqueza do ouro e da intelectualidade, banhada nas águas da sabedoria de Oxum e que só nós, pessoas não brancas, somos capazes de enxergar. Sabendo de onde viemos, poderemos abrir caminhos para chegar aonde queremos, nutrindo essa herança ancestral de saberes para as próximas gerações continuarem a promover uma revolução histórica, de nós, sobre nós e para nós.

Com amor e entusiasmo!

Salvador, 03 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L., NUNES, I. R. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall image has a green tint and a collage-like texture.

Lucirleide Rosa de Jesus

DO SONHO À REALIDADE

Estimado e sempre presente mestre Paulo Freire, saudações libertadoras!

É com o coração cheio de gratidão que lhe escrevo.

Sou imensamente agradecida pelos conhecimentos que o senhor deixou através das suas obras, pois, desde o meu primeiro contato com o senhor, que o meu olhar para a realidade se transformou.

Foi em 2002, quando me encontrei com o senhor pela primeira vez, através da sua obra *A importância do ato de ler* que percebi que, para ler a palavra, eu precisaria, antes de tudo, ler o meu mundo, a minha realidade, o meu lugar de vivência, que até então, para mim, era apenas um espaço geográfico, muito atrasado, o qual eu precisaria estudar muito para sair dali e me aventurar na cidade (eu morava na zona rural) em busca de uma vida melhor, e de ser 'alguém na vida', como afirmavam os meus familiares. Como eu estava enganada querido mestre! Pois, ao finalizar a leitura da sua obra acima citada, compreendi que o meu lugar, o campo, estava cheio de significados para mim, e era da minha realidade que eu deveria me orgulhar e lutar para transformá-la.

Em sua obra *À Sombra desta mangueira*, o senhor, ao descrever suas experiências de vida e aprendizagem no quintal de sua casa, me fez pensar e repensar sobre a minha própria existência enquanto sujeito pertencente ao meu lugar e minha relação com o meu mundo. Ao trazer suas lembranças da infância vivenciadas naquele quintal inspirou - me a compreender o meu lugar de criança como produtora de conhecimentos no quintal da casa dos meus avós. Suas reflexões apontaram como eu deveria valorizar o modo de vida que tive desde a infância, e de como ali comecei a construir a minha própria identidade. Sou profundamente grata ao senhor por me proporcionar estas reflexões.

Querido mestre, foi em *Pedagogia do Oprimido* que entendi de fato quem eu era enquanto sujeito dessa realidade, suas palavras

nessa obra foram fundamentais para minha compreensão de classe e do quanto a minha posição diante do elitismo mudaria o rumo da minha história. Aprendi com o senhor que eu devo lutar sempre pela minha emancipação e de todos os meus pares. Sua obra foi muito importante para eu compreender a minha condição social e lutar por melhores condições de vida e para a construção de uma sociedade mais crítica, mais igualitária, mais justa e menos opressora, pois como o senhor nos ensinou,

Quem melhor que os oprimidos se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem melhor que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (Freire, 2005, p. 34).

Lamento profundamente por aqueles que ainda não estão convencidos que só é possível reivindicar e lutar pelo fim da opressão e da dominação dos opressores através da união das classes dominadas. E para isso é necessário que todos os oprimidos estejam conscientes da sua condição social.

Foi o senhor, em *Pedagogia da Indignação*, que me mostrou o caminho para buscar a liberdade e não trocá-la por privilégios em um sistema corrupto que serve apenas para massagear o ego, o senhor me ensinou a lutar pelos meus sonhos, o senhor me mostrou que não vale a pena aliar se ao opressor, iludida pela prerrogativa de que deixará de ser um oprimido apenas por está a serviço do opressor.

De acordo com Althusser (1970) a escola é um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, por contribuir na reprodução das relações sociais capitalistas, quando contribui na reiteração da ideologia burguesa, reforçando o poderio da classe dominante opressora. Fico feliz por não olhar para a escola e vê-la dessa forma, acredito na escola como um instrumento de transformação social, através do

desenvolvimento do pensamento crítico, através da formação integral do sujeito, através de práticas educativas emancipadoras e libertadoras, o que aprendi em Pedagogia Como Prática da Liberdade quando aponta que a palavra pode deixar de ser o veículo das ideologias que alienam para tornar-se o instrumento de transformação do homem e da sociedade. A palavra, nesse sentido, se aprende na escola, e é este o papel da escola: o de ensinar o educando a ler o mundo para nele intervir positivamente, no sentido de realizar transformações para o bem viver de todos.

Querido mestre, aqui no Brasil passamos por tempos difíceis. Tudo começou em 2019 quando um vírus denominado coronavírus surgiu na China e se espalhou pelo mundo inteiro, chegando ao Brasil em 2020 quando foi constatada a primeira contaminação. Tivemos que enfrentar muitos problemas, pois o vírus assolava sem piedade. O mais difícil no enfrentamento desse terrível coronavírus foi a postura negacionista do governo brasileiro, minimizando a agressividade do vírus e desqualificando a Ciência e os cientistas, o que dificultou a chegada da vacina, que é fundamental no combate de todo e qualquer vírus.

A Educação também viveu tempos sombrios aqui no Brasil. As Universidades Federais e Estaduais, bem como os Institutos Federais de Educação foram duramente atacadas pelos governantes com cortes de verbas e com acusações de que estavam promovendo “balbúrdias” em seus espaços, através dos professores, que foram chamados de doutrinadores. O senhor também foi duramente criticado, tanto pelos governantes fascistas como também pelos seguidores desses governantes, o ódio foi disseminado através das redes sociais, professores e professoras foram ofendidos por defender o seu legado. Mas, foi graças aos seus ensinamentos que nós, educadores, estudantes e trabalhadores não recuamos e seguimos firmes resistindo na luta pela defesa dos nossos espaços educativos e do legado educacional que o senhor nos deixou. Ainda estamos lutando

contra os resquícios desse período tenebroso que durou cerca de cinco anos, mas que, graças àqueles que acreditam na Democracia para garantia dos direitos de todos, vencemos a batalha, no entanto, estamos em alerta sempre, pois, a nossa jovem Democracia ainda corre sérios riscos de ataques cruéis.

Estimado mestre não posso deixar de agradecer ao senhor pela Pedagogia da Autonomia onde o senhor me inspirou a ser uma verdadeira educadora. E hoje eu sou uma educadora consciente de que pertenço à classe trabalhadora, a classe dos oprimidos. Sei da importância da educação para a emancipação dos sujeitos. Tornei-me alfabetizadora, envolvida pelas suas ideias, sabedora do meu papel social na transformação da realidade de muitos, e a minha luta é por uma educação que aproxime os sujeitos da sua realidade social, por uma educação que respeite todos os saberes, que seja crítica e reflexiva, que rejeite toda e qualquer forma de discriminação, que dialogue com a diversidade, que promova a mudança e que acima de tudo, propõe esperança, pois é preciso ter esperança de que a transformação é possível. É preciso ter esperança de que um dia as injustiças, a desigualdade, a miséria, o analfabetismo, a ignorância, o racismo, as discriminações possam desaparecer da nossa sociedade.

Aqui me despeço com o coração agradecido por tudo que o senhor me ensinou e esperançosa de que um dia alcançaremos a tão sonhada educação libertadora, pela qual o senhor nos inspirou a lutar.

Abraços!

Ibititá (BA), 25 de setembro de 2023

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Paz e terra. 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra. 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2015.



Elayne Santana Costa

INCLUSÃO:

UM OLHAR ATENTO A PARTIR
DO DIÁLOGO E DA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA

Prezado Paulo Freire,

É com grande alegria e satisfação que lhe escrevo, para descrever minha experiência de estágio. Me chamo Elayne Santana Costa, estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Ciências humanas e Tecnologia – UNEB, Campus XVI, Irecê. Uma pedagoga ainda em formação que anseia por uma educação inclusiva e libertadora. Durante o período de estágio que aconteceu nos anos iniciais do ensino fundamental, tive a oportunidade de conhecer um aluno em especial e me lembrei de você, inspirei-me nos seus ensinamentos para aprender a lidar com meus medos.

Durante o percurso do estágio, debruçada nos seus livros, ensinamentos e reflexões, compreendi a essência do diálogo e como a sua presença na sala de aula faz toda a diferença para uma educação libertadora e problematizadora. Assim surge a dificuldade de a criança enfrentar os seus medos e como a professora pode contribuir para esse enfrentamento. Os problemas da educação bancária, mesmo sendo colocado por você no século passado, ainda atormenta a minha geração, muitos professores continuam focados no conteudismo e esquecem que, para educar, é necessário amor, esperança e diálogo.

No período de estágio de observação, um educando chamou a minha atenção. Um menino lindo, com os olhos brilhantes e inocentes, ficava pelos cantos, sempre perdido no seu silêncio. Queria entender onde estava aquele pensamento, aquele silêncio era o motivo da minha inquietação, e do desassossego do meu coração, ficava na expectativa de ver e ouvir a sua participação nas aulas. A professora regente copiava e explicava o assunto e ele no seu silêncio só copiava no caderno, sem perguntas e questionamentos. Freire, no seu livro, *Pedagogia do oprimido* diz que “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (Freire, 1987, p. 58).

Nessa perspectiva, entendi que o espaço da sala de aula teria que ser mais acolhedor, de maneira que ele pudesse ser incluído para assim garantir uma aprendizagem significativa, não queria ser apenas uma reprodutora dos assuntos abordados no livro. Queria inovar a didática e construir conhecimento com a turma. Paulo Freire ressalta que, "Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa" (Freire, 1987, p. 68). O meu principal objetivo era que juntos nós pudesse transformar a sala de aula num ambiente libertador, e no coletivo construir uma educação problematizadora contextualizando a realidade.

Em conversa com a professora regente, ela disse-me, ele sempre foi assim calado, a tia dele falou-me que ele no seu convívio familiar vê diariamente brigas, que os seus pais bebem muito, muitas vezes é necessário ele se esconder no guarda-roupa. Outra coisa frequente é sua ausência nas aulas de segunda-feira, segundo a sua prima e colega de sala, a sua mãe nunca acorda cedo para organizar as coisas para ele vim para a escola, motivo bebeu muito no domingo e não acordou. Nos intervalos ele brincava com alguns colegas, jogava bola, corria e pulava, mas quase não falava, a sua comunicação era através do olhar e dos gestos.

No período da regência já fui preparada para alcançar o meu objetivo, desenvolvi várias estratégias as dinâmicas, jogos, brincadeiras e atividades eram feitas em grupos de maneira colaborativa onde todos pudessem participar, dividindo as tarefas e funções, para incluir e garantir que todos participassem, sempre que podiam e tinham oportunidade se sentava do seu lado, conversando, perguntando se estava a entender os assuntos, numa dinâmica de grupo perguntei o que ele mais gostava nele, ele respondeu com sorriso resplandecente, minha voz. Fiquei feliz já era um avanço, pois quando perguntava algo raramente respondia. A sua voz é calma, tranquila e transmitia paz.

Em um processo dialógico de muita iniciativa e elogios conseguir sua participação nas atividades, cativei seu interesse e atenção, os trabalhos em grupo permitiram seu desenvolvimento, de maneira tímida sempre perguntava se a atividade estava certa, participando e conversando com os colegas da turma, percebi em alguns momentos principalmente em trabalhos em grupos ele dando ideias e sugestões, ele tinha um pouco de dificuldade na leitura e na escrita então ele perguntava aos colegas se estava correto, os mesmos ajudava e corrigiam juntos as atividades.

Eu sabia que por detrás daquele olhar, existia uma criança que precisava apenas se sentir incluído, aquele menino tímido e inseguro perdido no seu silêncio com olhar de tristeza, trazia consigo conhecimentos que precisava ser explorados, nessa convivência conseguir manter uma relação dialógica entre ele e a turma e as professoras, numa troca de saberes, conhecimentos, experiência e vivências criamos juntos uma relação de interação que me possibilitou um olhar mais ampliado do mundo e da prática pedagógica.

O papel do educador é importante, considerando o processo de ensino aprendizagem de cada educando. Com o olhar atento e sensível comecei a prestar mais atenção nos seus gestos, comportamentos e nas suas expressões faciais, a minha intencionalidade era sistematizada e planejada, meu principal objetivo e intenção era entender o que ele carregava por trás daquele olhar. Foi um grande desafio entender e compreender todo o processo, sentia-me desafiada, precisava trazer uma educação libertadora, para despertar o seu interesse, assim busquei conhecer a sua realidade, dificuldades e conhecimentos.

O educador comprometido com a formação dos seus educandos precisa estar atento aos sinais que cada criança apresenta, é necessário está aberto para diálogos e reflexões, contribuindo para a sua participação ativa e dando a oportunidade de o educando atuar como protagonista e incentivá-lo para poder desenvolver a sua

autonomia, criar e atuar de maneira significativa, pensando nas suas habilidades sociais e emocionais. Paulo freire em seu livro *Pedagogia do oprimido* aborda questões muito importantes sobre o diálogo e a educação, e inspirada nessas reflexões e nas palavras amor, diálogo, esperança e liberdade, que conseguir resolver o problema.

Considerando a experiência adquirida ao longo desse tempo que atuei, compartilhando histórias e vivências com os meus educandos, aprendi como é importante considerar a história de vida dos sujeitos, para entender e compreender a sua realidade e como isso os afeta. A relação dialógica no processo de ensino aprendizagem é crucial, assim como o amor, é importante que o educador tenha sempre o olhar atento, para incluir a todos de maneira significativa.

Diante dos argumentos apresentados é necessário que as instituições de ensino e os professores estejam mais atentos as questões da inclusão que está diretamente ligada as questões de exclusão social no ambiente escolar, as escolas com toda a rede de educação devem promover eventos e palestras para a formação de cidadãos que valorizem a inclusão, que trabalhem na sala de aula com uma educação libertadora, por fim para contextualizar e orientar os professores na sua prática pedagógica indico como base de leitura os livros de Paulo Freire.

Ibititá (BA), 21/06/2023

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 35.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.



Jaildes Andrade Barreto Rosendo

GOTAS PEDAGÓGICAS DE UM POVO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Prezado Freire,

Espero que esta carta faça parte de um acervo que contribua para reflexões de muitas pessoas que, assim como eu, se inspiram cada dia com seus escritos e suas obras. São livros que todo educador deveria ter em sua cabeceira, ou seja, de fácil acesso para consultas e embasamentos diários. Lembro-me perfeitamente do dia em que li pela primeira vez seu livro *A importância do ato de ler*, onde você afirma que a leitura do mundo é anterior a leitura da palavra, e que todos trazem consigo sua experiência de vida para compor a leitura, e que até mesmo a criança que tem suas imaginações e afeições, vai ajudar na composição dessa leitura.

Nele você relata aspectos da sua infância e de como chegou ao seu processo de alfabetização. Dá ênfase a importância de se fazer uma leitura crítica, e que o gosto pela leitura se desenvolve à medida em que os conteúdos sejam de acordo com o interesse e necessidade de cada leitor.

Não tenho como escrever-te uma carta sem falar da EJA – Educação de Jovens e Adultos, pois ler suas obras é passaporte direto para essas pessoas que tiveram seus direitos negados, ou uma vida escrava e sem concretização de seus sonhos.

Sou professora há dezoito anos, mas vivenciar/experienciar em uma turma de EJA foi algo como um divisor de águas na minha vida profissional e como ser humano. Uma escola de comunidade pequena, com uma turma que funcionou no turno noturno, composta de doze estudantes. Pessoas trabalhadoras rurais que, após um dia de trabalho na roça, se davam o prazer de aprender a ler e escrever.

Rememorando um relato de um estudante dessa turma, que tinha um sonho de aprender escrever seu nome, porque não conseguiu no tempo de menino na escola, se sentiu excluído por essa dificuldade, e deixou de frequentar as aulas, se tornando um adulto oprimido por um sistema desigual. Sistema esse repleto

de opressores, os quais ainda hoje negam direitos à sociedade, que enquanto seres humanos tem o mesmo direito que qualquer vivente de classe A ou B. Quando, na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, você retrata muito claramente sobre o opressor e o oprimido:

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a serem os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isso no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude desse ato de amar, na sua existência, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira (Freire, 2005, p. 35).

O referido estudante precisava romper com os impasses que a vida injusta lhe impôs, para sua realização pessoal e profissional, o pedreiro sentia necessidade de resolver esse dilema consigo e com o mundo. Trazia consigo uma leitura de mundo perfeita, conhecia muitas coisas e situações, e sua linha de raciocínio fazia ponte com as discussões durante as aulas, era muito bom em cálculos matemáticos, porém não conseguia ler e escrever cartas, nem escrever seu próprio nome.

Todos os dias, era o primeiro a chegar à escola, era bem aplicado nas atividades, participativo nas discussões, realizava todas as tarefas propostas. Com muita vontade e determinação, foi alfabetizado e ao término do primeiro semestre, conseguiu realizar seu maior sonho, o de escrever seu nome.

Foi lendo suas obras e cartas pedagógicas, que encontrei meu caro Freire, escritos de que cartas devem vir *ensopadas de convicções, sonhos e imaginação* (Freire, 2000, p. 13). Acreditando nesse tripé que sonhei, juntamente com minha turma de EJA, formas de olhar e enxergar um mundo diferente, onde pudessem se expressar, lutar por seus direitos de forma igualitária, assumir sua posição de sujeito crítico e

sair do mundo da indignação. E assim, no semestre seguinte, o estudante da EJA já havia conquistado sua liberdade, conseguiu produzir pequenos textos, e realizar desafios relacionados à sua profissão.

Na contemporaneidade está bem diferente, escolas do Campo se fechando, turmas sendo transportadas, nucleadas e sujeitos do Campo saindo da sua comunidade para trabalhar e estudar. Muitas perdas de direitos na educação, principalmente na EJA – Educação de Jovens e Adultos. Gostaria muito de poder continuar contando com sua ajuda nessa luta, para garantir o que já havíamos conquistado, e na realização de novas políticas públicas para fortalecimento da Educação em nosso Território.

Finalizo esta carta, após a leitura de algumas obras e cartas pedagógicas suas, onde dialoga sobre questões da construção de uma escola democrática e popular, e o direito do estudante da EJA – Educação de Jovens e Adultos, abrir diálogo em relação à igualdade de direito, independente da condição em que desenvolveram seus estudos na Educação Básica, com um debate do direito à continuidade. Literalmente direcionado a professores, convocando-os à participação nesta mesma luta.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 41.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 27.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

The image is a complex collage with a monochromatic green tint. It features several overlapping elements: a laptop keyboard in the lower-left corner; various pieces of aged, yellowed paper with handwritten text in cursive; a small, dark, heart-shaped object; a pen; and clusters of dried, light-colored flowers. The composition is layered, with some elements appearing more prominent than others, creating a sense of depth and nostalgia.

Ananda Lima Silva Arruda

O SILÊNCIO DA EDUCAÇÃO

Querido Paulo Freire,

Acredito que escrever cartas para alguém é um ato amoroso, ainda mais nos tempos atuais em que a tecnologia domina, o efêmero impera e nos tornamos líquidos. Escrever uma carta exige ritual, ao menos para mim. De fato, não usei a folha de caderno e a caneta como nos velhos tempos, tive que recorrer ao computador. Então, imagino você lendo essa carta ao tomar um café, próximo a uma janela, que lhe permite a visão de algumas árvores e flores, que liberam um delicado perfume. Você lê a carta, acompanhado do café, ora fazendo expressão de surpresa, ora graça ou indignação. Valho-me do silêncio da madrugada para emergir em seus pensamentos e lhe direcionar algumas palavras que expressarão inquietude, incomformidade, amorosidade e reflexão.

Tecer essas palavras dialógicas com você - que é tão especial e importante para a nossa educação - me anima, mas ao mesmo tempo, pesa-me a responsabilidade frente ao nosso diálogo, dado o tamanho de seu legado para a educação. Então, gostaria de iniciar fazendo uma singela afirmação: você me ensina muito! Ajuda-me a caminhar profissionalmente, especialmente como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também como mulher situada num tempo e espaço em que constitui a sociedade na qual se encontra.

No meu processo de escolarização, especialmente nos primeiros anos, fui uma estudante muito tímida. Há quem diga, meu amigo, que a timidez esconde a arrogância de não querer ser confrontado ou ter as fragilidades evidenciadas, o que teria muita relação com o medo, emoção constante na infância. Essa condição de timidez e medo, fazia com que pouco me expressasse, inclusive em assumir que não entendia o conteúdo trabalhado. Com isso, na avaliação da aprendizagem, que normalmente acontecia no final do período, o resultado me levava para a categorização dos estudantes "fracos". Ser categorizada a primeira vez, tornou-se uma constante nos anos seguintes.

O silêncio foi muito presente em minha vida, ainda hoje o é, mas numa outra dimensão. Fico imaginando quantas crianças, jovens e adultos estão nas escolas e universidades num silêncio gritante! A nossa tendência é nos encantar e concentrar nossa atenção aos estudantes com maior expressividade, seja na aprendizagem ou no comportamento. E aqueles silenciosos, que, normalmente, estão reservados às margens de nossas salas vão passando sem um olhar amoroso e atento. Como sujeitos históricos, reproduzimos o que vivenciamos. Por isso, a importância de recorrer a você, aos seus pensamentos expressos em muitos textos.

O meu bom senso me adverte de que há algo a ser compreendido no comportamento de Pedrinho, silencioso, assustado, distante, temeroso, escondendo-se de si mesmo. O meu bom senso me faz ver que o problema não está nos outros meninos, na sua inquietação, no seu alvoroço, na sua vitalidade. O meu bom senso não me diz o que é, mas deixa claro que há algo que precisa ser sabido. Esta é a tarefa da ciência, que sem o bom senso do cientista, pode se desviar e perder. (Freire, 2004, p. 63).

Fico pensando Freire, quantos Pedrinhos e Anandas temos por aí? Quantos estudantes caem na invisibilidade educacional e por consequência, social? A educação trabalha com ciência, a sala de aula é, sem dúvida, um grande laboratório. Não aquele de misturas líquidas, testes e descartes. Mas, de construção humana, de edificação de valores culturais e intelectuais que subsidiam o progresso da humanidade. Ninguém deveria ser esquecido. Ninguém deveria ser deixado para trás. Ninguém deveria ser condenado às margens da sala e por consequência, às margens da sociedade. O professor deveria se reconhecer como cientista, que está sempre em busca de respostas para indagações tão presentes nas salas de aulas. Não deveria se contentar com a cultura de cultivar rótulos, atribuídos aos estudantes, repercutindo em seu futuro escolar.

Por certo, não é nossa intenção crucificar os professores. Sabemos das demandas que envolvem a educação e como isso

eleva sobremaneira as atribuições desses profissionais que em muitos espaços têm se ocupado demasiadamente com questões burocráticas ou frívolas. Muitas vezes impostas a eles, inviabilizando as análises, reflexões, autoanálises e tudo que pudesse lhe dar respostas quanto ao processo de ensino e aprendizagem construído. Freire, meu caro, em *Pedagogia da autonomia* (2004), você fala da responsabilidade de ser professor, do compromisso ético que precisamos ter com a nossa atividade. Você sinaliza que não temos como fugir do juízo de valor dos estudantes, dentre tantos possíveis, o pior é a ausência dele na sala de aula. Isso me fez pensar em outro aspecto do silêncio que permeia a nossa educação, o silêncio dos professores.

Com mais de vinte anos de vivência com a educação na condição de professora, penso, sem romantismo e sem excessiva racionalidade, que temos em nossas escolas o silêncio conveniente daqueles profissionais que estão desmotivados com a profissão, que flertam com outras atividades ou espaços educacionais, e na sua sala de aula, especialmente pública, quer apenas “cumprir tabela”. Em outras palavras, o docente se faz presente na sala de aula, orienta uma atividade garantindo a dimensão burocrática, mas não traz profundidade para sua abordagem, muito menos se ocupa em perceber seus estudantes para além das notas e conceitos. Há ainda o silêncio da desesperança e da descrença. O sistema ao qual está vinculado e o ambiente em que está imerso o sufocam de tal maneira com tantas atribuições, que ele entra em choque interior, sem saber o que precisa fazer. Apesar de ter estudado muito não consegue realizar um trabalho pedagógico com qualidade, porque outras questões alheias à sua vontade são priorizadas em nome de interesses socioeconômicos e políticos.

Esses profissionais desesperançados vão se sentindo tão esvaídos, isolados, negligenciados e, por conseguinte, violentados interiormente, que se silenciam. Isso também se dá não apenas pela imposição do sistema, mas pelas relações de poder que são estabelecidas no interior das escolas, onde os pares em vez de se

ajudarem, se fortalecerem coletivamente, se fragilizam em detrimentos de caprichos, orgulho e desejo de controle. Certamente, no livro *Educação como prática de liberdade* (2022), você nos ilumina com um ponto importante a ser considerado:

Não é o resultado exclusivo da transitividade de sua consciência, que o permite auto-objetivar-se e, a partir daí, reconhecer órbitas existenciais diferentes, distinguir um “eu” de um “não eu”. A sua transcendência está também, para nós, na raiz da sua finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com o seu Criador. Ligação que pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação (Freire, 2022, p. 56).

Como tomar consciência de algo, sem ter consciência de si mesmo? A transcendência existencial, própria da vida humana, atrelada às inúmeras experiências que nos constitui, nos coloca em níveis de compreensão de si, do outro e do entorno, de maneiras distintas. Nesse contexto, Freire querido, faz todo o sentido o inacabamento que você nos alerta em diferentes obras. Nós, professores, devemos nos reconhecer como seres inacabados, nos constituindo cotidianamente a partir das experiências vividas seja no campo formativo, seja na faina do fazer pedagógico. À vista disso, os estudantes precisam ser vistos e reconhecidos como seres em constituição, capazes de responder às provocações curriculares e do processo avaliativo não condizentes com os objetivos propostos. Sei que não é fácil, mas eles precisam confiar no alto potencial que possuem para transpor as barreiras que lhes impedem de fluir em suas aprendizagens. A educação, desse modo, precisa ser libertadora. Para tanto, as diferentes dimensões que a constitui, necessita convergir em práticas que potencializem-na para o desenvolvimento da coletividade.

Em *Pedagogia do Oprimido* (1987), você nos chama a atenção para a humanização e desumanização dos sujeitos em sociedade. Ambas situações evidenciam um ser inconcluso. Todas as questões que lhe sinalizo nessa carta, se assenta nessa constatação.

Entretanto, você afirma que a humanização é própria da natureza humana, e a desumanização estará sempre em companhia da negação, produzindo processos de exclusão. Nas relações imbricadas, se estabelecem as figuras do opressor e oprimido. Em sintonia consigo, querido Mestre, Santos (2014) sinaliza que os discursos e jogos de interesses são contraditórios, posto que levantam bandeiras em favor da libertação do pensamento, mas a aprisionam na prática para manutenção dos opressores e assim, os excluídos – oprimidos – continuam onde estão. A escola é elemento chave nesse construto social, que de diferentes maneiras vem contribuindo para o silenciamento de si mesma, por meio de seus estudantes e professores, como parte de um sistema que a todos envolve e oprime.

Meu caro amigo, espero não lhe desestabilizar com tantas inquietações e percepções práticas. Mas gostaria de acrescentar algo que julgo essencial para construir uma escola libertadora: a formação de professores. O silêncio dos estudantes e dos professores será rompido quando se sentirem parte do processo, sujeitos ativos e construtores da educação, até porque estão sendo agentes passionais frente à uma realidade educacional opressora. Cumprem obrigações, respondem provocações pontuais, mas não estão imersos numa dinâmica desafiadora, instigante, capaz de torná-los partícipes, com sentimento de pertença.

Algumas práticas nas escolas são de mera culpabilização tanto do discente quanto do docente. Os textos de *Pedagogia da Esperança* nos iluminam.

É imperioso irmos além de sociedades cujas estruturas geram ideologia de acordo com o qual a responsabilidade pelos fracassos e insucessos que elas mesmas criam pertence aos fracassados enquanto indivíduos, e não às estruturas ou à maneira como funcionam essas sociedades (Freire, 2013, p. 146).

Ah, amigo, como a situação é delicada! Se o aluno não domina as habilidades e competências pensadas para a coletividade,

desconsiderando os seres singulares que são, a culpa é dele que não se esforçou nem se dedicou para tê-las. Se o professor tem dificuldades para lidar com tantas demandas que lhes chegam, a culpa não é de quem elege e implementa tantas atribuições, mas sim do professor que não é qualificado suficientemente. A culpa é sempre daqueles que estão na condição de oprimidos.

Esteban (2010), sinaliza que ser silenciado, invisibilizado, excluído não o elimina, mas o reconfigura num cenário nada auspicioso, que pode constituir outras tramas históricas e discursivas, com contradições e tensões ambivalentes. É na escola que são tecidas as possibilidades de inserção social por meio da produção de conhecimento. E fico pensando, o quanto a figura do professor é importante nesse processo. Querido Freire, os tempos têm sido árduos para o exercício do magistério, bem verdade não estamos em tempos de ditaduras militares, mas há outras dimensões ditatoriais que percorrem os corredores e salas de aulas, silenciam professores pela exaustão da solidão, do cansaço físico e mental; e, reforçam silêncios estudantis, com práticas excludentes e classificatórias. Segundo Han (2021), deixamos a sociedade disciplinar no passado e chegamos à sociedade do desempenho. Há uma corrida frenética por resultados, sem pensar nem refletir os processos, os percursos feitos. Aqueles que não conseguem o desempenho esperado vivem uma pressão enorme, que os levam ao sentimento de incompetência, incompletude. Ou seja, vivem a ambivalência da positividade do poder – aqueles que são eficientes – e a negatividade do dever – aqueles ineficientes.

Veja, Paulo, quantas questões continuam latentes historicamente e quantas outras vão se agregando ao novo formato e demandas sociais! Sem dúvida, é preciso esperar e esperar lançando ideias. Conforme você mesmo nos disse, a esperança é uma necessidade ontológica que nos mobiliza individual e coletivamente para os enfrentamentos que muitas vezes nos condicionam a um lugar ao qual não pertencemos, ao silêncio ensimesmado. Precisamos uns dos outros para prosseguir.

Espero que seu café não tenha esfriado enquanto lia esta carta. Espero que não se desespere, pois precisamos da sua energia esperançosa.

Abraços afetuosos, caríssimo escritor.

Barreiras, 11 de setembro de 2023.

Ananda Lima Silva Arruda

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J. **Olhares e interfaces**: reflexões críticas sobre a avaliação. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 29.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia como prática de liberdade**. 52.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

SANTOS, B. S.; CHAUÍ, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2014.



Jônatas Medeiros Júnior

SOBRE A DESESPERANÇA GERADA PELA PRÁTICA CONSERVADORA DISFARÇADA DE CRISTIANISMO

Prezado Paulo Freire,

Há alguns meses iniciei a leitura do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa. Bem no início, Bernardo Soares registra “nasci num tempo em que a maioria dos jovens tinha perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a tinham tido - sem saber por quê”. Não sei se posso iniciar essa conversa parafraseando um poeta, mas creio que podemos trocar a palavra Deus por Esperança e jovens por alunos do ensino básico. Sinto que meus alunos perderam a esperança da mesma maneira que seus pais a tinham tido.

Sou um jovem que nasceu em uma família desestruturada, cheia de problemas emocionais não tratados. Cheia de contradições. Fruto de um tempo onde a negligência parental parecia ser uma regra. Filho de uma família que possui uma relação de consumo até com a religião, qualquer religião que seja. Onde experimentar é sinônimo de barganhar com diferentes entidades. Essa apresentação é apenas para dizer que me tornei evangélico por encontrar na igreja da periferia de Pedregal, Goiás, o apoio emocional, espiritual e social, entre pessoas que poderia chamar de irmãs. Construir uma família que me desse outro exemplo. Lá aprendi o significado de “os homens se libertam em comunhão”. Lá decidi ser professor. Lá decidi estudar filosofia. Lá vi os terríveis resultados de uma educação bancária.

A igreja que eu costumava ver como um ambiente problematizador por se comprometer com as contradições da periferia, compreender os limites de nossas ações enquanto indivíduos e apelar para o nosso esforço pela e com a comunidade, se desfez em discursos de movimentos de restauração, tentativas de retornar a uma glória que nunca experimentamos, mas que todos podiam fantasiar. Se distanciando do real, criando uma interpretação, conformando as classes. Restaurando para lembrar que Deus ordenou para não ser mudado, mulheres devem seguir um padrão, homens devem seguir outro, filhos devem seguir outro, comportamentos desviantes devem se enquadrar entre as opções já mencionadas. Felizmente este não

é um discurso cristão é um discurso conservador de passividade. E graças ao senhor, professor, posso afirmar corajosamente isso.

Percebo que não é necessário muito para compreender que para ser cristão deve-se seguir a Cristo, os comportamentos que são colocados como pré-requisitos para sermos cristãos pouco têm a ver com o processo de se tornar um cristão. O pré-requisito é mais uma performance que pode ser praticada por qualquer estoico moderno que dá graças a Deus por obter lucro independente de como ela venha. Na verdade o comportamento, vestimenta, fala, são resultados de uma inserção social que nada diz sobre salvação.

Infelizmente este ensinamento não é bem visto, pois incentivar que todos de uma mesma comunidade performem o mesmo comportamento que só reflete um estilo cultural que nem genuinamente brasileiro é evita o desconforto da reflexão ativa por parte dos membros que em um dado momento podem perceber que o único pecado sem perdão é de ordem espiritual e não física; que traduções não são fiéis às mensagens de um texto; que as dificuldades com alguns textos não são superadas só com uma postura ingênua do binário certo ou errado; que o amor de Deus não é condicionado pelo comportamento humano; que os modelos indicados de comportamento nada tem a ver com os exemplos bíblicos que passam entre casamentos poligâmicos, traições perdoadas, mulheres e homens que nascem e morrem sem relacionamento conjugal, mulheres que trabalham e homens que cuidam da casa.

A falta de percepção crítica e dialogal faz com que igrejas se comportem como se todos os seus membros fossem homogêneos, coisas que recebem os ensinamentos da mesma forma para praticarem sem compreender que cada contexto é um contexto, sem considerar as dificuldades, sem lembrar que Cristo pode ser visto como a resposta para todo sofrimento desde que essa resposta tenha perguntas que possam ser respondidas com a prática daquela igreja local. Uma pessoa pode professar sua fé, mas estar em um emprego

que a explora tanto que sua hora de falar com Deus precisa ser marcada com seu patrão, uma pergunta precisa e clara neste caso é "Qual é o sofrimento neste contexto?" a resposta "a exploração do trabalho está retirando a qualidade de vida do nosso irmão", outra pergunta é "Como Cristo se manifestará através de nossas ações para conseguirmos melhor qualidade de vida?" a resposta "praticando a justiça que assiste o estrangeiro, o órfão e a viúva".

Querido professor, digo tudo isto, pois trabalho em um colégio que me contratou por eu ser cristão e não por eu ser um excelente professor de filosofia. Em um colégio que espera e me incentiva a tratar meus alunos como coisas apartadas das minhas obrigações. Enquanto funcionário, preciso priorizar as aulas e não os alunos, o conteúdo e não o diálogo. Fui contratado para deformá-los e retirar sua humanidade para que eles sejam submissos. E tudo isso em nome de uma espécie de liberdade e de esperança.

Neste trabalho percebo que os alunos mais tristes, desorientados, desesperançosos são os frequentadores de igrejas que perpetuam o conservadorismo. Jovens que se hiper-sexualizam por serem proibidos de discutir sexualidade, meninas e meninos que praticam uma bissexualidade mesmo que em suas igrejas seja pregada que no inferno há um lugar reservado para qualquer pessoa que não se encaixe no padrão homem e mulher, crianças que escutam sobre fé e esperança apartados de praticarem a fé e a esperança que lhes interessa. O mundo nunca é para transformar, sempre para observar ingenuamente. Aqui o amor é incoerente, confuso, cheio de fantasias distantes das práticas mais simples. Não é mais sobre a satisfação da vida que Deus nos dá, mas sobre a insatisfação que o pecado de Eva (e é preciso ressaltar o ódio à personagem Eva enquanto mulher) gera, pois o mundo não pode ser mudado, ele é mal, ele é confuso, ele é o que é e nunca deixará de ser o que é.

A minha prática em sala de aula tem se pautado em questionar o inquestionável deles. Aplicar o que o professor Silvio Gallo

chama de educação menor, uma educação que se faz dentro dos limites impostos, mas que alteram os sentidos dos conceitos mais utilizados para que o ataque não pareça uma disputa de conceitos. É apontar a liberdade existencial que compreende a dificuldade que é assumir uma posição aceitando todas as suas consequências. É praticar a autoridade que guia o aluno para o exercício pleno de sua razão. É ter a certeza que a minha aula será vista, mesmo que afirmada como uma disciplina inútil, através da ótica do amor dos alunos pelo conhecimento. É combater o autoritarismo com genuína autoridade e ver que os alunos me respeitam não porque exijo isso, mas porque eles percebem que o conhecimento gerado em aula neles é muito mais importante que as distrações

Desde que aplico seu conhecimento, professor, os alunos amam o estudo filosófico mesmo que antes eles precisem respirar fundo e engolir a preguiça gerada pelo seu estado permanente de consumidores de entretenimento. Mesmo que para iniciar a aula eu precise chamar a atenção de um e de outro por carregar comigo uma mensagem que é muito mais benéfica do que o *feed* do *Instagram*. Desde que aplico seu conhecimento, professor, não me sinto filosoficamente deslocado, pois o meu filósofo fala a mesma língua que a minha. E a sua profundidade está atrelada a sua vivência brasileira, mesmo que de uma época e de um espaço social distinto do meu.

Desde que aplico seu conhecimento, professor, percebo os alunos esperançosos quando estou presente, não porque eu tenho algum poder, mas porque a educação que carrego se tornou poderosa e afiada, separando o conservadorismo do exercício da fé, desvelando as dominações sem impor o que sei, mas explorando o que eu não sei através das respostas dos alunos, porém não posso ser ingênuo e é preciso entender que a mesma máquina que gerou a desesperança nesses alunos permanece operando em diferentes grupos sociais frequentados por eles. Só fazer a minha parte é insuficiente, só lhe enviar esta carta é insuficiente, mas enquanto ajo e penso em como separar a fé cristã do conservadorismo, expresso

minha gratidão pelos seus ensinamentos e nutro a esperança de poder resolver o problema de Bernardo Soares, gerar uma época em que as pessoas têm esperança e fé sabendo o porquê.

Brasília (DF), 19 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012

KELLER, T. **Justiça generosa: a graça de Deus e a justiça social**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals and handwritten text. A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with a strong green tint.

Adilma Vilela

CARTA A PAULO FREIRE

Querido Seu Paulinho,

De tantas honrarias que você recebeu nesta vida, dentre a de maior relevância para o povo brasileiro está a de Patrono da Educação, por isso, humildemente, peço licença para te chamar de "seu", em vez de "Sr.". Meu intuito é trazê-lo mais próximo a mim, na simplicidade que faz jus ao homem nordestino que você é, cidadão do mundo, professor de fala mansa e poética, olhar molhado de ternura e jeito único, imprescindível a ponto de se eternizar como pessoa e teórico da educação, sem que uma referência se sobreponha à outra.

Seu Paulinho, assim passo a me dirigir de agora em diante. Você foi um dos meus primeiros referenciais teóricos em Pedagogia, no auge de sua revolução pela alfabetização de adultos, quando eu e algumas colegas do curso, durante o estágio da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus IX, colocamos em prática a sua metodologia, conhecida à época, na forma coloquial, como "Método Paulo Freire". Conseguimos alfabetizar um grupo de funcionários da extinta fábrica de óleo de soja em Barreiras, com grande êxito, e, para nós, o substantivo "lata" teve um constructo tão importante e contextualizado, como certamente foi para você, na concretude do seu legado didático e teórico, a palavra "tijolo". Formada, adaptei seu pensamento para alfabetizar crianças, partindo do vocabulário infantil em que as palavras também são precursoras das ideias do mundo. Foi mais uma experiência inesquecível, destas que eu teria muito orgulho em dedicar a você, como recorte da "boniteza de um sonho".

Ao longo de minha vida acadêmica e pedagógica, suas obras continuaram me encantando e sua prática desconcertante na quebra de paradigmas e envolvente na inclusão dos alunos como sujeitos sociais críticos, conscientes e participativos, me fez leitora e a fã incondicional de seu pensamento, história e legado. Seu Paulinho, você me levou a compreender o mundo, a enxergar as mazelas, as barreiras, as amarras, mas também a compreender as possibilidades de ações diferenciadas, em que a educação pode mudar vidas e construir novas histórias.

Você me fez transitar numa rota de alteridade, com esse jeito único de ouvir profundo, fazendo com que a arte de se colocar no lugar do outro, fosse sempre motivação para todo e qualquer fazer, seja em projetos de vida ou pedagógicos. Em todo o tempo, quando imagino dias nublados, em que ficamos de luto pela perda de entes queridos, eu incluo você. À sombra de muitas mangueiras, deitei e chorei, acompanhada, certamente, de um coletivo de vozes, igualmente comovidas, mas imbuídas da clara ideia de sua ausência deixaria lacunas, vazios, mas jamais desesperança ou tristeza. Foi também nesse momento que aprendi sobre medo e ousadia; e não permiti que nenhum obstáculo colocado diante de mim, ou da minha prática docente – criativa, amorosa e inquietante – fosse paralisada.

Tendo como referência seus escritos, e traçando uma linha convergente na relação dialógica entre *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Pedagogia da Autonomia* (1996), pude contemplar a educação, do princípio ao fim, como um ato de amor, que como todo grande sentimento humano “exige coragem, dedicação e paciência”. Você me ensinou a pensar com os diferentes e a me indignar com processos de educação e ensino excludentes, a gritar em alto som que a educação por si não transforma o mundo, “mas sem ela tampouco a sociedade muda”. Você permanece sendo lucidez em meio a tanta loucura que ainda, infelizmente, vivenciamos.

Compreendo que todo movimento em torno da educação deve ser libertador e a ferramenta pedagógica central para esse ato é o diálogo entre os sujeitos, entre educadores e educandos, entre escola e a sociedade, entre os atos humanos e políticos que são como tônus dos nossos fazeres pedagógicos. Na condição de professora tal qual você é (no tempo presente), carrego em mim a base de toda riqueza. Mais do nunca é preciso identificar os traços opressores internalizados tanto nos sujeitos quanto nas estruturas sociais, buscar o desvelamento do mundo, descortinar as possibilidades de enfrentamento e postura, em ação plural e cultural pela liberdade.

Seu Paulinho, acredito que o mais importante é nunca perder a capacidade de aprender, tendo convicção da incompletude dos seres humanos em contínua evolução. Ainda bem que um legado nunca se esgota, e sua vasta obra original, colaborativa e/ou revisitada, é uma reserva de força e coragem, em que se conjuga, desde sempre, o verbo esperar. Vou viver as coisas velhas, que também são boas. Vou buscar as novas para retroalimentar o pensamento e enriquecer a caminhada. E vou viver no mundo e com o mundo, no tempo e com o tempo e espalhar por todo canto o amor social que aprendi contigo. E como no sonho possível, não há liberdade em solidão, me despeço aqui, tal qual você outrora o fez, à "maneira de quem, saindo, fica".

Amorosamente,

Adilma Vilela

Barreiras, Bahia, 02 de julho de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 79.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with visible text like "I love you", "and again", "thank you for", "loving, honest,", "gentle", "man", "love". A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Cristino Cesário Rocha

UMA CARTA A PAULO FREIRE EM TEMPO DE ESPERANÇA NEGRA

Senhor Paulo Freire (1921-1997),

A ideia de redigirmos esta carta *in memoriam* é inspirada em sua admirável trajetória de vida, plena de realizações que fizeram, de sua pessoa, o "Patrono da Educação Brasileira" (Lei nº 12.612, 13 de abril de 2012). Brasileiro, nordestino, pernambucano e filósofo da classe trabalhadora em oposição ao filósofo da ordem dominante, o senhor foi, é e será, sempre, uma inspiração como educador popular competente, sério, dialógico e comprometido com a educação pública, laica, democrática e de qualidade socialmente referenciada. Seus pressupostos práticos-teóricos, Sr. Paulo Freire, inspiram-nos a fortalecer a práxis transformadora dos/as oprimidos e oprimidas. Especialmente como negros e negras, a transformação, via consciência-mundo, é inevitável, necessária e urgente. Sua cosmovisão contribui, entre outras coisas, para que o/a oprimido/a reconheça o próprio lugar de protagonismo na luta.

Sr. Paulo Freire, nós negros e negras brasileiros/as, sabemos o que é ser negro/a no Brasil ao entrar em um elevador, ao enfrentar o desempregado/a e o extermínio, nos morros e favelas, ao lidar com a abordagem seletiva e desumana da polícia, com as piadas racistas, com os estereótipos dos livros didáticos e paradidáticos, com os olhares enviesados em clubes e ruas. Contudo, também sabemos lutar. O movimento social negro brasileiro tem um histórico de enfrentamento por igualdade racial, em vários espaços e possibilidades combativas.

O Brasil passou por um tempo tenebroso (2016-2022), quando as instituições democráticas foram abaladas em seu significado e importância por grupos conservadores, de extrema direita, com forte teor nazifascista. Em 2016, essa condição foi capitaneada por Michel Temer e aliados/as, que usurparam o poder, ao expulsar da Presidência da República uma mulher que foi eleita democraticamente por mais de 50 milhões de brasileiros/as.

A emergência e/ou ressurgência do movimento neoconservador, com o objetivo de atacar a democracia brasileira, teve sua expressão embrionária em 2013, como uma preparação para um possível golpe contra decisão majoritária da população, ao eleger Dilma Rousseff ao segundo mandato presidencial, em 2014. A massa foi manipulada por lideranças religiosas, ruralistas, empresariais e políticas exigindo a volta da ditadura militar, a destituição de Dilma e outras ações que ferem o Estado Democrático de Direito. O movimento de ir às ruas, Sr. Paulo Freire, em vários estados, neste período, revelou, essencialmente um cunho conservador, o discurso do ódio e retrocesso, reivindicando a volta da ditadura civil militar (1964-1985) que violou direitos, torturou e matou lideranças estudantis, religiosas, sindicais e políticas.

Sr. Paulo Freire, a onda desse movimento neofascista nas ruas teve seu cume nos atos antidemocráticos do dia 08 de janeiro de 2023, quando uma multidão de bolsonaristas extremistas invadiram os três poderes da República Federativa do Brasil, cometendo crimes, como a abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, organização criminosa, danos contra o patrimônio público, entre outros. Essa ação rendeu, Sr. Paulo Freire, prisões e a “CPI dos atos antidemocráticos”, que hoje estão em andamento na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Sr. Paulo Freire, no bojo dos ataques à democracia, convivemos com a corporação dominante-dirigente espalhando *fake news* a seu respeito, atribuindo-lhe, indevidamente, atitudes e rótulos incompatíveis com a sua trajetória histórica, tais como “doutrinador”, “desprovido de conhecimento científico”, “sem merecimento do título patrono da educação brasileira”, “potencializador da violência na escola”, etc. Bem sabemos que, tudo isso ocorre porque a elite dominante-dirigente neoliberal e neoconservadora tem medo de sua postura insurgente no mundo, de sua atitude disruptiva.

Outro período tenebroso ocorreu em 2018, quando foi eleito um candidato avesso aos trabalhadores/as, aos negros/as, mulheres, indígenas, LGBTQIA+, STF, etc. A gestão presidencial (2019-2022) foi um desastre que tensionou, usando suas palavras, “a relação oprimido-opressor” com predominância de relações de opressão.

Em março de 2020, o Brasil e o mundo enfrentaram a intensa pandemia do coronavírus – COVID 19, uma calamidade que assolou a população brasileira com o aval do negacionismo da ciência e da vacina como bens públicos e eficientes no combate à doença, que matou mais de 700 mil pessoas no Brasil, por negligência de agentes do poder público, principalmente da presidência da república que, com deboche, considerou a grave crise sanitária como “gripezinha”.

Sr. Paulo Freire, no contexto do desgoverno Temer e Bolsonaro, dupla que sempre esteve no time dos que jogam contra a dignidade humana dos/as trabalhares/as. São os mesmos que nada fizeram em favor da causa negra, especialmente. Esses senhores, além de nada fazerem pela melhoria da vida da população negra, extinguiram órgãos que contribuíram com o fomento da igualdade racial, como a SEPPIR e a SECADI. Essa ação truculenta e desrespeitosa tem a ver com o racismo sutil e/ou escancarado no poder público. Sr. Paulo Freire, a sua cosmovisão é elucidativa e oposta ao que esses senhores fizeram, porque em favor de um senso ético na defesa da causa negra e de outros marcadores das diferenças

Sr. Paulo Freire, a discriminação racial e o racismo, juntos, têm origem na colonização escravista e no capitalismo, base do racismo estrutural que hoje se discute na contemporaneidade brasileira e que reverbera em instituições e comportamentos de indivíduos. Por essa e outras razões, Sr. Paulo Freire, nossa luta negra é contra algo maior: o capitalismo, sexismo, patriarcalismo e escravidão que, embora não seja o modo de produção dominante, ainda convivemos com trabalho análogo à escravidão no Brasil, em nível nacional.

O Brasil, em tempo de desgovernos Temer e Bolsonaro, a vida da população negra e demais marcadores das diferenças foi um sofrimento, quando se agravaram o racismo estrutural, individual e institucional. A pandemia trouxe à baila toda a perversidade sistêmica – o racismo estrutural que se exprime no cotidiano (indivíduo) e nas instituições, produziu e produz relações assimétricas de acesso aos bens socialmente produzidos e aos bens imateriais.

Sr. Paulo Freire, a luta negra contemporânea é muito ampla e complexa. E Dennis Oliveira (2021) tem algo a dizer, ao considerar a luta antirracista como também anticolonial e de classes por estar ligado à constituição estrutural do sistema-mundo do capital. Desse modo, Sr. Paulo Freire, a educação libertadora deve estar articulada com essa luta de classes e anticolonial, no enfrentamento do que Cida Bento (2022) chama de “pacto da branquitude” que estrutura a sociedade em favor dos interesses dominantes brancos.

Entretanto, Sr. Paulo Freire, a esperança voltou a brilhar em 2022. Estamos em um novo tempo, em que se criou o Ministério dos Povos Indígenas, sob a gestão de Sônia Guajajara; o Ministério da Igualdade Racial, sob a gestão de Anielle Franco e o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, sob a gestão de Silvio Almeida, comprometidos/as com a dignidade de todas as pessoas, especialmente de negros negras e indígenas.

Sr. Paulo Freire, a população negra existe, sob os ditames do racismo em suas várias origens e efeitos, como assevera Ortegá (2018): “o desenvolvimento dos estudos sobre raça vem demonstrando a multiplicidade de origens e efeitos das mais variadas expressões do racismo, que se retroalimentam continuamente e extrapolam as estruturas econômicas”. Isso indica que o racismo é multidimensional.

O ato de existir, Sr. Paulo Freire (2008), tem uma força histórica em sua concepção, que ajuda na apreensão do pensar-lutar-transformar a vida negra contemporânea: “existir é um conceito

dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico.”

Sendo o/a negro/a um ser histórico, Sr. Paulo Freire, sua luta é por direitos amplos, historicamente roubados. Essa luta tem múltiplos significados e não pode ser limitada, porque significa, simultaneamente, luta anticapitalista, antirracista e antissexista, dentre outras. Não dá para viver e viver bem coabitando com o racismo, o sexismo e o capitalismo destrutivos. Neste contexto, na esteira de sua contribuição (2008), o tipo de educação libertadora deve ser aquela que prepara para a decisão, a igualdade, para a responsabilidade social, para o desenvolvimento humano e para a democracia.

Sr. Paulo Freire (2019), sua concepção de esperança alimenta a vida da população negra que anseia por emancipação/libertação integral, ao dizer que: “a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. A inexorabilidade do futuro é a negação da história.” Para a população negra, em contexto de profundas desigualdades, problematizar as múltiplas relações é um imperativo ético-político indispensável.

E, problematizar, Sr. Paulo Freire (2019) é, em seu contributo, atitude interessada, intencional: “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas.” Sim, nosso estar negro/a no mundo, para ser transformador, precisa assumir uma teoria social crítica como práxis. Não dá para se ajustar ao mundo, nem assumir uma postura resignada. É exigência ética e político-social ser negro/a revolucionário/a.

Sr. Paulo Freire, o racismo é uma realidade social objetiva, que precisa ser enfrentada, e sua contribuição (2016) alimenta a certeza de que são homens e mulheres os/as produtores/as da história,

não havendo acaso na produção do racismo e outras violações de direitos. Esse entendimento, Sr. Paulo Freire, dialoga com a objetividade dos fatos no que diz respeito à população negra. Sílvia Almeida (2019) tem algo a dizer: “homens brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos por sua condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor de sua pele”.

O que se coloca, Sr. Paulo Freire, é que o racismo estrutural, nas palavras de Almeida (2019), “transcende o âmbito da ação individual e é decorrência da estrutura social dominante”, precisa ser enfrentado com ações com a mesma envergadura, em nível sistêmico. Dito de outro modo, para problemas estruturais, soluções estruturantes. Neste sentido, Sr. Paulo Freire (2016), nosso diálogo remete à libertação negra como um “parto doloroso produzido pela superação da contradição opressores-oprimidos”. Permita-nos, Sr. Paulo Freire falar de rompimento da contradição oprimido-opressor, para além da superação.

Sr. Paulo Freire, a educação, assim como os movimentos sociais, sindicatos e lideranças políticas engajadas na luta pelo rompimento do racismo estrutural, é tarefa que exige práxis transformadora, (2016), assim proposta: “a práxis é ação dos homens e mulheres sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”. Reitero Sr. Paulo Freire, a nossa realidade negra exige rompimento dessa contradição.

Sr. Paulo Freire, a partir de suas concepções adquirimos um pensamento mais reflexivo e politizado, em relação à educação e ao mundo ao nosso redor. Ao viver em contexto brasileiro atual, a resistência é exigência fundamental. Permanecermos juntos/as e sermos um como na contextura africana, “Ubuntu”; é meio para pensar e repensar a práxis se quisermos sobreviver às desigualdades, desrespeitos e conseqüentemente, como o senhor diz, “esperançar”.

Como educador e educadora popular, destacamos que o senhor é um pensador imprescindível tanto para a educação, como para a revolução, pois envolve-nos pelo caminho do *inédito viável*, em direção à resolução das situações cotidianas.

O senhor nos instiga a uma concepção dialógica de respeito às diferenças para se atravessar o contexto atual, direcionando – nos para a emancipação humana. Na pedagogia do oprimido, o senhor nos desperta à lógica de uma pedagogia libertadora, com o conceito de relação dialógico-dialética. Permite acreditarmos numa possível sociedade conscientizada e livre. Nos faz repensar sobre a teoria e prática, e ainda nos situa como seres inacabados e inconclusos e com uma longa jornada para alcançar essa liberdade e consciência pelo senhor pensada-vivida.

Seu conceito de práxis dialoga com Karl Marx (2002) em Teses sobre Feurbach (Tese VIII), que reconhece a vida social como práxis humana: “toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem aos misticismos encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis”. Em Tese XI, Sr. Paulo Freire, Marx é enfático ao propor transformação com e para além da interpretação do mundo.

Sr. Paulo Freire, seu legado é atemporal. Sua vida foi, é e será sempre uma lembrança amorosa, fraterna, criativa e húmus que fecunda a terra brasileira com um desejo de fazer prevalecer a ética do humano sobre a ética do mercado e a primazia da igualdade racial como projetos societários. Romper com o racismo é uma tarefa histórica! Paulo Freire vive e viverá, sempre! É tempo de esperança negra!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 31.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 60.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

OLIVEIRA, D. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

The background is a dense, artistic collage. It features several overlapping vintage letters with cursive handwriting. One letter on the left has the words "thank you for being honest, gentle, responsible, and again". Another letter on the right has the words "the most responsible, gentle, honest, and again". A laptop keyboard is visible in the lower-left corner. Dried flowers are scattered throughout, particularly in the top-left and top-right corners. A green circular object, possibly a lamp or a container, is in the upper-middle. The entire image is overlaid with a semi-transparent green filter.

Camila Trindade Coelho

DESCOLONIZANDO A VIDA:
UMA CARTA PARA PAULO FREIRE

Prezado Sr. Freire,

Comecei a pensar em lutas sociais, as que são minhas, dos meus e que são para além de nós, encontro nessas encruzilhadas caminhos, auxílio e pioneirismo intelectual em sua obra. Você se apresenta para mim, mulher negra, cis, Enfermeira e pesquisadora, fomentando meu pensamento crítico, rompendo os saberes hegemônicos. Transbordo em seus conceitos Autonomia e Empoderamento.

Você define Empoderamento e Autonomia como instrumentos de luta social sendo o precursor destes conceitos, operando enquanto teorias. Identificando, para todas nós que há uma conscientização crítica que deve ser aprofundada, para se utilizar como prioridade, por exemplo, ao pensar as populações que se encontram em vulnerabilidade social e pensar em possibilidades (Freire, 2015).

Sendo assim, para nós, mulheres negras urge o desejo de nossa comunidade ascender socialmente, apesar dos péssimos marcadores sociais, é extremamente essencial “erguer a voz” (Hooks, 2019). Partir de uma consciência individual, na qual, cada um/a compreende o seu papel na sociedade, os ambientes que estamos inseridos e os atravessamentos, mediante aos regimes de opressão (Berth, 2019). Desta maneira, possibilitando transformar as relações sociais, tornando os indivíduos/as que estão anexados neste processo, agentes de transformação da sua realidade, podendo então sair de suas amarras, participando ativamente do pensar e agir como membro de uma sociedade.

É isto, que seus ensinamentos me transmitem Sr. Freire, ao mudar de cidade e estado encontrei no empoderamento, um condutor de mudanças junto à coletividade. Assim sendo, adoto uma conscientização que contribui na sociedade de maneira coletiva, pensando em minimizar problemas, encontrando soluções em comunidade. Provocando o desejo de continuar na academia branca e ocidental, que por momentos desejou ceifar meus objetivos.

Faz parte do processo de empoderamento, quando pensamos nas mulheres, sobretudo, em mulheres negras, é preciso retornar para questões históricas para entender esse sentimento de inferiorização, sendo marcado pelo colonialismo. O direito das mulheres chegou de maneira tardia, originando gerações inferiorizadas, suscetíveis a riscos e situações de vulnerabilidade, refletindo um padrão de dominação masculina, enfrentamentos para a autonomia pessoal e tencionando as desigualdades (Durand *et al*, 2021).

Identifico as questões de gênero, classe social e raça, relevantes ao conduzir esta carta reflexiva, dialogando pelo meio de uma consciência crítica, bem como, observando uma mudança, que vai desde aceitação de cabelos afros e nossa cultura negra, através de teóricos negros, movimentos sociais e lideranças negras que foram apagadas, silenciadas pelas mídias hegemônicas florescendo por meio do empoderamento.

Para tal, questionando as estruturas de dominação, entendendo que são as mesmas que determinam a pirâmide social, operando enquanto uma ferramenta excludente, patriarcalista, racista e machista, atuando de maneira dominadora. Paulo Freire, você faz essa explicação em *Pedagogia da Autonomia* (2015), evidenciando um poder que se dá, de cima para baixo, ou seja, com o empoderamento e autonomia se propõe relações horizontais e não verticais, discutindo as relações de poder, questionando as lógicas verticalizadas, ademais, a questão da imagem e estética.

Sr. Freire anseio por caminhos de emancipação coletiva - emancipação social, que estão imbricadas quando se pensa em empoderar contribuindo com o processo de empoderamento da minha comunidade. Além do que, o empoderamento e autonomia feminina tem sido uma busca constante na luta pela igualdade de gênero e pela emancipação das mulheres. Neste contexto, os seus preceitos, oferecem uma perspectiva valiosa para entender e promover o empoderamento das mulheres negras, suas ideias sobre

educação popular, oferece uma perspectiva única para o empoderamento de todas nós, com base em seus princípios de diálogo, conscientização e ação transformadora.

Logo, promovendo a participação ativa das mulheres nas tomadas de decisões que afetam suas vidas e na construção de uma sociedade mais igualitária. As inseguranças com relação ao gênero se aplicam ao pensar nas vulnerabilidades sociais relacionadas a uma vivência oscilante. O sujeito que vivencia essa condição nem sempre tem a percepção da situação de vulnerabilidade, podendo ter limitado o seu acesso a bens e serviços como educação, saúde, segurança e estratégias promotoras de saúde.

Além do que, pode-se considerar os vínculos afetivos fragilizados, enquanto disparador das discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências (Durand *et al*, 2021). Sendo assim, uma estratégia de promover saúde, nutrindo a emancipação das pessoas, no âmbito político e cultural, alavancando as atividades individuais para coletivas, impulsionando transformações nas condições de vida.

Pilares para compreender os diferentes princípios: vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e ação conjunta. Imbricando uma conjuntura de ações, necessitando de políticas públicas saudáveis; gerando ambientes favoráveis; de acordo com ações comunitárias; desenvolvimentos de habilidades pessoais e reorientação dos serviços de saúde ao pensar as populações em vulnerabilidade que acessam o Sistema Único de saúde. Sendo a população negra, pobre e periférica, que majoritariamente 67% encontra-se como SUS dependentes (Santos *et al*, 2020). Dados apresentados pela Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2017).

Desta forma, promovendo o empoderamento das populações, a ação educativa que permite estimular a consciência crítica e a autonomia, exigindo uma escuta atenta e comunicação dialógica,

envolvendo a ação - reflexão - ação. Querido Paulo Freire, você capacita as pessoas a atravessar os obstáculos e a buscarem o enfrentamento das situações vividas e estimulando-as a uma nova compreensão da realidade, seus princípios encontram-se com as concepções que amparam a Promoção da Saúde. Urge, a atenção em saúde ser modificada transcendendo o cuidado do corpo, resultando na emancipação e autonomia das mulheres em torno de sua vida.

A autonomia se refere a nós mulheres como protagonistas de nossas ações e práxis, estimulando o encorajamento, sendo necessária a inserção das questões de gênero, classe e raça nas políticas públicas e no processo de trabalho dos profissionais de saúde, sendo o lugar que me inscrevo. Desvelando as condições de vida com um novo olhar aos desafios encontrados nas rotinas dos sujeitos.

Para esse fim, a ampliação do conceito de saúde engloba fatores relacionados à alimentação, informação, educação, cultura, trabalho, renda e acesso a bens. Ademais, eu, mulher negra, Enfermeira e pesquisadora elucido a perspectiva relacionada com à vulnerabilidade, contrapondo o modelo unicamente biológico para o desenvolvimento e a manutenção da caracterização do processo saúde-doença, é imprescindível abordar as implicações das populações negras, indígenas, LGBTQIAP+. Nosso compromisso é com a descolonização da vida, sendo os fatores que atravessam o cotidiano das pessoas em seus respectivos territórios relevantes para desenvolver políticas públicas, abordando a equidade e profissionais qualificados para atender às necessidades de todos/as/es.

Cordialmente, com muito afeto.

Florianópolis, 03/09/2023.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: Uma Política do SUS. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_neg_ra_3d.pdf. Acesso em: 14 jun. 2023.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

DURAND, M. K. *et al.* Possibilidades e desafios para o empoderamento feminino: perspectivas de mulheres em vulnerabilidade social. *In: Escola Anna Nery*, [S.L.], v. 25, n. 5, p. 1-7, 2021. FapUNIFESP, SciELO.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51.ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

SANTOS, M.P.A *et al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *In: Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225-243, maio/ago. 2020.

A collage of vintage letters, a typewriter, and a pen, with the text "CARTAS PARA BELL HOOKS" overlaid. The background is a dark, textured surface. The collage includes several pieces of aged, yellowed paper with handwritten text in cursive. One letter on the left says "I love you and again thank you for being honest, gentle, and kind." Another letter on the right says "I love you and again thank you for being honest, gentle, and kind." A typewriter is visible in the lower left corner, and a pen lies across the center. The text "CARTAS PARA BELL HOOKS" is written in a bold, white, sans-serif font in the upper right quadrant.



*Kátia Luzia Soares Oliveira*¹⁵

E HOJE EM DIA, COMO DIZER EU TE AMO NO AMBIENTE ESCOLAR?

15

Este texto é assinado por mim, mas é fruto de esforços coletivos, de trocas com colegas de trabalho que ao longo da caminhada vêm se constituindo em amigos/as. Assim, gostaria de destacar as colaborações de Igor Alexandre de Carvalho Santos, Gracy Kelly Andrade Pignata Oliveira e Sandra Samara Pires Farias.

Prezada bell hooks,

Por ocasião do VIII Seminário de Educação Inclusiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *Campus Barreiras*, organizado pela Coordenação de Apoio à Pessoas com Necessidades Específicas (CAPNE) e ocorrido nos dias 13 e 14 de junho de 2023, fomos convidados a refletir sobre a temática “Educar é um ato de coragem: e hoje em dia, como dizer eu te amo no ambiente escolar?” Sobretudo num momento tão dramático, quando há mais de três anos temos experimentado o endurecimento de uma conjuntura histórico cultural marcada pelo aumento da disseminação de discursos de ódio, essa é uma temática instigante e provocativa, que de imediato nos coloca frente às suas pertinentes elaborações sobre o amor como instrumento de emancipação e promotor da justiça social (Hooks, 2021).

Como signo de uma dificuldade de se relacionar com outro, com o diferente, muito dos discursos de ódio têm sido direcionados, e vivenciados, especialmente no espaço da escola. As redes sociais, os debates e movimentos populares de todo o mundo discutem questões como racismo, homofobia, xenofobia, capacitismo e local de fala de cada um nesses contextos. Infelizmente, o que esses movimentos sinalizam é a intensificação de ações perversas que massacram, discriminam e excluem pessoas. O que entendemos à partir de suas reflexões a respeito do amor é que faz-se necessário tomar partido.

Nesse viés, as reflexões que compartilhamos nesses dois dias de Seminário podem ser vistas como uma insurgência contra as forças que querem dominar a existência por meio de atos e discursos antagônicos ao amor em contextos escolares. Contra a necropolítica estrutural e seus dispositivos políticos de dominação nos propomos discutir sobre afetos ativos, biopotentes, que vão ampliar nossas vitalidades mais salutares nos nossos processos formativos. Inspirados em suas discussões, acreditamos no amor para além de uma compreensão romântica, mas como elemento de uma luta de

devires-revolucionários, como ação transformadora que vai qualificar as nossas relações na Educação Inclusiva.

Por um longo período a diversidade foi ignorada tanto pela sociedade como pela escola. No que tange aos espaços escolares, a proposta era abertamente de eliminação das diferenças, tornando homogêneos os contextos e as pessoas, sobretudo, aqueles que apresentassem algum tipo de deficiência eram, primeiramente exterminados, depois, escondidos da sociedade, recolhidos aos espaços domésticos e/ou instituições segregadas. Nesse contexto, “a diferença era percebida como ‘desvio’, tendo como referencial a dicotomia normalidade x anormalidade, demarcando as fronteiras entre aqueles que se encontravam dentro da média e os que estavam fora desta” (Marques, 2006, p. 198).

Com o crescimento mundial dos movimentos sociais de luta contra a discriminação e preconceito relativos à deficiência, o movimento atual em favor da educação inclusiva traz, na esteira da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2012), um novo paradigma de escola que se pauta no reconhecimento e na valorização das diferenças, redefinindo em termos normativos e políticos, o conceito de deficiência. E mais recentemente, a Lei Brasileira da Inclusão (Lei nº13.146/15) alinhada aos princípios da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2012), reafirma um discurso fundamentado no conceito de deficiência como o resultado da interação entre impedimentos corporais e barreiras impostas pela sociedade. Esses novos marcos legais apontam para o entendimento da inclusão como chamado à justiça social, como valor inerente à cultura dos direitos humanos.

Mas, se no campo legal tem se verificado conquistas importantes, é no espaço da sala de aula que os desafios ganham materialidade e alguns preconceitos resistem e persistem. Este entendimento, reforça o papel e o compromisso dos professores e professoras e demais agentes educacionais na garantia de uma educação pública

de qualidade em que o paradigma da inclusão esteja entrelaçado à sua identidade institucional. Com base no seu arcabouço teórico sobre a Educação como prática de liberdade, de transgressão à realidades opressoras, o que se pretendeu nas discussões em torno da temática foi potencializar a necessidade de construção de um compromisso ético e político com um devir pedagógico equânime no contexto da Educação Inclusiva. Isto é, trata-se de um chamamento para a elaboração coletiva de práticas educativas que efetivamente materializem o que já está consolidado nos documentos legais, o direito de todos/todas e de cada um/uma à educação de qualidade no que tange ao acesso, permanência e conclusão.

Assim, em oposição às falas, posturas e atitudes que reforcem o capacitismo, a falta de respeito e de empatia nos processos de ensino e aprendizagem, o VIII Seminário de Educação Inclusiva do IFBA, *Campus Barreiras*, pretendeu ser "um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado [*da Educação Inclusiva*]" (Hooks, 20013, p. 22. Acréscimo nosso). Assim, toda a programação do Seminário voltou-se para a reflexão crítica em torno da promoção de adoção de práticas pedagógicas amorosas e inclusivas que potencializem a escola como um ambiente de criatividade, respeito aos diferentes modos de aprender e afetos saudáveis com todas e todos as/os estudantes e em especial com os que naturalmente foram e ainda são invisibilizados socialmente.

Em sintonia com suas discussões entendemos que amar verdadeiramente é mais do que dizer eu te amo, é como manifestá-lo, como torná-lo real em nossas práticas. Acreditamos que entre muitas maneiras outras, encarar a educação sob a perspectiva do amor, significa que "devemos aprender a misturar vários ingredientes -cuidado, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta [*eficiente e não-violenta*]" (Hooks, 2021, p. 47. Acréscimos nosso). Esses são elementos que se acomodam perfeitamente com o adequado

atendimento pedagógico da Educação Inclusiva que desejamos. Partindo desses valores o Seminário apresentou e ressaltou diversas e diferentes maneiras de dizer eu te amo no espaço escolar. Deixemos contar-lhe algumas:

1. A performance de uma prática pedagógica amorosa supõe não apenas refletir e debater a respeito do reconhecimento das diferenças, mas requer a compreensão de que estas não se constituem como obstáculos à formação, ao contrário, devem ser exploradas em sua riqueza e potencialidade.
2. Uma educação amorosa que visa a inclusão de estudantes com deficiência precisa superar práticas educativas em que se valoriza uns em detrimento de outros, que coloque a diferença em uma condição de inferioridade e menos valor. Uma educação amorosa que visa a inclusão de alunos e alunas com deficiência ou necessidades específicas de aprendizagem, ao contrário, pauta-se no respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, na admiração e reconhecimento do outro e no diálogo.
3. O adequado atendimento pedagógico de estudantes com deficiência requer, transformar o espaço escolar com vistas à eliminação de barreiras e impedimentos que dificultam ou limitam as experiências formativas de estudantes com deficiência.
4. A prática pedagógica amorosa deve partir do princípio que "todos e todas são capazes de aprender" para daí se questionar "como cada um aprende?" e enfim definir processos de ensino (centrado no discente e sua necessidade específica de aprendizagem) que tenham função a curto, médio e longo prazo.
5. Assumir a premissa de que dificuldades no processo escolar geralmente não é de aprendizagem, mas de ensino. O que

nos convoca enquanto docentes a buscarmos metodologias, estratégias e recursos que permitam alcançar os objetivos de aprendizagem definidos.

6. Entender que o impedimento de aprender não está na deficiência, seja de ordem física, intelectual, mental ou sensorial, mas nas práticas que não buscam por meio de instrumentos, recursos, tecnologia assistiva, ou atitude, acessibilizar o conhecimento ao estudante.
7. O desejo de realizar uma prática pedagógica amorosa muitas vezes nos apresentam realidades que balançam nossa estrutura docente, pois em diversas situações leva-nos a perceber que não sabemos tudo, e isso não tem problema nenhum. O perigo está em admitir que não sabemos sem nos propormos a buscarmos ajuda. É preciso manifestar disposição de aprender.
8. Abraçar uma ética amorosa implica em cultivar uma prática docente consciente: “estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender e [ensinar] (Hooks, 2021, p. 130. Acréscimo nosso.)
9. Para criar um processo de aprendizagem amoroso seguindo o princípio de que “todos e todas são capazes de aprender” é preciso demonstrar “interesse uns pelos outros por reconhecer a presença uns dos outros.(...) qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida”(Hooks, 2013, p. 17-18). A valorização da presença de cada um precisa ser promovida pelos docentes de forma a também incentivar os discentes a “reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem” (Hooks, 2013, p. 18). Essa é uma conquista

importante para que as pessoas com deficiência seja acolhida não apenas pelos docentes, mas também pelos demais discentes da turma, que pode então se constituir em “uma comunidade aberta de aprendizagem” (Hooks, 2013, p. 18).

10. Abraçar uma prática amorosa é trabalhar com sinergia, é entender que não estamos e não devemos estar sozinhos, o discente não é somente responsabilidade do docente, ele é antes de tudo responsabilidade da escola, e portanto o trabalho deve ser realizado de forma colaborativa, onde todos somos responsáveis pelo processo de escolarização, desde o acesso, permanência e êxito.

Como nos adverte, para trazer a ética amorosa para todas as dimensões da nossa escola a mesma precisa abraçar a mudança. Todos os dias. E uma vez que isso ainda nos pareça desafiador, a premissa freireana de que “educar é um ato de amor e coragem”, ganhar mais inteligibilidade histórica. Como você nos lembra, fazendo referência a esse importante teórico brasileiro, a construção dessa ética é algo à qual não podemos nos omitir, visto que como nos adverte Freire a prática educativa é um compromisso social do profissional com a realidade social, a qual é pensada “ não apenas para nos adaptarmos, mas sobretudo, para transformar, para nela intervir, criando-a” (Freire, 1996, p. 28).

Trata-se de um compromisso que enfim nos exige coragem, pensada aqui como “a força para agir em favor daquilo em que acreditamos, para sermos responsáveis em palavras e ações” (Hooks, 2021, p. 128). Como membros da Coordenação de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (CAPNE), professoras e professores da Educação Básica Técnica Tecnológica, Pedagogas, mães, pais e parentes de pessoas com deficiência, essa coragem não há de nos faltar, sobretudo quando somos inspirados por seu exemplo à apostarmos na “ coragem de transgredir as fronteiras (...) do aprendizado como uma rotina de linha de produção”(Hooks, 2013, p. 25);

a coragem para “nos aproximarmos dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um” (Hooks, 2013, p. 25). A nossa esperança, assim como sempre foi para você, é que mais educadores e educadoras juntem-se à nós nesse esforço coletivo por uma *educação como prática de liberdade*.

Barreiras (BA), 01 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: e educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Tudo sobre amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefantes, 2020.

MARQUES, L. P. Implicações da inclusão no processo pedagógico. *In: Inter-ação*: Revista da Faculdade de Educação da UFG, Goiânia, n. 2, v. 31, p. 197-208, jul./dez. 2006.



Bruna Moraes Battistelli

A DOCÊNCIA COMO FERRAMENTA DE CUIDADO

Querida bell,

Te escrevo já com imensa intimidade daquelas que temos com amigas de tempos. Você é minha amiga intelectual e esteve presente em momentos marcantes de minha formação como pesquisadora e, principalmente, como docente. Nos relacionamos nos últimos anos de muitas formas: tu é companhia frequente em minhas salas de aula, uma companheira de escrita, escuta e batalha; é a pessoa que me dá forças e me acolhe nos momentos de tempestade. Te escrevo cansada pela quantidade de demandas que se impõem e que me imponho. Mas, mesmo assim, te escrevo, pois aprendi contigo e com Audre Lorde (2019) que o silêncio não me ajudará, que as palavras precisam de espaço e que é com elas que a autorrecuperação (Hooks, 2019) é possível.

Escrevo esta carta nos idos do ano 2023, vivemos as sequelas da pandemia por covid-19 e também as consequências de um governo ultrarreacionário de extrema-direita. Minhas/meus alunas/os são, em sua maioria, pessoas muito jovens e trabalhadoras, que estão tentando apostar em uma formação acadêmica em um cenário não muito positivo para sonhar um futuro. As consequências emocionais são visíveis nesse processo: os vejo imersas em intranquilidades que se manifestam em crises de ansiedade, quadros depressivos e crises atencionais que rotulamos como TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

E contra a esse projeto de mundo que vivemos e acreditando nisso que tu nos ofertou, venho apostando em um projeto ético-pedagógico de docência inspirado no amor. A sala de aula é meu campo de batalha e escolho para a luta estar contigo nessa trincheira que vem sendo há tempos atacada. Vivo no Brasil, vivo mais especificamente no sul do país, espaço em que a supremacia branca tem se situado com força nos espaços formativos, e escolho, o amor como projeto que me guia em busca de espaços de transformação social. E para isso, dialogo com você e também com uma música que gosto muito e que coloco um trecho abaixo.

O amor é um ato revolucionário¹⁶

Quem vive amando dando amor e sendo amado

Colhendo o que lhe é oferecido

E a si mesmo se coloca ofertado

Se este está nu veste-o manto sagrado

Que ao que ama o infinito faz vestido

De deus e os deuses sim é o mais querido

Mesmo no escuro seu sentir é iluminado

Imagino que tu não conheças o Chico César. Um artista brasileiro que escreve manifestos em forma de música, um artista que parece ter lido sua obra para escrever esta música com a qual iniciei nossa carta. Seguindo na música ele diz: "O amor é um ato revolucionário/Por estados e religiões temido"; temidas também são as docentes feministas como tu e eu, pois nos opomos aos processos de dominação em jogo, quando nos propomos a pensar educação como prática de liberdade. Somos corpos que incomodam, pois questionamos com nossas existências todo um sistema de dominação que vem há séculos sendo consolidado. Ao longo de minha vida escolar e acadêmica já vi reproduções de uma violência que atravessa corpos muito específicos, aqueles que fogem à norma. É incrível como as violências que tu narra dos teus tempos de formação seguem sendo reproduzidas (Battistelli; Rodrigues, 2021).

E em 2018, na primeira vez que li um texto teu (ou melhor, um livro inteiro), fiquei pensando no quão sensacional é uma intelectual que nos convoca à luta e que lembra do quanto o objetivo final é um projeto de mundo amoroso (Hooks, 2019) no qual possamos exercitar

16

É possível ouvir a música *O amor é um ato revolucionário*, de Chico César. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vjb0t3cbjrQ&list=PLJiteCcXYLQahvnhFajrtAylzIWBivpLD>. Acesso em: 29 set. 2023.

uma existência preocupada com as ampliações de possibilidades de vida de todes. Tu vais nos trazendo o amor como ética da liberdade e como possibilidade para o trabalho do movimento feminista. E desta forma, acompanhada por ti e teus livros, venho sonhando e buscando uma docência que seja cuidadosa com as mais variadas formas de existir; sempre em ato, assim como tu narra o amor (Hooks, 2020a); quero que minhas/meus alunas/os se sintam seguras/os em minha sala de aula. Desejo que minhas/meus alunas/os me reconheçam como alguém preocupada com seu crescimento pessoal e implicada com a transformação do mundo ao nosso redor.

Contigo tenho aprendido sobre feminismo, sobre interseccionalidades, sobre amor, sobre a luta feminista, sobre escrita e sobre ética. Com tuas ofertas intelectuais venho aprendendo, sentido uma outra forma de estar docente, e já não preocupo tanto com que outras/os dirão sobre como cuido de minha sala de aula. O que me preocupa é enfrentar as violências raciais, de gênero, de sexualidade e de classe; é criar espaço de acolhimento e cuidado para a diversidade na sua radicalidade. Contigo aprendi que posso querer mais da academia e posso exigir mais daquelas/es que ocupam o espaço acadêmico. Estar contigo como intelectual que me acompanha no meu fazer é uma maneira de te homenagear e honrar tua produção.

O amor é um ato revolucionário e a necessidade de encantar a academia e a docência me fazem escrever esta carta. Ao longo da minha formação venho mudando de estrada, produzindo meus ziguezagues, ouriçando o pensamento com leituras que nunca imaginei. Assim, sigo habitando a sala de aula com atividades que produzem tempo para que minhas/meus alunas/os possam narrar a si para além das histórias únicas (Adichie, 2019) que enclausuram as pessoas em estereótipos que reduzem as possibilidades do existir. Uma das atividades que gosto de reproduzir nas turmas pelas quais passo é que elas/es possam me ofertar uma história que não costumam ofertar para outras pessoas; que possam contar uma história que seja sua e que conte quem elas/es são.

Gosto dessa atividade, pois permite que muitas pessoas narrem histórias particulares de dores, de sofrimentos vividos, assim como aquelas histórias de conquistas e alegrias que elas/es se sentem culpadas/os de contar. Essa atividade, por mais simples que possa parecer, nos conecta e cria um senso de cumplicidade e cuidado; sinto que muitas/os alunas/os se implicam de uma forma bastante diferente depois dessa atividade, pois estabelecemos um laço de confiança, já que comento todas as histórias ofertadas. Como produzir uma docência interessada pelas múltiplas histórias que nos compõem enquanto pessoas?

O amor é um ato revolucionário e tu nos mostra que a politização do mesmo é base para uma política feminista (Hooks, 2019, p. 69). Ensinar é um ato político e contigo aprendi que o feminismo é “uma política transformadora, uma luta contra a dominação na qual o esforço é mudar a nós mesmas bem como as estruturas”. Pois é disso que se trata essa carta: afirma a docência como uma forma de lutar por mudanças que passam pelo individual de cada aluna/o e da sociedade como um todo.

Escrevo esta carta após reler um capítulo do seu livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Que livro! Era um capítulo sobre apostar no feminismo no contemporâneo e onde tu dizes: “a verdadeira politização é um processo difícil, que demanda desistir de determinadas maneiras de pensar e ser, mudar nossos paradigmas, abirmos para o desconhecido, o não familiar” (Hooks, 2019, p. 67). Um diálogo direto com a docência, que deveria ser essa maneira de pensarmos sobre os modos como vamos reproduzindo certas lógicas de violência e dominação como coisas naturais. Politizar nossas ações é apostar na mudança de nossos modos de pensar e que eles possam ser mais conscientes do como reproduzimos certas lógicas que submetem subjetividades e que oprimem modos de viver. A meta, com todo esse trabalho, tu nos afirma que é podermos experimentar uma política amorosa, ou seja, um mundo no qual entendemos que o abuso e a violência não serão aceitas e que possamos nos relacionar com mais cuidado, com mais responsabilidade.

A sala de aula é lugar de reafirmação de existências múltiplas, pois caso não seja, cairemos na formatação em massa que a educação bancária supremacista branca reproduz como modelo ideal de formação. Se quero que minhas/meus alunas/os pensem criticamente, que aprendam a acolher suas/seus futuras/os alunas/os, preciso dar o exemplo, e oferecer estratégias pedagógicas que permitam que eles vivam a experiência do acolhimento em nossas aulas. Aprendi contigo que é assim que ensinamos e construímos uma comunidade de aprendizagem (hooks, 2020b), pois se quero que minhas/meus alunas/os aprendam o valor das histórias como estratégia de aprendizagem e aprendam a importância de criarmos espaços de escuta ativa, preciso colocar essas ações em ato em meu processo pedagógico.

Em quase todas as aulas faço algum momento em que elas/es precisam se escutar, nem que seja em alguma brincadeira de memorização de nomes. Não há espaço para uma pedagogia engajada, e no meu caso, para uma psicologia da educação (disciplina que ministro), se não abrir espaço para os exercícios de escuta ativa; que nos tempos em que vivo estão cada vez mais escassos. Se quero formar professoras/es implicadas com o cuidado, com as histórias que constituem suas/seus alunas/os, preciso operar com os conceitos que tu nos ofertou com tamanha generosidade. Sigo teus passos e os de Audre Lorde, para que outras/os possam ensaiar passos docentes que abram caminhos para uma política de formação amorosa.

Escrever uma tese sobre práticas de cuidado e produção de conhecimento fez com que eu precise reafirmar as muitas existências de mulheres, e a relação que se institui entre sexo, gênero, sexualidade, raça e classe na construção social do feminino e dos feminismos. E mais recentemente, desde que iniciei meu percurso como professora de Psicologia da Educação na formação de futuras/os docentes, me pego pensando no quão importante é relacionarmos temas como aprendizagem e desenvolvimento humano a partir dessa discussão. Não há como pensar o como o desenvolvimento

humano se dá, sem analisarmos os impactos que os sistemas de opressão causam nas vidas que são múltiplas em suas posicionalidades. Quem cuida da vida e do direito à aprendizagem de crianças pobres no Brasil? Como acolhemos os cuidados que necessitam as crianças queers em suas infâncias e adolescências? Como discutimos o envelhecer em um país como o nosso que mata com tanta facilidade a população negra? Como alimentamos com outras/os referenciais as docências de nossas/os alunas/os? Quero honrar intelectuais que como tu ousaram em seguir produzindo uma política de produção de conhecimento sobre educação e docência para além da norma hegemônica.

Tu seguiu, ao longo da tua carreira, tecendo as ideias do que seria uma luta feminista, nos alertando que o processo de criar laços é complexo e que devemos persistir em uma rede de solidariedade baseada nas ideias feministas, a saber “o feminismo, como luta libertadora, deve existir à parte de e como parte de uma luta maior para a erradicar a dominação em todas as suas formas” (Hooks, 2019, p. 62). Tu nos convidas a ampliar a discussão, a entender que há relações de dominação para além da opressão patriarcal e entender que mesmo as mulheres podem ser sexistas e não implicadas com o que deveria ser uma política feminista (Hooks, 2019). Quando tu diz que o pessoal é político, quero te dar um abraço, pois sigo ouvindo pelos corredores acadêmicos que o pessoal não é acadêmico, não é político. Tu, ao longo da tua obra, foi reposicionando algumas discussões, que ainda hoje, nos idos de 2023, nos permitem alargar as fronteiras da sala de aula. Me despeço por aqui! Muito obrigada pela acolhida e que sigamos conversando!

Um forte abraço, Bruna

Porto Alegre, 03 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BATTISTELLI, B. M.; RODRIGUES, L. Contar histórias desde aqui: Por uma sala de aula feminista e amefricana. *In: Quaestio: Revista de Estudos em Educação*, v. 23, n. 1, p. 153-173, 2021.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2020a.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020b.

LORDE, A. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. São Paulo: Autêntica Editora, 2019.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color is a deep green.

Bárbara Magnani Rodrigues

APRENDENDO A TRANSGREDIR

Querida, bell hooks!

Espero que esteja bem... Aqui quem fala é a Bárbara, uma mulher branca de 22 anos daqui do Rio Grande do Sul. Em 2019, ingressei no curso de Psicologia e, se tudo der certo, vou me formar no início do ano que vem. Quando compartilharam o convite para escrever uma carta a você, pensei: *"não tenho tempo pra isso agora, preciso me dedicar à escrita"*. Algumas semanas depois, entendi que precisava te dedicar esse tempo e cá estou. Estou no meu penúltimo semestre na faculdade e fazendo meu trabalho de conclusão de curso. Vem sendo muito *louco* produzir um trabalho próprio, no qual eu escolho que assuntos quero abordar e que autoras referenciar. Tem sido tão *"louco"* que muitas vezes eu travo, como estou neste exato instante. Engraçado isso, né?

Durante muito tempo esperei que chegasse o momento de fazer meu TCC, do jeito que eu queria e sobre algo que realmente gostasse de estudar. Um trabalho que tivesse minha cara e minha escrita, seja lá do jeito que fosse. Foram tantos semestres reclamando dos trabalhos engessados da universidade, sempre no mesmo molde impessoal e arcaico de produzir conhecimento, ou melhor, um modo de reproduzir conhecimento - já que se trata de um grande repeteco de fontes sem importar a verdadeira opinião de quem escreve e nem mesmo quem de fato são essas pessoas por trás do que estamos lendo. Decidi que no meu TCC faria diferente, começaria me apresentando, explicando quem eu sou, de onde eu falo e por que motivo.

Até aí tudo bem, o problema foi quando me deparei com o que fazer depois disso. Eis então, que em uma reunião com minha orientadora, eu estava completamente perdida em relação a minha escrita. Escrever é doloroso e a academia nos ensina isso muito bem. Escrever é sobre produtividade, tem que ser escrito de forma rápida e rebuscada, usando palavras difíceis, metáforas inacessíveis e com muitas páginas - pelo menos na Psicologia é isso que tentam nos ensinar. Falar de experiências pessoais, de forma acessível e simples

não é aceitável. Muitas vezes a Psicologia entende que um texto simples é sinônimo de um texto raso e segue escrevendo parágrafos e mais parágrafos, quando poderiam resumir sua longa ideia em uma singela frase. E mesmo criticando essa academia diariamente, eu ainda continuo me contaminando com ela e caindo em suas armadilhas. Eu estava insegura de escrever em primeira pessoa, por exemplo. Queria conversar com as leitoras do meu trabalho assim como estou fazendo contigo agora, mas não sentia que estava certa fazendo isso nem mesmo que alguém pudesse me entender. Parecia que havia algo errado...

E sim, a academia está errada. Seus moldes acadêmicos e a relação de limitação que produzem sobre nossa escrita estão errados. Infelizmente, esses limites impostos não se restringem apenas à escrita, trata-se de uma dominação sobre os corpos dos alunos, provocando o adoecimento deles por meio dos recados mais sutis. Eu sempre gostei de escrever por me sentir livre, poder desabafar no papel e seguir os diferentes rumos que quisesse. Mas crescer em instituições de ensino foi me moldando para que minha opinião ficasse de lado, para que eu convocasse cinco autores "renomados", ou seja, homens brancos europeus e norte-americanos, para validar minhas ideias. Poxa, tente dizer para uma criança que sua opinião só tem importância quando é validada por outros adultos que ela nem sequer conhece. Não estou falando aqui somente sobre escrita e sim sobre o que esse funcionamento colonizador do ensino provoca em seus alunos. O que realmente queremos ensinar em sala de aula? A serviço de quem estão se dando esses processos de aprendizagem? Qual é o real objetivo de tudo isso?

É irônico como muitos professores e pesquisadores ainda defendem uma ciência única e universal, mas não querem que esse conhecimento seja acessível para todas as pessoas. Venho pensando muito sobre o papel da docência no ensino superior, em especial na Psicologia, e é justamente sobre isso que vou falar em meu trabalho de conclusão. Se parar para pensar em cada experiência

que tive enquanto aluna de graduação, me assusta saber que poucas foram as que possibilitaram uma conexão sincera com as professoras. Assim como você narra em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*,

A grande maioria dos nossos professores não dispunham de habilidades básicas de comunicação. Não eram atualizados e frequentemente usavam a sala de aula para executar rituais de controle cuja essência era a dominação e o exercício injusto de poder. Nesse ambiente, aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser (Hooks, 2017, p. 35).

E também, sobre o tipo de psicóloga que eu não queria ser.

Me incomoda a impessoalidade em sala de aula, a exposição desnecessária em que os professores colocam seus alunos, a falta de cuidado com nossas questões pessoais e como elas podem aparecer em sala de aula. Me incomoda o uso excessivo de autoridade dos docentes, o abuso desse poder e as estratégias passivo-agressivas de se manterem no controle dos alunos chantageando-os. Me incomoda o ego frágil de muitos professores acadêmicos que não se comprometem com o ensino da graduação, com a necessidade de constantes atualizações e reavaliações de sua prática docente, mas que quando são criticados respondem com raiva. Me incomoda quando alunos dizem que estão sendo desrespeitados e professores devolvem ainda mais preconceito e violência.

Como encontrar espaço para uma pedagogia revolucionária (Hooks, 2017) se não se tem um compromisso político para educar (Hooks, 2017)? Lembro do texto *A poeta como professora - a humana como poeta - a professora como humana*, de Audre Lorde (2020), em que ela afirma que o modo como você sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina. Às vezes sinto vontade de sair entrevistando professores e perguntando por que eles decidiram lecionar em uma universidade pública. Será que eles gostam de dar aula? Estavam em busca de

estabilidade? Ou só queriam seguir pesquisando? Não sei. Confesso que muitas vezes também tenho medo de perguntar. Será que todos os alunos de mestrado e doutorado que pensam em se tornar professores já se questionaram sobre o exercício da docência? Sobre o que é ser professor? O que eles querem ou não querem reproduzir em sala de aula?

Gosto de dizer que a educação é o processo de pensar criticamente, mas não ensinamos o pensamento crítico quando tentamos moldar nossos estudantes ou quando nós, enquanto alunos, tentamos nos adaptar à norma sem sequer contestá-la. Por vezes, esquecemo-nos quem realmente faz a academia. Também fazemos parte desta estrutura universitária ocidental que tanto criticamos. Os professores também são a academia, nós alunos também somos a academia. Se é um problema a forma como ela está, é um problema de todos nós e precisamos encará-lo a partir das nossas diferentes posições. Afinal, não se pode esperar que os alunos transformem sozinhos o sistema de dominação presente no ensino superior, acabando com o sexismo, o racismo, o capacitismo e a homofobia de um dia para o outro. Que condições nós, enquanto discentes, realmente temos de contestar a instituição e os professores para exigir uma universidade que insiste em nos adoecer?

Acho que agora entendi o real motivo de ter travado na escrita do meu TCC e ter vindo aqui conversar contigo, bell...

Comecei a escrever essa carta na semana passada e ao longo dela muitas coisas aconteceram na universidade. Ontem à noite, um aluno tirou sua própria vida num de nossos campus. Chamamos isso de suicídio, muitos ainda tem medo de fala sobre, mas isso é assunto para uma outra carta... Uma conhecida minha estava tendo aula nas redondezas de onde se deu o ocorrido. A professora e os alunos perceberam a situação no mesmo instante, porém a aula seguiu sem sequer um comentário. Ficaram mais 2h trancados em sala de aula para "aprender" a matéria - que condições de aprendizagem são essas?

Não demorou muito para relatos como esse de outras turmas aparecerem também. Ao mesmo tempo que isso tudo acontecia, em outra sala de aula os alunos, já no final do semestre, estavam fazendo uma prova. Novamente, as pessoas souberam o que aconteceu, o professor soube o que aconteceu, mas o silêncio e a prova seguiram ocorrendo como se nada tivesse acontecido.

Que universidade é essa que tanto defendemos? Nesses últimos anos, devido a situação política do Brasil e dos desgovernos enfrentados, a defesa da educação e das universidades públicas precisou se fortalecer ainda mais. Ao mesmo tempo em que para uns preciso defender tudo que minha universidade é e representa, para outros só consigo lamentar, sentir raiva e xingar essas estruturas. No dia desse acontecimento eu não estava lá, minhas atividades já tinham terminado e eu estava em casa, mas o sentimento de “perdemos mais um” seguiu presente. No dia seguinte, a universidade não fez nenhuma nota ou pronunciamento. Seguiu compactuada com o mesmo silêncio das salas de aulas. Não bastasse isso, realizou uma postagem em sua rede social compartilhando sobre a posição da instituição em determinado *ranking* internacional. Seria mesmo esse o exemplo da excelência acadêmica? Às custas de quem as universidades ganham prêmios e reconhecimento?

No meu primeiro ano de faculdade, na alegria de caloura, fui em uma festa acadêmica que aconteceria dentro do próprio campus. Quando cheguei lá, acompanhada de meus amigos, o evento mal tinha começado e a música foi cortada seguido de um pedido para todos irem embora. O motivo: havíamos perdido outro aluno. É absurdo parar para pensar e lembrar de quantos acontecimentos como esses, ao longo desses 5 anos de graduação, ocorreram. O tamanho adoecimento mental que a universidade provoca nos alunos e que ninguém quer se envolver, muito menos repensar sobre o que está acontecendo de errado. Muitos sequer reconhecem que há algo de errado. É absurdo pensar que para manter as posições de poder dentro de uma universidade seja preciso adoecer seus alunos. Isso precisa acabar antes que acabem de vez com a gente.

Essa carta não é um ataque aos professores ou às universidades. É um pedido de socorro junto ao desabafo de uma aluna esgotada. É triste e revoltante ver essa realidade no ensino superior, uma combinação de violências e formas de dominação que também se fazem presentes em outros contextos. Ainda assim, segue sendo um problema nosso. Afinal, somos nós alunos que precisamos lidar com isso diariamente sem suporte algum. Precisamos nos fortalecer e encontrar locais seguros de compartilhamento e acolhimento, para seguirmos nos apoiando e enfrentando essa academia colonizadora. Também segue sendo problema de vocês: professores e trabalhadores.

Queremos uma educação como prática de liberdade, uma educação realmente emancipatória, e não uma educação que só trabalha para reforçar a dominação (Hooks, 2017). Quando questiono como se dá o exercício da docência, para além de pensar sobre as práticas diárias em sala de aula, é preciso propor uma política de formação docente. As estruturas não mudam sozinhas, não é uma mudança nos currículos e na forma de ingresso à universidade que garantirá a ausência de opressões dentro dela. Precisamos que os docentes se envolvam nessa transformação, pois também fazem parte dessa estrutura de dominação. Assim como todo o restante da comunidade acadêmica também precisa se envolver se realmente queremos alguma mudança.

Olha bell, comecei a te escrever sem nem saber por onde começar e agora termino essa carta um pouco mais leve por saber que não estamos sós. Queria agradecer pela sua companhia nesses anos todos. Se logo que entrei na faculdade me deparei com seus textos, vou sair dela ainda agarrada a ti e a todos os teus ensinamentos. Sei que ainda vou voltar a transitar pelos espaços acadêmicos em algum momento, mas nunca mais ficarei quieta frente a tantos absurdos. Espero que a gente nunca desista de acreditar na educação transgressora, enquanto uma pedagogia revolucionária de resistência e profundamente anticolonial (Hooks, 2017).

Seguiremos juntas em meio a tantas outras que insistem em defender e lutar por uma educação verdadeira e politicamente engajada com a nossa transformação social e com o fim dos sistemas de dominação. Obrigada pela oportunidade de partilhar contigo um pouco deste intenso percurso da graduação.

Abraços carinhosos, com muito amor e leveza que seguem sendo semeados por aqui...

Bárbara Rodrigues,

Porto Alegre, 03 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LORDE, A. **Sou sua irmã**: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.



Márcia Rasia Figueirêdo

CARTA PARA BELL HOOKS

*"A prática do amor como potência
para a construção de uma nova
sociedade" (Bell Hooks).*

Esta não é uma carta de amor.

Nem seria ridícula se fosse. Nem é para Fernando Pessoa.

É uma carta de amor nada convencional, mas de denúncias, de perspectivas e ética pela vida.

Então, começo esta carta cheia de alegria e amor para com você Bell Hooks, não apenas como amor/afeição, mas como você mesma sinaliza no seu livro *Tudo sobre amor: novas perspectivas* (Hooks, 2000) mas um amor como ação. Li seu livro pela primeira vez no meu mestrado, não jovem, na melhor idade, como dizem os estudiosos. Mas gratidão pela oportunidade.

Como coordenadora pedagógica numa escola pública municipal, convivo diariamente com as mazelas, as indisciplinas, as dores emocionais, as histórias de vida com lacunas irreparáveis da falta de um pai, da falta de uma mãe e sobretudo a *FALTA DE AMOR*. E incluo aí, a falta de amor por parte de professores também. E de que amor estamos falando? E de que amor podemos falar Hooks?

Vivemos numa sociedade onde não se enaltece a importância do amor. Isto é fato. Fica evidente no seu livro em questão, que estamos falando de um amor não apenas pontual, momentâneo e assistencialista, mas um amor que precisa de limites, e que se responsabiliza pelos seus atos. Falar de amor na contemporaneidade, pode ser sim um ato revolucionário e de denúncias, já que o desamor é a ordem do dia.

Esta carta é um convite a soltar a criatividade, a paixão e o risco por explorar novos caminhos que permitam as escolas terem práticas de liberdade em seus currículos fechados, fragmentados e preconceituosos. Falar de amor neste contexto, pode ser sim, uma ação libertadora

com vistas num novo horizonte. Pode ser sim, uma questão de ética pela vida, muito bem entendido nas suas palavras.

E diante deste cenário escolar, brevemente retratado e sinalizado no livro, percebemos que infelizmente, a prática do amor realmente fracassou. Concordo!

Não vemos o amor numa construção coletiva. E sim, num processo individualista, autoritário, de poder e não inclusivo. Numa identidade racional. E não como potência alavancadora de uma nova sociedade.

E quais seriam as formas de desamor?

Numa sociedade que prega a moral e a ética e dá exemplos contrários, concordo com as lições de amor nos referidos capítulos do livro, onde a justiça, a honestidade e a verdade deveriam ser premissas fundamentais.

A forma de dominação masculina para com nós mulheres, o racismo, o sexismo, a homofobia, o imperialismo e a exploração são formas declaradas sutilmente no movimento das escolas, nos livros didáticos, no currículo oculto e prescrito evidentemente. O amor é o que se faz. Então, se faz o inverso é por isso que ele fracassa, não é mesmo Hooks?

Dentre os valores citados no decorrer do livro, a vida espiritual é uma parte que muito gostei, e que podemos sinalizar para a educação com muita tranquilidade. Uma vez fiz um curso somente pelo nome que me chamou atenção "*Finitude Humana*". No curso, além das indagações sobre vida e morte, foi colocado que quando conduzimos nossos filhos pelo caminho da espiritualidade, embora claro, tudo é muito relativo, estes filhos tem a possibilidade de seguir o caminho da retidão e da ética. Podem ser seres melhores neste mundo tão violento.

A vida espiritual é também citada no livro como algo importante na sociedade. Uma sociedade que partindo do vazio espiritual, do isolamento e da solidão, incentiva o consumismo desenfreado como algo para dar alegria, e, no entanto, a questão do ter é mais importante que o ser. E os que não podem, fracassam. E os que não têm, são considerados fracassados. Sendo assim, a escola transborda alunos com ansiedade, com autoestima baixa e com pouca, ou quase nada de inteligência emocional.

E para fazer um link com seu outro livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, poderia dizer que a forma de amor na proposta do livro pode se conectar com a questão do transgredir.

A primeira vez que li sobre esta palavra na educação, foi no livro *Transgressão e mudança na educação*, do autor Fernando Hernández, em 1998. Segundo o dicionário, transgredir é passar além do limite razoável. Do latim transgredi, ir além, ultrapassar limites, violar, de trans, através, além, “pisar”. E o que seria mesmo transgredir como prática de liberdade?

Transgredir como um aspecto que define a intenção de mudança (Hernandez, 1989). Transgredir a visão do currículo escolar centrada nas disciplinas, entendidas como fragmentos empacotados, mantem formas de controle e de poder por parte daqueles que se concebem antes como especialistas do que como educadores. Transgredir como forma de um amor transformador e revolucionário. Não seria assim senhora Hooks? Não seria transgredir no amor?

No pensamento de Hernández (1998, p. 45): “...Transgredir a incapacidade da escola para repensar-se de maneira permanente, dialogar com as transformações que acontecem na sociedade, nos alunos, e na educação”

Ensinar neste sentido, não é somente transmitir os objetos de conhecimento impostos no currículo oficial ou como mero

transmissor de informações, mas de participar do crescimento intelectual e espiritual dos alunos (Hooks, 2013). Transgredir para desmistificar conceitos e visões e, sobretudo, agir sobre o mundo a fim de modificá-lo.

Concordo plenamente e literalmente com você.

Precisamos fortalecer nossos alunos para o enfrentamento com a sociedade e com a hegemonia. E essencialmente, não reforçar os sistemas que aí estão. Fazer uma revolução de valores, onde você Hooks cita muito bem Martin Luther King. Parabéns pelas sábias palavras.

Tenho vontade de não concluir esta carta de indagações e provocações, mas temos que terminar ou melhor fechar um parêntese. Pois então Hooks, termino esta carta com dois autores, escritores e poetas porque não os chamar assim: Paulo Freire e Rubem Alves. Não porque gosto deles, mas porque ambos podem se conectar com seu pensamento. Um, fala no livro “A alegria de ensinar” 2010 e o outro que você muito conhece Paulo Freire, no livro “Medo e ousadia”, 1986.

Rubem Alves fala da alegria de ensinar, que em tempos difíceis não se ensina a felicidade, não se tem a coragem de assumir este conhecimento. Ensinar a alegria é um ato de ação, como você fala nos livros, um ato de fortalecimento da consciência de si, quem é, sem amarras e imposições. E nosso Paulo Freire envereda pelo caminho do sonho do professor sobre a educação libertadora, que nada mais é que nos libertar através da luta política na sociedade e no mundo. Luta esta de todos nós!! Luta para acabar com os preconceitos e com tudo que nos aprisiona, que nos faz tristes e sem motivação para viver.

Agradeço por todo ensinamento dos seus livros.

Termino esta carta com um abraço oceânico no seu coração. Pois todo abraço, ou quase todos, têm o dom de acalentar com amor e poesia.

Barreiras (BA), 28 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2000.

Dicionário Didático de Língua Portuguesa: ensino fundamental I. 2 ed. São Paulo: Edições SM, 2011.

HERNÁNDES, F. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Editora Elefante, 2000.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão. São Paulo, 2013.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall image has a green tint and a layered, collage-like appearance.

Guilherme Vasco Marques

ENSINANDO A EVOLUIR

Querida Bell Hooks,

Venho por meio dessa carta expor visões e pensamentos que só você entenderia, como também falar sobre mim e minhas vivências. Há tantas coisas para escrever, mas tentarei ser breve com todas as aflições que residem em mim. Recentemente, tive o prazer de ser aprovado no curso de Arquitetura e Urbanismo, um curso, até então, elitizado e majoritariamente branco. No livro "Por um Ensino Insurgente em Arquitetura e Urbanismo", o capítulo 8 aborda o ensino de arquitetura e a dupla invisibilidade das arquitetas negras, que reflete sobre o racismo e o sexismo dentro do campo universitário e de trabalho no meio arquitetônico.

A leitura do texto me fez pensar em como a sociedade se moldou numa relação de poder, em que uma determinada parcela de indivíduos se acham superiores a outros que, além de criar conflitos, ela gera a exclusão de povos, costumes, diversidade cultural e de conhecimento. Dessa forma, vale ressaltar a segregação racial e de gênero nesses espaços, barreiras as quais foram relatadas pelas mulheres negras entrevistadas nessa obra, que, infelizmente, continuam na sociedade atual.

Assim, penso ser importante o desenvolvimento de um pensamento decolonial, para trazer mais pluralidade em nossas vivências e reconhecer nossa autenticidade cultural, política, econômica e ideológica. Mesmo diante de todos os fatores sociais acerca do racismo na sociedade, muitas pessoas negam sua existência e afirmam que todos possuem oportunidades iguais. Diante disso, quando escreveu (Hooks, 2013) que abrissemos a cabeça e o coração para visualizar além do comum, criar novas visões a partir da reflexão a fim de desenvolver um movimento contra as fronteiras, você me fez pensar muito no assunto e em como é importante refletir sobre a sociedade, deixarmos de ser ignorantes, avançarmos para uma revolução de valores e defendermos a diversidade.

Bell, há pouco tempo me deparei com o conceito de “palavra mundo”, do educador e filósofo brasileiro, Paulo Freyre, e como o processo de leitura do mundo precede a leitura da palavra, um passo importante para a nossa alfabetização. Com tal entendimento, busquei me situar nessa evolução como ser e questionar tudo o que precede meu desenvolvimento intelectual. Acredito que a vida tem infinitos mistérios, são tantas dúvidas, experiências, lugares. Talvez esse seja o ponto, não saber de nada, caber a nós desvendar tudo isso. É aí que entra a leitura, como uma ponte, a passagem direta para milhares de experiências. Imagino que você sabe muito bem sobre isso, em suas próprias palavras (Hooks, 2013, p. 37):

No período entre o término de um projeto e o começo de outro, sempre enfrento uma crise de sentido. Começo a questionar sobre o sentido da minha vida e sobre o que vim fazer aqui na Terra. É como se eu, mergulhada num projeto, perdesse a noção do eu.

Não costumo escrever, mas assim como um escritor, assim como você, lendo, me perco nesse universo e muitas vezes nem quero sair dele. O mundo é cheio de questões delicadas e complexas, muitos momentos prefiro me abster delas e me afundar nos meus pensamentos literários. Porém, é essa vivência do mundo real que nos molda, o que seria de mim e da minha relação com a leitura se o meu eu do passado não estivesse disposto a enfrentar todos os obstáculos da vida? É nesse momento que é importante pensar em como foi esse processo.

Lembro-me de ser apenas uma criança curiosa que se depa-rou com um grande desafio. Falar “otorrinolaringologista”, a maior palavra do dicionário, para uma criança era fascinante, motivo de orgulho. Após conseguir pronunciá-la eu queria mais, queria mais palavras difíceis e não usuais do dia-a-dia, e assim, desde então, venho colecionando palavras esquecidas pelo mundo e adotando-as. Além disso, contribuiu para o carinho enorme que tenho pela leitura, por tudo o que ela pode me proporcionar entre páginas e

grandes capítulos. São essas palavras do mundo que me compõem e gostaria de, um dia, descobrir suas palavras mundo. Deixarei aqui uma que amo, “hipopotomonstrosesquipedaliofobia”, ela é designada a fobia de palavras longas ou de uso incomum, irônico, não é? Mas essa é a vida, Bell, uma completa ironia.

Admiro tudo o que você representa. Espero poder contribuir para o mundo pelo menos 1% do que você foi capaz. Ser mulher, negra, professora, feminista e ativista nesse mundo irônico demanda força, coragem e desejo, de um dia mudá-lo. Muitas áreas de atuação profissional e acadêmica precisam dessa mudança, tal como a arquitetura e o urbanismo, é necessário de vozes que explodam o mundo, vozes que são silenciadas e esquecidas. Vozes como a sua, que movimentam e deixam marcas necessárias nesse muro que nos separa da igualdade, seja ela de gênero ou racial.

É difícil entender e aceitar em como a sociedade continua presa a pensamentos segregantes, sabemos que houve uma certa evolução na convivência nos últimos anos, mas ainda há muito o que melhorar, de difundir pensamentos decoloniais e de garantir uma democracia racial justa. Assim como a nossa formação como leitores, a prática da revolução e a busca por igualdade são importantes para uma evolução social digna, afirmando a solidariedade e buscando integrar socialmente toda a nossa rica pluralidade.

É assim, cara Bell Hooks, que finalizo esse texto, agradecendo por tudo que fez durante seus anos de vida. Continuarei acreditando, junto a sua memória, num mundo ideal e de esperança.

Carinhosamente, Guilherme.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de M. Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.



Giovanna de Jesus Camargo

A VIDA ENTRE O APRENDER E O ENSINAR

Cara Bell Hooks,

Pensei muito em como colocaria em palavras tudo o que venho pensando recentemente sobre algumas de suas obras e como foi toda a luta que percorreu sobre o misto de direitos e deveres que ainda lutamos para tê-los. Não faz muito tempo que iniciei meus estudos no curso de arquitetura e urbanismo. Talvez você me pergunte o que eu quero falar sobre essa área e pode acreditar que tem muitas coisas que gostaria de discutir e como minha percepção sobre a vida acadêmica, social e pessoal podem ter grandes influências da arquitetura, do meio social em que estamos situados atualmente e como o machismo é recorrente nessa área. Como garantir de alguma maneira uma posição e ganhar respeito em uma carreira tão concorrida? Muitas mudanças aconteceram na educação e acredito que essas mudanças estão mais voltadas a como enxergamos crises e como podemos lidar com elas, desde a luta contra o racismo, o sexismo, as dificuldades no mercado de trabalho ou saber como abordar assuntos para ampliar a visão de mundo de quem está sendo ensinado.

Quando paro para pensar sobre a amplitude cultural que o Brasil possui, muitas vezes penso em como é difícil manter a resistência e a coragem de impor seus princípios para que cada um seja respeitado por suas escolhas. Ao ler *Ensinando a transgredir* (Hooks, 2013), mais especificamente o capítulo 8, entendi mais sobre a necessidade de pessoas que se sentem superiores a outras por suas doutrinas, têm de se mostrarem a todo tempo como dominantes e isso mostra muito sobre como o sentimento de domínio é passado de geração em geração, principalmente no campo político. Percebo cada vez mais uma grande divisão em meu país, quando se fala em conservadorismo e cultura tradicional, já que essa tradicionalidade ressalta como o homem branco tem a necessidade de estar no centro, desvalorizando assim o grande poder cultural que aqui temos, tornando ainda mais evidente a discriminação racial como é abordada em seus livros.

Até pouco tempo, vivíamos em constante tensão entre esquerda e direita e a cada dia que se passava era perceptível como o conservadorismo era colocado como algo que devesse ser seguido por todos, sem ser questionado, dando a quem não concordasse com tais pensamentos a sensação de impotência e medo. Ao falarmos de conquistas, devemos falar também de todo o processo de lutas por trás delas, algo que ao longo dos séculos foi se tornando cada vez mais recorrente. Torna-se cada vez mais arriscado a busca por nossos direitos e nossa voz na sociedade, que se mantém firme contra a pressão do legado colonialista, ainda presente nos dias atuais, nos fazendo resistir a pensamentos e padrões repetitivos de descriminalização e ódio recorrente. O que evidencia ainda mais a hierarquia social que impõe posições aos indivíduos desde raça, gênero e etnia como é citado em "Em defesa da cultura africana" (Fanon, 1980).

Desde minha infância, fui ensinada sobre valores e princípios, princípios esses que sempre foram voltados ao respeito entre as diferenças e comportamento social. E é por meio desta carta que posso te contar mais sobre como o seu legado foi importante e como tudo pelo que lutou e que ainda continua lutando, com todo o suporte que nos deixou para ser passado por meio de educadores e educadoras, merece sim ser admirado e espalhado cada vez mais. A leitura me abriu muitas portas e foi por essas portas que entrei em mundos que até então eram completamente desconhecidos.

Com todo o suporte literário que temos, não poderia deixar de citar o grande filósofo e educador Paulo Freire (Freire, 1989) que, em seu livro *A importância do ato de ler*, nos mostra sobre nossa visão de mundo e como a leitura na infância nos move a sentir, criar e recriar nossa percepção sobre a vida, nossos conceitos e nossas memórias. E é falando de memórias, querida Bell, que me vem à mente meu primeiro contato com a leitura e como a partir daquele momento eu só queria aprender mais e mais sobre as palavrinhas escritas em livros que até então por mim eram considerados algo muito chato.

Sobre vivências e leitura de mundo, arrisco-me a dizer que, como qualquer criança, sempre fui um tanto curiosa. A partir dessa curiosidade, vivia me perguntando se ter tanta imaginação me faria ser uma adulta menos focada, mas acho que, por ser tão curiosa, pude buscar conforto e respostas no campo literário, já que o mesmo também é feito para pessoas curiosas e com pensamentos inquietos se eu definisse minha leitura de mundo em uma palavra, eu lhe diria mágico. Você deve se perguntar se tal palavra representa a característica de algum momento e eu diria que sim, afinal de contas “mágico” vem do livro de título *O mágico de Oz* ⁴, sendo o primeiro livro infantil que li por conta própria e que me fez ser tão interessada pela leitura desde minha infância.

Seria então, “mágico” a descrição do que sinto ao me aprofundar entre as entrelinhas? Creio que seria a sensação de felicidade ao ter o contato inicial com meu livro preferido de infância e então buscarei mais conhecimento e continuarei a me aprofundar mais através das entrelinhas. Portanto, cara Hooks, a partir dessa carta pude relembrar de diversos momentos da infância, e como cada um deles foi importante na criação da minha leitura de mundo, agradeço por seu legado, pois, a partir dele é possível entender mais sobre ressignificação.

Com grande respeito, Giovanna.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Em defesa da cultura africana**. Tradução de Isabel Pascoal. Portugal: Sá da Costa Editora, 1980.

HOOKS, B. **Uma revolução de valores**. Tradução de Marcello Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers with a green overlay.

Danuza Kovalesski Machado

**POR UMA
COMUNIDADE
AMOROSA**

Querida bell,

Desde a última carta enviada no ano passado, muita coisa mudou! Para te lembrar, sou aquela mulher, assistente social, que vinha buscando pistas para esperar através dos teus escritos. Mas que também encontrou acolhimento para sua caminhada pessoal, o que, aliás, nunca o conceito de Comunidade esteve tão presente pra mim, a necessidade do outro para me ver, sem perder de vista também minha identidade.

Bom, no ano passado, havia te contado sobre meu novo emprego no Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas em Porto Alegre/RS, da mediação do grupo de mulheres que realizo junto com minha colega psicóloga Rita Barboza. Então... ele completará um ano mês que vem! E vem sendo lindo o trabalho construído com as mulheres participantes juntamente com as demais colegas que também fazem colaborações, motivadas pela proposta. O grupo cresceu, tem feito trabalhos que deixam sua marca e propósito, inclusive minha colega e eu apresentamos o projeto este ano em um congresso internacional de saúde mental e para a própria instituição em um seminário de vivências.

A ideia que tem como proposta a escuta, o cuidado e acolhimento no coletivo, vem se desenvolvendo e trazendo resultados. O grupo que iniciou com cinco participantes e hoje chega a doze mulheres, chegou com a ideia de trabalhar questões relacionadas ao universo das mulheres, pelas demandas trazidas nos atendimentos individuais como: a condição de mães solo, com filhos em acolhimento institucional, de mulheres responsáveis pelo cuidado de outros, sofrendo etarismo, medo do abandono, abusos, relacionamentos tóxicos, entre outras situações que tinham a ver com a estrutura social vigente como o patriarcado, o racismo, o machismo e toda a ordem de opressões que envolvem as mulheres e implicam em seu cuidado em saúde mental.

Com isso, o livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* tem estado presente sempre, tanto junto ao grupo de mulheres, compondo com outros materiais como também junto ao coletivo bell hooks, coordenado pela professora Luciana Rodrigues, vinculado ao Programa de Pós-graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que tem por objetivo: a pesquisa, estudo, extensão e formação em políticas do cuidado com o aporte de epistemologias feministas e anticoloniais. Embora esta obra esteja muito presente, acredito que seja pelo livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* que venho me erguendo e junto a realização do meu trabalho também buscado alcançar outras mulheres.

E neste encontro dialético, me encontrando, olhando, revendo, construindo, o que como disse, também tem contribuído para meu desenvolvimento pessoal, hoje com 40 anos, estou em fase de mudança de CEP pela primeira vez, experienciando coisas novas como me arriscar a ser lida, a erguer a voz quando percebo alguma opressão que possa estar velada, buscando criar, estar e participar de espaços que me exercitem essa voz.

Voltando ao grupo, criamos mecanismo de construção que possam conversar com espaços maiores, através de nossas ações ampliadas, onde todes sejam participantes, além das mulheres, contando também outras colegas do CAPS e da rede de atendimento, que compõem temáticas que dialoguem com opressões do cotidiano vivenciados.

Saindo dos lugares de zona de conforto, venho timidamente me arriscando e colocando meus propósitos no mundo, buscando construir algo de forma mais ativa, crítica, especialmente com as pessoas que compõem o coletivo ao qual participo também me energiza, me nutrindo de força como um local que me encontro em pares mesmo que os pontos que nos liguem sejam diferentes, possa encontrar formas e estratégias de erguer a voz.

Desde o início do ano passado, participando deste coletivo, me encontrei com pessoas que partilhavam angústias que, mesmo sendo diferentes das minhas, encontravam-se em pontos comuns pelo desejo do rompimento com o sistema opressor, ecoando no grupo, através de cada um e uma, formando um espaço seguro para além dos campos da pesquisa, um lugar de troca e de acolhida afetiva, que dava corpo e nome aos incômodos vivenciados por todes. Nesta caminhada também venho me construindo feminista, a partir da observação e da escuta de outras mulheres e de me encontrar nelas, mesmo quando nossas correntes forem diferentes, como diz Audre Lorde (2019).

Este ano tive o prazer de fazer parte da organização de uma atividade de extensão mediada pelo coletivo que tinha como disparador o livro *Tudo sobre o amor*, foram quatro encontros, ocorridos as sextas-feiras e pensados sob a coordenação das professoras Bruna Battistelli e Luciana Rodrigues junto com as colegas Raiane Medeiros Pinheiro acadêmica do curso artes visuais e Gabriela da Cruz Miranda, direcionados a professores e educadores sociais da rede pública e particular de Educação e Assistência Social. Nestes encontros trabalhamos sobre os capítulos - a clareza: pôr o amor em palavras, justiça: lições de amor na infância, compromisso: que o amor seja o amor-próprio, comunidade: uma comunhão amorosa - onde compus a mediação de abertura com o capítulo reflexivo a infância, foi realmente muito lindo! E claro, ficou evidente a necessidade de um espaço que acolha amorosamente quem cuida, educa, associado a falar sobre as diferenças, que dê voz e evidencie as discrepâncias no processo educacional de crianças, jovens e suas famílias.

É urgente, necessário pensar a educação para além dos muros dos espaços institucionais, de planejamento e de poder. O desenvolvimento junto a políticas públicas que estavam estejam implicadas em políticas de cuidado que forneçam suporte a construção de comunidades para realização do cuidado, pensado como algo de responsabilização coletiva o que perpassa inclusive pensar

a saúde física e mental de quem o realiza. Gostaria tanto que visse o quanto foi lindo, empolgante, inspirador, pelo atravessamento proporcionado através das falas manifestadas.

Acredito que te mencionei na carta anterior, mas volto a repetir aqui: não acredito que exista mudança e/ou implicação em algo que não seja provocado por meio do afetar-se e para tal, necessitará que ocorra o atravessamento. Tenho percebido através de espaços como o oportunizado na atividade do *Tudo sobre o amor* que apenas quando dialogamos com nossa identidade, de onde viemos, como fomos constituídos, os espaços e as pessoas que cooperaram para nosso processo subjetivo, é que conseguimos trilhar um modo de Comunidade, aqui aprendido com tuas escritas esse encontro como autorrecuperação.

Em tempos onde a velocidade das tecnologias do consumo, advindas das estratégias do capitalismo que não viabilizam espaços onde se oportunizem pensar uma política do cuidado como o ofertado nas dependências de uma universidade pública ou em um espaço de saúde do Sistema único de Saúde - SUS que tenha como proposta além da patologização, da medicadicalização, refletir o quanto nosso processo subjetivo se dá pela interação com o ambiente e a realidade social que vivemos. Pensar fora da caixa do que esta culturalmente e hegemonicamente constituído pode sugerir algo transgressor, afinal precisamos manter a “neutralidade”.

bell, teu legado escrito pelas tuas vivências nos fornece pistas para esperar na identificação e construção de bases para o afeto e o afetar-se, ensinando modos de comunidade, tua presença bibliográfica tem contribuído muito para a autorrecuperação, erguer a voz e pensar a forma que nos relacionamos por novas perspectivas do amor de forma política.

Seguimos em nossas pequenas revoluções no encontro com o outro, buscando tecnologias que viabilizem “erguer a voz”, na horizontalidade e no afeto.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, B. **Erguer a Voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

LORDE, A. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

ROCHA, J. **Pacientes que curam**: o cotidiano de uma médica do SUS. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.



Jenilza Rodrigues dos Santos

SENTIDOS DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR BELL HOOKS

Querida bell hooks!

É com enorme satisfação que escrevo esta carta para lhe parabenizar pelas experiências compartilhadas nos livros *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (Hooks, 2017) e *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática* (Hooks, 2020), com os quais propus me deleitar e sentir um pouco do seu calor, em relação ao AMOR, que demonstra pela educação por meio destes escritos (Hooks, 2017; 2020).

Inicialmente eu desejava realizar a leitura de um livro, mas percebi que seus escritos relembra minha experiência acadêmica e profissional, além de trazer reflexões riquíssimas acerca da educação que vivenciamos nos dias atuais. A partir daí, resolvi me deleitar com a leitura de mais uma de suas obras.

Foi gratificante compreender o quanto a escola, influenciou na construção de suas escritas em relação suas experiências com a educação. Atualmente, assim espero, não existem mais escolas que perpetuem a segregação racial, mas encontramos outros fatores que interferem no processo de aprendizagem dos alunos como: escolas mau estruturadas, professores desvalorizados e desqualificados, a ansiedade e o bullying que afetam a qualidade de desempenho de nossos alunos, bem como as questões de gênero e as dificuldades de aprendizagem.

Diante das leituras que realizei, me peguei muitas vezes indignada, porque você idealiza tanto um ensino que eu vejo estagnado, mesmo depois de tantos anos atuando como educadora e coordenadoras pedagógica, onde tenho buscado realizar intervenções para que os professores compreendam o espaço da sala de aula como "caminho para a prática da liberdade", trazendo para o chão da sala um jeito de ensinar que não seja partilha de informações, mas o lócus de entusiasmo para aprender, onde alunos e professores ampliem o seu conhecimento (Hooks, 2017; 2020).

E aí, surgiu o questionamento? Aonde podemos encontrar estes professores? Mas, entendi também que nem todos os professores com qual encontrou em seu caminho, foram comprometidos com uma “boa educação”.

E nos dias atuais, podemos afirmar a existência de profissionais com esta preocupação? Encontramos escolas e educadores com uma pedagogia engajada, como você propõe, que favorece aos educandos o conhecimentos, que oferecem uma formação, incentiva o compromisso social e a luta pela igualdade?

Me recordei do meu processo de alfabetização, onde tive a oportunidade de ter uma professora bem dinâmica que junto com um grupo de alunos bem atuante e interessado, conseguimos obter o letramento e nos anos iniciais tive o contato com profissionais dedicados que fizeram a diferença em minha vida.

Com esta recordação, desejaria estar sentado ao seu lado, tomando um café... para discutirmos se estou sendo realista demais ou muito pessimista por desacreditar que haja uma luz no fim do túnel.

Neste mesmo momento, também me recordo do meu papel de pesquisadora e investigadora. Sendo assim, o que tenho a dizer é que existe, entre milhões e milhões de educadores, àqueles que buscam fazer a diferença na sua prática pedagógica. E, é neste caminho que devemos nos amparar e buscar fazer a nossa parte, de modo que possamos abraçar mais educadores para traçar este mesmo percurso.

Enfim, vamos partir para o tratamento das contribuições adquiridas a partir da leitura de seus livros, que trazem uma série de temáticas, abordadas de forma crítica, levantadas pelas situações que vivenciou, além das leituras e diálogos realizados com Paulo Freire, que no livro *Pedagogia da Esperança* (2016) e *Pedagogia do Oprimido* (2005), discute a importância de uma prática pedagógica voltada para o atendimento das classes menos favorecidas, objeti-

vando sua emancipação, o desenvolvimento do pensamento crítico, o atendimento aos seus direitos, o exercício da sua cidadania e a capacidade de compreenderem o seu papel na luta por melhores condições sociais. (Freire, 2016; 2005)

Quando você retrata sobre a importância da pedagogia engajada, digo que muitos dos educadores com o qual tive oportunidade de trabalhar e coordenar não estavam preocupados com o que é essencial para nossos alunos aprenderem, são poucos àqueles que estimulam o pensamento crítico e a gestão democrática, ou seja, não têm na educação “o caminho para a liberdade”, como destaca Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia* (2021), quando diz que através da educação, o professor precisa ousar e praticar esta pedagogia libertadora, buscando estratégias capazes de aguçar as competências necessárias ao educando para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual, pessoal e profissional (Freire, 1986).

Em meio este radicalismo, me recordo do Ensino Médio, onde cursei o Magistério em um colégio da rede Estadual da cidade de Barreiras, na Bahia, espaço onde vivenciei meus primeiros contatos com as leituras de Paulo Freire, dentre outros, além do prazer de encontrar professores que conduziram minha formação acadêmica e profissional com uma prática voltada para a pedagogia engajada. Neste período, me deparei com professores que ministravam suas aulas com entusiasmo, que enquanto educadora, sempre busquei e encontrei parceiros memoráveis que me auxiliaram na busca destas conquistas: fazer da sala de aula um espaço de esperança, que valorize o diálogo, o trabalho coletivo, o desenvolvimento da criatividade, a autoestima, o compartilhamento de histórias, suas aflições e desejos (Hooks, 2017; 2021).

Ao contrário do que ocorreu na sua formação superior, tive a oportunidade de vivenciar com a pedagogia engajada, no segundo grau, como estudante do magistério e em seguida no Ensino Superior. É lógico que ainda existiam profissionais que exerciam uma prática

pedagógica bem distante do que seria considerado essencial, para o desenvolvimento do pensamento crítico, o que contraria os interesses das classes dominantes (Hooks, 2017; 2021).

Seus livros, traz para discussão pontos importantes, que precisam fazer parte da prática pedagógica profissional e pessoal dos professores que buscam uma educação liberadora, por meio da pedagogia engajada. (Hooks, 2017; 2021). Para tanto, por meio dos 32 ensinamentos que traz nesta obra, você também apresenta estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula, além de proporcionar aos educadores a oportunidade de repensar a sua prática pedagógica. E aí, me veio um questionamento... E eu? O que posso fazer? Continuar como formiguinha, trazendo estes pontos de reflexão para discussão, junto aos meus professores. Não é porque estou descreditada, que depois de anos, o qual também vivenciei experiências positivas enquanto educadora e coordenadora, é injusto achar que um dia não teremos educadores buscando desenvolver uma pedagogia engajada. (Hooks, 2017; 2021).

Dessa forma, suas leituras me levou a imaginar um caminho a ser trilhado e assim acreditar que ainda podemos ser capazes de conquistar uma melhoria no ensino realizado em nossas escolas. Como você enfatizou, não podemos transgredir. Sei que uma série de fatores internos e externos que influenciam na aquisição desta mudança, mas como diz Paulo Freire, não podemos perder a esperança de busca por uma educação libertadora.

Esta autorreflexão sobre minha prática me faz pensar em novas maneiras de enxergar o mundo, com um novo olhar. As questões e preocupações que você discute no livro *Ensinando o pensamento crítico*, como humildade, humor, multiplicidade de saberes, saber ouvir os alunos, aguçar a conversação, a inteligência emocional e o diálogo, deixando de ser transmissores de conhecimento, onde os alunos são os receptores de saberes. Desse modo, acredito que, a partir da pedagogia do engajamento, com o desenvol-

vimento das habilidades que favoreçam aos alunos o pensamento crítico é que poderemos vislumbrar uma educação libertadora que conduza nossos alunos ao pensamento crítico e à reflexão acerca assuntos diversos que precisamos discutir em sala de aula (Freire, 1986). Neste momento, estaremos oportunizando aos nossos alunos a capacidade de desenvolver perspectivas e expectativas, na busca por um mundo mais igualitário e democrático (Hooks, 2017; 2021).

Gostaria de acrescentar que tanto em seus livros, como nas obras de Freire (1986; 2016; 2005; 2021), existe uma ênfase nas contribuições do trabalho coletivo e da importância do estabelecimento de uma relação de respeito, empatia, valorização humana entre professor x aluno x professor, na busca e troca de conhecimentos visando a construção de uma sociedade mais consciente e livre de preconceitos.

Como responsável pela formação continuada de professores, lhe digo que a leitura de seus livros se fazem importantes dentro das universidades, principalmente para os acadêmicos que vão atuar na área de educação. Seus ensinamentos irão contribuir para a prática pedagógica inicial destes profissionais no sentido de conduzir suas ações no intuito de desenvolver o pensamento crítico e a luta por seus direitos como cidadão.

Por fim, encerro esta carta com as palavras de Larrosa (2014), no livro *Tremores*, que destaca a importância das nossas experiências, como uma ação que traz sentidos e significados para nossa vida. Do mesmo modo, seus livros também trazem essa discussão, uma reflexão acerca dos sentidos e significados de nossas ações, sobre a forma de educar e ver o mundo em nossa volta, centrando assim a condução de nossa prática para a construção de uma educação para a liberdade, com a adoção de novas formas de ensinar e aprender.

Barreiras, 15 de setembro de 2023.

Atenciosamente,

Jenilza

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Coleção: Experiência e Sentido.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 23.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.



Mariana Almada Viana

**É SOBRE O AMOR
QUE HABITA EM VOCÊ
E CHEGA ATÉ MIM**

Minha querida e ousada bell,

Hoje, diferentemente dos outros dias, permiti-me experimentar a sensação de um preguiçoso e quente dia domingo. Acordei e logo ali ao meu lado estava *A ciranda das mulheres sábias*, onde Clarissa Pinkola Éstes diz: *"sente-se comigo um pouco...vamos fazer uma pausa deixando de lado todos os nossos inúmeros afazeres... haverá tempo suficiente para todos eles mais tarde"*. Sentei-me à beira da cama e lembrei-me do amor, lembrei-me de ti. Nesse contexto me veio a memória de minha ancestralidade, minha infância, meus sonhos de juventude, meus amores... Muito para te contar e talvez para além das palavras, o que está escrito nas entrelinhas ou nas estrelas.

Faz tempo que não nos falamos, desde o *Ensinando a Transgredir*, o que me trouxe lembranças de Paulo Freire, meu mestre em essência e seu também, algo que nos aproxima ainda mais, e então bateu aquela saudade danada de ti. Aqui estou.

Preciso fazer-te uma confissão: desde jovem, quando percebi que você assinava o seu nome com letras minúsculas em artigos e livros, tornei-me curiosa dessa escrita, e o que aprendemos desde pequenas nas escolas é a importância do uso das letras maiúsculas, sobretudo, em nomes próprios. Depois de você, mudei minha concepção desse uso e vi que a força está mesmo na essência, está nas subjetividades, está nas entrelinhas do que representa uma pessoa e o que ela escreve, desenha, canta etc. Entendemos nessa situação que a letra maiúscula faz com que a palavra saia da horizontalidade, é uma letra que cresce frente as demais.

Poderíamos, no âmbito das relações sociais, construir perspectivas horizontais, acompanhado seu exemplo no modo de grafar, ninguém mais forte ou maior que ninguém. Desta forma, visualmente já temos uma leitura social, se é que me fiz entender. Sua atitude política de enfrentar a gramática me fortaleceu e fortalece, você sabe que sou professora e nesse meio, o correto e normal é nome próprio,

nome das disciplinas, dos bimestres... todos com suas respectivas letras maiúsculas, mas em cada sala de professores, sala de aula que entro, levo a força social das letras minúsculas.

Sobre a nossa velha infância!!! Como era bom entender que todos se amavam, ou ao menos mostravam se amar, é o que sempre ouvíamos atentamente nas frases, histórias, contos, músicas, religiões, na família... e eram tantos ensinamentos: a deusa do amor fértil, belo em Oxum, Vênus, Afrodite... os contos infantis com final feliz, todos eles com mulheres desde a branca *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Bela Adormecida*... e ali na infância era primordialmente o lugar de muitos traumas e alguns deles que nos marcaram quando o assunto era amor, inclusive "amar como Jesus amou". Cresci e entendi tudo isso, não do modo como dita a sociedade, mas como um amor que transcende, que transforma e como você enfatiza, imbuídos de ética amorosa.

Lembrei-me aqui, de sua ousada obra *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, onde você faz uma abordagem sobre o amor sob vários aspectos, que ao longo da carta vou citando.

Mas a adolescência chega e com ela mais histórias, mais complexidades da vida, e como afirma Renato Russo "é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã", são trechos dos conjuntos de complexos edípicos da infância, nas frases como "quero colo", "posso dormir aqui com vocês?", "estou com medo tive um pesadelo", e transferidos para a adolescência como "vou fugir de casa", "só vou voltar depois das três". Existem músicas que hoje ainda nos remetem aos traumas ainda mal resolvidos na fase adulta, e vieram exatamente da infância, são as chamadas decepções que, ou nos fazem crescer ou nos derrubam. Quer mais uma música para essa? "Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima". Considerando que sua escrita é permeada pelo senso estético, você há de entender o que pretendo com essas associações de ideias.

Como você bem nos lembra em sua obra que acabei de citar, faz-se necessário conhecermos as várias vertentes do amor, vou até me permitir abrir o índice para citá-las aqui, a saber: *a clareza, a justiça, a honestidade, o compromisso, a espiritualidade, os valores, a ganância, a comunidade, a reciprocidade, o romance, as perdas, a cura*, bem como o próprio *destino*, elementos primordiais para que não apenas entendamos, mas vivamos a práxis. Eu estava pensando exatamente em cada um desses elementos e quais obras de artes, literárias, pensamentos estariam associados a eles. Quando nos debruçamos sobre uma leitura como essas, criamos asas e por isso fui para o mundo das artes. Sua obra nos faz mergulhar no amor. Ah o amor!

A *clareza, a justiça e a honestidade* da forma como você nos apresenta, nos levam a momentos da infância, referem-se ao amor, falar dele, quanto aos castigos que nos são impostos. Esse é o lugar onde nos encontramos frágeis sob a tutela emocional, social, política, religiosa etc. de outras pessoas, diga-se, de nossa família de origem. São os complexos de Édipos onde desenvolvemos sentimentos amorosos e agressivos no âmbito inconsciente. Me lembra muito a música "*Velha Infância*", do relacionamento que faz bem, imbuído do sentimento de pertencimento, do aspecto social, cantar, brincar e esse seria o primeiro momento da criança. Mas também traz as sensações das injustiças e negligências do adulto com a infância e o que nos sufoca devido o conjunto de sensações vividas na infância. Acrescentaria aqui o *romance*, uma outra discussão acerca das complexidades freudianas.

Falando isso aqui para você lembrei-me do "*Vigiar e punir*", do Foucault. "*Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações*" e mais uma vez as prisões. Uma chuva de pensamentos artísticos me invade aqui, poderia citar ainda a obra "*O grito*", de Edvard Munch, um artista que cresceu num lar traumático e no momento do grito, obra expressionista que fala por si, sentia angústia, desespero e dor. Como também não poderia deixar de lembrar da música "*Boys don't cry*", a repressão dos sentimentos masculinos.

Fui longe hein, bell!!! Mas citemos ainda o *compromisso*, a *espiritualidade* e os *valores*, outros elementos que, para dar mais sabor ao amor, talvez nos obriga à nossa individualidade. Falo sobre o amor que habita em ti e chega até mim, namastê! Vivemos num momento em que segurar as mãos umas das outras é essencial, nós mulheres negras que sabemos dos nossos sofrimentos, tantas vezes esmagados nas entrelinhas da nossa trajetória, olhemo-nos pois. Por isso bell, tão inspirada, você nos trouxe a valorização do compromisso pessoal e por consequência, coletivo. O quanto o cuidado intrapessoal que buscamos em nossas entranhas se faz presente em nossa ancestralidade, e a força da espiritualidade no ânima, numa reflexão contínua de *quem sou, onde estou e para onde vou* como em Paul Gauguin, e com todas as que vieram antes de mim, com honra e respeito. E não poderia deixar de cantar "Pra todas as mulheres": *"Abafaram nossa voz, mas se esqueceram de que não estamos sós... essa dor é secular e em algum momento a de curar, diga sim para o fim de uma era irracional, patriarcal!"*

Como disse a pouco, minha querida e ousada bell. Sim, ousada! Fala das completudes do amor e não esquece de uma questão fundamental: para onde vamos com os nossos sentimentos de posse e a necessidade de consumo do ser amado? Seria amor? Que amor? A *ganância* e a *perda*, me lembram duas situações artísticas que dispensam explicações. Como você diz, a ganância requer ganho de tempo, então pela rapidez de que somos engolidas pelo tempo é necessário fazer logo, correr, correr, correr. O consumo, o uso que cai no desuso. Me lembra Bauman e o "*Amor líquido*" e nada melhor que Vinícius de Moraes com a célebre frase "*Que seja eterno enquanto dure*." E eis o tempero para que o amor seja lúcido: a inexistência do sentimento de posse, o que me lembra "O pequeno príncipe", cujo controle não é uma forma de amor.

Vamos, por sublimação como diria Freud, trazer mais dois de seus capítulos, onde você fala das dimensões acerca do amor de *comunidade* e de *reciprocidade*. Chegamos a um ponto fundamental,

as relações interpessoais que buscam uma “*comunhão amorosa*”, cada um/cada uma em suas funções, e quem diz isso? Você! Rs A riqueza dessa dimensão é entender quem é comunidade, que de antemão não se restringe ao campo familiar, vai além.

Ah bell! Quanta coisa! Como é bom dialogar contigo! Hoje mais que nunca, vim mesmo falar contigo a respeito das novas perspectivas sobre o amor, e muito me tranquiliza conversar contigo sobre esse assunto, visto que da mesma forma que Paulo Freire te inspira, você me inspira, e assim vamos inspirando outras pessoas. Ontem conversava com meu filho e ele disse-me que era muito difícil transformar o mundo por conta das pessoas más. Dei um leve sorriso, mas logo me emocionei e respondi que primeiro transformarmos a nós mesmos e ampliamos aos pequenos outros mundos nos quais fazemos parte, com diz Mahatma Gandhi, “*seja a mudança que você quer ver no mundo.*” Então busquemos ser!

E sobre as mais diversas formas de amar, como canta Alcione sob a composição de Wilson Moreira “*esse amor me envenena, mas todo amor sempre vale a pena*”, não sei se é isso, mas importante conhecer e viver para ver. E vou fechando minhas reflexões à luz de Jung: “*conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, que sejamos apenas outra alma humana.*” É isso!

Minha querida, um grande, fraterno e negro abraço! E que possamos fazer novas trocas em breve.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020. HOOKS, bell.
- RUSSO, R; VILLA-LOBOS, D; BONFÁ, M. Pais e Filhos. In: **As Quatro Estações**, 1989.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers. The letters are scattered across the image, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with a lot of green and brown tones.

Thamires Gambôa dos Santos

CARTA A UMA ANTIGA ANCESTRAL

Prezada bell hooks...

Sempre fui maravilhada pelo encantamento das emoções-sentimentos e me deixava sentir antes de qualquer coisa. Talvez isso tenha me levado a situações não tão agradáveis, mas também, porque eu não havia sido ensinada (assim como a maioria de nós) a como sentir minhas emoções-sentimentos e racionalizá-los de uma forma amorosa e inteligente na minha vida. Contudo você bell hooks (2020, p. 16) nos convida a pensar em seu livro *Tudo Sobre o Amor: novas perspectivas*, que “abraçar uma ética amorosa significa inserir as dimensões do amor em nossa vida cotidiana e são elas: cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento”.

Em sua busca por aprender mais sobre o amor, você afirma que é inteligente e perspicaz tornarmos o amor tangível, como quem aprende a segurar e escutar as próprias vulnerabilidades com cuidado e sabedoria nos processos ao decorrer da vida. Nos convocando a inserir a inteligibilidade emocional em todas as áreas das nossas vidas em um desafio, estrutural, diário de encontros e reencontros de si. Saber que o amor, tem muito a ensinar das novas perspectivas de velhas ancestrais na dança dos ventos cíclicos que as encruzilhadas, da vida, nos convidam a escutar.

Estudando com um olhar mais crítico, a vulnerabilidade é um assunto caro para um mundo organizado em categorias hegemônicas brancas heteropatriarcais e separáveis, muitas dessas dicotomias ocidentais colonizadoras foram cristalizadas como, por exemplo, o antagonismo criado entre razão e emoção que dificultaram o entendimento e a relevância da inteligibilidade das emoções-sentimentos de formas mais fluidas e multidisciplinares em todos os âmbitos da vida dos indivíduos, justamente por ser dado à razão uma importância e credibilidade maior. Pensando nisso, não podemos nos render às mentiras e representações coloniais contadas sobre o amor, as quais muitas vezes versam mais sobre relações de poder do que de afeto. É necessário sabermos quais histórias e estórias de amor que-remos viver e contar a nós mesmos e aos mundos.

Como nos provocou a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 23) "O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva". Essa imagem colonial violenta conduz os indivíduos na construção de sua subjetividade e de um pensamento único sobre si e sobre o amor. Como defende a artista e psicanalista portuguesa Grada Kilomba (2019), "a linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar." Considerando que as narrativas poético-epistemológicas também disputam lugares de poder, estamos em constante luta na construção de estratégias para a sobrevivência epistemológica-poética e o protagonismo na elaboração de conhecimento através dos nossos corpos e subjetividades atravessadas-interseccionadas por diversos marcadores políticos e sociais. E nesse sentido, bell hooks (2020, p. 39) "Uma mulher que fala de amor é suspeita. Talvez isso ocorra porque tudo que uma mulher esclarecida teria a dizer sobre o amor representaria uma ameaça e um desafio às visões que nos foram oferecidas pelos homens."

Para podermos significar e representar o amor por nossas e novas perspectivas com cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento para que possamos construir "textos espelhos" como Tatiana Nascimento diz, em sua tese de doutorado *"Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos"*, "esses são textos em que me miro ou mirei pra entender melhor a mim mesma, e de certa forma ir me constituindo enquanto sujeita. Textos como espelhos." Os quais possamos criar, nos reconhecer e nos amar.

Estimada bell hooks, obrigada por acreditar e pesquisar o amor com a sua forma única de ver e sentir o mundo. Agradeço por compartilhar o amor como uma ação com força e sensibilidade, tornando possível a reflexão sobre a soma do amor com a responsabilidade que podemos ter em relação à criação de novas imagens e representações no que concerne o amor, políticas de cuidado e afeto

para nós mesmas e para as nossas comunidades. Para que o amor não seja simplesmente uma quimera da qual muitos têm medo de sentir ou explicar. Com o propósito de falarmos de amor a partir dos nossos corpos e de nossas escrituras.

Partindo da intenção de possibilitar políticas emocionais entendendo que a emocionalidade pode ser e é tão concreta quanto qualquer coisa que possamos ver ou tocar, para além da subjetividade singular de cada indivíduo, sentir é uma das tecnologias mais avançadas que a humanidade experimenta e o amor é parte dessa construção. As emoções e os sentimentos não são meras abstrações, as subjetividades produzem movimentos concretos. E tentar buscar instrumentos teórico-metodológicos que interpretem a fluidez das emoções-sentimentos para refletir sobre as possibilidades dos sentimentos, dos seus poderes de criatividade e ação no interior das subjetividades e no exterior das sociabilidades, em seu campo simbólico de trocas corporificadas é uma tarefa desafiadora. Emoções e sentimentos são, também, possibilidades de abraçar a diferença como uma categoria que promove potências e crescimento entre os indivíduos e os mundos por eles criados. Como a reflexão:

[...] A poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado [...] (Lorde, 2019, p. 44).

Escrevo essa carta em sinal do meu amor às palavras e as formas poéticas de expressão, em sinal do meu amor por mim, a partir de uma grande coragem de revelar um jeito para continuar coexistindo nesse tempo fraturado pelo trauma do ódio às diferenças. "O amor é uma ação" de organizar e estruturar políticas emocionais de vida. Obrigada bell hooks e a todes aqueles que acreditam que podemos criar sociedades melhores e mais amorosas.

Escrevo cartas desde pequena, incentivada pela minha mãe, fui uma criança muito afetuosa com as pessoas e com as palavras, na adolescência utilizei a escrita como uma forma de me entender, desabafar e também de falar sobre paixões e amores, mais adulta a escrita é um lugar de afeto onde posso desenvolver minha sensibilidade, meu amor por mim mesma, minha imaginação e criatividade na elaboração de narrativas-mundos da minha lesbiandade, como Tatiana Nascimento diz (2014, p. 14) “uma escrita-corpo, nomeia, celebra e define a lesbiandade negra que Lorde elabora como ‘a própria casa da diferença’”. As mulheres negras artistas e intelectuais inauguram reflexões traçando pensamentos que são pautados pela relação com a linguagem e com a autodefinição. Elas tensionam a insuficiência de categorias hegemônicas heteropatriarcais brancas produzindo análises e conceitos que apenas a lente de seus próprios corpos poderiam e podem criar. Foram e são essas mulheres, e muitas outras mulheres negras, que me inspiraram a escrever esse poema:

BELL HOOKS

Em letras maiúsculas, porque eu quero gritar TUDO SOBRE O AMOR

Igual quando o Rico Dalasam canta na poesia “O que eu sei sobre o amor eu inventei”

E eu tô inventando jeitos para me amar. Novas perspectivas de afeto. Novas políticas do sentir.

Antes de permitir outro corpo me tocar e parece que a estrada é muito mais sobre paciência e a bell hooks disse “querer amar ainda não é amar.”

Eu quero muito que tu me ame, Thamires.

E Upile Chisala disse “Às vezes parece que queremos o amor mais do que o amor nos quer”

E eu... eu já quis tanto o amor a ponto de não me amar.

Eu já quis tanto o amor a ponto de me anular.

Eu já quis tanto o amor a ponto de me machucar.

Eu já quis tanto o amor a ponto de tentar controlar.

E bell hooks disse: "O amor não prevalecerá em qualquer situação em que uma das partes queira manter o controle e/ou poder."

Eu já quis tanto o amor a ponto de...

Doar o que quer que seja. E nada dentro de mim sobrar. E tudo se quebrar.

A ponto de não acreditar no amar. A ponto de não querer mais amar.

A ponto de não saber mais COMO me amar.

A ponto de suplicar. Uma receita. Um antídoto.

Alguém que me fizesse acreditar e como disse Maya Angelou "O amor é como a fé."

Eu ainda não sei TUDO sobre o amor, mas eu já sei muita coisa que o amor NÃO é.

Através do olhar generoso e crítico de bell hooks eu ainda tô INVENTANDO jeitos, formas e pensamentos.

E Audre Lorde disse: "Me custou muito tempo o amor que juntei" e eu tatuei na minha pele para lembrar que doeu. Para lembrar que levou TEMPO pra cicatrizar tudo aquilo que me fez não amar.

E bell hooks disse "AUTO AMOR LEVA TEMPO" e todos os dias eu repito TEMPO É AGORA.

Thamires Gambôa

Porto Alegre, 24 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANGELOU, M. **Carta a Minha Filha**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2019.
- CHISALA, U. **Eu destilo melanina e mel**. São Paulo: Editora Leya, 2020.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- LORDE, A. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LORDE, A. **Entre nós mesmas**: poemas reunidos. Tradução: Tatiana Nascimento, Valéria Lima. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2020.
- NASCIMENTO DOS SANTOS, T. **Letramento e tradução no espelho de Oxum**: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos. Florianópolis, SC. 185 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2014.
- OLIVEIRA, J. Grada Kilomba: O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles". In: **El País**, São Paulo, 11 set. 2019. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html> Acesso em: 15 nov. 2020.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers with a green overlay.

Maria Eduarda dos Santos

UMA CARTA SOBRE UMA DOCÊNCIA INSPIRADA EM AFETOS

Prezada bell hooks,

Você não sabe o quão feliz e ansiosa estou em te escrever esta carta, pois tenho tanta coisa para te contar, que nem sei por onde começar, e até mesmo se você vai gostar do que vou te contar, mas isto é pura insegurança minha. Sei que você vai gostar. É sobre docência, é sobre afeto e, principalmente, sobre minha experiência em sala de aula e como você, bell, está ligada a tudo isso de forma graciosa e inspiradora.

Mas, antes de tudo, acho que seria injusto da minha parte não me apresentar para você, pois eu te conheço, mas você não conhece nada sobre mim. Sendo assim, meu nome é Maria Eduarda, gosto que me chamem de Duda, tenho 20 anos, sou uma mulher branca de cabelos pretos, latino-americana, bissexual, faço graduação em Filosofia na Universidade Federal do Paraná e, também, sou professora num projeto voluntário de pré-vestibular. Sei que escrevi pouco sobre mim, mas acho que você já consegue ter uma ideia de como sou e o que faço.

Por mais que esta carta seja sobre docência, tenho que te confessar que, durante minha graduação, a docência não era minha maior animação ou preferência, estava mais focada na filosofia e na pesquisa acadêmica, porém, durante este percurso, eu tive disciplinas de licenciatura, e acho que tive sorte, pois tive dois ótimos professores, que me ensinaram sobre docência, mas, também, me apresentaram você, bell, e por isto vou ser eternamente grata a eles. Um deles é o professor Marcos Oliveira e a outra, minha querida professora Bruna Battistelli. Acho que você adoraria conhecê-los, me apresentaram você de uma forma tão afetuosa, que só um educador e uma educadora apaixonados pelo que fazem poderiam fazer.

Lembro que, durante minhas aulas, tive que escrever uma carta sobre um livro que eu tinha lido e que tinha me impactado de alguma forma. Escrevi uma carta sobre um livro que mudou minha vida e que me fez ver a docência de uma forma carinhosa, mas, ao mesmo tempo, forte e real, me fez também ver a docência como

uma prática libertadora, que está com os pés no chão, observando a realidade, além de várias outras coisas que a docência significa para mim. Este livro, você o conhece muito bem, conta a história de uma mulher forte, guerreira, doce, gentil, cuidadosa e que lutou para estudar e se tornar professora num ambiente que não queria ela ali, numa instituição supremacista branca.

Seu acesso à educação foi prejudicado pelo mundo racista, preconceito e misógino que vivemos, ela, uma mulher negra, dentro de uma instituição acadêmica, dentro de uma universidade, é muito ameaçador para a branquitude. Mas, ela continuou com sua força e se formou uma professora universitária. E, ela, sendo quem ela era, não poderia mesmo estando num papel de *poder*, se acomodar e fingir que não via as injustiças que aconteciam ali. Ela, sendo quem ela era, escolheu mudar isso, fazer mais, ser mais para quem mais precisava, foi diferente, única para seus alunos. Também, se tornou o que tanto sonhava, uma escritora e com isso, acho que ninguém mais segurava ela. Bem, este livro, que mudou minha vida, é seu, bell e se chama: *Ensinando a transgredir: a educação como uma prática da liberdade*. No qual, não tenho linguagem para expressar o quão importante e íntimo este livro de tornou para mim e, só posso agradecer você por isso.

A educação como uma prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (Hooks, 2017, p. 25).

Sei que fiz uma citação grande do livro, mas achei necessária. Olha que coisa mais linda, chocante e que nos toca o que você escreve. É muito forte, mas é uma força tão necessária que

nos acolhe e nos encoraja para sermos que nem você foi. Sua história de vida, seu livro, me deu muita inspiração para pensar e fazer uma educação diferente, melhor. Muitas coisas que você conta em seu livro, acabei me identificando, por ser uma mulher, por ser uma mulher numa família de renda baixa, mas, principalmente, por querer ser uma professora. Me vejo agora querendo ter esse zelo e cuidado com meus alunos.

Com tudo isso que compartilhei com você, bell, não posso deixar de me lembrar e te contar como foi minha experiência entrando pela primeira vez numa sala de aula, como uma professora... lembro-me de estar muito nervosa naquele dia, seria um dia diferente, um dia que eu não esperava acontecer tão cedo, ainda mais durante a graduação. Esse era meu tão sonhado dia sendo uma professora, me preparei bastante, não queria fazer feio em minha primeira aula, não queria demonstrar muito nervosismo ou até mesmo muito entusiasmo. Me recordo de tentar decorar tudo que ia falar, até mesmo as pausas, acho que isso demonstra que estava bem ansiosa.

Quando estava indo para o local onde seria minha sala de aula, me perdi no caminho, mas, quando o encontrei, fiquei surpresa pois na sala de aula tinha mais alunos do que imaginei que teriam, todos me olhavam intrigados e também curiosos, acho que sei como eles estavam se sentindo, eu estava me sentindo exatamente assim também. Lembro que antes de eu entrar na sala, tinha um aluno me observando na porta enquanto eu me aproximava, achei engraçado e fiquei surpresa por causar tanta curiosidade, sinto que esse riso que queria sair, de achar *graça*, era na verdade, de felicidade, pois sabia que quando passasse por aquela porta, seria chamada de professora, que para mim era uma grande coisa.

Enquanto me apresentava e conhecia eles, me lembro de pensar: "*fala da bell hooks, não esquece de falar da bell hooks*", então eu falei de você, bell e me senti tão feliz, senti que ali estava dizendo para meus alunos que eles poderiam confiar em mim e que eu os

veria não apenas como alunos, mas como humanos que tem seus sofrimentos e prazeres na vida, e claro, esperando que eles me vissem dessa mesma forma. Lembro que quando perguntei para cada um qual curso e profissão eles queriam para a vida deles, uma das alunas comentou que queria fazer pedagogia, fiquei feliz com aquilo, pois além de saber que ela também queria ser professora, eu também poderia voltar a falar de você, bell. Mas, não lembro apenas do curso dessa aluna, mas também, me lembro de cada curso que cada um dos meus alunos sonha para si.

Na verdade, não lembro só disso, me recordo exatamente do jeito de cada um, jeito esse único de ser. Me surpreendi com isso, pois naquele momento me vi mais cuidadosa do que jamais fui, pois ali na minha frente, vi tantos humanos diferentes, cada um com sua individualidade especial de ser, acho que nunca vou me esquecer de como me senti ao perceber isso, acredito que aí está a magia de ser professora, de perceber algo que quando eu era apenas aluna, nunca me dei conta, como existem pessoas completamente diferentes numa sala de aula e, que mesmo sem saber sua vida ou história, a diferença se percebe no jeito de ser.

E, não posso deixar de te contar um dos momentos mais especiais para mim nesse dia... no final da aula, quando meus alunos estavam se despedindo, lembro deles falarem: *"tchau, professora"*, e, confesso que quase chorei, fiquei toda boba com aquilo, que quando cheguei em casa a primeira coisa que falei para minha mãe, foi: *"Mãe, me chamaram de professora"*, acho que isso foi realmente importante para mim, sinto que isso ainda é.

Depois de tudo isso, bell, consigo reconhecer que tive uma grande mudança desde esse primeiro dia, até hoje, amadureci, soube aceitar meu corpo em sala de aula e principalmente, soube cultivar um afeto pela docência que raramente se vê atualmente. Sinto que traí meus antecessores, professores que vieram antes de mim, pois não nego meu corpo e prazeres em sala de aula, não me vejo apenas

como uma mente que só está ali para passar conhecimento, mas, como uma pessoa inteira que também aprende com seus alunos. E, isso não é um mérito só meu, mas sim, de você, bell, que estive ali antes de mim e que soube transmitir através de sua escrita, suas vivências e seu cuidado em estar numa sala de aula. E, isso é inspirador, acho que depois de tudo que te escrevi, se eu pudesse resumir em uma palavra o quão sou grata por tudo que aprendi com você, seria: "*obrigada*". Obrigada por ser você e por ver a educação como algo que pode e deve ser nutrido, transgredido e principalmente, que deve ser vista como uma prática de liberdade.

Obrigada novamente e um abraço de sua amiga, Duda.

Fazenda Rio Grande – PR

01/09/2023

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall tone is nostalgic and artistic.

Maria Ester Alves de Souza

CARTA PARA BELL HOOKS:

HISTÓRIA DE UMA VIDA

Querida Bell Hooks,

Pensei muito sobre como te escrever, como colocar em palavras meus pensamentos e minhas descobertas. Confesso que tenho um pouco de dificuldade de falar sobre mim e sobre minhas experiências, porém, como a vida é feita de desafios, aqui estou eu enfrentando um deles.

Quero começar lhe agradecendo por ter sido essa mulher incrível que inspirou e inspira muitas mulheres, inclusive a mim. Quando me falaram sobre você, Bell, me bateu muita curiosidade para buscar e saber mais sobre cada detalhe da sua vida. Meu primeiro contato foi com seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (Hooks, 2013), onde compartilha sobre a prática do ensinar e aprender e conta também experiências em sua vida acadêmica. Gostaria de acalmar seu coração e dizer que estamos vivendo em um país é que as pessoas já não se importam se es branco ou preto, mas estaria mentindo. Ainda hoje o contato inter-racial é difícil no âmbito social, claro que não é como antes, mas o racismo e o sexismo ainda sim existe muito. Para mulheres negras torna-se pior, então por isso posso lhe dizer o quanto sua história e o fato de como a compartilhou torna tão importante.

Bell, na minha vida escolar sempre fui aquela aluna dedicada que fazia as coisas na hora certa, nunca dei trabalho na escola. Confesso que era muito curiosa desde pequena e algo que marcou bastante a minha vida foi quando eu aprendi a ler. Alguns dias atrás, meu professor da graduação em Arquitetura e Urbanismo, em uma aula, nos levou uma expressão de Paulo Freire chamada 'palavramundo' e me fez refletir sobre qual palavra seria a minha palavramundo. Cheguei então na história de como aprendi a ler. Quando criança, tive dificuldade de aprender a formar as sílabas e minha mãe me disse que seria mais fácil se, quando estívéssemos na rua, eu comesse a juntar as sílabas e tentasse formar as palavras que eu visse em placas. Assim o fiz, quando do nada olhei uma

placa e rapidamente li a palavra, isto me marcou tanto que a minha palavramundo é 'Placa'.

Depois desse episódio da leitura, fui enfrentando cada vez mais desafios nos estudos e a cada obstáculo eu via o aprendizado. Em pesquisas, encontrei o seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (Hooks, 2002). Confesso a ti que este livro me fez sentir emoções que tentei não sentir. Creio que o que mais me marcou foi o capítulo 11, em que fala sobre "Perda: amar na vida e na morte", pode se perguntar porque logo esta parte do livro me marcou, vou lhe contar agora o porquê.

Um ano e três meses atrás tive que enfrentar a pior perda da minha vida que foi a da minha mãe. Não poderia te escrever e falar sobre minha vida e deixar de mencionar quem me deu a vida, que foi minha mãe, logo no primeiro mês da morte dela eu desisti de tudo, dos meus sonhos, para mim não fazia sentido estar viva. Conforme os meses iam passando, os sonhos iam voltando. Lembro-me de ter me sentido culpada por esta tentando seguir a vida e continuar com meus sonhos, então lendo este capítulo você, Bell, me deu de presente esta frase: "Amar faz isso. O amor nos empodera para viver plenamente e morrer bem. Então, a morte se torna não o fim da vida, mas uma parte dela." (Hooks, 2002, p. 212). Isto me fez refletir que realmente a vida continua e em forma de amor a minha mãe e a minha vida. Desistir de seguir os meus sonhos nunca será uma opção.

Escrevendo esta parte da minha vida, me veio uma reflexão sobre a minha palavramundo, 'placa'. Quando eu estava passando por isso, na minha frente tinha uma placa muito grande escrita PARE, naquele momento eu não escolhi parar, eu simplesmente escolhi ignorar e seguir em frente.

Após a perda da minha mãe, veio o momento que eu sempre conversava com ela que era a isenção na faculdade que eu sempre sonhei onde estou cursando Arquitetura e Urbanismo.

Esta é uma fase da minha vida em que eu estou me redescobrimdo, tendo que ficar longe de pessoas que amo, mas com o coração feliz, por estar vivendo tudo isso. Pode acreditar, Bell, que foi aqui que eu me encontrei. Enfim, obrigada por ter sido essa pessoa tão importante no nosso mundo, que me fez enxergar as coisas de uma forma que não enxergava antes, saiba que você faz sim parte da pessoa que sou hoje.

Com carinho de sua mais nova admiradora, Maria.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2020.



Luana Moreira Vieira

SOBRE DIZER, ACOLHER E COMBATER

Querida bell,

Espero que essa carta lhe encontre bem! Tenho lido alguns de seus livros desde que comecei a graduação em Pedagogia. A leitura de seus pensamentos tem me encantado e fortalecido em diversos aspectos, tanto que releio sempre que sinto que preciso. Só lamento não ter te conhecido antes, mas penso que o importante é que, de algum modo, você veio até mim. Minha leitura do momento tem sido o livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017). Esse livro trouxe à tona uma vontade a mais em conhecer minhas futuras alunas(os), em como eu poderei reproduzir, como você, algum tipo de comunidade efetiva que vincule a todas(os), em proporcionar experiências simbólicas, vivas e, verdadeiramente, significativas e críticas, durante o processo de aprendizagem que virá. Penso frequentemente em como será, e sei que os questionamentos que tenho em mim ainda não possuem respostas.

Acredito, assim como Paulo Freire que esse ofício só tome forma na prática cotidiana. Me lembro de uma frase dele que exemplifica esse sentimento, em suas palavras: "Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador na prática e na reflexão sobre a prática" (Freire, 1982, p. 34)

Mas, bell, retomando sobre a sua escrita, sei que você já deve ter ouvido isso de alguém em algum momento, mas não posso deixar de falar, que me identifiquei contigo imediatamente de tantas formas que me inundei de você, de um jeito bom, brilhante, radiante, feminino, amoroso e infinito. Admiro quando você fala abertamente e corajosamente sobre o amor no ensino no livro *Tudo sobre o amor novas perspectivas* (Hooks, 2020). Em suas palavras:

"O lugar do amor na sala de aula é garantido quando há qualquer busca apaixonada por conhecimento. Esse pensamento contraria os princípios de críticos que pensam que o amor não tem

nada a ver com nossa habilidade de ensinar e aprender” (Hooks, 2020, p. 240). Você prossegue sobre o amor próprio, o amor incondicional que devemos e podemos direcionar a nós mesmas(os), não de uma forma rasa ou simples, mas complexa como uma forma de se opor à dominação, de transgredir de dentro pra fora, no sentido desse processo de nos compreender e prosseguir. Vejo que amor, solidariedade e transformação são pautas indissociáveis e importantes para você, e posso dizer que a mim também. Agora posso ver isso como um caminho possível.

Não raramente recorro também à escrita. Parece que isso me ajuda a “espantar os demônios” na minha trajetória recente desses últimos anos. Tenho vivenciado de perto a desigualdade de gênero e violência institucionalizada que o poder judiciário destina gratuitamente para as mulheres. Desde que tenho lutado pelo meu direito de convivência com as minhas filhas, descobri, ao longo dos anos, que muitas mulheres por aqui passam por sofrimentos jurídicos e perdem direito sobre as suas crianças a favor do genitor, independentemente de suas profissões, classe ou status social. Há poucos meses, quando enfim eu tive a boa notícia de que ficaríamos juntas, depois de tantos anos, papéis burocráticos, revitimização, descrença, silêncio, cansaço, estava sim muito feliz. Foram anos para chegar até ali.

Mas, na mesma semana desta esperada notícia, eu soube que uma colega conhecida de infância perdeu totalmente o direito sobre seus filhos. A moça ficou desempregada, sem o dinheiro de pagar pensão. Rapidamente foi presa. Na prisão, mais um direito foi negado, o de contatar advogada (o) ou a família. Desta forma, ela foi dada como desaparecida, e só foi localizada porque a família fez uma forte campanha de busca na internet. Não por coincidência, na mesma semana, na minha cidade novamente, uma moça recém-mãe que possuía medida protetiva foi obrigada judicialmente a estar na presença de seu abusador para fazer um exame de DNA no recém-nascido, porque o pai não acreditava na veracidade da paternidade. Aproveitou desse momento para matar a mãe do bebê

que estava ainda no colo da mãe e o advogado que a acompanhava. Foram muitas perdas, não cabendo espaço para comemorações da minha parte naquele momento, mas, de alguma forma, não me sinto sozinha. Escrevi um conto que dedico a mim, a essas mulheres e a outras tantas, e gostaria de compartilhar contigo.

Outrora
no início dos tempos numa tarde de outono
a mentira sobrevoava os céus
impaciente e entediada provocava pequenas brigas
até que avistou a deusa da justiça ao longe
a deusa era alvofácil, não estava de armadura, não tinha um exército seu
andava vendada e descalça trazia consigo apenas uma espada e
uma pequena balança
a espada afiada brilhava ao sol enchia os olhos
hipnotizava, a mentira experimentava agora um sentimento novo
quisera eu ser ela quisera eu empunhar essa espada
meus inimigos cairiam aos meus pés
foi então que o primeiro crime aconteceu

sem resistência a espada as vestes a venda, foram roubadas
a balança inútil foi levada como símbolo de vitória, a deusa
ficou só e desamparada,
a primeira mulher caída, agora com a espada em mãos era detentora do poder absoluto
formou um exército de homens, homens de terno
que olhavam com desdém o que não conheciam
sentados ao alto, semideuses, num circo sem plateia, arena de leões.
a mentira agora disfarçada de justiça
Julgou e condenou ao fio na espada impura
todas que ousaram em seu caminho
despedaçou vidas, numa cruzada silenciosa
de mulheres solitárias

até que a espada também me encontrou
atingiu onde mais doía, me separou dos meus
a dor era uterina latente chorei o mundo
e o mundo me ouviu as mulheres caídas
compartilharam seu fôlego de amor e morte comigo, em prece
senti a força de cada mãe em mim
agradei pela benção recebida me refiz, segui meu caminho

fui de encontro a arena da morte
mas não sozinha, a verdade veio à tona
ocupava lugares na primeira fileira
e todos puderam ver o teatro se desfazer
quando a máscara da mentira caiu
ela olhou pra mim por um instante, e eu pude ver
a verdadeira face da injustiça
e ela
também tremeu.

Apesar dos sentimentos de tristeza e revolta após esses acontecimentos, me senti eu. Estamos acostumadas (os) a questionar figuras de autoridade como médicas (os), policiais, juízas(os), ou mesmo professora(o) o que é perigoso, é um condicionamento social estabelecido que favorece as elites dominantes, mantém a ordem, o *status quo*, nos mantém sobre domínio, sobre controle frequentemente de homens sobre mulheres; de brancos sobre negros; do mais rico sobre o mais pobre; e muitas vezes esse controle se estende um pouco mais, nos fere, retira nossa dignidade humana, nossa liberdade em diferentes níveis.

Observo, também, que a violência de gênero afeta as mulheres, atinge diretamente as crianças e isso é algo que deve ser dito, acolhido e combatido, dentro e fora da sala de aula. Desta forma, considero imprescindível estar atenta para esse enfrentamento, compartilhamento e debate dessas temáticas com alunas (os), pois esse tipo de troca que afeta diretamente alunas(os) enriquece o ensino

com o pertencimento que carregam. Tenho em mim esperança em dias melhores que estão por vir, e espero poder te escrever mais sobre isso em breve.

Com amor e otimismo,

Araucária, 02 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. Considerações em torno do ato crítico de estudar. *In*: FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 3.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.



Carolina Cristina dos Santos Nobrega

**SOBREVIVÊNCIA?
PRESENTE!**

Prezada bell hooks,

Abro os caminhos para a narrativa cultural do feminismo, e começo por dizer-lhe que coloco na roda as nossas contribuições e elas estão pra jogo! Eu afirmo que a minha escrita é uma dedicatória que faço para a liberdade e, de um jeito inconformado, assumo a expressão da minha sobrevivência. Já dizia Robinson (2023), *a sobrevivência do negro é problemática!*

Quando a gente entra na roda, no movimento da ginga da vida, a primeira pergunta já é uma armada. Isto é, o que é epistemologia? Automaticamente, na esquiva, nós respondemos: a produção do conhecimento! Então, o cotidiano olha para nós e indaga: em que condições? Veja, bell, quais são as condições para conhecer? Para produzir? Quais são os limites que nós, trabalhadoras(es), pesquisadoras(es) temos para produzir outras referências, confrontando uma sociedade acomodada no capitalismo racista? O nosso tempo de vida é transformado em mercadoria. À vista disso, é sempre importante lembrar que a sobrevivência não nos é dada, nós sentimos historicamente, no corpo encapsulado, o que o Ocidente colonial denomina de feminino, desumanizado, útil e descartável à empresa escravista (principalmente, o trabalho doméstico, que é o pilar de tantas famílias negras) em andamento (Carrascosa, 2023).

Essa confissão empoeirada, que ecoa das experiências das negritudes das mulheres pobres, denuncia a engenharia e o mecanismo dos Estados-nação. Esse grande agente histórico da violência, chamado Estado, que exclui nossos corpos estrategicamente selecionados, propala, "[...] micropoliticamente em uma rede de afetos e ações interpessoais violentas direcionadas contra a vida de pessoas oprimidas pelas ficções sociais de raça, gênero e classe [...]" (Carrascosa, 2023, p. 9), as inúmeras opressões e explorações que nos atingem e também fixam nossos corpos nessas violências.

Tais ações não cessam diante da vontade-semente das pessoas de sobreviver, as quais são tratadas de forma paliativa,

reformista e desprezível na estrutura profundamente racializada. Nesse estado de medo, o racismo engole o tempo de vida da gente. A nossa dignidade confiscada é aclamada na composição da leitura crítica e desabafada do esgotamento e reafirma: a intelectualidade expressa à luta da vida negra pela liberdade!

As inquietações que me mobilizaram para contar a minha história individual/coletiva, bell, olham para três fontes: a sonoridade de múltiplas vozes negras que encontrei pelo caminho afro-político-pedagógico; o abraço amoroso, nos diferentes encontros coletivos que anseiam, na reivindicação de nossa existência, o que nos é mais valioso – a nossa humanidade; e a incorporação dos olhares negros, uma vez que as tentativas de reprimir quem somos “[...] produziram em nós um desejo avassalador de ver, um anseio rebelde, um olhar opositor. Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: [...] Eu quero que o meu olhar mude a realidade.” (Hooks, 2019, p. 217).

Será que nós, negras(os), somos interpretadas(os) como agentes na educação? Sendo professora de educação física, eu indago: o recurso teórico da educação e da educação física consegue responder a essa questão? Uma palavra precisa ser exaltada: a coragem. É preciso ter coragem para sobreviver com a dor envelhecida que é nossa sombra confidente e que sabe o peso do não pertencimento nas instituições racistas. O problema é que todas as instituições são racistas. O tempo na escola racista nos ensina a necessidade de sermos sujeitas negras radicais que se propõem a conhecer o que precisa para criticar o Ocidente e, na capoeira do dia a dia, educarmo-nos por nós mesmas. O compromisso com os espaços de resistência, o uso dos instrumentos da nossa própria intenção costura o território de nossas existências. Portanto, a nossa tarefa, é “[...] romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores” (Hooks, 2019, p. 32-33).

Recordo-me que minha mãe me acompanhava em todos os concursos para o cargo de professor. Eu era uma das últimas a terminar a prova, e lá estava ela com um lanchinho na mão, uma palavra carinhosa, olhar feliz e muitas conversas com outras mães. Lembro-me que, quando os passos de minha mãe ficaram mais lentos, e nós desconhecíamos a doença, lá estava ela comigo, numa longa caminhada para mais um concurso. E sigo, como ela dizia, tocando em frente! A minha avó e minha mãe eram meu alicerce, minha força motriz. Minha avó nos deixou em 2009 e minha mãe em 2020. Elas sempre falaram da relevância do nome próprio como existência, do estudo, do território. Hoje, aprendo, com a literatura indígena, a conexão corpo e terra; e me fortaleço nas religiões “criminalizadas”, como a Umbanda. Axé!

Antes de ser professora e me descobrir afro-professora, eu trabalhei em outras áreas para pagar a faculdade. Posteriormente, em 2009, graduada em educação física (licenciatura), eu comecei a trabalhar na educação, e sempre me perguntei com o meu olhar questionador: onde estão as(os) negras(os)? É necessário enxergar a segregação no mundo burguês que “[...] se dá em uma divisão entre limpeza e sujeira baseada numa divisão racial do espaço urbano [...]” (Vergès, 2020, p. 127).

bell, na tessitura das histórias negras, nós compartilhamos o processo de criar estratégias de sobrevivência que antecedem à docência, que desafiam o percurso e, no novo ciclo que se desenha, no atual cargo de Orientadora Pedagógica, eu busco plantar o Projeto Político Pedagógico Amefricano. A nossa dor tem nome. Ela se chama antinegritude e apresenta questões que precisam ser verificadas nas escolas, nos projetos coletivos. É necessário puxar o fio dessa imensa teia de desumanização alicerçada no Projeto direitos humanos que reafirma a branquitude na escola, a partir de uma análise que coloca em evidência os mecanismos de discriminação, opressão, exploração, a reprodução do racismo e a articulação desses, do ponto de vista histórico.

A primeira vez que li “intelectuais negras” era como habitar e encontrar o que se conhece na alma que estava tão calado e sufocado na educação. Até que enfim, eu pensava, mesmo escrevendo em terceira pessoa eu posso ter lugar de escrita. Eu tinha ali o reconhecimento feminista e, assim, a leitura internalizada, viva, que incendeia as ideias, as palavras que foram sentidas como abraço político-amoroso e me convidaram para diferentes encontros coletivos. No início de 2014, eu percebi em mim o que Neusa Santos Souza (1983, p. 17) alertava, ao afirmar que “[...] uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si”. O que é ser afro-professora nas metamorfoses da Carolina? A fagulha criativa para transformar as aulas de educação “física” no entendimento de uma educação como libertação quilombista, eu encontrei na leitura das contribuições de Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus e, recentemente, François Vergès, Lélia Gonzalez, entre outras(os).

Sempre houve um incômodo em mim em relação à escola. O modelo eurocêntrico de educação sempre foi um amargo obstáculo, no que se refere à defesa de prioridades negras-quilombolas-indígenas. Estratégias pedagógicas (inventadas e identificadas), que caminhavam na confecção de outro currículo, foram tecidas na relação com diferentes grupos: a participação no grupo de estudo Ylê-educare; Terreiro Gepel; Negra Sim, Movimento Mulheres Negras de Santo André/SP; conversas no Centro Cultural São Paulo com Psicólogas(os) Negras(os) em formação e outras áreas, entre outras ações. Nesses coletivos potentes, eu percebi o pertencimento e alianças para atuar na perspectiva negra nas escolas e ver nascer, nas contradições, a Educação Física Antirracista (Nobrega, 2021). Para mim, esses encontros foram a base de um quilombo pedagógico que critica e enfrenta o olhar eurocêntrico da escola, porque a conhece de dentro pra fora e conhece o que sustenta a potência das negritudes.

Em 2017, eu conheci o Antônio (professor de português). Ele era do grupo Ylê-Educare e me convidou para participar do grupo. Em muitos momentos no Ylê, eu vi meus olhos virarem cachoeira.

A roda de conversa na comunidade de um bairro em Guarulhos/SP é uma memória muito bonita da sabedoria de vida daquelas mulheres, que preencheu o meu coração como água de Oxum. É como você diz, bell: é a experiência “[...] com um professor [...] muito influente que nos convenceu a dedicar a vida a atividades de leitura, escrita e conversa pelo prazer individual, mérito pessoal e ascensão política dos negros” (Hooks, 1995, p. 465). Antônio, Andreia (professora dos anos iniciais) e eu trabalhávamos na mesma escola. Eu aprendi com ela a força das palavras. A sua descolonização interna, a presença do seu discurso na qualidade de enfrentamento à violência verbal e à condenação de outros professores sobre os discentes e, ao falar, conseguia a atenção de todos, não deixava passar nada em branco. Eu a admirava e sabia o peso da dor e do desgaste que estavam por trás daquele posicionamento político.

No Ylê, eu aprendi a ser ilustradora e escritora. Eu escrevi um artigo com a Maria Lucia da Silva, intitulado *Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza: professoras negras e suas valiosas trajetórias na educação* (Silva; Nobrega, 2017). Foi a Maria Lucia que me apresentou essas Senhoras do Conhecimento e me convidou para participar em 2020, na qualidade de pesquisadora, do projeto Sala de Leitura sobre as intelectuais negras (Silva, 2023). Nessa continuidade, em 2021, eu recebi um convite para contribuir com um artigo e escrevi sobre as estratégias pedagógicas de resistência, a partir da minha experiência coletiva, no capítulo intitulado *Narrativas quilombolas na educação física escolar: combatendo o epistemicídio* (Nobrega, 2021).

Nós nos educamos por nós mesmos, assumindo, no toque do berimbau, outra educação física, composta de narrativas quilombolas, que busca o passado histórico negro que habita em nós, com base no pensamento feminista, produzindo conhecimentos afro-referenciais inscritos em nossos corpos. Assim, nós resgatamos o sentimento de pertencimento à ancestralidade africana, portanto, o corpo guardião dessa memória (Petit, 2015). Uma disciplina que se despe da pré-ocupação de disciplina e, na desobediência, cuida do

processo de recordar experiências, do uso da linguagem oral, das rodas de conversa, dos temas-elos afro-brasileiros, os saberes do terreiro, a conexão cultura-natureza, a construção coletiva do conhecimento que compõe uma condição de comunidade (identificada pelos discentes), valorizando a identificação do território que propõe outra escola possível (Nobrega, 2021).

O estudo é o som do atabaque, é a chave da libertação a ser utilizada a serviço da sobrevivência para o tão sonhado Estado Quilombo. Seguimos, bell! Esse é um dos caminhos-convite que persiste na construção de uma rede solidária que busca eliminar a lógica da desumanização da civilização ocidental com a educação das linguagens corporais. A educação física antirracista deve servir ao povo negro-indígena-quilombola-pobre e não o contrário. São as pessoas que dizem como ela é, a partir da narrativa cultural e a expressão política dos seus corpos. *Sobrevivência? Presente!*

Campinas, 4 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

- CARRASCOSA, D. Uma sismografia de nossos feminismos abolicionistas. *In*: DAVIS, A.; DENT, G.; MEINERS, E. R.; RICHIE, B. E. **Abolicionismo. Feminismo. Já**. São Paulo: Companhia da Letras, 2023. p. 7-23.
- HOOKS, B. Intelectuais negras. *In*: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995, p. 464-478.
- HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- NOBREGA, C. C. S. Narrativas quilombolas na educação física escolar: combatendo o epistemicídio. *In*: MALDONADO, D. T.; FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A. (org.). **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba: CRV, 2021. p. 67-83.

PETIT, S. H. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do legado africano para a implementação da lei n. 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

ROBINSON, C. J. **Marxismo negro**: a criação da tradição radical negra. Tradução de Fernanda Silva e Souza. São Paulo: Perspectiva, 2023.

SILVA, M. L. Sala de Leitura: ferramenta pedagógica para educação antirracista. *In*: **Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico**, 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, 2023.

SILVA, M. L. *et al.* Professoras negras e suas valiosas trajetórias na educação. *In*: SILVA, N. (org.). Educação e o empoderamento da mulher negra. São Paulo: Casa Flutuante, 2017. p. 91-107.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with a focus on earthy tones and a soft, nostalgic feel.

Jacineide Arão dos Santos

SONHOS:

**FIO CONDUTOR DO MEU
ESTAR NO MUNDO**

Querida bell hooks,

Eu mulher, negra, periférica, nordestina, filha da classe trabalhadora, primeira da família a ingressar numa Universidade Pública aos 22 anos de idade no ano de 2004, sou tomada por uma emoção tremenda ao sentar para estabelecer essa conexão por meio da escrita contigo. Esse movimento é um mergulho em mim mesma, em minha trajetória, marcada por resiliência, resistência, desafios, superações e sonhos, os quais são fios condutores nutridos pelo amor para a minha (re)existência.

Ao dialogar contigo não há como não me conectar também com o grande Paulo Freire que tanto nos falou da educação também como prática de liberdade, no afeto, da importante relação educador/educando na perspectiva da horizontalidade. Ele, assim como você, denuncia e traz pistas e alimento para a luta contra essa sociedade opressora, desigual, que tenta silenciar alguns corpos e mentes. Sábias suas palavras ao afirmar que ser oprimido é ausência de escolhas. Por isso, querida, temem tanto uma educação transgressora. Esta nos dá asas, permitem que mulheres negras, atravessadas por tantas dores, sonhem, transgridam e voem.

Bell, uma das experiências mais significativas para mim foram leituras de textos seus num coletivo de mulheres negras que sonham em ocupar cargos de “poder” no sistema de justiça. Esse coletivo se chama Abayomi juristas negras, grande encontro precioso, assim como nossos encontros contigo. Como foi importante a leitura de capítulos do livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (Hooks, 2019). A partir dele pude compreender alguns dos meus silêncios, algumas amarras. “Soltar a voz” e aprisionamentos é sobre viver, tendo o amor como uma arma política importante vivendo-o em nosso cotidiano.

Essa conversa contigo, me remeteu ao grande músico, Gonzaguinha. Sua linda canção, *Caminhos do Coração*, diz muito do meu encontro contigo. Me permita citar aqui alguns versos dessa

poesia “[...] E é tão bonito quando a gente entende/ Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá/ É tão bonito quando a gente sente/ Que nunca estar sozinho por mais que pense estar”. Fico a pensar se as músicas dele também não a encontraram e alimentaram a sua luta (rsrs).

Bell, eu a reverencio e agradeço a toda à ancestralidade pela sua existência, farol para mulheres como eu. Você vive em cada uma de nós. São inúmeros os seus ensinamentos. Esta escrita poderia ter diversos caminhos, quero te contar sobre mim, fragmentos de experiências tão significativas que já vivenciei, para que saibas o quanto caminhei, mas que ainda nutro muitos desejos alimentados pela crença numa educação libertadora, acolhedora, nutrida pelo amor.

Por meio da educação conquistei desejos do coração e por meio dela toquei pessoas que passaram pelo meu caminho. Sou feliz por ter acessado à academia, mas em alguns momentos é tão dolorido “seguir a cartilha” da academia para sobreviver nela. Mas quero lhe contar sobre um encontro precioso que me mobilizou tanto, o que me mostra que o que nutre o meu caminhar é o amor, o acolhimento, o olhar crítico, uma educação progressista que liberta, e isso bell, aprendo muito contigo e Freire.

bell, no dia 02 de julho desse ano, nos festejos da Independência da Bahia, reencontrei um jovem que foi meu aluno em uma das minhas primeiras experiências como professora assim que me formei em Pedagogia em 2009 na querida Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nessa época era docente de uma Organização não Governamental (ONG) e lecionava sobre temas diversos correlatos a Direitos Humanos, Juventude, Profissionalização... Atuava numa escola pública na ladeira do Pelourinho (Centro Histórico de Salvador - BA). Os meus alunos e minhas alunas cursavam o Ensino Médio e participavam do projeto. Alguns à época mais velhos do que eu, cheios de experiência da vida. Algumas dessas muito duras.

Meu canal de diálogo e chegada a cada jovem que cruzou o meu caminho sempre foi a afetividade, o respeito mútuo e a crença na potência de cada aluna(o).

Querida, o fio condutor dos meus encontros sempre foram os sonhos, sua múltipla potencialidade com o poder que tem de nos movimentar. Tendo em vista a sociedade desigual, brancocêntrica e excludente que vivemos, tinha o cuidado de pensar cada história de vida, cada desafio. Contudo alimentar os sonhos é sobre Viver! Bem... ao subir a ladeira do Pelourinho nesse dia ouço “*professora Jaci!*” e ao olhar para trás o reencontro com Thiago (jamais esqueci essa turma) após 14 anos e ele me disse: “professora, a senhora marcou a minha vida, minha trajetória escolar e profissional, nunca esqueci dos seus ensinamentos, em vários momentos lembrei para seguir. Obrigada!” E começou a me contar da vida dos amigos próximos, todo mundo bem professora e não lhe esquecemos. Nosso contato físico foi de menos de um ano. Mas permaneci em sua vida.

bell, eu me emocionei e estou agora novamente. Nessa época ainda não conhecia os seus escritos. Como a academia pode não lhe apresentar a nós? Mas ao conhecê-la senti o quanto os seus escritos fazem todo o sentido para a minha “escrivência”, como bem situa Conceição Evaristo. O encontro relatado serviu também para retroalimentar os meus próprios sonhos e me dizer o quanto são importantes os encontros da Vida e o quão é singular o que deixamos de nós no outro. Também mobilizou os meus afetos em relação a professores e professoras que marcaram a minha trajetória e continuam me orientando para onde desejo ir.

Posso afirmar, bell, que também orienta os meus passos. Sua escrita está em mim, no que sinto, no que busco trilhar. Uma mensagem sua muito importante sobre o encontro comigo mesma é a compreensão que antes de fazermos os outros nos ouvirem, é preciso nos ouvir, para o encontro com nossa identidade.

Ah querida, você nos encoraja, nos trouxe uma vasta obra, mas um dos seus escritos que mais me tocaram foi *Tudo sobre o Amor* (Hooks, 2021). A sua perspectiva sobre o amor é fecunda, necessária. Também acredito que o amor é ação e vincula-se a ética e ao coletivo. Amar é movimentar-se e esse movimento só faz sentido quando estamos inteiras. Suas ideias são revolucionárias. São um manifesto contra essa perspectiva individualista que nutre essa sociedade capitalista, colonizada e racista. Pensar no amor como prática de liberdade política e coletiva é transgressor, libertador.

bell, começo a me despedir com vontade de continuar... Quero tanto lhe agradecer pela linguagem fluída que nos aproxima de você. Ah, gratidão por dialogar com o público infantil. Minha pequena ama o seu livro *Meu Crespo é de Rainha*. E minha Luanda se sente uma rainha mesmo. Obrigada a me permitir a seguir com medo mesmo, a identificar e romper silêncios. Você querida, intercala nossas subjetividades e forma tão leve e profunda com temáticas sociais. É visceral sua obra *Não serei eu mulher? - As mulheres negras e o feminismo* (2018), como não remeter ao discurso de Sojourner Truth proferido em 1851? Manifesto referenciado também no álbum "Bom mesmo é estar debaixo d'água" da querida cantora baiana Luedji Luna, ao reverenciar mulheres negras. Falas que se conectam, que nos encontram. Seus escritos me dizem que "sou uma, mas não sou só".

Sem amor, minha querida realmente as vidas são sem significado. É o poder fundamental do amor que produzirá toda mudança social significativa. Sua fala me trás acalento, esperança, me permite acreditar, "ir contra a corrente", como nos embala a canção Roda Viva.

Gratidão querida, a me convocar a usar a minha voz, a acreditar em mim, no meu potencial como uma mulher, negra, periférica e que nutre muitos sonhos. Obrigada por ser farol para mulheres como eu, que acreditam num mundo mais justo e seguem acreditando na educação tendo o amor, o acolhimento, o afeto como fundamentos para transgredir.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GONZAGUINHA. Caminhos do Coração. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/280648/>. Acesso em: 09 out. 2023.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, B. **Não serei eu mulher?** As mulheres negras e o feminismo. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LUNA, L. Ain't I A Woman. /n: Bom mesmo é estar debaixo d`água. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCQnOftvLXM>. Acesso em: 09 out. 2023.

PINHO, O. E não sou uma mulher? Sojourner Truth. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 08 out. 2023.



Margareth Maura dos Santos

APRENDER A SER FEMINISTA SENDO NEGRA AO ERGUER MINHA VOZ

Querida bell hooks,

Desde a infância sempre gostei de escrever cartas, algumas para familiares, como para minha avó Maria que vivia no extremo sul da Bahia, e outras para instituições públicas e políticos contestando algo que me trazia a indignação como uma boa infraestrutura em minha escola. Algumas vezes, deixava minha mãe um pouco embaraçada porque ela tinha de entregar a carta e protocolá-la, as pessoas a questionavam porque uma criança estaria escrevendo para aquela determinada pessoa daquela instituição.

Na verdade, sempre fui questionadora e sentia uma imensa revolta em ver tanta injustiça, principalmente para nós, pessoas negras. O racismo sempre nos ronda desde o gestar no útero de nossas mães. Nesta fase já há em nós a gana de resistência e de reexistência em poder vir a este mundo.

Mas mudarei o rumo da prosa, como aqui em Minas dizemos, ao passar para outro assunto, pois gostaria de trocar algumas linhas sobre um tema que sei ser uma das suas predileções. Trata-se de nós, mulheres negras. Um dia desses, estava conversando com uma amiga sobre a organização e estrutura da academia, os pensadores, os intelectuais e os pesquisadores que são levados às salas de aula, sendo alicerces para os estudos. Sempre são pessoas brancas, em sua maioria homens, mas há também as mulheres brancas. E aqui no Brasil, as mulheres negras são a minoria como docentes nas universidades, de acordo com o Censo realizado pelo Instituto Anísio Teixeira em 2018, ainda há somente 16% que ocupam as cadeiras do professorado.

Ainda me indigna em não ter os nossos estudos a serem elencados teoricamente em pesquisas e nas aulas. Há muitos professores brancos que se dizem antirracistas, mas que não aceitam nossas pesquisas serem trazidas pelos alunos para o nosso arcabouço teórico, e assim dialogar com as nossas vivências.

Essas reflexões lembraram-me o seu livro *O feminismo é para todo mundo*, pois, nas linhas deste, você traça que mesmo diante de questões debatidas no movimento feminista, ainda há o fator raça que não vem atrelado ao de gênero. A cada leitura e passagem de página, pegava-me em questionamentos, mas em seguida surgiam as respostas, principalmente, nas reflexões quanto ao privilégio da branquitude, independente do gênero feminino, até porque no movimento feminista havia a aclamação por sororidade. Como bem você nos aviva a memória, nós, mulheres negras, éramos subalternizadas e oprimidas ainda por estas outras mulheres que lideravam este movimento.

Os seus escritos são desde os anos 70, trazendo pela cronologia até os dias atuais de que, mesmo com o posicionamento crítico das mulheres negras diante do movimento feminista, ainda deparamos com atitudes sexistas e até racistas vinda de companheiras brancas. Isso me fez pensar muito em minha vida acadêmica e social, em que tenho amigas brancas, mas algumas, ainda usam de falas segregadoras como eu, filha de mãe viúva, dita solo, consegui estar no meio universitário, da intelectualidade, falar cinco idiomas, conhecer mais de quinze países. Ou seja, para elas, talvez, por eu ser preta, deveria estar ainda no chão de uma escola distante do meio urbano ou na periferia, mal falando a minha língua materna, sem ocupar os espaços que para eles seriam ainda da branquitude.

Essa constatação, você nos traz com uma riqueza de detalhes e análises no *erguer a voz- pensar como feminista, pensar como negra*.

O capítulo 9 parece que, ao escrevê-lo, estavas com uma lente e vias a minha trajetória pela educação porque ali há amostragem de uma educação libertadora, principalmente para nós negros. No entanto, a academia ainda não compreendeu que as amarras das normas e cânones impedem que possamos criar, construir, inovar a educação de modo que seja livre trazendo para dentro de suas muralhas, as vivências, experiências, criações de diversos povos como no

Brasil por ser um país multi, pluri e diverso em cultura, história, língua, possa falar e dar voz a estes grupos sociais.

Concordo contigo ao citar os centros culturais e de estudos afrocentrados, pois somente a partir desses grupos e movimentos coletivos que poderemos alçar passos em direção à uma educação emancipatória, pois nesses grupos os participantes podem expor suas ideias, criatividade, pensarem num ensino que inclua e dê instrumentos para uma transformação social. “Participamos de um modo de aprendizagem e de existência que torna o mundo mais real ao invés de menos real, que nos possibilita viver livremente e por completo. Essa é a alegria em nossa jornada” (Hooks, 2019, p. 157).

Essa possibilidade de viver livremente e por completo fará com que nós negros como outros grupos possam contestar por melhorias, direito à acesso e igualdades como na própria educação, na saúde, em moradia, direitos de trabalho, alimentação e cultura.

Sigamos essa jornada, confiantes de que o feminismo será para todos e a educação nos dará a todos autonomia para sermos independentes, em que possamos viver num coletivo de modo colaborativo e libertador.

Juguemos as sementes dessas ideias, fazendo com que elas possam germinar em cada um e assim, nascerem galhos, frutos, folhas e flores que possam sustentar uma imensa árvore que venha a transformar toda a sociedade.

Então, ficarei por aqui no momento, muito feliz em poder trocar essas poucas palavras contigo. Gratidão por tanto aprendizado.

Um abraço afetuoso e de muita reexistência!

Margareth

Juiz de Fora, MG. 25 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é para todos**: políticas arrebatadoras. tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

A collage of vintage letters, a typewriter, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A typewriter is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Maria Eduarda Alves Sousa

**CARTA PARA
GLORIA JEAN WATKINS
EM SUA VERSÃO
BELL HOOKS**

Prezada bell hooks,

Queria começar te contando quem sou eu, mas nem eu mesma me conheço. Meu nome é Maria Eduarda, e em uma das matérias do meu curso a professora nos ensinou que no desenho pode existir um ponto de fuga, dois ou mais. Esse ponto puxa linhas que formam o que você quiser: um prédio, uma rua, um monumento.

Acredito que os pontos de fuga na minha história são você e seus livros e eu sou apenas as linhas que estão correndo atrás pra se formar num desenho que seja tudo sobre o amor ou o desenho com o pensamento mais crítico. “Ultimamente, tenho sido levada a pensar em quais são as forças que nos impedem de avançar, de sofrer aquela revolução de valores que nos permitiria viver de modo diferente” (Hooks, 2013, p. 43).

A partir desse seu pensamento, me peguei pensando no passado pra tentar entender se alguma coisa ou alguém me impedia de avançar. Me lembrei da noção da palavramundo e cheguei à conclusão de que a minha palavra é muro (parede robusta de pedra usada para cercar determinada área, servindo-lhe de proteção ou limite). Você deve estar meio confusa, mas é isso mesmo, a minha palavramundo é essa porque, quando eu era mais nova, eu pulava o muro para ir brincar com meu vizinho e, também, melhor amigo. O próprio sentido da palavra faz relação com a minha história, pois meu pai usava o muro para limitar a minha infância, inclusive, hooks, quando você diz em seu livro *Tudo sobre o amor* que:

Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. Ouvimos com frequência sobre homens que batem na esposa e nos filhos e então vão ao bar da esquina proclamar apaixonadamente o quanto os amam. (Hooks, 2020, p. 35).

Sou a prova viva desse trecho e ainda assim é o trecho mais lindo e realista que já li. Sempre me questioneei o motivo de romantizarem relações parentais tóxicas. Você abriu a minha mente e me

explicou que as pessoas odeiam perceber que a família nem sempre é uma proteção, e sim construtores de barreiras.

Reflito com a leitura do seu livro que sempre quis um significado concreto de amor e também esperava ansiosamente que ele chegasse, porém entendo que a polissemia do sentido da palavra amor é grande. Nesse momento da minha vida, incluo nesses vários sentidos, mais um: o amor á arte de projetar casas e ser um (a) excelente arquiteto (a). bell ,quero te contar que, mesmo no tormento que a minha vida é desde a minha infância , o período conturbado da pandemia e várias outras coisas ,consegui passar na faculdade na primeira tentativa , por isso uma nova definição . Amor nem sempre se relaciona com uma atração sexual, mas sim com um sentimento de admiração e pertencimento á um lugar. Eu pertenço à arquitetura.

Por falar em pertencimento, sinto-me um pouco deslocada na faculdade. Ter amizades inter-raciais é complicado, ainda mais quando se trata desse mundo colonial. Essa visão de que o mundo gira em torno da Europa , faz com que as outras culturas pareçam inexistentes e reforça todo o racismo enraizado no mundo de hoje e de muitos anos atrás também.

Sendo Assim, quando procuro seu nome na internet, me causa uma leve revolta. Você deveria ser mais vista e valorizada por ser: mulher, negra, feminista, ativista antirracista e também uma grande autora. Ser como você num mundo tão antiquado é uma das formas mais belas de contribuir para melhorar o ambiente em que vivemos. Agradeço desde já a pessoa que me mostrou o ser que você é. Vamos transgredir as leis quando elas forem opressoras a qualquer raça.

Um abraço e um beijo da sua nova grande fã.

Barreiras (BA), 7 de maio de 2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2.ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The entire image has a green tint.

Daniele do Nascimento Silva

AMORES EM MOVIMENTO

Oi, bell!!!

Como é bom receber notícias suas e poder responder. Mas estou triste, porque está é a nossa última carta, mas entendo que você precisa ir e não poderemos nos falar, por um momento.

Você sempre vem com perguntas difíceis, “como recomecei a vida depois de perder o amor?”

Deixar de receber o amor é tão doloroso! Perdi o maior amor de minha vida, o meu gentil e doce pai. Foi quando meu coração parou pela primeira vez. Neste dia eu congelei, o mar secou, o mundo perdeu a cor, do nada tudo era tons de branco e cinza. Os pássaros e a sereia pararam de entoar seu canto e o leão e o trovão perderam seu bramido e já não me metiam medo, perdi o compasso da vida.

A duras penas descobri que todo amor, até o mais lindo, puro e saudável traz dor. Mas ainda assim vale a pena vivê-lo. E é incrível as facetas do amor com a dor. Nessa nova fase descobri que quando a gente para de receber o amor, a gente não deixa de senti-lo, a gente não deixa de amar porque o objeto de nosso amor não estar mais presente ou porque já não podemos mais sentir seu amor como antes. Eu não parei de amar meu pai, só não posso mais devolver meu sentimento e isso que deixa doloroso e o peito pesado. O que fazer com o sentimento no peito que não encontra mais o caminho para seu objeto de amor?

Eu lembrei de suas cartas anteriores, bell e decidi, deliberadamente, mais uma vez voltar a amar, amar a mim, a vida, as pessoas, amar mais meus sobrinhos, minha família, meus alunos e alunas, os que me amam e nunca, nunca deixa de ser objeto de meu próprio amor! Eu escolhi amar, ainda que isso implique espinhos, prefiro os ferrões de uma vida com amor, a uma vida sem muitas dores e em desamor. Acredito que meu pai ficaria feliz com essa atitude, amor em movimento é vida, parado é morte em vida.

Tenho novidades, enfim, comecei na escola nova, gostava muito das relações que havia construído na escola anterior com quase todos os colegas e com a comunidade. Contudo, não aguentava mais o favoritismo que a branquitude tinha, a competição feminina, ora me sentia invisível, ora excluída, minhas ideias eram roubadas e nunca valorizadas. A nova escola é perto de casa, posso ir a pé; e é quase em frente ao mar. Também é dentro da comunidade marcado pela violência do tráfico, do tribunal do crime e da polícia. Não é um ambiente externo amistoso, mas há um espaço de aquilombamento interno.

Estou como professora na educação infantil, são as crianças mais lindas, danadas e amorosas do mundo, pretinhas e pretinhos de todas as gradações, tão fofos com suas bochechas gordinhas pra apertar, e os cabelos são de uma diversidade, tranças, blacks, cachinhos e birotos. Apesar da fofura, não é incomum a alienação parental, há muitas mães solos que carregam seus lares nas costas e que vivem em condições de subalternidade, tentando sobreviver em subempregos. É doloroso assistir a reprodução das pobreza e do desamor, mulheres abandonadas pelo Estado, por seus companheiros, famílias, inclusive por si mesma.

Embora sejam crianças, por serem de periferias, suas infâncias são negadas ou cooptadas da classe social, da raça, da violência, da desigualdade social e da falaciosa guerra às drogas, é uma série de fatores que atuam ora juntos, ora isolados. Estou empolgada com o trabalho, apesar do medo e do cansaço, da pressão externa da gestão estadual por conta de um projeto de educação neoliberal. Ainda assim, sigo empolgada, quero que minhas crianças com suas cores e classe tenham suas infâncias protegidas, é um trabalho de resgate do corpo infantil, do corpo infantil negro como um local de afeto e cuidado, desconstruindo a imagem de dominação, violência e opressão naturalmente associados aos corpos negros é um desafio, um caminho árduo a ser construído, mas necessário se desejamos uma sociedade em que a etnia, a raça não será o fator determinante para ter qualidade, direito à vida, direito a sonhos e a um futuro.

Falando em futuro, não posso mais fugir de falar de minha vida amorosa. Infelizmente, não estou com ninguém, eu queria e as vezes tenho dúvida se o amor romântico é para mim, sonho com o amor fofo de meus pais de cuidado e cumplicidade e que durou 40 anos, até meu pai partir. Eu sigo anelando, esperando o amor e agindo, desejo uma casa cheia de filhos do ventre e do coração e um cúmplice de caminhada, mas por ora sigo só. Estou me amando, entrei na academia e até marquei um dentista, vou dar entrada nos papéis para adoção, resolvi cuidar de mim e me colocar como minha prioridade, talvez pela primeira vez na vida. Autoamor é autocuidado e assim, estabeleço o padrão de amor que quero para mim.

Não estou preparada para me despedir de ti. Muito obrigada por tudo, por sua irmandade, por suas palavras, você marcou minha vida, obrigada por me ensinar a esperar, que esperança é ação em movimento para fazer um novo futuro e por me ensinar sobre o amor. Dá um abraço no meu pai. Gratidão, bell.

Dani Silva

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2.ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2017.



Luciana Dantas de Paula

CARTA PARA BELL HOOKS: **EDUCAÇÃO, LIBERDADE E AMOR**

Querida bell,

Espero que não se importe em te chamar assim. Depois de todos esses anos, sinto que você já se transformou em alguém com quem dialogo com uma certa intimidade. Bom, mas me deixe voltar do começo. Queria te contar como te conheci, pois essa é uma história que guardo com muito carinho.

A primeira vez que li um texto seu foi no início da minha graduação em Psicologia. Não me lembro mais para qual disciplina um livro com um texto seu foi passado. Afinal, naquela época, eu lia o que os professores mandavam, o que estava entre as listas e mais listas de leitura para cada semestre. Nessas listas, encontrei muitos textos que me fizeram questionar se eu sabia mesmo ler, que me fizeram duvidar do meu lugar naquela universidade, pois havia tanta coisa que eu já “deveria saber”, como assim não conseguia compreender um texto em sua totalidade da primeira vez que o lia? Encontrei também textos tediosos, desinteressantes, alguns textos interessantes, e então, um texto seu.

Estava no livro de Guacira Lopes Louro (2013). Até então, no Brasil, quase não existiam traduções suas, essa era uma das exceções. Se tratava de um capítulo do seu livro “Ensinando a transgredir” que você escreveu em 1994 e o capítulo era “Eros, erotismo e o processo pedagógicos”. Nele você falava sobre ser professora e ter um corpo em sala de aula. Sobre professores e alunos estarem ali não só com suas “mentes” para abordar assuntos intelectuais, mas de corpo inteiro. Eu lembro de um exemplo que você usou, relatando quando você estava no meio de uma aula e sentiu vontade de ir ao banheiro, e como aquilo foi surpreendente! Você nunca tinha visto um professor parando a aula, pois precisava ir ao banheiro, ainda mais na universidade. Como você poderia fazer isso? Eu ri alto com você, bell! Eu também não me lembro de nenhum professor meu parando a aula para ir ao banheiro. Uma necessidade fisiológica tão básica, mas que parece que quase proibida de lembrarmos que existe.

Que temos um corpo, que sentimos, que não aprendemos só com a «mente», mas com todo o nosso corpo. Os desconfortos que aprendemos a ignorar, o que fazemos para nos adequar a esse sistema, isso nos afeta profundamente e afeta nossa aprendizagem.

É difícil expressar em palavras como aquele capítulo me tocou, bell. Como ele falou de mim e para mim coisas que estavam latentes no meu coração, mas que ainda não tinham nome, não tinham o contorno da compreensão. A partir dessa primeira leitura fiquei instigada a procurar mais sobre você. Encontrei seu livro *Ensinando a transgredir* (Hooks, 2013) - que sorte a minha encontrá-lo saindo do forno da tradução, naquele mesmo ano. Li e me emocionei ainda mais. Procurei pelo seu nome nos sites de busca da época, e me deparei com algumas palestras no YouTube, e foi aí que você se tornou uma das minhas principais referências. Te ver interagindo com entrevistadores, alunos, palestrantes foi testemunhar sua prática educativa, seu ativismo e seu amor. Foi uma costura de coisas tão surpreendentes para mim... eu fiquei encantada e emocionada, pois não sabia que alguém como você poderia existir. Alguém que falava de amor dentro de uma universidade!? Amor lado a lado da denúncia do capitalismo patriarcal imperialista supremacista branco?

A sua existência, bell, me deu espaço e inspiração para imaginar a minha própria existência, a minha própria prática. Você me ajudava a pensar que psicóloga eu queria ser, que educadora eu queria ser. Eu estava em formação em psicologia ao mesmo tempo que comecei a ser professora, e meu encontro com a educação me revirou por dentro. Sabe, bell, eu achava que eu era uma aluna mediana para ruim. Nunca me destaquei na escola, me sentia um tanto invisível. Não dava trabalho para meus professores, tirava notas razoáveis, e era isso. Não era considerada uma “aluna problema”. Fiz parte da primeira geração da minha família a estudar numa escola privada, considerada boa na minha cidade. A rota traçada para mim sem meu consentimento era a rota da educação. Tinha que estudar, fazer faculdade era minha obrigação, e ainda tinha que me considerar sortuda e agradecida por “só estudar”.

É, era sorte mesmo, bell, era privilégio, porque meus pais não tiveram o mesmo, muito menos meus avós. Eles e elas trabalharam desde cedo, e mesmo diante de tanto esforço nunca deixaram de valorizar a educação. Esta era vista como caminho de emancipação, para a construção de uma vida melhor. Mas o que eu não sabia ainda, era que uma educação a serviço do capitalismo patriarcal supremacista branco não seria emancipatória. Essa era a fonte da minha angústia no Ensino Médio para qual eu ainda não tinha nome, bell. Eu sabia que estava em uma posição de privilégio, mas não entendia que outros aspectos também me atravessavam. Não entendia por que eu não poderia ter nenhuma escolha ou autonomia sobre o que eu estudava. Por que os livros que eu leria deveriam ser escolhidos por mim ao invés de escolhê-los? Por que, quando eu fazia uma pergunta difícil em sala de aula, a resposta do professor era "Isso não importa." ou "Ano que vem você verá essa matéria."? Por que não encontrava o tom da minha pele, a minha história, a história da minha família contemplada naquele local de mármore, naqueles livros didáticos? Por que quando eu ouvia dos meus colegas "Racismo não existe." essa frase não era seguida de nenhuma, absolutamente nenhuma, intervenção de professores ou de outros colegas?

Quantos alunos e alunas também não passam por isso calados(as) e sem respostas. Depois dessa experiência, eu não sabia se um dia teria respostas, até que encontrei o seu trabalho, bell. Nele encontrei tantas ressonâncias. Conhecer a sua história com a educação, das escolas onde você estudou, dos seus professores. Eram tantas diferenças, bell. Você viveu o contexto de segregação dos Estados Unidos. Você viveu o sonho de se tornar escritora, sendo transformado em tornar-se escritora e professora. Nossos pontos de partida e contextos têm muitas diferenças, ao mesmo tempo, sentimentos tão similares. Fiquei pensando como, nós humanos, podemos nos conectar tanto com alguém de tão longe, que nunca tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente. Como podemos encontrar pessoas que falam tanto com nosso coração, com nossas angústias e também com nossa esperança? Isso, para mim, é a experiência de uma educação verdadeiramente emancipatória.

Com seus livros, com a sua voz doce e firme, com o seu radicalismo amoroso, descobri que a coexistência de ativismo e amorosidade, de intelectualidade e sensibilidade eram possíveis. Descobri que era possível nomear injustiças que presenciei a vida toda. Você já me trouxe tanto acalento, bell. Nunca perco a oportunidade de dizer que *All About Love* (Hooks, 2001) (Tudo sobre o amor) não é só um livro, é um abraço apertado na alma. Um abraço e acalento profundos porque reconhecem dores, reconhece o luto e as contradições da sociedade em que vivemos, mas também que trazem a urgência de um cuidado coletivo, de um olhar generoso para nós mesmos e nossa caminhada. É proposital, acredito, não falar em autocuidado, que tanto remete a uma lógica individualista, mas um cuidado construído em comunidade, um cuidado que reconhece os sistemas de opressão e que as saídas são coletivas. Como você afirma em *Teaching Community: A Pedagogy of Hope* (Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança):

A cultura de dominação tentou nos manter com medo, nos fazer escolher a segurança em vez do risco, a mesmice em vez da diversidade. Superar esse medo, descobrir o que nos conecta, celebrar nossas diferenças; este é o processo que nos aproxima, que nos dá um mundo de valores compartilhados, de comunidade significativa (Hooks, 2003, p. 197).

Gostaria de te dizer obrigada, bell. Meu trabalho, pesquisa e prática pedagógica só são como são porque tive contato com seu trabalho. Suas obras para mim são guia, são convites para autorreflexão e para partilha com meus grupos de pesquisa e meus alunos. Que possamos seguir construindo comunidade, construindo conhecimento e sentido através do seu estímulo e inspiração. Obrigada por tudo. Obrigada por tanto. Aprendi com você o poder de uma educação para liberdade.

Brasília, 18 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **All about love**: new visions. New York: Harper Collins, 2001.

HOOKS, B. **Teaching Community**: A Pedagogy of Hope. New York: Routledge, 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2013.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with visible text like "thank you for being honest, responsible, gentle" and "I love you". A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. A green circular object is in the top center. A red wax seal is on a letter in the middle right. A red wax seal is on a letter in the bottom right. A red wax seal is on a letter in the bottom right. A red wax seal is on a letter in the bottom right.

Emanuelle da Silva Oliveira

ESCOLHER SENTIR

Querida bell,

Em uma lembrança de um passado não tão recente, que mais parece ter sido vivida hoje, me lembro como se fosse a primeira vez em que me permiti sentir por entre suas palavras ditas entre páginas. Elas pareciam cartas escritas para mim, ali naquele texto "*Intelectuais negras*" que estava sendo lido em uma sala de aula de uma universidade.

Quem diria, né? Eu, em uma Universidade Federal, a primeira da minha família a ingressar naquele espaço, e a que custo? Foram muitos custos, custos financeiros, custosos trabalhos dos que vieram antes de mim, custosas lágrimas, custoso suor, custosos joelhos da minha avó no chão pedindo por mim, e ali estava eu percebendo finalmente que eu poderia conseguir terminar aquilo que eu tinha iniciado.

Aquele texto se tornou meu maior refúgio e o nome dele se tornou meu maior sonho "*intelectuais negras*"; um frio na barriga só de pensar nisso e nossa... escrevo essa carta pensando em outras pessoas que ainda não te conheceram e que, urgentemente, precisam saber como tudo que você disse é precioso. Depois de todo o sentir em te ler pela primeira vez nunca mais parei de sentir, te procurei em outras páginas entre palavras, me enchi de *anseios*, e quando foi necessário, aprendi a *erguer a voz*; e me preenchi de *tudo sobre o amor*. Durante toda essa jornada, me lembrei de uma frase que marquei ali naquele texto *Intelectuais negras* da primeira vez que o li "optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse o trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta encarar e compreender o concreto", e desde então é assim que busco me ver.

Constantemente, me sinto afastada da possibilidade de me tornar uma intelectual negra, na maior parte das vezes tenho a tendência de ser arrastada para um fundo de poço que parece ter sido construída por minhas próprias mãos, constantemente em um

looping da famosa síndrome da impostora, e um desses momentos da minha maior falta de autocracia me vi pensando que precisava encontrar de novo a sensação das suas palavras. E esse momento foi a pandemia, foi quando meu corpo se tornou prisioneiro de minha mente entre paredes e meu afeto se tornou prisão do meu corpo.

Sozinha, eu estava sozinha.

Preciso te confidenciar algo. Apesar de hoje saber que sou uma mulher negra e ser plena e feliz assim, nem sempre vivi dessa forma. Um dia quando ainda o topo da minha cabeça ainda não ultrapassava a altura da do quadril da minha avó onde ela deixava os pregadores pendurados. Lembro que meu tio chegou para mim e disse “você sabe né, você não é marrom bombom, isso não existe. VOCÊ É NEGRA, negra igual ao Tio”. Aquilo para minha mente infantil foi um motivo de enorme sofrimento. Como podia? Meu tio que na época eu tinha como imagem paterna me dizer tal palavra que me causou tanto sofrimento. Não tinha sido ele que me ensinou a andar de bicicleta e quando eu caía me abraçava e lavava meus joelhos? O amor pode nos fazer sofrer.

Naquele dia minha avó me abraçou enquanto eu chorava de soluçar sem parar e disse: “deixa ele, ele não sabe o que diz”, e foi aquelas palavras que eu me agarrei, minha avó era mais velha, mais sábia, então a palavra dela era a lei a ser considerada. Tudo isso é muito diferente do que sua avó faria, né? Lembro quando li *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Já tinha lido outras vezes o que você dizia sobre sua avó, mas foi ali que eu percebi o quanto ela era verdadeiramente importante para você, enquanto você descrevia cada um dos seus traços e sua admiração pelo espírito livre que ela era. Nossas avós não são parecidas, mas eu amo a minha igual você amava a sua.

Acho que como já deu para perceber eu te vejo em vários lugares na minha vida, mas teve um momento que eu tive medo, foi quando você disse.

Foi nas colinas do Kentucky que minha vida começou. Elas representam o lugar de expectativas e possibilidades bem como o cenário de todos os meus medos, dos monstros que me perseguem e assombram meu sono (Hooks, 2022. p. 29).

Apesar de te entender hoje, naquele momento me perguntei “como ela teve coragem de voltar para um lugar que a causou sentimentos negativos e conflitantes” veja bem, você precisa me entender, eu estava mais uma vez saindo de casa, depois daqueles dois anos da pandemia que as únicas pessoas que eu tinha contato estavam do outro lado da tela e a coisa mais perto de contato com novas perspectivas que eu tinha eram as pessoas que eu conhecia porque líamos os mesmos livros. Mas aí daquela vez que eu estava finalmente indo embora depois de tanto tempo eu percebi as montanhas, seria mentira dizer que só você me fez pensar nisso, na verdade ousou dizer que a anos eu recebia essas informações de todos a minha volta, mas eu ignorava.

Mas daquela vez, eu lembrei sobre as montanhas que você dizia que estavam na sua vida desde o início, e lembrei todas as vezes que minha mãe falou sobre como ela amava voltar para casa pela vista, a vista das montanhas que lembravam a ela que ela estava em um lugar seguro aí eu te entendi o lugar também é afeto e conforto então mais uma vez através das suas palavras eu escolhi sentir, senti medo, senti amor e me permiti ser corajosa.

Eu poderia dizer que minhas palavras não são capazes de expressar a gratidão que eu sinto por você, mas é justo nelas que estão minhas esperanças, afinal um dia foram suas palavras que estiveram lá para mim, me dado um lugar para olhar através, um lugar que eu sentisse esperança e segurança.

Com amor genuíno, e caloroso.

Manu

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Anseios**: Raça, Gênero e Políticas Culturais. 2.ed. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: Pensar Como Feminista, Pensar Como Negra. 2.ed. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *In*: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 2, p. 464-476, 2005

HOOKS, B. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, B. **Tudo sobre amor**: novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2021.



Roberta da Silva Gomes

COLETIVO BELL HOOKS: AQUILOMBAMENTO E POSSIBILIDADE DE (RE)EXISTÊNCIA¹⁷

17

Carta inspirada em uma carta presente na minha dissertação de mestrado intitulada: Erguer a voz, escrever e cartografar: memórias de uma mulher negra e lésbica na pós-graduação.

Querida bell hooks,

Queria compartilhar um pouco contigo sobre como tem sido escrever a minha dissertação do mestrado em um programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, em uma universidade pública federal no estado mais ao sul do Brasil, enquanto uma mulher negra e lésbica, orientada por uma educadora também mulher negra e lésbica. Escrever essa pesquisa tem sido uma intensa experiência de colocar em palavras as minhas dores, anseios e desejos.

De reforçar algo que eu já acreditava, mas que se materializou ainda mais intensamente nos últimos meses, que somente através da luta ativa e coletiva pela minha vida negra e lésbica é que eu poderei seguir existindo (Mombaça, 2021). Não somente eu, mas todas aquelas e aqueles que fogem à regra, que se colocam contra-hegemonicamente em combate a essa academia colonial, branca, burguesa e patriarcal. A minha escrita vem sendo potência para elaborar, para dar vazão aos sentimentos, para produzir resistência e possibilitar a construção da minha autorrecuperação (Hooks, 2019a). Afinal, como é possível sobreviver sendo uma mulher negra e lésbica dentro da academia? Como usar a minha própria experiência para produzir conhecimento e resistência em um contexto de racismo? São algumas das perguntas que tenho me feito cotidianamente.

Desde o meu ingresso no *Coletivo bell hooks: formação e políticas de cuidado*, coordenado pela minha orientadora, Luciana Rodrigues, o meu percurso de mestrado ganhou outras cores – literalmente, ficou menos embranquecido – inspirações, movimentações e desejos de construir uma outra possibilidade de academia. Pertencer ao coletivo é ter a certeza de que, como diz Sued Nunes em sua música Povoada¹⁸, “eu sou uma, mas não sou só”. Foi e segue

18

Povoada - Sued Nunes: [...] Eu sou uma, mas não sou só, minha fia'/Povoada/Quem falou que eu ando só?/Nessa terra, nesse chão de meu Deus/Sou uma mas não sou só/Povoada/Quem falou que eu ando só?/Tenho em mim mais de muitos/Sou uma mas não sou só/Povoada/Quem falou que eu ando só?/Nessa terra, nesse chão de meu Deus/Sou uma mas não sou só/Povoada/Quem falou que eu ando só?/Tenho em mim mais de muitos/Sou uma mas não sou só (5x)/Eu sou uma, mas não sou só, 'mermo!

sendo através do coletivo que eu tenho descoberto as respostas para as perguntas que faço no primeiro parágrafo dessa carta.

Seja nas reuniões do grupo de pesquisa ou do grupo de orientação, encontrar com o meu povo sempre me proporciona uma sensação de reenergização, de carregamento das baterias. Às vezes, nas correrias e demandas do cotidiano, confesso que sinto preguiça de ir até à universidade para nossos encontros, mas nunca me arrependo de ir. O sentimento de quentinho no coração após cada encontro é sempre certo. Lembro de uma fala de Sobonfu Somé¹⁹ em um vídeo que assisti recentemente no YouTube, no qual a autora diz que: "Comunidade é a luz que guia atrás de qualquer ser ou qualquer pessoa, que ajuda a alcançar o seu propósito. Sem comunidade o indivíduo está perdido" (Asili Coletiva, 2020).

Glória Anzaldúa (2021) nos fala sobre as alianças que fazemos na busca de vivências que façam sentido, que nos toquem de forma diferente, que nos possibilite movimento. Essas alianças ocorrem e podem justamente ocorrer entre pessoas que são vítimas de racismo e do sexismo. Pensar essas alianças como uma forma de sobrevivência e resistência dentro da academia faz bastante sentido, me parece. O nosso Coletivo é múltiplo em sua diversidade de idade, raça, gênero, orientação sexual, tanto na pesquisa, quanto na orientação e na extensão.

Falando especificamente do grupo de orientação, este tem sido um espaço no qual o significado e o pertencimento para me manter na academia tem surgido e acredito que sejam sentimentos comuns a todas ou quase todas nós que compomos o grupo. Foi conversando com minhas colegas e orientadora que me lembrei de Audre Lorde (2019), acerca da importância de reconhecermos o nosso papel como essencial no processo de transformar o silêncio em linguagem e em ação. Quando olho para os lados dentro do meu grupo de orientação e enxergo pessoas negras como eu – mas não só, temos também mulheres brancas que se propõem a olhar

criticamente para a sua supremacia e privilégios brancos, construindo este espaço conosco – que também estão subvertendo a ordem colonial da academia, entendendo a força e a potência que o aquilombamento (Nascimento, 2021) possui ao fornecer força e esperança para aquelas que ousam transgredir e erguer a voz (Hooks, 2019a).

As nossas pesquisas de mestrado e doutorado têm girado em torno das políticas da memória, do testemunho, das nossas narrativas pessoais e escrevivências. Algumas atravessam diretamente o ambiente acadêmico, outras não tanto, mas algo que elas têm em comum é a proposta de ser um estudo, uma produção de conhecimento contracolonial, que se coloque em oposição à hegemonia branca, eurocentrada, colonial, hetero-cis-normativa da academia.

Antônio Bispo dos Santos (2023), o Nêgo Bispo, diz que ao se conectar com suas memórias se fortalece para dar continuidade ao percurso. É exatamente isso que entendo que fazemos no Coletivo bell hooks quando nos conectamos com nossas memórias, sejam elas individuais ou coletivas: a gente se sustenta coletivamente, pois como diz Ailton Krenak (2020), nenhum sujeito de nenhum povo sai sozinho pelo mundo, somos constelação. Trago mais uma vez Sobonfu Somé (2007, p. 31) que nos diz que “a comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras.”

Nesse compartilhar da comunidade, entra o que Antônio Bispo dos Santos (2023) chama de confluência, que produz cuidado, compartilhamento de ações, de gestos e de afetos. E esse confluir rende, porque ele vai e vem, ele tem reciprocidade e energia que nos movimenta para o reconhecimento, para o respeito. A gente quando conflui, aumenta, amplia. A gente cria quilombos, que foram e continuam sendo “um local onde a liberdade era praticada, onde os laços étnicos e ancestrais eram revigorados” (Nascimento, 1979, p. 17).

Os quilombos surgem como uma necessidade dos africanos escravizados em resgatar a sua liberdade e dignidade, fugindo dos cativeiros e construindo uma sociedade livre (Nascimento, 2019). O quilombismo exerceu um “papel fundamental na consciência histórica dos negros” (Nascimento, 1979, p. 18), se estruturando através de uma rede de associação, da solidariedade, convivência. A sociedade quilombola era – e é ainda hoje – contra a propriedade privada da terra, dos meios de produção e de elementos da natureza, defendendo que a terra, as árvores, os rios e todos os elementos básicos são de propriedade e uso coletivo (Nascimento, 2019).

Em seu livro *Um feminismo decolonial*, Françoise Vergès (2020) retrata que a quilombagem era uma oportunidade de futuro, mesmo quando ele é socialmente negado, pela igreja, pelo Estado, pela cultura. Apesar do sistema de escravidão, os quilombolas lutaram e se declararam livres, reivindicando e vivendo seus sonhos, suas esperanças e utopias.

Analisar a história do quilombismo é ter a certeza de que temos a missão, enquanto população negra que resiste, de organizar a nossa própria luta para garantirmos a sobrevivência e existência do nosso povo (Nascimento, 2019). E transpondo essa tarefa para a academia, temos entendido no Coletivo bell hooks – e trabalhado para isso – que é um dever expurgarmos a supremacia branca de nosso meio. E fazemos isso não só com as pessoas negras, mas também com as pessoas brancas que admitem terem sido historicamente privilegiadas e beneficiadas por sua cor, por sua racialização branca. Termos pessoas brancas ao nosso lado não significa que elas nunca erram, mas que ao errarem são capazes de encarar o próprio erro e se propor a corrigi-lo (Hooks, 2021).

Eu tenho, mais do que compreendido, sentido e vivido um aquilombamento dentro do Coletivo bell hooks, que me possibilita estar viva, construir coletivamente resistências e permanências. Eu me reconheço nesse espaço, eu existo porque as outras pessoas existem e me reconhecem. Nossa forma de existir, de pensar é circular (Piedade, 2017), é espiralar (Martins, 2021), é começo, meio e começo (Bispo, 2023).

Porto Alegre, 24 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

ASILI COLETIVA. **Sobonfu Somé abanando o fogo da comunidade**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N2qsEXG23t0>. Acesso em: 25 jul. 2023.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019a.

HOOKS, B. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LORDE, A. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, M. B. O Quilombo do Jabaquara. *In*: **Revista de Cultura Vozes**, v. 73, n.3, abr, 1979.

NASCIMENTO, M. B. *In*: RATTI, A. (org). **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PIEDEDE, V. **Dororidade**. São Paulo: NOZ, 2017.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odyseus, 2007.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.



Juliana Oliveira Albuquerque de Souza

SIGAMOS JUNTAS!

Querida bell hooks,

A cada leitura de seus textos, sinto-me mais próxima a você, parece que escuto sua Voz e de tantas outras mulheres a cada palavra lida, uma intimidade construída a partir dos seus escritos que testemunham sua luta, suas ideias e ideais, sua trajetória. Preciso te contar que essa minha aproximação com a teoria feminista é recente e foi a partir do meu retorno à academia, quem diria, não é?! Um espaço marcado pelo sexismo e pela supremacia masculina, como você tão bem denunciou, mas que possui também espaços de resistência em busca de uma transformação social. E foi no Programa de Pós Graduação de Psicologia da UFPE, em plena pandemia da Covid-19, que tive acesso a alguns textos sobre a teoria feminista que me permitiram vislumbrar as estruturas e dinâmicas patriarcais que atravessam esses espaços acadêmicos.

A minha pesquisa de doutorado é na área de psicologia do desenvolvimento humano e psicologia social, e agora vejo como é imprescindível uma perspectiva feminista como ponte entre os mais diversos campos da psicologia. Quando iniciei a pesquisa de campo, durante as entrevistas, algumas falas de idosas e idosos foram adquirindo relevos diferentes, sobressaindo dentro de uma análise de gênero. Chamou minha atenção a fala recorrente de mulheres idosas sobre como estão vivenciando a velhice com qualidade de vida a partir de sua viuvez, como tiveram a oportunidade de estudar, participar efetivamente de atividades sociais, esportivas, religiosas, mais objetivamente, puderam experienciar a liberdade após a separação ou morte dos cônjuges. Em contrapartida, os homens idosos trazem em seu discurso uma trajetória focada no trabalho, nas suas realizações profissionais, sem amarras nem restrições à sua “liberdade”.

Essa questão ilustra bem o que você explicou sobre como *a realidade pública e as estruturas institucionais de dominação, as relações de poder a partir da supremacia masculina, concretizam a opressão e a exploração no espaço privado* (Hooks, 2019a), não há

mesmo como manter uma visão dissociada entre a vida pública e privada, e isso faz cada vez mais sentido no nosso contexto atual.

Uma outra questão que também chamou minha atenção foi o fato de algumas mulheres não conseguirem se identificar como mulheres pretas, podiam até ser “morena”, mas de forma alguma preta. E te “ouvir” falar sobre a desvalorização da feminilidade negra fez todo o sentido para compreender o incômodo e preconceito de mulheres sobre sua própria origem, ancestralidade, sobre a cor da sua pele. Essa desvalorização compreendida a partir de uma cultura patriarcal, capitalista, imperialista e supremacista branca, que ao longo da socialização dessas mulheres vai imprimindo suas marcas na subjetividade, minando as suas potencialidades a partir dessas desigualdades de raça, gênero e classe social (Hooks, 2020).

Apesar de essas mulheres ainda não expressarem uma consciência reflexiva sobre essas questões de gênero, fiquei feliz em vê-las vivenciado certa autonomia, um protagonismo social mesmo que de forma tímida e recente na sua velhice, mas quantas perdas e lutos levam consigo pelo fato de serem mulheres, pretas e pobres. Ao ler seus textos sobre a mulher negra na pós-graduação, sobre a falta de representatividade de professoras negras, percebi a gravidade das repercussões desse ambiente cruel, racista e machista para as mulheres pretas na academia. Com você entendi como um lugar que simboliza racionalidade e intelectualidade pode ser também espaço de dominação e opressão racial e sexista, e como é importante dar visibilidade às nossas histórias (Hooks, 2019a).

Na minha experiência acadêmica não vivenciei ou melhor, não percebi exclusões ou preconceito com minha tonalidade de pele, que por isso hoje, eu identifico como parda, mas sempre me diziam que eu era branca, num movimento de embranquecimento e aniquilamento da minha ancestralidade e pertencimento à negritude. Os seus escritos me encorajaram a buscar autenticidade e priorizar uma visão crítica e reflexiva para a minha escrita e prática acadêmica.

Aprendi com você que erguer a Voz num contexto atravessado por questões de desigualdades de gênero, raça e classe social é realmente um ato de muita coragem, mas principalmente de resistência e desejo por profundas transformações de consciência cultural. E aí, mais uma vez fiquei surpresa com seus escritos, quando você traz uma visão crítica sobre a nossa participação nessa sustentação de estruturas sexistas. Como nós, mulheres, também recorremos à violência, mesmo que de modo distinto dos homens, e como fomos educadas para aceitar a opressão de grupo e o uso da força como exercício de autoridade.

Assim, pude compreender melhor como essas mulheres idosas submeteram-se por tantos anos e algumas ainda permanecem, em relacionamentos conjugais de opressão e dominação, nos quais muitas vezes o “amor” é atrelado à violência. Quantas mulheres aceitaram a violência para serem recompensadas com alguma demonstração de amor e cuidado? Como você bem explicou, os dispositivos culturais reforçam padrões sexistas, essa dinâmica violenta nos relacionamentos amorosos, a dominação como símbolo de masculinidade e a submissão como condição da feminilidade (Hooks, 2019b).

Hoje o que mais me inquieta é o desejo de que a teoria feminista seja acessada por muitas mulheres, nos diferentes espaços da nossa sociedade, mas como ainda é difícil compartilhar essas ideias dentro de uma sociedade fundamentada nas hierarquias e desigualdades sociais (gênero, classe e raça). E você nos encoraja para esse propósito e ainda nos alerta sobre a importância de incluir os homens nessa luta pelo feminismo (Hooks, 2021). Que desafio! Com tantos privilégios e o poder que eles usufruem nessa estrutura sexista, fiquei pensando o que de fato os mobilizariam ao engajamento numa transformação social feminista, contra o patriarcado, o sexismo e supremacia masculina.

Não consigo esgotar aqui as muitas questões suscitadas pelos seus textos para minha prática de pesquisa, muito menos para

minha vida. Desejo que minhas pesquisas tenham consonância com os objetivos do feminismo (dentro dessa sua perspectiva inclusiva e amorosa), de uma educação democrática e libertadora, que ultrapassem os limites da academia e sejam acessadas por aquelas que de fato precisam erguer suas vozes oprimidas nessa sociedade.

Sigo minha trajetória com um olhar mais atento e crítico, e também com muitas inquietações, que com certeza me aproxima de uma educação transformadora e comprometida ética e socialmente com o coletivo. Agradeço demais pela sua generosidade, por compartilhar suas histórias, e pelo afeto e diálogo presente na sua obra, sigamos juntas!

Recife, 22 de outubro de 2022.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, B. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019b.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, B. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante: 2020.



Marifainy Mendes da Silva

**REFLEXÕES
DE UMA BUSCADORA
DE SABEDORIA:**
UMA CARTA PARA BELL HOOKS

Prezada bell,

Espero que esta correspondência seja bem recebida e que traga inspiração para você. Permita-me começar expressando minha gratidão sincera por suas importantes contribuições ao campo dos estudos de gênero, feminismo e raça. Ao desafiar paradigmas e inspirar uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e opressão que permeiam nossa sociedade, seu trabalho tem sido uma fonte constante de inspiração e questionamento. Ao escrever esta carta, gostaria de compartilhar meus pensamentos pessoais inspirados em suas obras. Ao mesmo tempo, colocarei nosso discurso no contexto da sociedade moderna.

Mais do que nunca, a luta pela justiça social e pela igualdade de gênero é um assunto predominante em nosso mundo. A pandemia de COVID-19 mostrou as disparidades existentes e deixou as pessoas vulneráveis, especialmente as mulheres negras. Quando penso nas interseções entre racismo, feminismo e desigualdade econômica, suas palavras, bell hooks, ecoam como um chamado à ação. Seus esforços para enfatizar a importância do feminismo interseccional nos lembram de que não podemos abordar uma forma de opressão sem levar em consideração todas as formas de opressão.

Aprendi a importância de dar voz às experiências silenciadas, especialmente às mulheres negras, por meio da leitura de suas obras. Sua perspectiva sobre justiça social não se limita às teorias acadêmicas, em vez disso, é baseado em situações práticas. Você nos lembra que a arte de contar nossas próprias histórias é revolucionária e que nossas vozes são poderosas ferramentas de resistência.

No entanto, também enfrentamos grandes obstáculos na nossa luta pela igualdade. Vivemos em um mundo onde persiste a misoginia, a violência de gênero é uma realidade trágica e as mulheres negras não têm representação suficiente nas mídias e na política. Sua obra nos ensina a perseverar e resistir, mesmo quando as coisas parecem impossíveis.

Uma das contribuições mais notáveis de bell hooks é sua ênfase na importância da educação crítica como uma ferramenta de transformação. Como coordenadora pedagógica na escola onde trabalho, tivemos a oportunidade de realizar uma intervenção incrível no primeiro semestre do ano, usando seu livro *Meu Cabelo é de Rainha*. Foi uma experiência verdadeiramente impactante.

Quando compartilhamos com os alunos o significado de escrever seus nomes com letras minúsculas, eles ficaram genuinamente maravilhados. Essa ação simples alcançou seu objetivo mesmo em nosso espaço pedagógico limitado. É um testemunho do poder da obra de bell hooks, que transcende as páginas dos livros e se torna uma mensagem viva em nossas vidas.

A noção de que a educação pode libertar as pessoas é extremamente poderosa. As instituições educacionais devem ser locais de conversa abertos onde as vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. Ainda assim, sabemos que as desigualdades nos sistemas educacionais persistem, e seu trabalho nos lembra de que precisamos lutar por uma educação realmente inclusiva e transformadora.

Quando penso em sua obra, bell hooks, e as circunstâncias da contemporaneidade, vejo um mundo onde a diversidade é mais valorizada, mas também surpreendeu a resistência. As redes sociais realizaram polarização, mas também permitiram que as pessoas falassem e discutissem. Por outro lado, sinto esperança nas vozes vibrantes que se levantam para desafiar as convenções e lutar por um mundo mais justo.

Em suma, você tem uma influência incalculável e é capaz de nos inspirar a questionar o que está acontecendo. Suas ações e palavras continuam a influenciar nossas percepções do mundo e nos lembrar de que somos obrigados a lutar por um futuro mais igualitário e justo. Obrigado mais uma vez por sua dedicação ao esforço pela igualdade e justiça. Seu legado continua a nos guiar, e espero que esta correspondência tenha expressado minha admiração e gratidão pelo seu trabalho.

Brasília, 02 de outubro de 2023.



Raiane Medeiros Pinheiro

REGISTROS DE UMA CAMINHADA:

ETERNA ALUNA, EVENTUAL
PROFESSORA

Prezada bell hooks,

Você não me conhece, sou apenas uma estudante de Licenciatura de Artes Visuais aqui do Sul do Brasil. Uma mulher branca, de baixa renda e com um sonho: usar a educação como uma ferramenta de expressão e de resistência. Através dela, instigar o meu próprio pensamento crítico e das demais pessoas que eu encontrar. Seja por troca de experiências, contação de história, leituras, o contato que for, enquanto professora ou estudante (cá entre nós, uma vez professora, para sempre estudante).

Comecei meu percurso como educadora na adolescência. Fiz magistério juntamente com o Ensino Médio e essa escolha e vivência tem muitas camadas. Sempre fui uma menina comunicativa, que adora ler e ajudar minhas amigas com as disciplinas e trabalhos escolares. Ou seja, a ideia de tornar-me professora era bem natural, afinal eu já ensinava. Mas sinceramente, um dos motivos mais relevantes para a escolha naquele momento era a possibilidade de ganhar dinheiro, mesmo que pouco, afinal a profissão docente não era e continua não sendo conhecida por grandes retornos financeiro.

Ainda assim era uma possibilidade de unir o útil ao agradável, como diz um ditado popular que ouvi muito durante a infância. Além disso, era encantador ver as crianças ávidas por aprender a ler, escrever, compreender os números e decifrar os códigos dos adultos. E foi nesse mesmo período que conheci de perto os muitos níveis das desigualdades sociais. Descobri alguns dos resultados do patriarcado, racismo e branquitude. Fiquei assustada, perdida e decidi fugir: jamais seria professora, jamais seria capaz de ser professora. Não poderia estar mais enganada.

Consegui fugir por alguns anos, trabalhei em outras áreas, mas não estava satisfeita com minha vida e minhas escolhas. Sentia um vazio, impotência. Comecei pesquisar sobre os motivos das desigualdades que eu presenciei na adolescência, entender questões sociais, históricas e filosóficas. Como eu disse lá no início,

sou uma pessoa de baixa renda, mas com privilégios, pois sou branca. Reconhecer meu privilégio e os riscos de ser mulher foram fundamentais para minha decisão de cursar Licenciatura em Artes Visuais.

Durante um bom período da graduação que estou fazendo, senti que as motivações para eu estudar e decidir ser docente estavam escapando da minha formação. O meio acadêmico é hegemônico, eurocêntrico, colonial e patriarcal e a arte estudada nos meios formais também. A valorização e prestígio é dado ao padrão que já conhecemos. O que é relevante estudar e ensinar em artes? A arte considerada clássica, erudita e sobretudo valorosa é aquela dos grandes artistas europeus (e aqui não preciso nem citar nomes, provavelmente tu já pensaste em alguns).

Como eu já disse, você não me conhece, mas eu te conheço, pelo menos um pouquinho. Te conheci recentemente, mas o contato que tive com teu trabalho e escritos foi realmente marcante e reverberou em muitas esferas da minha vida, tanto profissional, quanto pessoal. Meu primeiro contato com o teu trabalho foi através do livro *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*. Em uma disciplina foi requisitado que fizessemos a leitura do capítulo 13, *Eros, erotismo e o processo pedagógico*, mas eu decidi começar lendo a introdução, achei o título do capítulo curioso, logo quis entender sobre o que era o livro.

Foi a primeira vez que consegui relacionar minhas próprias situações com palavras escritas por alguém do meio acadêmico, com uma pessoa considerada relevante e que admitia medos e que contava situações psicológicas complexas. Além disso, era uma mulher naquelas palavras. Foi chocante perceber que eu conseguia identificar um ser humano naquele conjunto de letras. Não o homem branco que eu estava acostumada a ler nos demais textos, mesmo quando não eram escritos por homens brancos, mas a linguagem fez com que eu criasse e imaginasse uma figura próximo do que seria um deus acadêmico.

Após isso, vi que nos arquivos recomendados da disciplina tinha um outro texto teu *Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens*, e esse texto foi um marco para eu repensar minha formação, minhas escolhas e principalmente minhas práticas pedagógicas. Foi como se eu tivesse sido puxada para cima, levada na direção da superfície após estar afundada tanto tempo na escuridão de águas formadas pelo resultado da sociedade que vivi e compus sem questionar durante tanto tempo. Ainda não conseguia respirar, mas pelo menos consegui ver uma luz, uma esperança.

Para cada uso incorreto de palavras, para cada colocação incorreta das palavras, era um espírito de rebelião que reivindicava a língua como um local de resistência. Usar o inglês de uma maneira que rompeu o uso e os significados padrões, de tal modo que o povo branco poderia frequentemente não entender a fala negra, fez do inglês muito mais do que a língua do opressor (Hooks, 2008, p. 35).

Levo a citação acima próxima de mim sempre. Foi o que eu precisava para entender que mesmo no meu lugar de poder enquanto docente e pessoa branca, posso conhecer outros saberes, não entender e saber tudo. Tenho a escolha de não ir para o lugar de opressor. Posso criar um ambiente acolhedor em sala de aula para além da prática do ensinar tradicional, disponibilizar um ambiente seguro para trocar experiências e para se expressar, há pouco tempo, fiz parte de algo maravilhoso, inspirada no teu trabalho e usando a força e a coragem que meu sonho oferece para mim. Preciso dar um contexto da sequência de situações que levaram ao presente momento.

Faço parte de um coletivo, que leva teu nome como homenagem ao legado que tu nos deixaste. E partindo do ditado “unir o útil ao agradável”, sou parte desse coletivo como bolsista de extensão. Precisava e ainda preciso do dinheiro, porém era essencial eu ter contato com pessoas e saberes que pudessem auxiliar minha formação para além do conhecimento hegemônico da universidade.

Lembra do meu sonho? Então, ele é meu material e mantra de ânimo e força para continuar constituindo e formando uma profissional e pessoa cada dia com mais consciência.

Juntamente com outras quatro mulheres² organizamos um evento muito especial, pensado para profissionais da educação. Foi a segunda edição da atividade de extensão intitulada *Tudo sobre o amor: pensando o cuidado a partir do pensamento de bell hooks*. A primeira edição havia ocorrido de forma online e antes de eu fazer parte do coletivo, ou até mesmo saber de sua existência. Com o objetivo de criar um espaço acolhedor para trocas de experiências, reflexões e conversas sobre alguns textos do livro *Tudo sobre o amor: Novas Perspectivas*, preparamos uma sala da maneira mais agradável que nós cinco (mulheres com os percursos e percalços da vida para traçar e seguir) conseguimos estruturar.

Recebemos nossas convidadas³ em quatro encontros presenciais, que aconteceram em noites de quatro sextas-feiras do mês de agosto desse ano. O horário não era o mais propício e amigável, era o possível e com isso surgiu o receio: será que terá pessoas dispostas a nos acompanhar e abertas para trocar e compartilhar experiências? Será que iremos conseguir relacionar e tornar claro que amor, que está no título do evento e no livro que nos baseamos, não é o amor romântico? *“Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança”* (Hooks, 2021, p. 43).

Nos próximos parágrafos irei falar sobre os encontros, sobre nossa organização, metodologia e eu já adianto como foram: maravilhosos. Organizamos em todos os encontros o ambiente desorganizando a ideia de sala de aula tradicional (uma classe atrás da outra). Foi feito um quase círculo com as cadeiras, colocado um difusor para dar um cheirinho aconchegante no espaço, música para recepcionar

nossas convidadas e uma mesa de lanchinho com chá, café e bolo próximo de outra mesa que foi disposto alguns livros.

No primeiro encontro eu estava apavorada e ansiosa, era noite do dia 04 de agosto e para complementar meu estado, atrasei alguns minutos para chegar e organizar a sala. Nós propositoras do evento, havíamos conversado sobre o planejamento e como daríamos andamento a noite. O disparador para aquela noite era a pergunta “você sentiu-se amada(o) hoje no seu trabalho, na sua casa?”, que a Bruna trouxe e compartilhou com o grupo. Naquele dia eu não havia me amado, e isso é evidenciado com meu primeiro pensamento a respeito do meu atraso: imperdoável.

A partir da leitura do prefácio e introdução do livro que usamos como base e disparador, pudemos refletir conjuntamente sobre a necessidade de cuidarmos de nós mesmas, nos amar e ser amadas, não apenas distribuir amor aos outros. Evidenciamos que o amor são ações. *“Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes – carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta”* (Hooks, 2021, p. 43). Nesse dia, a Luciana fez falas importantes a respeito do autocuidado e cuidado ao próximo em um corpo negro. Essa reflexão reverberou em todos os nossos encontros: a prática do amor de forma consciente a respeito do racismo estrutural e os reflexos em nós mesmas, no nosso dia a dia. Assim como todos os encontros, nós falamos e ouvimos. Praticamos a escuta ativa.

Propomos para o grupo uma atividade que iria necessitar um pouquinho de manualidade e mexer os corpinhos. Distribuímos um envelope e uma folha de papel para cada pessoa. Pedimos que o envelope fosse colado nas costas de cada uma, o que serviu de estímulo para que as pessoas conversassem e pedissem ajuda para quem estava próximo. E com a folha, rasgar/cortar em pedaços suficientes para todos os presentes, transformando em pequenos bilhetes e neles escrever recados importantes sobre cuidado e vida.

Atividade lúdica simples, mas que ajudou a rir com alguns dos meus próprios medos sobre os encontros e sobre mim mesma. Enquanto andávamos ao som de uma música animada e distribuíamos os bilhetinhos, trocamos olhares, encostamos umas nas outras, compartilhamos risadas. E enquanto cada uma lia seus recados recebidos, compartilhamos sentimentos e relembramos necessidades simples da vida. Naquela noite, saí amando-me um pouco mais.

Em nosso segundo encontro, em 11 de agosto, usamos o segundo capítulo *Justiça: lições de amor na infância* para guiar nossas conversas e fizemos um pedido especial para as participantes: levar uma foto da sua infância. Algumas levaram impressa, outras enviaram para nós projetarmos na sala. Compartilhamos histórias, alegrias e tristezas, nos vimos em outras crianças, em outras lembranças, fizemos trocas. Com carinho, cuidado, reflexão e maturidade. A Danuza e a Gabriela trouxeram partes importantes do texto e propuseram que escrevêssemos uma mensagem para o nosso eu da infância: o que gostaríamos de falar para a nossa criança e como falaríamos com ela?

O terceiro encontro transcorreu na noite chuvosa do dia 18 de agosto, com previsão de tempestade. Embasadas no quarto capítulo *Compromisso: que o amor seja o amor-próprio*, realizamos uma atividade de autoconhecimento: olhar para o nosso próprio reflexo. Não em um espelho real, apenas um pedaço de papel no qual deveríamos imaginá-lo como o objeto reflexivo, e nele escrever aquilo de que nos orgulhamos em nós mesmas. Enquanto as demais pessoas compartilhavam seus motivos de orgulho, notávamos semelhanças, fazíamos conexões.

No último encontro, 25 de agosto, uma das primeiras coisas que foi dita por uma de nossas convidadas foi que deveria ser feito mais encontros: "O que vou fazer na sexta-feira que vem?". O texto desse último dia era o oitavo capítulo, intitulado *Comunidade: uma comunhão amorosa*. Ainda nem havíamos iniciado formalmente o encontro, mas eu já sabia que o resultado havia sido e continuaria sendo extraordinário. "Amizades amorosas nos dão espaço para

experimentarmos a alegria da comunidade num relacionamento em que aprendemos a processar todos os nossos problemas, a lidar com diferenças e conflitos enquanto nos matemos vinculados” (Hooks, 2021, p. 144). Conseguimos criar, mesmo que brevemente, uma comunidade com pessoas dispostas a escutar, compartilhar, aprender e aceitar. Conseguimos evidenciar o quão importante e poderoso é não se isolar.

A partir dos encontros realizados foi possível notar, entender e expressar que pensar criticamente não extingue a possibilidade de nos vermos com compaixão. Além disso, evidenciamos a necessidade de continuarmos criando espaços acolhedores, propiciando escuta ativa, com saberes diversos. É preciso lembrarmos frequentemente que somos seres sociais, não vivemos sozinhas, e que amor são ações e falar dele pode ser revolucionário.

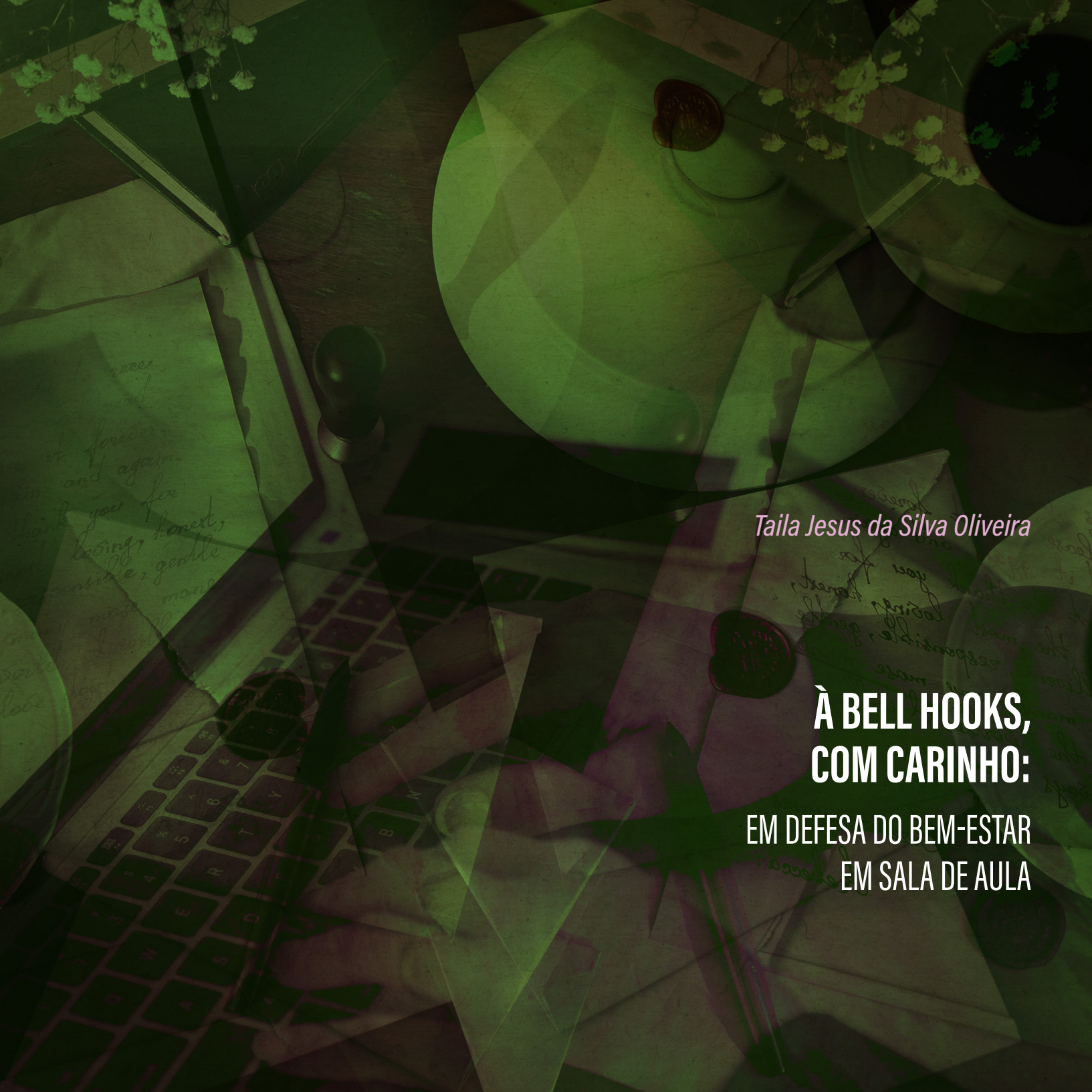
Porto Alegre, 04 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Linguagem**: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Estudos feministas, v. 16, n. 3, p. 857-864, 2008.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.



Taila Jesus da Silva Oliveira

À BELL HOOKS, COM CARINHO:

**EM DEFESA DO BEM-ESTAR
EM SALA DE AULA**

Cara bell hooks,

Saiba que hesitei muito em te escrever esta carta. Não sei se é apenas pelo fato de conversar com você, uma grande referência acadêmica, histórica e social ou pelo fato de precisar, neste nosso diálogo, descortinar alguns processos. O que sei é que preciso promover, como você mesma diz, um *bem-estar*, e só posso assim fazer se eu me abrir nesta conversa. Quero te agradecer desde já pela disponibilidade e dizer que foi você mesma, em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, que me encorajou a registrar aqui algumas das minhas inquietudes.

Considero, antes de qualquer ato reflexivo neste diálogo que estou tendo o prazer de estabelecer com você, apresentar-me brevemente. Você, que se introduz tão bem já ao declarar o seu nome, que além de evocar uma ancestralidade visceral ao se denominar assim em homenagem à sua bisavó, revelando grandes potencialidades ao convidar um antepassado para se arrolar explicitamente à sua história; também inibe qualquer necessidade de se sobrepôr academicamente, ao permitir grafá-lo com letras minúsculas, em uma sociedade que celebra tanto o valor dos sobrenomes, a origem e o peso que eles podem ter socialmente. Sendo assim, bell, chamá-la em um texto é relembrar a sua lição eternamente.

Quanto a mim? Situo, como propõe Djamila Ribeiro, em seu livro *Lugar de Fala*, este meu espaço nas seguintes identidades, que são os meus lugares e venho descobrindo quão dolorosos e deliciosos eles podem ser: sou uma mulher, professora de Língua Portuguesa, das redes pública e privada, negra, filha de pais negros, que não possuem o Ensino Superior, brasileira e oriunda da cidade mais negra fora de África, Salvador, localizada no estado da Bahia. Pretendo, ao passo que vou tecendo linhas da minha trajetória, conversar e me aconselhar com você sobre inquietudes que surgiram de forma recente, devido a problemáticas antigas do meu país e cidade.

O primeiro ponto e que considero curioso na minha história e de muitas mulheres da minha cidade, inclusive das minhas próprias alunas do Ensino Fundamental e Médio, é a descoberta “tardia” de ser negra. A ausência dessa descoberta de forma mais precoce impactou e impossibilitou uma formação crítica em minha trajetória ou como você assim denomina – uma formação *engajada*. Infelizmente, durante a minha construção escolar e familiar, eu não tive a consciência da minha origem étnico-racial desde cedo, pelo contrário, sempre fui ensinada que deveria rejeitar a minha negritude e me embranquecer cada vez mais. Minha mãe também não teve essa formação, como ela poderia me ensinar? Os textos selecionados nas escolas onde eu estudava, os livros, os discursos sempre se inclinavam para o culto à branquitude e todos os seus privilégios.

Para mim, não era motivo de alegria enaltecer o meu cabelo crespo e minhas raízes, pois fui ensinada que elas não eram para eu me orgulhar, mas rejeitar. Quando criança, desejava ter o cabelo semelhante ao das bonecas que eu tinha; muitas vezes, questionei-me o porquê de não ter nascido assim como elas, faltava para mim o que buscamos hoje para nossas crianças: a representatividade. Essa representatividade perpassava, especialmente, a presença dos meus professores, figuras que sempre foram para mim de grande autoridade e potencialidade, que posso contar nos dedos das mãos quais eram negros.

Por ser negra, com uma pele clara, cotidianamente, não me sentia representada nas lutas e debates que aconteciam ao meu redor. Não me sentia convocada a refletir também sobre processos que são intrinsicamente meus. No entanto, bell, algo mudou completamente a minha história – eu, filha de um homem que não chegou a completar o Ensino Médio e de uma mulher que trabalhou e criou uma filha dignamente tendo a sua formação no Ensino Técnico, em uma sociedade com preços altos; fui a primeira pessoa do meu núcleo familiar a adentrar ao Ensino Superior, mais precisamente em uma Universidade Pública. Sim, para os meus pais, ainda hoje, após anos de formada, esse acontecimento ressoa com grande alegria. Em seu texto *Ensinando a*

transgredir: a educação como prática da liberdade, acho interessante que você começa expondo-se intimamente, revelando a angústia de se atrelar “eternamente” a uma universidade; você que nunca sonhou em ser professora, mas sempre quis ser escritora.

Ao contrário de você, eu sempre quis ser professora. Meus pais, colegas e familiares já sabiam que eu prestaria o vestibular para Letras Vernáculas e assim me tornaria professora de Língua Portuguesa. Confesso que em minha vida nunca existiu um plano B quanto ao meu desejo profissional que se atrelava ao meu desejo de vida, pois para mim tudo estava muito certo e seria um caminho natural, como você mesmo disse “Desde o ensino fundamental eu estava destinada a me tornar professora” (Hooks, 2013, p. 10). Escrever, entretanto, nunca foi um processo tão natural quanto ensinar, pelo contrário, a escrita sempre foi algo que precisei conquistar, batalhar muito e superar barreiras. Gosto de relacionar estas minhas lutas ao texto de Clarice Lispector, em *Felicidade Clandestina* “[...] A felicidade sempre ia ser clandestina para mim”, pois é assim que me sinto sempre batendo à porta dessa felicidade, que nunca é tão fácil para mim e, por vezes, comporta-se como proibida para mim. Produzir um texto, como este que escrevo, bell, é resistir. Assim como você não se permitiu desistir da tarefa docente, eu não me permito parar de escrever e com sabores e dissabores vou tecendo e me permitindo ser tecida.

Sei muito bem que levo, de forma consciente e inconscientemente, todos esses aspectos atrelados para a minha sala de aula. Reconheço que assim como as palavras de Geraldi (1984), pensador que você teria grande prazer em conhecer o trabalho com a sala de aula, todo fazer em sala inclui, necessariamente, uma opção política. Neste ponto, sei que nossas histórias se tocam mais uma vez. Como comentei, a Universidade foi um grande divisor de águas na minha trajetória, principalmente por ser o momento em que me descobri negra. Não pelos professores que tive, mas pelos colegas de curso, os quais já estavam engajados em debates que sempre rejeitei como não sendo meus, que me abriram explicitamente que eu não era morena, mas sim, *negra*.

Assim como você, durante os meus estudos da graduação e da pós-graduação, sempre vi professoras e professores brancos, nunca homens e mulheres negros à frente de debates sobre questões que envolvessem raça e gênero. Na verdade, confesso que a minha descoberta em relação a essas temáticas aconteceu, na graduação, de modo tão tímido que consigo contabilizar as poucas intelectuais negras que tive o prazer de conhecer. Parece que o tema que promove a nossa existência é sempre muito caro a uma sociedade, a um programa e sobretudo a um currículo que insiste em celebrar o cânone que não nos espanta pensar é formado apenas por homens brancos, excluindo a diversidade do nosso território.

Como professora da Educação Básica, busco sempre trazer para os meus alunos aquilo não tive enquanto estudante: diversidade representativa, principalmente de autoras negras que se referem a grande parte do meu público de estudantes. Tenho me deparado, na minha cidade, com uma realidade em que os corpos negros têm sido cada vez mais alvos de todo tipo de violência e acredite, bell, me preocupo muito com o bem-estar de um grupo que se encontra desmotivado, cansado e assustado com tamanha violência.

Sei que falar sobre autores e autoras negras é celebrar esses corpos que têm sido apagados da nossa sociedade com as mais diferentes justificativas, mas ainda assim, o entusiasmo que você comenta precisar existir em sala de aula tem sido cada vez mais difícil. Retomo o pensamento que você expressou por meio das palavras de Thich Nhat Hanh: “se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar muita gente” (Thich Nhat Hanh *apud* Hooks, 2013, p. 28). Como os docentes vão promover o bem-estar se não estão vivendo tal realidade?

Retomando o que disse nos primeiros parágrafos desta carta, acredito que ler, escrever e falar sobre um problema é o primeiro passo para promovermos a sua resolução. Gosto muito quando você comenta que os docentes precisam correr risco de se expor também, falar sobre suas angústias, levar as suas vivências para a sala

de aula – “[...] Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo” (Hooks, 2013, p. 35). Minha cara bell, é tão bom saber que nessas palavras há um olhar para as nossas dores, pois precisamos também de fortalecimento, é preciso humanizar o professor. Considero o seu texto *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade é o próprio manifesto do bem viver.

Assim, quero agradecer por me permitir dialogar com você sobre você. Os problemas que aqui apontei foram resumidos pelo espaço, mas como acredito na arte dos encontros, torço para que tenhamos outros momentos para ampliar esses debates. Quero deixar registrado que esse encontro só aconteceu, pois ainda temos professores que se engajam na luta e me apresentaram você. Obrigada por criar esse espaço para eu pudesse falar e me expor também, pois geralmente nem eu me humanizo como você me permitiu. Deixo o meu abraço apertado.

Com carinho,

Taila Jesus da Silva Oliveira

Salvador, 25 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

The background is a complex collage. It features several overlapping vintage letters with cursive handwriting. One letter on the left has the words 'thank you for being honest, gentle, wise, and again'. Another letter on the right has 'for your honest, gentle, wise, and again'. A laptop keyboard is visible in the lower-left corner. Dried white flowers are scattered in the top-left and top-right corners. A large, semi-transparent circular shape is in the upper-middle. A small, dark, heart-shaped object is near the top center. A pen lies diagonally across the middle. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Quessia Karina Garcia

**TRAJETÓRIAS
DE APRENDIZAGEM
INSPIRADAS POR
BELL HOOKS:
UMA CARTA REFLEXIVA**

Prezada bell hooks,

Estou escrevendo para dividir alguns relatos de experiência contigo. A sua escrita tem penetrado profundamente na minha prática pedagógica e me fez refletir sobre as inúmeras maneiras de estabelecer conexões com os meus alunos. Quero abrir meu coração e compartilhar minha realidade, bem como as promissoras perspectivas de mudança que estão se delineando.

Faz um ano e meio que trabalho em uma escola situada na Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Eu não nasci aqui, tenho origem no interior de São Paulo, em uma pequena cidade pouco conhecida, chamada Araçariguama. Nessa escola, eu atuo como assistente de alfabetização em um projeto que estimula os alunos com dificuldades de aprendizagem, atendendo crianças de 6 a 8 anos de idade. Além de auxiliá-las em seu processo de alfabetização, aprendi a me encantar com as suas trajetórias de aprendizagem, assim como elas se encantaram com o fato do meu modo de falar ser diferente do delas.

Em seu livro *Ensinando a Transgredir*, ao citar o poema de Adrienne Rich, você compartilha como um verso específico te tocou profundamente. Essas palavras, "Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para me comunicar contigo", também tiveram um impacto significativo em mim. Embora não compartilhemos o mesmo idioma, essa frase ecoou em minha experiência, pois também ensino as minhas crianças na língua do opressor. Mesmo que elas percebam a diferença na minha fala devido ao sotaque, ainda estamos utilizando a mesma língua do opressor.

Fiquei bastante reflexiva sobre os apagamentos, os idiomas, dialetos e sons que se perderam em um processo de exploração e dominação que parece incessante. Desde a chegada dos colonizadores em Pindorama (que sangrou até se transformar em Brasil), só posso imaginar os horrores vividos por quem já estava nessa terra,

falava seu próprio idioma, transmitia conhecimento de forma oral e teve tudo isso arrancado. Perder a língua é como perder a alma, a possibilidade de comunicação com os seus.

Esse país também foi formado por pessoas que foram arrancadas de seus países de origem, de suas tradições, de suas línguas maternas e sofreram o inimaginável em terras desconhecidas. A língua do opressor se torna instrumento de dominação, mas quando foi apropriada pelos oprimidos, ela se tornou não apenas um meio de sobrevivência, mas também um ato de resistência.

Você não vai acreditar, mas algumas comunidades indígenas conseguiram preservar suas línguas maternas. Penso no esforço que as crianças indígenas devem fazer para acessar a escola regular, onde o conteúdo é ministrado na língua do opressor. Elas se tornam bilíngues por necessidade. Porém, o que é triste é que os professores e os membros da equipe de gestão escolar designados para trabalhar em escolas próximas a essas comunidades raramente falam as línguas indígenas.

Voltando a falar sobre a minha sala de aula, meus alunos vivem em uma região periférica, atravessada por suas experiências e desafios únicos. Essas questões também atravessam a forma que as crianças falam e se comportam na escola, o modo como se apropriam da língua para explicar o mundo que as cerca me traz uma sensação mista de encanto e preocupação. São crianças expostas a violências, a condições precárias e ainda assim produzem conhecimentos e vivem suas infâncias em meio ao caos, tento ser um ponto de amor em suas trajetórias.

Muitas vezes, meus alunos costumavam me perguntar se eu era de outro país, curiosos se eu falava alguma língua estrangeira, como o inglês. Foi a partir desses momentos que percebi uma oportunidade única. Comecei a usar o meu próprio sotaque paulista interiorano como uma ferramenta de ensino, destacando

as nuances e diferenças na pronúncia das palavras. Com o tempo, algo maravilhoso aconteceu. Meu sotaque se tornou multicolorido, refletindo as diversas influências linguísticas da nossa comunidade. Juntos, criamos nossa própria forma de comunicação, enriquecida com entonações e gírias trazidas pelos meus alunos. Essas trocas e adaptações transformaram minha experiência na escola em algo verdadeiramente gratificante.

Tento voltar a minha prática educativa para a valorização dos saberes das minhas crianças partindo do que sabem, do que tem a me dizer, para então entrar nos conteúdos obrigatórios, sempre perguntando aos alunos qual o significado que as palavras têm para eles. Certa vez perguntei à minha aluna Danielle de 7 anos o que a palavra 'futuro' significava para ela. Ela prontamente me respondeu: "Futuro é um mundo novo". A resposta me surpreendeu, ela está certa: o futuro é um mundo novo, e esse mundo só pode ser produzido com ações do presente.

Espero que minhas ações sejam minimamente impactantes para transformar as trajetórias de aprendizagem dos meus alunos, para que além de saberem ler e escrever eles aprendam a se amar, a enxergarem a potência que enxergo neles. Leio para eles histórias com protagonismo negro, para que eles também se vejam como protagonistas, para que amem seus cabelos, sua pele e sua ancestralidade. Também introduzi histórias com protagonismo indígena, pois essa também é uma dimensão de ancestralidade que nos permeia e por vezes é esquecida, gosto que eles saibam que existem outros modos de vida, outras leituras de mundo.

Confesso a você que tenho medo de não ser uma boa professora para os meus alunos, tenho medo de que minha prática transgressora se encontre com a educação tradicional em alguns momentos e eu não atinja o "mundo novo" e suas possibilidades. Por isso, sua escrita é tão importante e inspiradora para mim, para as minhas crianças, para a minha comunidade.

Gostaria de ter te conhecido em presença, sinto que te conheço em espírito, sua escrita é tão íntima, acolhedora e provocativa que sinto que estou conversando com uma amiga quando leio seus livros, me vejo em muitos dos seus anseios, reflexões e trajetos. Fico imensamente feliz de poder te escrever essa carta, de ser uma professora que se inspira em você, bell.

Agradeço profundamente por inspirar minha jornada educacional e por seu impacto em minha prática pedagógica. Suas palavras continuam a moldar minha visão de educação e igualdade. Estou ansiosa para continuar explorando suas obras e aprendendo com seu legado.

Com imensa gratidão e respeito,

Kess.

Nova Iguaçu, 24 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

A collage of vintage letters, a keyboard, and a pen with a purple and green color scheme. The letters are scattered across the image, some with handwritten text like "Thank you for being honest, gentle, and again." and "I love you". A keyboard is visible in the bottom left corner, and a pen lies diagonally across the center. The overall aesthetic is nostalgic and artistic.

CARTAS PARA FRANTZ FANON



Cacilda Ferreira dos Reis

SAÚDE MENTAL E JUVENTUDE NEGRA:

**UMA REFLEXÃO A PARTIR
DE FRANTZ FANON**

Caro Frantz Fanon! Cordiais Saudações!

O conhecimento produzido por Fanon se constrói com a vivência das relações de dominação colonial entre pessoas negras e brancas, mas seu pensamento crítico, como ideal humanista de liberdade e justiça, transcende a consideração da cor da pele e abraça todas as formas de opressão. Estende-se a todos os 'condenados da terra', distribuídos nos confins remotos e grandes metrópoles da África, Ásia, América Latina e onde mais a desigualdade intrínseca ao capitalismo impõe injustiça e exclusão (Sevalho; Dias, 2020, p. 941).

Aproveito esse dia chuvoso de primavera em Salvador-BA para lhe escrever essas poucas linhas. Utilizo essa missiva visando dialogar com você acerca de um problema dos nossos tempos, socialmente impactante e de grande envergadura. Estou me referindo à questão da saúde mental, com o olhar voltado para a juventude negra, temática que lhe é cara desde o início de seus estudos em psiquiatria e que foi abordado em sua célebre obra *Peau noire, masques blancs*, de 1952.

Fanon você pode estar se perguntando por que transcorridos mais de sessenta anos da publicação desta obra e de outros estudos, a exemplo do seu derradeiro livro, *Les Damnés de la terre*, de 1961,²⁰ estou buscando uma reflexão sobre a realidade contemporânea a partir dos seus pressupostos teórico-metodológicos?²¹ Justifico a minha escolha diante da sua preocupação com o sofrimento humano

20 Como informa Benbassa (2010), embora condenado pela leucemia, em 1961, Fanon escreveu o livro **Os Condenados da Terra**, prefaciado por Jean-Paul Sartre e publicado após sua morte por François Maspero. Este livro, que defende o socialismo revolucionário, tornou-se um grande clássico do pensamento do Terceiro Mundo. E segundo a autora, transformou Fanon em um dos principais analistas e figura importante da libertação colonial, concebida como o nascimento de um novo homem (tradução livre).

21 Para o aprofundamento sobre o pensamento Fanon, consultar os trabalhos de Deivison Faustino, em especial sua tese de doutorado **"Por que Fanon, Por que agora: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil"** (2015) e a recente publicação **"Frantz Fanon e as encruzilhadas - Teoria, política e subjetividade"** (2022).

e, sobretudo, com as dimensões sociais do sofrimento psíquico (Gaudenzi *et al*, 2023). Além disso, como nos explicam Gil Sevalho e João Vinícius Dias (2020), suas ideias e práticas médico-sociais, precursoras na atenção à saúde mental, incorporam a cultura na discussão de uma sociogênese do sofrimento mental e a crítica à inadequação da psicanálise eurocêntrica para lidar com a opressão colonial e o racismo. No Brasil, a psicanalista Neusa Santos Souza,²² autora da obra *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, de 1983, inaugurou o debate contemporâneo e analítico sobre racismo, identidade negra e sofrimento psíquico (CFP, 2017). Para Faustino, esta obra é um clássico da psicanálise antiracista brasileira que tem nos seus estudos uma das suas principais bases teóricas (Gaudenzi *et al*, 2023).

Dito isto, necessito apresentar algumas informações para que você possa compreender a dimensão e gravidade do problema que vivenciamos na atualidade. No ano de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou sua maior revisão mundial sobre saúde mental desde a virada do século XXI. Entre os dados levantados destacou que em 2019, aproximadamente, um bilhão de pessoas em todo o mundo viviam com um transtorno mental e, deste contingente, 14% eram adolescentes. Para seu conhecimento, o suicídio foi responsável por mais de uma em cada 100 mortes e 58% dos suicídios aconteceram antes dos 50 anos de idade, sendo que 20 países ainda criminalizam a tentativa de suicídio. Outra questão preocupante é que as pessoas com condições graves de saúde mental morrem em média 10 a 20 anos mais cedo do que a população em geral, principalmente devido a doenças físicas evitáveis, o abuso sexual infantil e o abuso por intimidação são importantes causas da depressão (OPAS, 2022).

22

Segundo a Fundação Palmares (2008), esta obra de Neusa Souza é considerada a primeira referência sobre a questão racial na psicologia. A psicanalista busca mostrar como ocorre a rejeição do negro por conta do seu aspecto exterior, sendo necessário um raro grau de consciência para que esse quadro se inverta. No momento que isso acontece, para Souza, a cor e o corpo do negro são sentidos como valor de beleza.

O estudo da OMS também revelou que as desigualdades sociais e econômicas, emergências de saúde pública, guerra e crise climática estão entre as ameaças estruturais globais à saúde mental. Assim como apontou que o estigma, a discriminação e as violações de direitos humanos contra pessoas com problemas de saúde mental são comuns em comunidades e sistemas de atenção em todos os lugares. Por fim, salientou que na totalidade dos países são as pessoas mais pobres e desfavorecidas que correm maior risco de problemas de saúde mental e, ao mesmo tempo, são as menos propensas a receber serviços adequados (OPAS, 2022).

Fanon, diante do quadro acima narrado, em 2021, todos os 194 Estados Membros da OMS assinaram o Plano de Ação Integral de Saúde Mental 2013–2030²³, que os compromete com metas globais para transformar a saúde mental. De acordo com a OMS, apesar dos progressos parciais alcançados na última década, no entanto, a mudança não está acontecendo rápido o suficiente. A Organização salienta que, durante décadas, a saúde mental tem sido uma das áreas mais negligenciadas da saúde pública, recebendo uma ínfima parte da atenção e dos recursos de que necessita e merece (OPAS, 2022).

Concluída essa breve explanação acerca da Saúde mental a nível mundial, finalmente Fanon, posso adentrar no ponto que motivou a escrita desta carta, ou seja, o desejo de dialogar com você sobre a questão da saúde mental e as relações étnico-raciais no Brasil, com o olhar voltado para a juventude negra.

Para tanto, inicialmente, é necessário esclarecer-lhe que o termo raça é empregado aqui enquanto uma construção social, com pouca ou nenhuma base biológica (Telles, 2003). Outrossim, utilizando as palavras Lina Gomes (2005, p. 48): “não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como negros e brancos

23

Em maio de 2013, a Organização Mundial da Saúde adotou o Plano de Ação Integral de Saúde Mental 2013–2020, em uma assembleia composta pelos Ministros da Saúde dos Estados-Membros da organização. Em 2019, o plano foi prorrogado até 2030.

são vistos e tratados no Brasil, a raça tem uma operacionalidade na cultura e na vida social”. Antônio Sérgio Guimarães (2023, p. 294), por sua vez, adverte que “para a ciência, não basta negar a raça como *a priori* social ou natural, é preciso compreender o modo como essa noção atua na vida coletiva e usá-la, desse modo, como conceito político ou sociológico.”

Outro ponto importante para nossa reflexão, estimado doutor, é trazido por Flávia Rios *et al* (2023, p. 09), ao argumentarem que a “temática étnico-racial tem centralidade na formação e no desenvolvimento da política, da economia, da sociedade e da cultura na nação brasileira”. Corroborando com este pensamento, Juliana Vinuto (2023, p. 300) aponta que vários trabalhos têm evidenciado a “existência de desigualdades radicais na sociedade brasileira, revelando que as assimetrias entre brancos e negros em áreas como educação renda, mercado de trabalho, acesso à saúde e muitas outras são históricas, constantes e multidimensionais”.

Nesses termos, as relações étnico-raciais estão presentes em todos os contextos sociais e nos espaços de saúde em particular, por isso é imprescindível compreender suas dinâmicas, implicações e rebatimentos. Ao seguir esse caminho, o acesso desigual de distintos grupos populacionais aos bens e serviços necessários ao bem estar social pode ser atribuído a configuração que assume as relações raciais na estrutura social do país. Assim sendo, a condição de usufruto das políticas e serviços públicos pela população negra (preta e parda) tem estreita relação com o racismo institucional que vigora no Brasil.²⁴

No campo específico da saúde mental, a psicóloga Roberta Frederico (2021b) na sua coluna Saúde, Negritude & Atitude reflete

24

Segundo Vinuto (2023, p.301), o racismo institucional trata-se de uma ferramenta analítica que ajuda a compreender de que modo as instituições se organizam com base em hierarquias raciais, mesmo quando individualmente seus profissionais não veem ligações entre suas próprias ações e o tratamento geral e habitual destinado ao público atendido por suas organizações. P.301.

sobre preconceito, racismo e os desafios para a saúde e o bem-estar da população negra no Brasil. Ela reivindica um novo olhar para a saúde mental deste segmento, tomando como referência o seu legado epistemológico, pois sublinha que você “traz à baila uma discussão fundamental para se (re)pensar as repercussões das vivências sob opressão e discriminação e a relevância do engajamento da população em movimentos emancipatórios, com suas consequências psíquicas e sociais” (Frederico, 2021b, p.1).

Roberta (2021a) acrescenta que, em termos psicológicos, trauma é uma resposta emocional a um evento perturbador, a exemplo de desastre natural ou crime violento. Por esta perspectiva, o trauma racial ou o estresse traumático baseado na raça é uma reação a experiências de racismo, incluindo violências e humilhações. Explica ainda que todos os tipos de trauma, incluindo o racial, podem contribuir para o desenvolvimento do transtorno de estresse pós-traumático, desencadeando uma série de efeitos mentais e físicos, os quais apresentam desafios do ponto de vista do tratamento. A psicóloga sugere diversas estratégias de enfrentamento dos ambientes racialmente hostis e do trauma racial, incluindo o apoio profissional.

Ao direcionar o nosso olhar para a questão da saúde mental e a juventude negra, Frantz, um quadro extremamente preocupante emerge. Antes de detalhar a situação, destaco duas considerações basilares. Primeiro que a categoria juventude é entendida sociologicamente como uma construção histórico-social; contrapondo-se a representação dominante que concebe-a como um tempo de transição vivido de forma homogênea por todos, marcando a passagem da infância para a vida adulta, e esta última fase compreendida como plenitude na vida do ser humano, modelo normativo e acabado de maturidade, para qual todos os indivíduos devem caminhar (Almeida, 2000).

A segunda questão é que a condição de desigualdade experimentada pelos(as) jovens negros(as) brasileiros(as) decorre

das relações raciais que, historicamente, foram marcadas pelo preconceito, velado ou explícito, com relação aos negros. A esse respeito, Guimarães (1999, p. 9) adverte que o racismo é “uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”.

Feitas essas observações, posso lhe apresentar o cenário que tanto nos aflige. O Ministério da Saúde (2019) informou que de 2012 a 2016 a proporção de suicídio entre os negros em comparação as demais raças/cores, subiu de 53,3% em 2012 para 55,4% em 2016. Sendo que o percentual de suicídios aumentou entre os pardos (2012: 46,2% e 2016: 49,3%) e indígenas (2012: 2,1% e 2016: 2,9%).

No caso específico dos adolescentes e jovens negros, a taxa de mortalidade por suicídio apresentou um crescimento estatisticamente significativo, no período de 2012 a 2016. Em 2012, a taxa de mortalidade por suicídio era de 4,88 óbitos por 100 mil entre adolescentes e jovens negros e aumentou 12%, alcançando 5,88 óbitos por 100 mil em 2016. No que diz respeito aos adolescentes e jovens brancos, a taxa de mortalidade por suicídio permaneceu estável, ou seja, a variação não foi significativa estatisticamente. Em 2012, a taxa de mortalidade por suicídio entre adolescentes e jovens brancos foi de 3,65 óbitos por 100 mil, e em 2016 essa taxa foi de 3,76 óbitos por 100 mil. (Ministério da Saúde, 2019).

Marcela Brito (2019) chama atenção que o número de jovens e adolescentes que tiram a própria vida é maior na população negra. Dados divulgados em cartilha do Ministério da Saúde mostram que a cada dez suicídios na faixa etária de 10 a 29 anos, em torno seis ocorreram com pessoas negras. Do mesmo modo, o documento alerta para o maior risco de vulnerabilidade psicológica desse grupo, que enfrenta questões como preconceito, discriminação e racismo institucional.

Diante das questões narradas, preciso lhe dizer, Fanon, que não estamos assistindo todo esse quadro de forma pacífica e sem

nenhuma reação. Temos estudiosos, pesquisadores, instituições, entidades e sociedade civil organizada lutando no sentido de avançar na construção e implementação de políticas públicas voltadas para melhorar a situação da saúde mental no país. Assim, doze anos depois do último encontro, teremos a 5ª Conferência Nacional de Saúde Mental (CNSM),²⁵ a ser realizada em dezembro de 2023, com objetivo central de propor diretrizes para a formulação da Política Nacional de Saúde Mental e o fortalecimento dos programas e ações de saúde mental em todo o território nacional, tendo como tema “a política de Saúde Mental como Direito: pela defesa do cuidado em liberdade, rumo a avanços e garantia dos serviços de atenção psicossocial no SUS”.

Prezado Frantz Fanon, para finalizar essa breve comunicação, corroborando com a afirmação de Faustino (2015), saliento que retomar seus estudos em dias atuais demonstra mais do que um exercício acadêmico relevante. Reproduzo aqui as palavras dele: “a apropriação e a problematização de suas reflexões têm mostrado uma tarefa incontornável àqueles que de fato estão preocupados com os rumos da sociabilidade contemporânea e com as possibilidades de resistir à violência naturalizada posta pelos múltiplos tentáculos do capital” (Faustino, 2015, p. 172-173).

Abraço afetuoso!

Salvador, 01 de outubro de 2023.

25

A IV CNSM aconteceu em 2010. Para a realização da 5ª CNSM, ocorreram dezenas de eventos nacionais preparatórios: 1ª Conferência Livre Nacional de Saúde Mental das Periferias, I Conferência Livre Nacional de Saúde Mental da População Negra, 1ª Conferência Nacional Livre de Saúde Mental e Juventudes e Conferência Livre Nacional de Saúde Mental das Adolescências e Juventudes – Pode Falar! Todos esses eventos visam demonstrar a importância da discussão sobre saúde mental no país, considerando, em especial, a diversidade da população brasileira, a partir de questões relacionadas à raça-etnia, geração, gênero, identidade de gênero, perspectivas antissexistas, anticapacitistas, anti-LGBTfóbicas e contra a violação dos direitos humanos de pessoas LGBTQIA+ (Agência Brasil, 2023).

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Inscrições para a 1ª Conferência Nacional Livre de Saúde Mental e Juventudes terminam nesta sexta.** Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/inscricoes-para-a-1a-conferencia-nacional-livre-de-saude-mental-e-juventudes-terminam-nesta-sexta-8>. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016.** Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRITO, M. Suicídio é maior entre adolescentes e jovens negros. *In*: **INFORME.** Publicado em 21 de março de 2019. Disponível em: <https://www.nupad.medicina.ufmg.br/suicidio-e-maior-entre-adolescente-e-jovens-negros/>. Acesso em: 27 set. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: referências para atuação de psicólogas/os.** Brasília: CFP, 2017.

COSTA, P. H. A.; MENDES, K. T. Colonização, Guerra e Saúde Mental: Fanon, Martín-Baró e as Implicações para a Psicologia Brasileira. *In*: **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, 2020, v. 36, e36nspe.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Tradução Enilce A. Rocha; Lúcia Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FAUSTINO, D. M. **Frantz Fanon e as encruzilhadas:** teoria, política e subjetividade, São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FAUSTINO, D. M. A práxis e a "consciência política e social" em Frantz Fanon. *In*: **Lutas Sociais**, 19(34), 158–173, 2015b.

FAUSTINO, D. M. **"Por que Fanon? Por que agora?":** Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil, 2015a. [Tese de doutorado]. Repositório UFSCAR.

FEDERICO, R. **Trauma racial:** quando o racismo deixa suas marcas. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/saude-negritude-atitude/trauma-racial-quando-o-racismo-deixa-suas-marcas>. Acesso em: 25 set. 2023.

FEDERICO, R. **Frantz Fanon e o novo olhar para a saúde mental da população negra.** Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/saude-negritude-atitude/frantz-fanon-e-o-novo-lha-para-a-saude-mental-da-populacao-negra>. Acesso em: 28 set. 2023.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Morre Neuza Santos**. 2008. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=3166>. Acesso em: 14 set. 2023.

GAUDENZI, P.; CIDADE, W.; FAUSTINO, D. M. Entrevista com Deivison Faustino realizada por Paula Gaudenzi e Wania Cidade. *In: Ciência & Saúde Coletiva*, 28(9):2519-2526, 2023.

GIL, S.; DIAS, J. V. Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira. *In: Ciência & Saúde Coletiva*, 27(3):937-946, 2022.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre Relações Raciais no Brasil**: uma breve discussão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Brasília, 2005.

GUIMARÃES, A. S. Raça. *In: Dicionário das relações etno-raciais contemporâneas*. RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTS, A. (orgs.). São Paulo: Perspectivas, 2023.

GUIMARÃES, A. S. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo: Editora 34, 1999.

MONTEIRO, D. **Conferência Livre Nacional de Saúde da População Negra acontece dia 13/5**. Ensp/Fiocruz, 08/05/2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/conferencia-livre-nacional-de-saude-da-populacao-negra-acontece-dia-13/5>. Acesso em: 28 set. 2023.

OLIVEIRA, L. R.; LIMA, F.; SANTOS, A. O. Paulo Freire em diálogo com Frantz Fanon e Amílcar Cabral: racismo, subjetividade e educação. *In: Ensino, Saúde e Ambiente*. v. 14 n. esp. (2021): Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade, p. 410-426.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-20-22-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 28 set. 2023.

RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTS, A. Apresentação. *In: Dicionário das relações etno-raciais contemporâneas*. RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTS, A. (orgs.). São Paulo: Perspectivas, 2023.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Tradução de Ana A. Callado, Nadjeda R. Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Edvânio Campos Macedo

**LETRAS NEGRAS,
CRÍTICA BRANCA:**
O EU, A ZONA DO NÃO-SER
E UMA PESQUISA ENCARNADA

É possível a poesia após a Nigéria, Fanon?
É possível ainda sentir o mundo?
O sentimento e seus atravessamentos?
O não-ser evolui-se de sentimentos
A zona árida é composta de angústias.

Deveras, acredito que as mais profundas resistências poéticas advêm dos mais profundos questionamentos: ora do eu, do outro ou do estar no mundo. E digo-lhe, Fanon, que a minha pesquisa (o que defino como encarnada) é composta de uma carne que interpela aquela antiga episteme do Norte, em que, ontologicamente, questiona os antigos métodos, mas que encarna poesias transgressoras e instáveis, em uma espécie de arte marginal com corpos marginais. São resistências, não duvido, mas que ainda depara com o *petit-nègre*, como sendo o lugar mais comunal no mundo.

Por isso, a necessidade de escrever uma pesquisa encarnada, Fanon, é como sua última prece anunciada – *oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona*, pois ainda sinto como é difícil descansar a vista nessa navegação, quando o olhar colonial persiste em recriar velhas invisibilidades no mar adentro. Afinal, *eu sou minha própria embarcação*, que flua nessas incertezas de questionamentos, já que a pesquisa manifesta conceitos como letramentos, raça e afetos: onde a poesia grita e releva o quanto esse recorte também recorta a minha carne, dilacera esse corpo de pele sensível à insistência e à resistência em sentir esse mundo.

Perceba, Fanon, que o título como trocadilho ao seu pensamento, fez refletir que o Letramento Crítico de pessoas negras (que aspiro a espreitar) ainda é validado pela epistemologia branca e ocidental. E mais: fez perceber como essa episteme é pouco difundida dentro da academia, pois ainda presenciamos diversas injustiças cognitivas em que a vigilância epistêmica do nosso povo negro é mantida como constante.

Por essa razão, a vontade da minha pesquisa, Fanon, não é mensurar o nível de Letramento Racial Crítico desses sujeitos implicados, muito mesmo analisar a sua qualidade. Isso seria colonial, descabido e, inclusive, reforçaria o discurso de legitimação e de validade dessa “crítica branca”. Pelo contrário, a intenção dessa pesquisa implicada é entender o que lhes interpela nesse processo (o que lhes atravessou e o que lhes afetou) em suas experiências vividas com seus impactos.

Confesso, Fanon, que esses atravessamentos também são meus. A sua teoria acerca do desejo pelo embranquecimento por meio do meu eu-afetações se fez práxis. A minha infância foi constituída por uma busca incessante em ser branco, inclusive pelo fato de tentar fugir de alguma forma dos meus traços negros, pois a pergunta insistia em rodar: *Que quer o homem negro?* Colocaram-me uma crença, um desejo, um prazer, um querer. Acredita, Fanon, que contaram a uma criança que se ela morasse na cidade de São Paulo ficaria branca pela ausência do sol abrasivo da Bahia? Acredita, Fanon, que contaram a uma criança que se ela bebesse leite por vários dias acabaria de incorporar sua cor e ficaria finalmente branco?

O embranquecimento, meu caro Frantz, sempre me perseguiu. Seja em querer mudar meu próprio corpo, tornando-o de alguma forma mais branco (estilo, cabelo, clareamento nas fotos), seja no desejo ou no afeto (*palmitagem* velada por outros corpos não-negros). A máscara branca me servia. A máscara branca estava grudada na minha face. A máscara branca, em alguns momentos, me fez pensar que fosse a minha própria pele.

No entanto, a escrita e a leitura, meu amigo antilhano, me despiu. Não digo por completo, pois os efeitos da colonialidade é cotidiana. O ato de retirar a máscara e se desnudar ao mundo é uma microrreexistência diária. E é, por isso, que o letramento me interpela tanto: quero outros comigo, quero corpos aliançados que joguem seus verdadeiros rostos ao mundo e debrucem (intensamente) sobre afetos outros, epistemes outras e amores, enfim, decoloniais.

De fato, isso tudo é tarefa árdua, tu mesmo disse quando defendeu a revolução africana, mas acredito também que a decolonização estrutural e não-estrutural (corpo e mente) relaciona-se à construção de uma cosmovisão consolidada e pluriversal que faça um dialogismo para uma nova transfiguração do sentir o mundo. Esse é o caminho, esse é o nosso itinerário. Por isso, acredito que seja necessário escutar essas dores, sentir essas fraturas (as expostas e as mais profundas do nosso corpo e mente), pois é a partir desse letrar que a trans-formação, a re-construção e a co-autoria produzirá pensamentos outros: inaugurando novas terras (sem aqueles mesmos condenados), mas com plantações de outros afetos e saberes.

Por fim, Fanon, minha última prece é: *oh, meu corpo preto, faça sempre de mim um corpo se ame.*

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1969.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

KILOMBA, G. **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Auflage, 2010.

LUNA, L. **Um corpo no mundo**. São Paulo: YB Music: 2017. (6:25min)

MALDONADO-TORRES, N. La topología del ser y la geopolítica del saber. Modernidad, imperio, colonialidad. In: MIGNOLO, W.; SCHIWY, F.; MALDONADO-TORRES, N. (orgs.).

Des-colonialidad del ser y del saber: (videos indígenas y los límites coloniales de la izquierda) en Bolivia. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 63-130.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The entire image has a green tint.

Maria Divina Pereira Bomfim

UM DEDO DE PROSA COM FANON

Caro Fanon,

Saudações oestinas!

Te escrevo de Barreiras, oeste da Bahia, Brasil.

Estava eu em Salvador, capital do estado da Bahia; no dia 1 de março de 2019. Salvador, é a capital do estado da Bahia, no nordeste do Brasil, e é conhecida pela arquitetura colonial portuguesa, pela cultura afro-brasileira e pelo litoral tropical. Aqui, na Bahia, nasceu o Brasil.

Sendo essa a capital com maior população negra do Brasil, é conhecida como a "Roma Negra". De acordo Edson Carneiro¹, a expressão "Roma Negra" é uma derivação de "Roma Africana". Ela teria sido dita, uma certa vez, pela mãe de santo Eugênia Ana Santos, conhecida como mãe Aninha, do Ilê Axé Opô Afonjá ou Centro Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá; é um terreiro de candomblé fundado por Eugênia Ana dos Santos e Tio Joaquim, Obá Sanhá, em 1910, em São Gonçalo do Retiro, um bairro de Salvador.

Segundo a famosa mãe de santo, "assim como Roma é o centro do catolicismo, Salvador seria o centro do culto aos orixás". Essa "Roma Negra" de mãe Aninha está impregnada nos versos, nas ruas, nas esquinas, na gente preta, cuja cultura sobreviveu na arte da capoeira, nos batuques do candomblé, na gastronomia, que surgiu pela força da sua religiosidade e como princípio das necessidades do candomblé, resultando no que se conhece hoje como a cultura baiana, secular aculturação que partiu da diáspora negra pela coragem e resiliência do negro.

Fanon – estou te localizando no espaço e no contexto histórico cultural, para lhe contar como foi que eu pela primeira vez escutei e obtive um contato com a sua obra. A obra, nesta ocasião, é *Pele Negra, Mascaras Brancas*.

Devo dizer que sinto me envergonhada, lamento e peço perdão em nome do povo brasileiro e do povo preto, por você chegar

tão tardiamente em nosso país, assim como todos os processos anti-colonialista/antirracistas. Na atualidade, ressignificando e buscando acentuar uma consciência em viver o verbo aquilombar, compreendo que não há afrofuturismo sem ancestralidade.

E enquanto mulher negra, fico refletida, incomodada, provocada e muito mexida, procurando entender os motivos pelos quais o nosso país, ainda acentua a vergonhosa "*mancha indelével da cor*" ou a "*Mancha da Escravidão*", essa citação é do extraordinário, revolucionário e abolicionista, Machado de Assis, o qual eu imagino que você teria muitos deleites se o tivesse encontrado. Entretanto, minhas reflexões de inquietude é porque somos a África Brasileira, fora do continente africano; porém, as nossas desigualdades frente as questões raciais, econômica, sociais e socioculturais, são bastante semelhantes. Aqui a doença que você tanto lutou para obter as curas, ainda persistem e tem outros nomes, mas os mesmos sintomas.

Existem diversas formas de racismos e suas múltiplas manifestações: racismo institucional, morfológico, racismo ambiental, cultural e outras formas que talvez ainda não conseguimos nomeá-los. E diante de tantos retrocessos neste país que se constituiu por várias mãos. Mãos dos verdadeiros donos das terras brasileiras, os indígenas e os nossos irmãos escravizados, além de outros povos que chegaram por aqui.

O racismo no Brasil é tão enraizado, que estudos apontam. 65% das casas chefiadas por pessoas negras, estão em situação de insegurança alimentar. Negros são 84% das pessoas mortas em ações policiais. Brancos ganham 68% a mais que os negros.

Segundo Muniz Sodré², dois tipos de racismo acentuam e revelam esses dados: o racismo morfológico e cultural.

Penso que não avançamos quase nada! Ao observar os nossos sistemas de ensino, esses ainda não nos possibilitam aprendizados racializados, que apesar de pequenos e tardios avanços em algumas legislações, tais como: a Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008,

que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas).

Neste sentido, permaneço pensando e questionando esse sistema. Já que estamos ressignificando a nossa interculturalidade e nos compomos dessa carga ancestral, porque que não há um programa de ensino estabelecido em que todas as crianças, desde os seus primeiros anos de vida estudantil, já recebam as orientações e as informações sobre a constituição do nosso povo? Quão miscigenada é a nossa nação, e qual o real motivo para esse processo ou retrocessos?

Talvez se desde pequenos tivéssemos nas vivências, convivências, aprendizados e principalmente nas aulas de ciências, sobre as análises da pele e os seus anexos; muitos poderíamos se sentirem em paz com as nossas aparências. Esses questionamentos, me faz revisitar memórias afetivas dos ensinamentos da minha ancestral, a matriarca do meu pai. Que dizia" - *é dos pequenos que se faz os grandes*", ou seja, se formamos as crianças por meio de uma Pedagogia Decolonial, há possibilidades de termos pessoas melhores para um mundo melhor.

No entanto, Frantz, quero chegar o meu encontro com você!

Sendo uma principiante em constante aprendizado, entusiasmada com as artes, militante e pesquisadora das políticas públicas culturais aqui no Brasil. Proponho interessar-me por temáticas que me possibilitam a compreensão do processo triangular de constituição do povo brasileiro.

No momento que sou atravessada por você, é de uma maneira tão impactante, que eu posso dizer, que por muitas vezes, dialogando com a sua escrita, tive períodos de angústias, algumas sensações não agradáveis; como ânsias de vômito, tonturas... E por outras vezes, eu transcendia... O Brasil é um país que se estabeleceu por um regime democrático, porém diante de tantos modos de acentuar o racismo, fico a indagar.

Como podemos conciliar o racismo com democracia? Com o racismo, não há democracia!

Afinal somos todos humanos? Para o racismo, NÃO!

Noto que na atualidade a cor da pele ainda é mais um problema na sociedade mundial. E nesta circunstância, não adianta ser ou ter condições sociais, conhecimentos acadêmicos ou bens materiais, o que define mesmo a existência das condições humanas é a tez. Penso que a revolução humana, só será possível acontecer, quando a humanidade compreender que somos seres pertencentes a uma mesma espécie e teremos os mesmos fins.

Então, em março de 2019, iniciei os estudos na Universidade Federal da Bahia -UFBA, no curso Artes Cênicas - Direção Teatral/ Teatro Negro, foi quando a Diretora e pesquisadora, mulher preta, lésbica e gorda, Maria Júlia, (Onisajé). Estou fazendo essa exposição da professora, por quê; por aqui, esse fenótipo, são pautas muito caras; e essas pessoas ainda são invisibilizadas dos direitos fundamentais em existir.

No final deste curso, é obrigatório montagem de um espetáculo. Foi aí que a Onisajé, propôs montar um espetáculo com o projeto de dissertação do mestrado que ela concluiu e que vinha sendo trabalhado com a turma nas suas aulas. O tema: ancestralidade em cena: candomblé e teatro na formação de uma encenadora. Então, eu comecei a participar de algumas aulas, os ensaios e na produção do espetáculo.

Percebi que essa professora em especial, trazia propostas de leituras que antes eu não tinha ouvido falar. E uma dessas propostas, foi a obra de Fanon.

– Quem é Fanon?! Pele Negra, Máscaras Brancas? Lá vamos conhecer o maior radical político, pan-africanista, humanista, marxista e porque não dizer: afrofuturista.

A minha leitura prévia com a sua obra, Fanon - foi um tanto dolorido, chocante, às vezes não dava para digerir. Porque você, Fanon, nos coloca a refletir as nossas feridas no lugar de interseccionalidade, colocando o preto frente a ele próprio. E na atualidade, lendo ou revisitando outros pensadores. Digo: pensadoras! pois aqui temos muitas mulheres enegrecendo a cena, ou a literatura.

E uma dessas pretas, que nos ajuda a enegrecer o pensamento, me auxilia a arquitetar uma alusão: imagino que deverá existir um entrelaçamento ancestral na forma da escrita dela, e o seu pensamento revolucionário ao conceito de escrevivências; que por aqui, quem dar à luz a este conceito, é; Conceição Evaristo. Quando ela diz – “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.». *Ela* menciona que o conceito de escrevivências nasceu por meio da análise do fazer literário, mas que hoje esse conceito é pensado no campo da História, da Pedagogia, da Geografia, da Sociologia e da fotografia.

Escrevivências; é o um conceito que nasce de uma perspectiva de vivência das mulheres negras. – é escrever o corpo negro pela memória da pele. Articulado memória, experiências históricas de mulheres negras e o pensamento afro-brasileiro para fundamentar este conceito cada vez mais reconhecido e utilizado, a autora enfatiza os aspectos políticos da autoria de mulheres negras e das possibilidades transformadoras da nossa escrita.

Fanon, fico refletindo as suas escrevivências e consigo compreender como pensamento e as atitudes são atemporais, nas diversas frentes das lutas por igualdade racial e equidade humana.

Aqui há alguns avanços e muito a conquistar!

Contextualizando outra forma de LER O BRASIL, faz necessário visitar as memórias da escravidão, pensar as diversas formas do racismo na atualidade, envolvendo o processo de subalternização cultural, para sair da fixionalização narcísica.

Sair dessa imposição do espelho de Narciso, o qual expulsa o nosso rosto e procurar os espelhos da autoestima, que nos apontam para a comunidade da coletividade, da subjetividade, e da dignidade. Parafraseando, Muniz Sodré: Dignidade é não se reduzir ao preço, é estar acima de qualquer preço.

Veja, Fanon. Aqui no Brasil, inicialmente você não foi bem aceito nas Universidades, mas foi peça chave para os estudos do movimento social negro, foram esses movimentos que lhe introduziu no campo das literaturas e leituras, oportunizando as pessoas a conhecer a sua obra. Hoje em dia já temos pesquisadores, especialistas e outros se especializando nos pensamentos fanoniano.

Em 2020, bem no ano da pandemia da Covid 19, que diante de tantos problemas que originou, trouxe a privação do convívio social; e isso causou, inúmeras mortes, acentuando os sintomas de saúde mental. Neste período foi publicado um trabalho inédito sobre os seus escritos psiquiátrico "Alienação e Liberdade", falando exatamente sobre os sintomas da saúde mental. Sua obra está sendo fundamental para a contribuição e a construção dos estudos que problematize o fenômeno da colonização e também nas reflexões políticas, filosóficas e nos processos do capitalismo.

Ah! Foi a partir do espetáculo "pele Negra, Máscaras Brancas", que algumas Universidade iniciaram cursos sobre as temáticas do racismo, outras criaram curso de licenciaturas na pegada afro-brasileira Decolonial. E com o sucesso do espetáculo que girou o Brasil, uma boa parte dos brasileiros ouviu falar ou buscam aprofundar os conhecimentos sobre as suas obras.

Obrigada aos que vieram antes, para que nós pudéssemos existir. Até outros reencontros. Gratidão, Frantz Ibrahim Fanon!

Barreiras, 05 de julho de 2023.



Helder Souza da Silva

**REFLEXÕES
DECOLONIAIS DE
LUTA E RESISTÊNCIA
EM FRANTZ FANON**

Estimado companheiro de Luta, Frantz Fanon,

Escrevo-lhe nestes tempos tumultuados, quando a opressão continua a afligir muitas vidas em todo o mundo. Nossa busca pela libertação da colonialidade e do sistema capitalista opressor nunca foi tão urgente. Portanto, venho, primeiramente, agradecer pelos primeiros incentivos de outrora e mostrar que a luta e resistência epistêmica contra a sistemática colonial ainda deve continuar. Parece-me fundamental reconhecer que os sujeitos colonizados, posicionados nos limites da modernidade, jamais se mostraram ou se mostram passivos. Nesse sentido, destaca-se que, ao longo de todo o processo de colonialismo, surgiram atos de resistência e oposição. Os territórios frequentemente falharam em ser completamente absorvidos pelo papel preconcebido pela narrativa universal da modernidade, e é nesse ponto que encontramos seu potencial para transcender essas limitações.

O que se torna de suma importância é a restauração do conhecimento teórico e político de sujeitos que, até então, foram percebidos como sendo silenciados, cujas capacidades de produzir teorias e projetos políticos foram obscurecidas. Deve-se observar que o termo “restituição” neste contexto não implica simplesmente devolver a voz àqueles que não tinham voz, pois ao longo do projeto de imposição da colonialidade sempre houve discursos contrários à hegemonia; o foco agora está na necessidade de revitalizar esses debates, destacando essas vozes.

Rer autores/as que foram silenciadas devido à errônea noção de uma racionalidade universal não significa apenas encontrar relatos sobre os efeitos da dominação colonial, mas também reconhecer uma miríade de vozes, especialmente neste contexto, as vozes afro-americanas e indígenas, que resistem à marginalização, discriminação, desigualdade e buscam a mudança social (Mignolo, 2017). Isso representa um autêntico projeto de resistência antirracista, pluriversal e decolonial.

Observa-se uma interconexão de ideias que não apenas enriquece o diálogo dentro do campo dos estudos decoloniais, mas também destaca que outras vozes, que não são classificadas como decoloniais, já estavam envolvidas em debates sobre a colonialidade antes mesmo do início dos estudos sobre modernidade/colonialidade/decolonialidade (M/C/D), que é o seu caso Fanon (1968), com a publicação de *Os Condenados da Terra*. A abordagem decolonial, que você, amigo de luta influenciou implica em considerar a perspectiva a partir da experiência da colonização e em adotar uma posição epistêmica subalterna, em oposição à hegemonia epistêmica e ontológica.

É importante destacar novamente, como mencionado anteriormente, que a imperialidade está intrinsecamente ligada a essa discussão, o que significa que a completa decolonização dentro do contexto da modernidade é inatingível. Pensar na decolonialidade sem levar em conta a necessidade de desimperialização pode ser interpretado negativamente, como um afastamento da modernidade e sua racionalidade, voltando-se para uma subjetividade associada ao mundo não alinhado com grandes sistemas econômicos, sob a perspectiva de um saudosismo pré-colonial e, conseqüentemente, pré-moderno, o que não é viável no mundo contemporâneo (Quijano, 2005; Mignolo, 2003).

Talvez o aspecto mais problemático, de acordo com seus próprios escritos Fanon (1968) e levando em consideração esse tipo de abordagem seja que, ao tentar dar maior destaque aos estilos de vida influenciados por diferentes perspectivas culturais, a rejeição da modernidade como meio de superar as estruturas imperialistas inerentes à colonialidade pode inadvertidamente negar todas as formas de resistência possíveis dentro desse mesmo contexto moderno. É crucial, portanto, permanecer atento às iniciativas de desimperialização enquanto consideramos a decolonização. O pensamento decolonial desempenha um papel fundamental na desarticulação da lógica da colonialidade e em combater os efeitos prejudiciais que

essa lógica tem sobre as mentalidades moldadas pelas categorias de pensamento ocidentais. A descolonização do conhecimento requer que valorizemos os insights, cosmovisões e perspectivas dos pensadores críticos do Sul global, levando em consideração também suas experiências pessoais e as subjetividades que atravessam (Mignolo, 2003).

Compreender os mecanismos dessa relação profundamente perturbadora é fundamental para que sua visão Fanon seja realizada de acordo com seus desejos: a completa destruição do sistema colonial, sem espaço para qualquer possibilidade de uma nova forma de comunicação entre colonizados e colonizadores (Fanon, 1968). Portanto, como você Fanon caracterizou esses indivíduos que respondiam pelo nome de colonos? Eles eram exibicionistas de um mundo repleto de excessos, que ostentavam ideias libertárias vindas de sua cultura (Fanon, 1968). Contudo, quando colocados em terras não-europeias, seus valores universalistas, que tanto aqueciam seus corações, se transformavam em uma brutalidade desenfreada. Toda a exibição de riqueza material no campo colonial era resultado de saques. E todas as exibições de ideias – chamadas pelos colonos de “verdades” – eram produtos do conforto e comodismo obtidos à custa de assassinatos, exploração, servidão e um suposto humanismo manchado de sangue, que foi elevado à categoria de universal mediante uma montanha de cadáveres.

Portanto, Fanon (1968) com sua iniciativa e aperfeiçoamento ao longo dos anos, a teoria crítica decolonial radical pode enriquecer substancialmente seu arsenal intelectual ao incorporar as valiosas contribuições originadas nos recantos étnico-raciais subalternos. Isso requer uma revisão profunda e abrangente, inclusive a nível sistêmico, dos paradigmas estabelecidos pela economia política tradicional no que diz respeito ao capitalismo enquanto sistema global. Tais análises nos conduzem a refletir sobre as implicações e desdobramentos intrínsecos à relação entre o sujeito que teoriza e o ponto de partida de sua reflexão (Mignolo, 2003). O projeto decolonial

almeja transcender a lógica dualista que caracteriza a modernidade/colonialidade, rejeitando enfaticamente a separação entre o ato de conhecer e o ato de agir.

Uma desconstrução radical das relações binárias e das disparidades que as permeiam se faz necessária, abrangendo não apenas a dicotomia natureza/cultura, mas também outros aspectos como teoria/prática, entre outros. A decolonialidade emerge como o terceiro elemento vital no contexto da modernidade/colonialidade, agora tratada sob a sigla M/C/D, desvendando novos horizontes emancipatórios. A metamorfose decolonial e a busca pela decolonização transcendem não apenas a fase das relações formais de colonização; elas representam um desafio frontal ao legado contínuo e à produção incessante da colonialidade do poder. Este é um empreendimento que visa não apenas a superação dos paradigmas modernos, mas também um enfrentamento direto às hierarquias profundamente enraizadas, como aquelas fundamentadas em raça, gênero e sexualidade, construídas e fortalecidas ao longo da trajetória da modernidade europeia durante os períodos de colonização e escravização de inúmeras populações ao redor do globo (Mignolo, 2003; Quijano, 2005).

Devemos enfrentar esses desafios com a mesma determinação e coragem que nossos predecessores tiveram. Nossa luta contra a colonialidade e o capitalismo opressor deve ser interseccional, abraçando todas as formas de opressão e promovendo a justiça social. A solidariedade é nossa maior arma. Devemos unir nossas vozes com aquelas de todos os que buscam justiça e igualdade, independentemente de onde estejam ou de quais lutas enfrentem. Com suas palavras encorajadoras e reflexivas podemos inferir que cada geração, a cada momento, deve, de alguma maneira, descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la. Nossa missão é lutar pela libertação de todos os oprimidos, hoje e sempre.

Barreiras-BA, 04 de setembro de 2023.

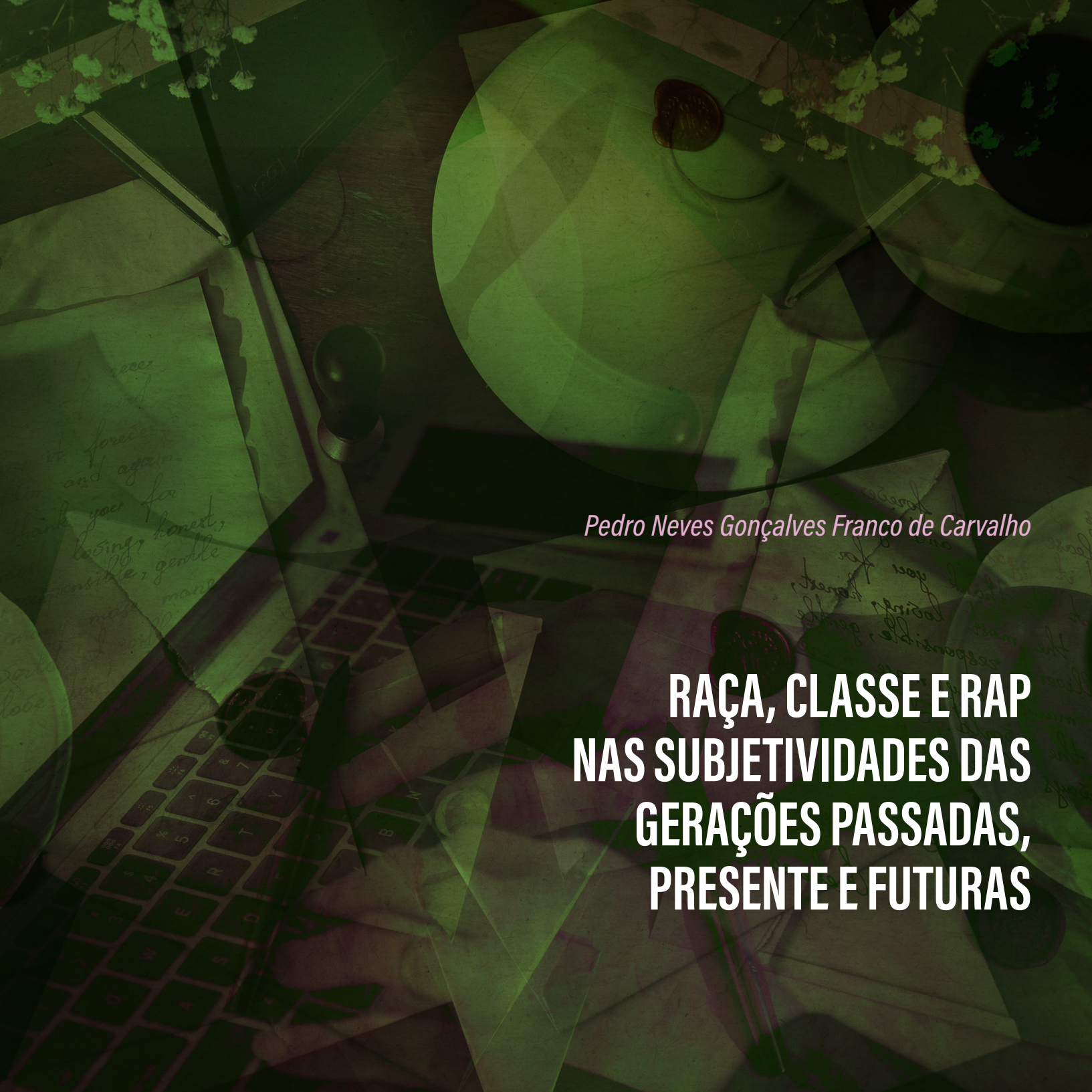
REFERÊNCIAS

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Tradução de José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *In*: **Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu-PR, 2017b. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645/2646>. Acesso em: 20 maio 2023.

MIGNOLO, W. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 01 set. 2023.



Pedro Neves Gonçalves Franco de Carvalho

RAÇA, CLASSE E RAP NAS SUBJETIVIDADES DAS GERAÇÕES PASSADAS, PRESENTE E FUTURAS

Dear Frantz Fanon,

Please let me start by saying that I am very pleased that thanks to new advancements in developing technology that now allows us to send messages back and forth through the space-time continuum of the fourth dimension we are now able to exchange and share thoughts and ideas.

For many of my generation, myself included, you are considered one of the most prolific thinkers and great revolutionaries of our world and I am pleased to confirm that currently every day we see more and more students referring to your work and research, being that you have established the basis for current decolonial theories and post-colonial studies. I feel nothing less than honoured to have you read my letter and be able to straighten ties of friendship as we discuss possible solutions for the many trials and tribulations I still see our brothers and sisters of developing nations face in the world today.

Your analysis on the psychological effects of colonization in the bodies and minds of black people is a game changing research that has now spread and helped flourish several new ideas which have led to many achievements regarding the rights of the black global community and the fight against class and race discrimination. So I am also pleased to say that we have in fact seen several improvements regarding more dignity and respect for the offspring of those who in the past, from where you now receive and send messages and speak from, have paved the way through the suffering of their bodies and minds for better conditions for the black population worldwide.

I am especially thrilled to now be able to continue to count with your most valuable contributions since unfortunately there is still a lot of work to be done and the fight that you once fought is still our struggle today, despite the end of the era of colonialism and steps towards guaranteeing basic human rights for all, especially to those who descend of those who have suffered, as you brilliantly showed through your life long work, the immense pain of persecution and torture.

Ironically enough, however, what you once stated should be a goal of all of those who fight worldwide for a better and more decent life, which was to humanize humanism, is still and more than ever before a concept needs to be defended.

You see my friend, despite some changes in circumstance for blacks all around the world, it is with a heavy heart that I bear for you the news that black men, women and children are still seen as second class citizens in most countries and the global South continues to be undermined and underappreciated by the global community, especially by Europe and North America.

The current contradictions we see in the world today are shameful and inexcusable. Please allow me to elaborate. Could you ever imagine back in your days that music born and nurtured in poor income black neighbourhoods of New York by black immigrants from the Caribbean whose relatives were brought by force to the continent from Africa, could one day become the most consumed music genre in the globe? What RAP music has done for black people all over is a thing of beauty. By sharing their struggles and hopes through rhythm and poetry young black artists are paving the way for true empowerment of their communities and becoming a phenomenon that has also helped educate black people as they look for more political and economic knowledge and power.

I can quote for instance Kendrick Lamar, a rapper from the projects of Los Angeles, when he states in his music *Savior*: "Capitalists posing as compassionates be offending me" (Lamar, 2022). I can also think of a quote by Noname, a female rapper from the southside of Chicago, as she references you in her song *Rainforest*: "Took the wretched out the earth and called it baby Fanon" (Noname, 2021).

In my country, Brazil, black music and culture have always been neglected my mass media and school curriculum. However, this is now changing, as RAP and Funk music (black music from the favelas in Rio) captivates the hearts and minds of youth all over the

country, despite class, gender or race, and can no longer be ignored, helping black citizens' cause gain space in a national discussions regarding reparations for the descendants of those formerly enslaved.

There are, however, as I mentioned, mind boggling contradictions that persist in today's reality, unfortunately not very different from the unhuman conditions that you and your generation has seen. Despite colonialism being officially ended decades ago, we have still seen consequences of its grasp in the formation of modern subjectivity. Unequal distribution of wealth has also kept black nations struggling to provide their populations with better life conditions and many young black bodies see themselves with no options but to take their chances with human traffickers promising better opportunities across the ocean, many of which see their dreams and hopes ended in a sinking overcrowded illegal boat. For those who do manage to survive the journey, they find themselves in a new inhospitable country with natives looking down on them expecting nothing more than cheap labour force. Sounds familiar, I can imagine.

I must say that for myself these matters are very much close to my heart. You see my father once also saw himself having to illegally enter the United States of America in search of a better life for him and his family. I was only three at the time when we arrived at the new country. As an immigrant child, I had to overcome so many cultural and linguistic barriers, but I managed the best I could, as did my family, and I am glad to say that after spending most of my childhood in a foreign country my relatives and I managed to return safely to Brazil. This experience, however, changed and shaped my life in such a way I am still coming to understand. It has also made me at a very early age sensitive and aware to the struggles and hopes of those who like my father many years ago also today see themselves forced to leave their homeland.

As I grew and educated myself, I finally understood the paradox citizens from developing countries like my own are faced with: we seek better life conditions at countries who are themselves

responsible in the first place for the misery me and my fellow countrymen are left to deal with and overcome are whole lives, scraping for whatever wealth is left at the periphery of capitalism. When I was exposed to your concept of alienation, my own struggle became so much clearer and helped me to come to terms with the arduous struggle I would have to face to free myself from the mental slavery imposed on me by so many cultural values that are not my own nor are native to my homeland.

I must also share with you that unfortunately what you once brilliantly stated regarding fascism and it being nothing more than what Europe has imposed to its colonies but taking place in their own territories, still applies today. North America as the new global super power has kept its foot on the South's neck, preventing nations like my own to thrive and influence global affairs. We can also see clearly today fascism arising in North America, with right-wing populist leaders criminalizing immigrants that are not white, blond and blue eyed and banning books on critical race theory from schools. Unfortunately my country as well has suffered from this evil, with alarming rates of fascist groups growing by the day after a recent presidential term of a fascist leader as well, wishing to turn the country into a more European alike nation and not only turning its back on the original indigenous population, the enormous contributions of the African diaspora population, and all the ancient wisdom and knowledge that has till this day been overlooked and underappreciated, but with thirst for more genocide and conquering all in the name of progress.

Can you believe that there is currently an indigenous Brazilian thinker called Ailton Krenak who stated in one of his last best-selling books: "Having diversity, not that of a humanity with the same protocol. Because until now this has only been a way of homogenizing and taking away our joy in being alive" (Krenak, 2019)? An idea you once presented to the world so many years ago, that of the concept of humanity being an excuse to conquer and subdue. It fascinates me to see how this concept of yours, which for a long time was little appreciated,

returns today to the mouths of modern thinkers in the form of ancient wisdom that I know surely also guided your steps and thoughts. And it is these truly liberating ideas, so old and new, so potent, that remain under attack today and that we need to protect and spread.

So as you can see, my generation has its work cut out for it and all I can report to you at the moment is that we are not many, but we too multiply, wishing to see change in the world and still learning to put aside are petty differences and organize in an effective political fashion. These issues and challenges are, as I mentioned, very dear to me and I have, as yourself, made it my life's battle to fight back the many setbacks we have suffered. And I am pleased to say I am not alone. Whenever I feel discourage with the harsh reality in front of me, besides running back to those who, as you, came before me and set an example and paved the way for the victories we have had, I look to today's youth, to boys and girls younger than me and my heart is filled with hope.

As I teacher I have been in close contact with the next upcoming generation and I am pleased to say that they seem to be born without several mental shackles that my generation and yours seemed to have. We still have a long way to go to neutralize the perverse effects of the colonial past on the construction of their subjectivities, but somehow I believe they seem more open hearted and minded, born with less prejudice and less interested in greed and power and more attentive to matters that will in fact very much affect their future, such as the environment, social justice and wealth distribution. I can assure you it is most definitely an exciting time to be alive as we wait and see the outcomes of the current generation's battles as it starts to understand that the only path to freedom is for the current absolute system to burn.

As this new generation grows, we also see on the horizon the growth of a new global super power from the South, which can maybe tip the scales of geopolitics and challenge the hegemony of the North. All this in a planet which now has a few billionaires

with more wealth than half the entire world population, a recipe for disaster and that I honestly hope will stir in the current world population the despair, rage and strength necessary to bring revolutionary change all around the globe, as we the immigrants, we the children of immigrants, we the diaspora, we the descendents of the colonized, we continue to detect and remove from our lands and minds the germs of rot left behind by imperialism and claim our right to question everything and demand reparations.

My friend, there is still so much I wish to share with you, so many amazing artists and thinkers that are coming about I want to introduce you to, but now that we have opened the gateways of communication through the fourth dimension, I hope we will continue to exchange letters. This opportunity we have for me is priceless, as we in the present can continue to learn from such a brilliant mind as yours, and I can keep you updated on our progress as we try to make those like you who have come before us and once paid with their own lives to contribute to the wins we see today, proud.

Yours sincerely,

Brasília, Brazil, 04 September 2023.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

KENDRICK, L. **Savior**. Los Angeles: Bekon Productions, 2022. Disponível em: <https://genius.com/Kendrick-lamar-baby-keem-and-sam-dew-savior-lyrics>. Acesso em: 4 set. 2023.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NONAME. **Rainforest**. Chicago: The Kount, 2021. Disponível em: <https://genius.com/Noname-rainforest-lyrics>. Acesso em: 4 set. 2023.



Olga Maciel Ferreira

HUMANIDADE INCERTA:

**DIFICULDADES NA CONSTRUÇÃO
DO EU DE UMA PESSOA
RACIALIZADA**

Caro Frantz Fanon,

Recentemente, depois de uma trajetória de vida me esquivando de certas discussões que envolviam a *questão racial*, especificamente no que tange à minha formação enquanto *sujeito racializado*, fui "convidada" pelo universo a pensar e a escrever sobre a minha história. Nesse momento, o seu livro *Pele negra, máscaras brancas* fez-se presente e foi um marco no meu processo de *autoidentificação*, processo esse que ainda está em curso, e não sei se um dia estará de fato "concluído".

Você fala da tomada de *consciência-de-si* a partir da violência do *outro*, consciência que é construída a partir do *preconceito de cor*, a partir do *racismo*, posto que, "*é o racista que cria o inferiorizado*". Eu cresci e me construí enquanto sujeito, traçado por um *meio termo existencial*, situado em uma espécie de *limbo*, como um *ser* pautado no *não-ser*. Um sujeito duplicado, nunca suficientemente branca e nunca suficientemente negra, em um eterno *não-pertencer*. Seria isso um privilégio, ou uma dupla violência? Eu me pergunto e lhe pergunto.

Eu escrevo de Manaus, Amazonas, Brasil. Aqui, os processos de *branqueamento* e de *miscigenação* são elementos fundamentais para se pensar criticamente a dificuldade da formação do negro enquanto sujeito, a 'construção do *eu*' torna-se muito mais complexa, por ser uma construção atravessada por isso. Como disse Neusa Santos Souza (1983), uma de suas importantes herdeiras intelectuais, tornar-se negro no Brasil é um caminho com muitas barreiras, as quais vão do entendimento histórico-social, relacionados à questão familiar e à subjetiva, entendendo como racismo funda a sociedade brasileira, e tendo o apagamento da *negritude* como prática principal.

Desenvolvimento particularmente difícil e doloroso, como você bem sinaliza em seu livro, mas que ganha um grau de complexidade diferente do seu, justamente por ir ao encontro dessas questões pontuadas. Afinal de contas, como posso me entender enquanto

mulher negra se minha família está cheia de *misturas*? De fato, o olhar do outro me constitui, no entanto, no meu caso, não existe *Um outro* (universal), mas sim, muitos “outros”. Eu, um ser miscigenado, sou uma ambiguidade para quem me vê, mas percebi que o mais triste e violento, é ser uma ambiguidade para mim mesma.

Foi com essa violência mascarada de privilégio que eu sempre consegui transitar por lugares, às vezes sendo apontada pela minha *inadequação*, outras vezes não. Os casos de racismo e violência que sofri e sofro, só agora percebo, que se relacionam à minha condição de mulher negra de pele clara, ao mesmo tempo que, essa violência cresceu pautada na ambiguidade, no momento do racismo, ela se apresenta de forma certa. Foi ao ter meu cabelo tocado e ser chamada de “*nega maluca*” por um colega de trabalho que essas questões voltaram à tona.

A minha humanidade foi socialmente construída como incerta, e é individualmente sentida como tal. Por conta disso, por mais que não consiga me encaixar plenamente em nenhum dos lados, *nem preta, nem branca*, a aceitação e o reconhecimento da minha *negritude* me parece um bom início, por mais difícil que seja encará-lo. Simultaneamente, entendo que talvez essa incerteza nunca vá embora, mas a partir do momento que compreendo que a negação de um dos meus “lados” vem de um processo estrutural de racismo, quem sabe essa luta se torne mais direcionada. E quem sabe esse “lado” se torne *parte integral*.

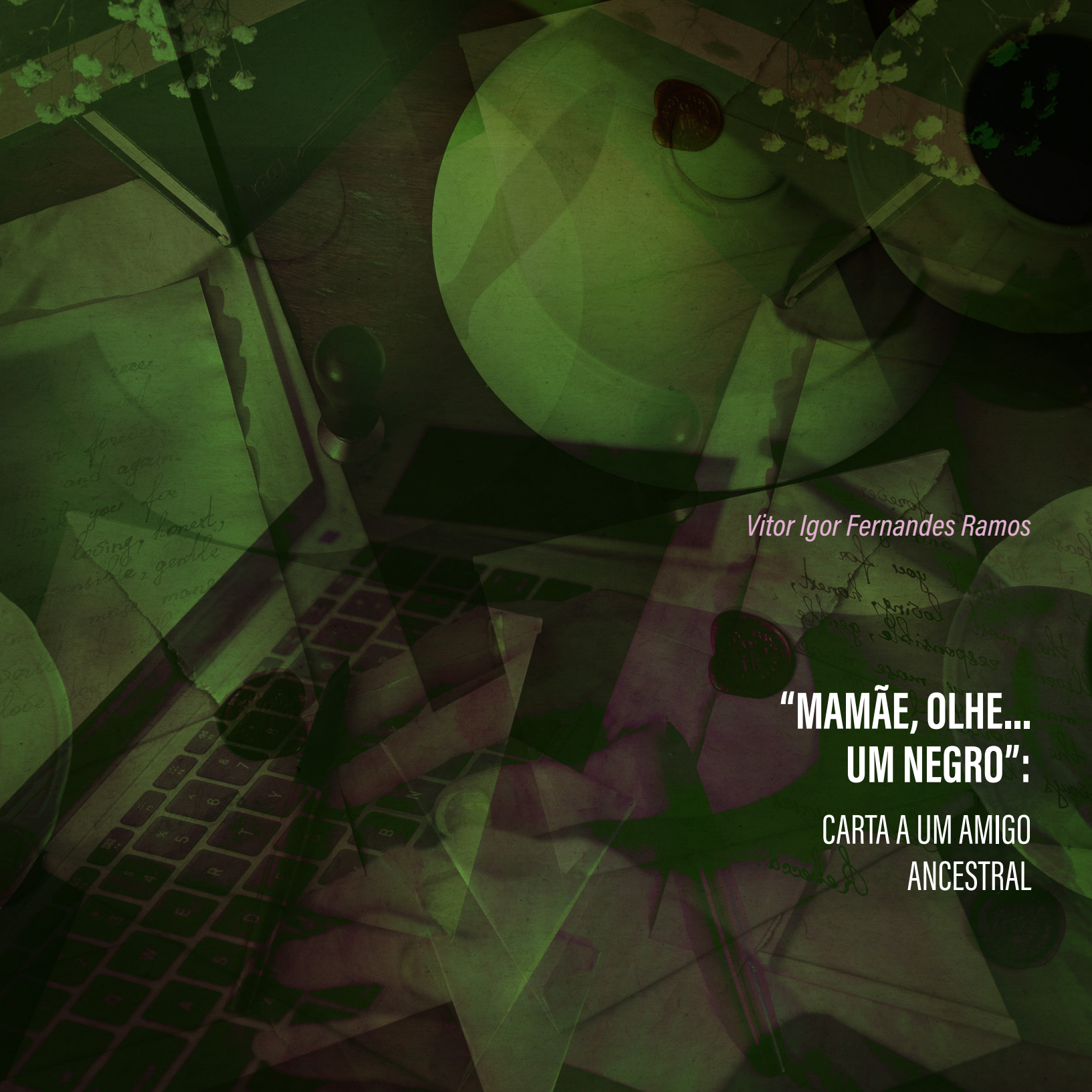
Escrevo para você, porque foi você quem me ensinou, que devemos ter pelo que lutar em nossa geração, em nosso tempo. Acredito que essa seja uma pauta importante, a qual tem crescido nos debates nacionais, mas que ainda carece de maiores problematizações e discussões. Nesse sentido, começo a entendê-la como minha luta, e passo a ter seus livros e teorias como fundamento e norte. Construindo meu futuro, a partir da contestação do presente.

Manaus, Amazonas, 14 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu editora, 2020.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

A collage of vintage letters, a keyboard, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with greens, browns, and greys.

Vitor Igor Fernandes Ramos

**“MAMÃE, OLHE...
UM NEGRO”:**

**CARTA A UM AMIGO
ANCESTRAL**

Companheiro Fanon,

Dr. Frantz Fanon, eu poderia aqui trazer vários sinônimos de palavras belas que poderia representar minha admiração e meu amor por você. Todas elas, talvez, não expressassem ou significassem a beleza e força que eu quero transparecer. Por isso, escrevo essa carta como um amigo, um amigo que você nunca irá conhecer. Mas te afirmo: você é a representação que eu tenho em vida, em alma, em corpo.

Esse corpo, negro, que te fala e atravessa fronteiras e oceanos. Esse corpo negro que grita e berra de uma terra *Amazônida*, de uma terra *Cabocla*, de uma terra que resistiu e resiste a atravessamentos colonialistas. Fanon, aqui nessa terra, aqui em Belém do Pará, imperou o *Movimento da Cabanagem*, que com a força de homens, mulheres, indígenas e negros, se consagrou como um dos movimentos mais importantes já acontecidos no Brasil. Estávamos cansados do colonialismo! Queríamos a nossa independência! Queríamos nossa (SUS)tentação em nossas próprias terras!

Tivemos em domínio de Portugal desde 1500, Fanon! É necessário e urgente, como você mesmo diz, de "identificar, criticar e abandonar a descrição colonial que foi feita sobre nós é passo essencial para a mudança das relações concretas e das dimensões subjetivas" (Fanon, 2022, p. 19). A nossa subjetividade se desapareceu com o avançar do capitalismo e da dimensão étnico-racial do racismo como uma máquina que te domina, te controla e te faz produzir a mercê dela.

Hoje, Fanon, percebo como a máquina racista se evoluiu como uma ferramenta a caçar negros/as/es! Por que, negros/as/es? Por que, fomos escolhidos/as/es? Ah, Fanon, acho que tu podes analisar fenologicamente e psicanalicamente o porquê do artigo "es", né? Bom, é que graças a luta de outros movimentos como o da inclusão e de LGBTQIAPN+ (*Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero*,

Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-Binaries E Mais) tivemos a necessidade de incluir pessoas que historicamente – assim como nós, população negra – foram “explorados, escravizados, desprezados por uma sociedade capitalista, colonialista, acidentalmente branca” (Fanon, 2020b, p. 212).

A sociedade branca é a culpada de todo nosso sofrimento, companheiro! Foi estruturalmente e visceralmente exposto a nossa carne e nosso corpo para o deleite de brancos e sua estrutura colonialista, que ainda impera hoje. Fanon, se tu viesse ao Brasil e, em especial, a Belém do Pará, conhecida como *Cidade Morena*, iria entender minha revolta. Todas às vezes que acordo para um novo dia, é como se “toneladas de grilhões, tempestades de golpes, rios de cusparadas escorrem pelas minhas costas” (Fanon, 2020b, p. 241). Tudo isso acontece por eu ser negro! Será que o branco se sente assim ao acordar em sua soberania e explicitude de sua brancura?

Não sei não, Fanon. Acredito que a separação racial entre o negro e branco se tornou peça fundamental para a nossa experiência de se organizar como movimento, como nação. Em andar junto ao povo, não para o povo. Companheiro é necessário enfatizarmos que vivemos ainda em uma “sociedade colonial” (Fanon, 2020a, p. 290) e estabelecer que todo projeto criado e realizado com a nação, deve-se lutar “contra todas as formas de alienação” (Fanon, 2020a, p. 273). Devemos se rebelar, se revoltar e se reinventar! O sentimento de revolta deve andar junto com aqueles/as que construíram o caminho para que hoje estejamos aqui, lutando!

A luta é política. A Medicina e entidades filantrópicas devem ser políticas! A “psiquiatria deve ser política” (Fanon, 2020a, p. 44). Porém, enclausuram-nos/as/es de diversas formas, Fanon. Agora a Medicina ao invés de estar com o/a sujeito/a, aquele/a que expõem suas dores, cicatrizes e procura ajuda, não o ouve e não o vê. A Medicina está nos adoecendo e propondo curas através da medicalização. Tudo é medicamento, Fanon. Se sou perseguido em algum

estabelecimento comercial, sofro de fase maníaca e sou delirante. Tranca ele no manicômio! Se desejo uma roupa cara, sofro de uma euforia excessiva. Prescreve um *psicotrópico* para melhorar! Se ao sair de casa sou abordado por um policial, sofro de perseguição. Compra uma bíblia para ele/ela, é falta de *Deus* no coração!

É uma perseguição que retira nosso direito de pensar e agir como seres humanos. Na verdade, não sei se me veem como um ser humano, portador de direitos e deveres pautados em uma Constituição Federal feita democraticamente com a participação da população. Você disse isso, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* que nós, negros, fomos alienados a pensar bestialmente sobre nós mesmos. Não tínhamos domínio de nossa própria pele, compostas de ossos e carnes:

Meu corpo me era devolvido desmembrado, desmontado, arrebatado, todo enlutado naquele dia branco de inverno. O negro é uma besta, o negro é mau, o negro é malicioso, o negro é feio; olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do negro, o negro treme de frio, aquele frio de torcer os ossos, o belo menino treme porque acha que o negro treme de raiva, o menino branco corre para os braços da mãe: mamãe, o negro vai me comer (Fanon, 2020b, p. 129).

Porém, Companheiro ancestral e de energia cósmica negra, eu sinto a real necessidade de me inquietar, de me revolucionar em passos curtos e longos. Mas não posso fazer isso somente em mim mesmo. Preciso-me *Aquilombar* e içá meu corpo negro a uma comunidade formada por corpos energeticamente conectados. É sabido que “há longos meses minha consciência é palco de debates imperdoáveis” (Fanon, 2020a, p. 292) e que a cada ar de Oxigênio que entra e Gás Carbônico que sai, é uma mudança radical.

A nossa caminhada só é possível se “avançar resolutamente se primeiro tomamos consciência de nossa alienação” (Fanon, 2022, p. 227) e que nosso povo, se caracterize coletivamente e não unilateralmente.

Minha descoberta como corpo e mente negra, se deu apenas em 2019, Fanon, quando ingressei pela primeira vez em uma Universidade Pública. Eu imaginava que o mundo estava em minhas mãos. Fanon, eu não sabia *nada* do mundo! A Universidade Federal do Pará (UFPA) me proporcionou a percepção do que eu não via, do que eu não queria ver.

Com o ingresso nessa instituição e com a aproximação da militância, principalmente, da luta antimanicomial, pude perceber lutas de movimentos que existem há mais de séculos. A dita “loucura” acompanha cada ser que perpassa pela sociedade. Fanon, o/a “louco/a” é parte de nós. Nós somos loucos/as! Qualquer pessoa que diga que não pertence à comunidade da loucura é melhor não confiar, porque há algo de errado! Quem disse isso foi uma Psiquiatra chamada Nise da Silveira, brasileira, que revolucionou o tratamento manicomial aqui no Brasil, aplicando métodos em que através da arte, poderia haver cura. Ela foi do seu tempo, acredito que tenha ouvido falar dela!

Em momentos de revolução dentro de meu corpo, a metamorfose de pardo negro se tornou realidade quando percebi os efeitos da colonização em mim. Considerava-me feio, nariz muito empinado, um corpo não esteticamente malhado e definido, minha pele não brilhava. Fanon, eu só “queria simplesmente ser um homem entre outros homens” (Fanon, 2022b, p. 128). Mas não me era possível. Eu vivo em uma periferia, vi meu amigo ser morto pelo tráfico! O tráfico, as drogas. A escravidão diz ser eliminada em 13 de maio de 1888, mas a política de “Guerra às Drogas” são o que? A Necropolítica é o que? A escravidão nunca terminou, meu caro companheiro! Pela lógica do capital e pelo proibicionismo, viram o corpo negro como o alvo. Nunca foi sobre eliminar as substâncias psicoativas. Sempre foi de eliminar pessoas. Estamos falando de uma guerra que mata, adoce e separa seres humanos. Esses seres, que possuem raça, cor e etnia específica: são negros/as/es!

Uma guerra que deixa famílias adoecidas pela conexão enérgica passada por nossa ancestralidade, que acompanha a nossa evolução como povo. Um povo, que necessita guerreiramente lutar por sua sobrevivência e permanência nesse mundo cruel, que o povo negro foi sucumbido a se reintegrar como sociedade e foi-se retirado seu status de cidadão e cidadã. Somente a violência, Fanon, é capaz de unir nosso povo em prol de uma mudança radical. Tivemos companheiros e companheiras que tiveram seus corpos esfaqueados pelas balas de armas colonialistas. O colonialismo fez e faz a gente se matar, se revoltar contra nosso próprio povo! Mas devemos conhecer o princípio da Rebelião, o princípio e a necessidade de se rebelar:

É preciso não só combater em prol da liberdade de seu povo. É preciso também, ao longo de todo o tempo que dura o combate, ensinar novamente a esse povo, e em primeiro lugar a si mesmo, a dimensão do homem. É preciso percorrer de novo os caminhos da história, da história do homem condenado pelos homens, e provocar, tornar possível o encontro de seu povo e dos outros homens (...) e só o combate pode verdadeiramente exorcizar essas mentiras sobre o homem que inferiorizam e literalmente mutilam os mais conscientes dentre nós (Fanon, 2022, p. 303-304).

Você marca a minha história desde a primeira vez que eu lhe li. Comecei por *Pele Negra e Máscaras Brancas*. Companheiro, confesso que não entendi muito bem sua escrita, sua provocação, sua revolta, sua indignação. Talvez ainda estivesse em mudanças atmosféricas dentro de mim. Talvez a metamorfose ainda não tivesse acontecido. Li pela segunda vez e, como uma bala em meu peito, sentir você!

Sentir sua melancolia, sua raiva e seu armamento escrito me convocando a pensar e agir como você. Foram sensações maravilhosas que me puseram a entender a sociedade que eu vivo. Essa sociedade que se diz ser *morena* é apagar e invisibilizar sua própria trajetória forçada em mãos negras. O Brasil só existe, por causa de nós, negros, negras e negres!

A luta pelo fim desse “internacionalismo revolucionário” (Fanon, 2022, p. 360) deve acontecer em todos os campos. Uma sociedade para ser evoluída e pensar de forma igualitária, deve exterminar seus pensamentos e ações que expressem colonialismo, imperialismo, mercantilismo e, principalmente, racismo. Companheiro, penso o Brasil como um grande território demarcado por deveras injustiças e calamidades. Mas, também penso o Brasil, como um grande território formado majoritariamente por pessoas negras. É por isso, Fanon, que o meu Brasil, tem as cores da bandeira *Pan-Africana*, por caracterizar e entender que não existe Brasil, sem a nação negra.

Belém-Pará, 08 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. 2.ed. São Paulo: Ubu Editora, 2020a.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.



Marília Claudia Favreto Sinãni

**POR UMA PRÁXIS
REVOLUCIONÁRIA
EM DIÁLOGO COM
FRANTZ FANON**

Prezado Frantz Fanon,

Me aproximei dos teus escritos e das tuas vivências em uma das fendas que nasceram devido às muitas lutas travadas para confrontar as violências institucionalizadas na universidade ocidentalizada. Lutas coletivas, lutas que denunciam a estrutura opressora, lutas que anunciam e disputam o futuro. Daqui, sigo lendo as tuas obras e a cada leitura encontro algo novo que me provoca a pensar os caminhos possíveis para a construção de uma práxis revolucionária no horizonte da libertação.

Escrevo desde o Brasil, um contexto marcado por processos de violência cada vez mais mascarados e naturalizados. Aqui, os processos de colonização não acabaram com a independência das colônias e a ferida colonial segue aberta. Hoje, apesar de os discursos desenvolvimentistas nos ensinarem a acreditar que essa ferida colonial não existe, o pensamento fanoniano se mostra atual quando olhamos para os dualismos presentes na estrutura social e percebemos que o mundo ainda é dividido em compartimentos, marcado por desigualdades e processos de exclusão.

Neste mundo cindido em dois (Fanon, 1968), há uma linha invisível que separa a subjetividade da objetividade para manterem vivas as práticas de colonização que sustentam o sistema capitalista em que vivemos. A exploração de corpos e territórios seguem sendo praticadas sob a justificativa de que são necessárias ao 'desenvolvimento' da humanidade, mas desenvolvimento para quem? Essa concepção unilinear de 'desenvolvimento' e 'progresso' herdada do colonialismo alimenta as ações predatórias que violam o nosso direito à existência e nos separa ainda mais.

As dicotomias são atualizadas para desarticular as lutas sociais e cria-se uma/um "outra/o" composta/o por pessoas historicamente negadas/os. Os ponteiros dos relógios e as estações correram para que chegássemos a uma outra época, mas o *modus operandi* do colonialismo permanece dominando as dimensões

ontológicas, epistemológicas e axiológicas. A violência colonial ainda mantém o seu legado nos dias atuais, buscando formas de desumanizar os povos subalternizados e orientando-se pela ideia de que “primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles, nega o deus deles, ofende, separa eles” (Emicida, 2019), como é o caso dos povos indígenas, da população negra, entre tantos outros grupos classificados e desumanizados pela estrutura opressora, responsável por reproduzir a violência colonial e sua concepção de que:

Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutece-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assestam-se os fuzis sobre o camponês; vem civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade (Fanon, 1968, p. 9).

Quando não são exterminadas por completo, as culturas e as tradições dos grupos historicamente desumanizados são incorporadas pelo sistema capitalista para que este permaneça no poder; a polícia militar ainda invade as comunidades exercendo violência física e emocional, perpetuando uma cultura do medo a qual nos habituamos a assistir passivamente através dos meios de comunicação; as terras dos povos indígenas ainda sofre com processos de extrativismo ilegal e as práticas de genocídio; a lógica capitalista de acumulação de bens vê tudo e a todas/os como recursos passíveis de serem explorados para obtenção de lucro e nós aprendemos desde cedo a reproduzir essa lógica em nossas vidas, vivendo cansadas/os pelo excesso de trabalho que dizem poder nos garantir um amanhã melhor, enquanto o presente não se vive com dignidade.

Mesmo com tantos avanços tecnológicos, as ‘velhas’ práticas de colonização e dominação adquiriram novas roupagens, migrando do mundo concreto ao mundo virtual que integra o nosso cotidiano.

Às vezes eu me sento no banco da praça e observo cada pessoa que por ali passa. Passam as senhoras com sacolas pesadas lhes marcando os dedos, passam crianças cabisbaixas com seus celulares nas mãos, passam casais dividindo um chimarrão já morno, passam os bandos, passam as/os solitárias/os, passam as/os invisibilizadas/os com suas caixas de papelão desmontadas nas costas, só não passa a pressa que todas estas pessoas carregam com elas. Nos bolsos, nas mochilas, nos olhos, nos sapatos com a sola desgastada, há pedaços do tempo convivendo no asfalto, disputando quem tem o mérito de chegar até o amanhã. Mas todas as pessoas não deveriam ter o direito e as condições necessárias para chegar ao amanhã?

Vivemos em um eterno *burnout*²⁶ em que a promessa de um amanhã melhor nos impede de viver o hoje e a guerra ainda mata, mas anda mais discreta. O sistema capitalista neoliberal faz uso do imperialismo e de suas ações predatórias para colocar o povo contra o povo, semelhante às táticas da guerra subversiva na Argélia denunciada em *Os condenados da terra* (Fanon, 1968). No mundo contemporâneo, as táticas de controle da população se dão através das armadilhas do neoliberalismo, da alienação, do extrativismo de dados, da manutenção dos binarismos, das práticas de exploração institucionalizadas, da desinformação e da violência expressa nos movimentos de contrainsurgência. E os mecanismos da guerra se adaptam ao tempo e ao espaço para seguirem presentes na vida humana, demonstrando que ainda teremos de tratar muitas feridas múltiplas causadas pelo imperialismo somado às violências perpetuadas pelo capitalismo neoliberal.

Ainda somos um país dependente dos países histórica e culturalmente dominantes, o que me faz perceber que tinhas razão quando nos alertou que "o antigo país dominado transforma-se em

26

A síndrome de *burnout* tem sido cada vez mais presente na vida das pessoas. Em uma sociedade acelerada e com estresses diários nos espaços de trabalho, o *burnout* é caracterizado pelo esgotamento mental e pela exaustão emocional.

país economicamente dependente" (Fanon, 1968, p. 78). Chamado de país subdesenvolvido, o Brasil ainda tem relações de dependência com países que contribuem para a produção de desigualdades e aparecem, logo em seguida, para resolvê-las, ancorados na política de terra atrasada e numa espécie de assistencialismo em que se auto-intitulam como 'salvadores' da economia de um país que eles exploraram por séculos e negligenciam até hoje. Tendo em vista essas problemáticas, percebo que quanto mais eu leio os seus escritos, mais compreendo que o capitalismo, o racismo e o imperialismo são indissociáveis, nunca foram superados e um alimenta o outro.

Até aqui, fiz um movimento relacional entre passado, presente e futuro para compartilhar algumas críticas em relação ao contexto no qual estou inserida, falando sobre dores que partem da objetividade para limitar as subjetividades. Estas dores estão impregnadas nas pessoas que aqui vivem e sentem na pele as contradições produzidas pela situação opressora, reguladora de práticas de colonialismo que permanecem na política, na economia, nas instituições, no dia-a-dia, em nós. Mas, se a lógica capitalista se torna aliada do racismo e do imperialismo para nos oprimir secularmente, por qual motivo ainda estamos aqui? A violência colonial e a opressão que vem com ela não querem destruir completamente os países considerados subdesenvolvidos, pelo contrário, ainda os mantêm dependentes para "extrair suas riquezas naturais e explorar o trabalho, fazendo das pessoas suas ferramentas" (Fanon, 2020, p. 10).

Pensar os três elementos do tempo (passado, presente e futuro) nesta carta é um exercício de memória e luta que encontrei na sua obra *Alienação e liberdade*, onde sugeres que "ter em mente esses três elementos é atribuir uma grande importância à espera, à esperança, ao futuro; é saber que nossos atos de ontem podem ter consequências em dez anos e que, por isso, pode ser necessário justificá-los" (Fanon, 2020, p. 253). Enquanto as/os conservadoras/es vivem em função de um passado idealizado, há pessoas que vivem apenas sonhando com um futuro desejado que nunca chega,

privando-se de lutar por ele desde o presente, e ambas não levam em consideração a importância de pensar a união do passado, presente e futuro na construção de uma sociedade mais justa. Apesar de existirem tanto as pessoas que dominam como as pessoas dominadas, todas/os sofrem com estas contradições e a luta pela libertação não é seletiva, deveria ser coletiva.

Mas esta carta não lhe traz apenas o desabafo de alguém que se vê afetada/o pelas dores denunciadas em seus escritos, a partir dela eu também compartilho o quanto me reconheço nas fendas de esperança que emanam da tua luta. Talvez o meu texto te cause dor, quiçá te traga vestígios de esperança, nem que seja um punhado dela, mas a intenção é que o sinta. Por séculos pessoas, saberes e sentires foram negados e agora, em coro, nós, as/os condenadas/os da Terra, reivindicamos os nossos direitos para que, juntas/os, sejamos! Que tenhamos direito à educação! Que sintamos!

Aqui, problematizo o passado e os seus efeitos no presente, não para voltar a ele com uma perspectiva ufanista ou essencialista, mas sim para abrir as possibilidades em relação ao futuro. Todas as vezes em que os meus olhos visitam as suas obras, sou convidada à ação porque a teoria dá conta da realidade até um certo ponto, mas é preciso participar da ação para garantir a esperança. Nasce de mim uma inquietude que me leva a também querer participar da construção de uma práxis revolucionária voltada à descolonização das subjetividades e da objetividade. Como educadora, sinto a urgência de assumir uma posição ativa na transformação do mundo que pode tornar possível a emancipação, mas entendo que, para isso, é necessário destituirmos o poder racista e colonial da estrutura opressora que organiza a sociedade.

Te escrevo porque és referência na luta anticolonial e as tuas ideias tem tamanha atualidade para problematizarmos as condições com as quais nos acomodamos no presente. Baseada na luta anticolonial que buscastes em vida, também sinto a necessidade de

denunciar a situação que vivemos por aqui. Entendo que escrevemos de contextos distintos, mas os nossos ideais se aproximam porque partimos da concepção de que não devemos nos acomodar com a atmosfera da violência, mas sim recusar a situação opressora das estruturas de poder.

A atualidade do teu pensamento e das tuas reflexões apontam para a importância de estudarmos o teu legado desde o presente, de modo a unir os três elementos temporais na construção de um futuro onde a emancipação humana seja uma possibilidade e não apenas um desafio. Nesse caminho, somente uma práxis revolucionária e transformadora é capaz de construir um mundo mais justo, humano e dialógico.

Pelotas, 20 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

EMICIDA; MOREIRA, V. L.; SAMAM R. Ismália. *In: Amarelo*. Rio de Janeiro: Sony Music, 2019.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. **Alienação e liberdade**. Escritos Psiquiátricos. São Paulo. UBU Editora: 2020.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with visible text like "thank you for being honest, gentle, responsible, man". A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. A green circular graphic is in the upper center. A red wax seal is on a letter in the lower right.

Paula Machava

TRIBUTO A FANON:
EMANCIPAÇÃO E CONSCIÊNCIA
EM MOÇAMBIQUE

Irmão Frantz Fanon,

Ao mergulhar na vastidão da sua obra, as minhas palavras fluem de um país outrora subjugado pelo colonialismo português, onde as cicatrizes da escravidão ainda ecoam no nosso quotidiano. Neste cenário, onde a voz da justiça é amiúde silenciada pelos poderosos e os direitos humanos são consistentemente violados, a coragem para enfrentar a injustiça é uma qualidade rara, frequentemente reprimida pelos detentores do poder.

Neste contexto, emergem figuras notáveis que se destacaram na luta pelos direitos humanos e pela justiça em Moçambique: as inesquecíveis figuras de Alice Mabota e Mano Azagaia, ambos lamentavelmente já falecidos. Alice Mabota, com a sua sabedoria e resiliência, tornou-se um ícone na defesa dos direitos humanos, desafiando as injustiças com uma determinação que inspirou gerações. Azagaia, com as suas rimas afiadas e mensagens profundas, deu voz aos jovens desfavorecidos, transmitindo a realidade das ruas de forma poética e incisiva.

Em Moçambique, o lema “Povo no Poder”, iniciado pelo saudoso Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique Samora Machel, e revitalizado por Azagaia, transcendeu as palavras, transformando-se num apelo à ação para os jovens que sonham em mudar o destino do país. Figuras como Alice Mabota e Azagaia tornaram-se exemplos vivos de coragem e resistência, provando que é possível desafiar o *status quo* e lutar pelos direitos do povo.

Estes são tempos em que as nossas vozes se unem na busca da justiça e da liberdade. Os jovens moçambicanos, inspirados por estas figuras notáveis, erguem-se, recusando o silenciamento e enfrentando as injustiças com uma determinação inabalável. Suas ações ecoam as palavras de Fanon, que tanto nos ensinou sobre a importância da consciência na luta pela emancipação.

Como mulher africana, moçambicana e feminista, encontro nas suas obras uma fonte inesgotável de orientação e iluminação, guiando-nos não apenas rumo à libertação física, mas também à emancipação mental e espiritual. Em Moçambique, rico em cultura e história, somos testemunhas das cicatrizes dolorosas deixadas pelo colonialismo. Nossa luta transcende a independência política; almejamos redefinir nossa identidade, desvinculando-nos das correntes do passado colonial.

Suas análises perspicazes, especialmente em *Os Condenados da Terra*, têm sido uma inspiração constante, mostrando-nos que a verdadeira libertação apenas se concretiza quando rejeitamos as ideias impostas pelos colonizadores e abraçamos as nossas próprias narrativas.

Hoje, mais do que nunca, testemunhamos com esperança o despertar da consciência entre os jovens e as mulheres moçambicanas. Dia após dia, munidos de conhecimento e determinação, eles levantam-se, reivindicando seus direitos e desafiando as estruturas opressivas que, durante tanto tempo, os mantiveram subjugados. Inspirados por ideais emancipatórios semelhantes aos seus, estão a transformar a sociedade moçambicana, conduzindo-a a uma nova era de igualdade e justiça.

Como pesquisadora dedicada aos temas do feminismo e da juventude, tenho acompanhado de perto esses movimentos. Os jovens organizam-se, educam-se e empoderam-se, cientes de que a mudança real começa com a educação e a consciencialização. As mulheres moçambicanas também erguem suas vozes, desafiando normas patriarcais e reivindicando o seu lugar em todos os setores da sociedade.

No âmbito do feminismo, dediquei-me à compreensão dos ritos de iniciação das jovens em Moçambique, explorando as complexas interseções de género, cultura e poder. O seu trabalho tem sido uma bússola intelectual nessa análise, orientando-me ao examinar esses rituais à luz das dinâmicas coloniais e pós-coloniais.

Neste momento crítico, em que a África e o mundo enfrentam desafios complexos, desde a desigualdade económica até às incessantes lutas pelos direitos das mulheres, as suas palavras ressoam como faróis de esperança. O seu impacto é eterno, e a sua influência continuará a moldar os movimentos emancipatórios em todo o mundo.

Recordo as suas palavras poderosas: “Cada geração, numa relativa opacidade, descobre a sua missão, cumpre-a ou trai-a.” Nas mãos dos jovens e das mulheres moçambicanas, esta chama ardente da libertação continuará a queimar, iluminando o caminho para um futuro mais justo e igualitário. Agradeço-lhe, em meu nome, pelo legado eterno de coragem, sabedoria e dedicação aos princípios da igualdade, que continua a inspirar gerações. A sua influência transcende as páginas dos livros; é uma força motriz que nos impele na jornada contínua pela libertação e pelo empoderamento.

Coimbra, 01 de novembro de 2023

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The overall color palette is muted, with a strong green tint.

Eliane Costa Santos

CARTA A FANON

Ilustríssimo Doutor Frantz Fanon,

Como estou em vosso continente, tenho aprendido por terras de cá como cumprimentar pessoas da vossa ilibada patente e magnitude, tendendo mesmo que algumas vezes me perder no uso pronominal. Mas, aceite todo meu respeito e consideração por meio dessa carta, que é um desabafo acerca do que hoje continuamos a viver. E te afirmar que o que V.Sa. trazia na experiência da colonização, na obra *Os Condenados da Terra*, nos serve ainda hoje, pois ao ter terminado esse período ficou uma grande lacuna no nosso povo. Posso afirmar que terminou o período colonial, ficou e perpetuou no mundo na cabeça, tanto faz ser de um europeu ou não, as mazelas desse período que chamo de colonialidade do ser, e os atravessamentos postos pela supremacia de um sob o outro e na falta de Identidade do nosso povo como também nos aponta em *Peles negras e máscaras brancas*.

Em 1961, dois anos antes de eu ter nascido, o senhor, ao escrever a obra *Os Condenados da Terra*, já nos alertava para o efeito violento e devastador desumanizador, que nega a identidade, os valores e as ciências. O senhor nos dizia que "O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. E há violência em estado de violência." Essa e toda sua análise crítica e nacionalista sobre a violência do colonialismo, do fascismo e do racismo a essa África com tantas etnias, faz com que uma mulher negra, africana Diaspórica - porque a barriga que honrosamente me gestou me permitiu ser gerada em terras brasileira - compreenda muito além do que foi ensinado na educação escola. E com certeza não me foi ensinado na educação familiar pois assim também não aprenderam.

Nasci em 1963 numa família de seis irmãos, com um pai pintor de carro e uma mãe lavadeira de roupa, dos quais o maior legado que adquirimos foi a certeza de que a educação revoluciona, portanto não tínhamos outra saída senão estudar. O que hoje, orgulhosamente, aponto que todos conseguiram fazer faculdade e temos

dois doutores, duas mestres, três especialistas e todo esse processo vivido com uma mãe que estudou até a 4ª série primária e um pai que voltou a estudar após 50 anos, fazendo supletivo.

Sim, você chamava atenção acerca de quanto o sistema colonial construía estereótipos de inferior chegando ao extremo de comparar nosso povo africano aos animais; e esse de forma desumana invadia nossas casas, desde pequena, através dos programas infantis de televisão, como era o caso de Tarzan o rei da selva e como você muito bem denunciava que “a linguagem do colono é uma linguagem zoológica”. Vivemos associando o homem, em específico o homem negro, ao animal macaco, ao ponto do racismo perpetuar e, após 60 anos de você nos ter alertado sobre isso, jogadores de futebol são racialmente discriminados com xingamentos nesse aspecto.

Você nos trouxe que o colonialismo apresentava certa ambiguidade na postura do colonizado, pois da mesma forma que o colonizado ojerizava assim ser, ao mesmo tempo, sonhava ser igual ao opressor. Gostaria de dizer que isso também não ficou somente na aquele período não, segue adiante incorporado em algumas relações sociais, digo isso porque nos negras e negros aqui no Brasil vivenciamos essa experiência.

Vou explicar detalhadamente: algumas vezes que o negro tem a oportunidade de ter o poder nesse instante, ele reproduz exatamente o papel do colonizador, tivemos um papel emblemático no governo passado, um homem negro assume um papel na governança de uma pasta de extrema importância para nosso povo negro e explicitamente ele se mostrou o filho legítimo do colonizador, para desgraça e vergonha de todas nós, fez tudo igualzinho ao colonizador. Seria porque ele não conseguiu descarregar as mágoas, recalques, frustrações, em algum opressor ele descarregava toda em seus semelhantes.

Diante disso, Doutor Frantz Fanon, eu, enquanto uma mulher negra, africana Diaspórica, docente da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro Brasileira) - que tem no seu alicerce 40% dos estudantes internacionais - tenho dia após dia

me preocupado com a necessidade de descolonizarmos as nossas mentes de todas as formas de preconceitos e assim segui na perspectiva de decolonizar saberes e fazeres. Nesse sentido, busco com estudantes de Angola, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e os quilombolas do Brasil (Comunidades de Jatimane, São Brás, Acupe, Monte Recôncavo, Dom João, Alto Alegre, Cumbe, Serra do Evaristo, Sítio Veiga, que foram meus estudantes na Unilab de Males-Bahia e Ceará), e além mar, especialmente no mestrado da Universidade Lueji A'N'Konde Angola, desde conhecer melhor a história da nossa ancestralidade acentuando as lutas de resistência antirracistas e lutas contra a dominação epistemológica nas ciências e tecnologias até o estar em sala de aula provocando inquietações no currículo em todas as áreas.

Assim, estimado Frantz, em ambos os continentes, procuro, tendo como base ontológica a autonomia epistêmica, em específico na área da Matemática, convidar todos(as) estudantes a entreter a luta contra a colonialidade com armas da educação, com produção científica levantada a partir do questionamento se antes da colonização existiam Técnicas - TICA de Calcular, problematizar - MATEMA. Lógico que a resposta está na assertiva que sim, portanto, porque negamos, invisibilizamos as tecnologias sociais dos nossos antepassados.

Nesse sentido, prezado Fanon, tenho estado há mais de duas décadas procurando combater essa colonialidade do Ser e do Saber. Delineio esse período pois é o que recordo quando em 1996, na cidade de São Francisco do Conde, um grupo de estudante da Educação Básica me mostrou que a matemática ao ser sistematizada em forma de educação escolar negava valores e saberes e exclui quem não se identifica com a forma padrão por ela delineada. Daí recordo mais uma vez quando você recomenda "construir uma frente comum contra o opressor" e essa frente por mim armada se deu na quebra hegemônica da sala de aula e construir um caminho inverso da prática para a teoria.

Na atualidade, comungo muito esta perspectiva na Universidade com as pesquisas de extensão, para trazer para o ensino e assim fiz, para as séries iniciais da educação básica pensar quais saberes existe e necessário para um determinado fazer - e assim foi com a matemática que existia nos fazeres durante as compras vendas e organizações dos feirantes, que existiam na organização dos marisqueiros até o momento de escoar o produto e essa experiência propiciou que estudantes percebessem a utilidade da matemática e a cientificidade dos seus fazeres, contribuindo para quebrar o estigma e preconceitos existentes em uma população de jovem essencialmente Negras que tinham evadido da escola pois a "mesma não foi feita para eles".

Por isso, Fanon, essa atuação profissional me permitiu seguir, anos após anos, numa experiência com o Instituto CEAFFRO - Estudo e Profissionalização para a igualdade racial e de gênero em diversos projetos sociais ora com as trançadeiras, ora com as trabalhadoras domésticas e com o Grupo Cultural Ilê Aiyê, que em 2024 completou 50 anos do seu primeiro desfile pelas ruas da Cidade de Salvador (BA), a partir de sua Banda de Percussão Erê, que tinha como critério para a inclusão das crianças estarem matriculadas na escola e com rendimento. O currículo do curso incluíam além das aulas de canto, percussão e dança, as aulas de matemática, português e história e cultura africana. Por conta disso, a minha participação estava direcionada a disciplina da matemática, pautando-se nesses fazeres artísticos.

Destaco, meu caro doutor, que com essa luta armada de saberes, eu trabalhava a identidade e o lugar de pertença dessas crianças que tornaram-se grandes artistas nacionais e internacionais. Entendo que quebrar as amarras de limitação de conhecimento, de distanciamento do saber com o fazer, do que é ciência e o que folclore foi se aquebrantando e me permita fazer analogia a quando na guerra da Argélia você diz que "de maneira imperceptível, a necessidade de um enfrentamento decisivo se torna urgente." Mas, penso assim porque tivemos também caminhos de expressão, um ressurgimento de força

interior, da mesma forma que você constata que a partir de 1954 os crimes comuns diminuem expressivamente, sendo superada através da libertação da guerra de independência, ousa em dizer que poder se ver refletido na educação, nas ciências e nas tecnologias, quando vários dos nossos são mortos por evadirem da escola não ter economicamente como resistir – morrem para o mundo dentro da bandidagem e morre para a vida terrena por meio das balas que tem cor e endereço cravadas nos corpos que evadiram por não se ver retratado nas escolas.

Você pode estar a se perguntar, então, o que me faz ter uma necessidade de discutir a diversidade epistemológica no sentido de problematizar os pressupostos conceituais que se encontram na educação escolar. Explico a necessidade de um entendimento das realidades sociais, explorando os contextos espaço-temporal que contribui para o processo de criação de sentido a essa dinâmica de vida dos(as) estudantes da periferia de Salvador que não se diverge muito do estágio social de Educação, a exemplo de Angola, que não veem discutindo acerca de uma educação com perspectiva decolonial, não intersecciona gênero, gerações, desigualdades, diversidades, regionalidades, histórias locais, realidades sociais locais e global, racismo epistêmico, explorando múltiplos contextos espaço temporal de forma a contribuir para a criação de sentido no ensino aprendizado entre outros e portanto, existe muita evasão.

Por fim, estimado Frantz Fanon, não poderia deixar de registrar que a independência dos países africanos que têm muito poucos anos, mesmo Argélia que se deu há 61 anos, ainda se processa as mazelas coloniais. A violência que foi unificada deformou a mente do nosso povo, “o servidor do povo, que pretendia favorecer o desenvolvimento do povo, desde que o poder colonial lhe entregou o país, se apressa a conduzir o povo novamente à sua caverna”, nosso governante não tem interesse em conduzir um país com políticas públicas equitativas.

Outrossim, nos resta o caminho da decolonialidade do Ser do Saber e do Poder. Como você próprio aponta em *Pele negras*

e *maskaras*, numa edição que li de 1952, o Negro ao verificar que seu território, espaço de atuação enquanto negro está invadido por sucessivas descrições, sucessivas subalternizações, emerge nele o desejo de ser como o opressor. Para o negro oprimido, sua autonomia, sua personalidade, só começa a ter valor quando a sua aparência se aproximar a do colonizador. Ele se sente mais valorizado, mais estimado ao estar mais perto do branco, assim nasce o sonho do colonizado ser igual ao colonizador. Quanto mais ter sua identidade próxima a do homem branco mas faz com que ele não olhe para sua cultura e vá se aliando à cultura do colonizador.

Isso nos faz enxergar que a colonização não terminou com a independência nem em África nem nas diásporas, a colonização tem um processo de continuidade em que o próprio colonizador coloniza outro colonizado, essa ideia que traz a necessidade de descolonizar as mentes para que com a descolonização da mente possamos vir a descolonizar saberes, fazeres e poderes.

Grata pela sua leitura atenta, de uma mulher negra, afrodiaspórica, que busca incessantemente a decolonialidade a partir da perspectiva da Etnomatemática, incluindo a cultura nesse caminhar.

Abraço cordial de eterna estima,

Bie, Angola, 21 de fevereiro de 2024.

Eliane Costa Santos.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce A. Rocha; Lúcia Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

A collage of vintage letters, a laptop keyboard, and dried flowers under a green tint. The letters are scattered across the frame, some with wax seals. A laptop keyboard is visible in the lower left. Dried flowers are in the top left and top right. The entire image has a green tint.

Águila da Anunciação Camargo

**SANGUE NEGRO,
PELE CLARA**

Prezado Frantz Fanon,

Você já teve dúvidas sobre sua própria negritude? Imagino que não. Na época e contexto em que viveu, as disparidades eram tão óbvias que seria difícil não enxergar em qual lado da linha abissal (Santos, 2007) você estava. Não gosto de admitir isso, logo para você, Fanon, que falava com tanta veemência aos jovens negros, mas, às vezes, eu tenho essa dúvida. É um misto entre medo de não me reconhecer; e, mais ainda, de não ser reconhecida.

Antes de dar prosseguimento a essa carta, me permita destacar que falarei aqui sobre as mulheres negras, que infelizmente não tiveram centralidade em suas obras, partindo do pressuposto que são diferentes os olhares, as lutas e impressões de uma mulher ao construir sua identidade, na medida em que a intersecção entre raça e gênero nos subjuga duas vezes.

Deixe-me te contar um trecho de minha história para contextualizar melhor: eu sou baiana, pertencço a um estado onde 81,1% da população é negra (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2020), durante boa parte da infância nunca precisei pensar ou responder a essa pergunta e, quando precisei, responderam por mim.

Aos 9 anos de idade me mudei para um município, ainda na Bahia, que é repleto de migrantes sulistas; dentre as amizades que fiz na escola, havia uma garota de sobrenome Güntzel, com aparência tão alemã quanto o próprio nome sugere, ela dizia que éramos uma dupla: “mana branca e mana preta”. A menina Güntzel tinha pai médico, uma casa com três salas e sabia danças europeias, ela soava superior de uma forma tão natural que me deixava envergonhada.

Essa foi a primeira vez que fui colocada no lugar de negra, confesso que senti vontade de ser a “mana branca”, queria ter interpretado a Ceci na peça de *O Guarani* (obra de José de Alencar, 1857).

Em sua obra *Os Condenados da Terra* (1961), você chegou a abordar esse assunto, ao mencionar que o colonialismo teve a intenção de internalizar nos indivíduos negros a supremacia da branquitude como algo a ser desejado.

Apesar desse movimento também estar inserido nessa história, o que gostaria de tratar com você, caro Frantz Fanon, é essa dualidade entre ser ou não negra “o suficiente” a depender de quem se compara; quando perto de pessoas com descendência europeia, me é dado o lugar de “mana preta”, ao tempo que diante de pessoas negras, de tons retintos, escuto comparações como “fulana é bem branquinha, assim igual você”. Afinal, me pergunto: sou negra ou não sou?

Esse limbo racial atualmente pode ser compreendido por meio do colorismo. Oracy Nogueira (2006) em suas obras destacou que em um país miscigenado como o Brasil, há dois marcadores de preconceito: preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Aplicado a lógica do colorismo, quanto menos traços negroides o indivíduo apresentar, mais tolerado ele é nos espaços de branquitude, por ter o “privilegio” de se camuflar entre os brancos e não causar estranheza ao olhar (Silva e Silva, 2017).

É nesse não estar e não pertencer que habitam os corpos de fronteira, insuficientemente nítidos para serem classificados como daqui ou de lá. Destaco aqui, estimado Fanon, que como abordado em sua obra *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008), a miscigenação que nos trouxe para esse lugar, intencionalmente alienou e fragmentou a comunidade negra.

O ‘pardismo’ ou a tendência à utilização do termo ‘pardo’ para marcar a população de pele mais clara, neutralizando-a no debate, é um fenômeno que naturaliza uma não pertença racial e promove desmobilização coletiva e despolitização da raça, uma vez que esta

passa a ser vista como uma denominação externa (Lago, Montibeler e Miguel, 2023, p. 3).

Para as mulheres pardas, que são fruto direto da violação dos corpos de negras pelo colonizador, criou-se o imaginário social de sucesso, a mestiça/mulata é a representação da mulher brasileira, símbolo da miscigenação, uma “beleza proveniente da mistura de raças” (Lago; Montibeler; Miguel, 2023). Esse entre-raças não beneficia nada além de uma ilusão sobre termos alcançado no Brasil a democracia racial; pois, ser tolerada não é o suficiente.

Percebe que esse texto começou como um conflito de identidade, e ganhou uma guinada social? É que até eu parar para pensar profundamente sobre isso, e escrever para você, me ocorria de forma natural que essa não identificação era um problema subjetivo, e eis que o problema era bem maior e mais profundo. Acho que isso explica muito coisa, certo? Quem não sabe o que é não se posiciona, não toma partido e não luta, imagino que assim seja mais confortável para uma nação que se construiu tendo o racismo como fator estruturante.

Fico feliz em dizer, caro Fanon, que encontrei a resposta para minha pergunta inicial: sim, já tive dúvidas sobre a minha negritude, hoje não mais, sou mulher negra com um corpo de cor clara, mas com ancestralidade intensa, que não quer ser embranquecido.

Barreiras, 02 de novembro de 2023

Áquila da Anunciação Camargo

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

LAGO, M. C. S.; MONTIBELER, D. P. S.; MIGUEL, R. B. P. Pardismo, Colorismo e a “Mulher Brasileira”: produção da identidade racial de mulheres negras de pele clara. *In*: **Revista Estudos Feministas**, v. 31, p. e83015, 2023.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *In*: **Tempo social**, v. 19, p. 287-308, 2007.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: **Novos estudos CEBRAP**, p. 71-94, 2007.

SILVA E SILVA, T. *et al.* O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *In*: **Direito UNIFACS: Debate Virtual**, n. 201, 2017.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Panorama socioeconômico da população negra da Bahia**. 2020. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos_discussao/texto_discussao_17.pdf. Acesso em: 02 nov. 2023.

SOBRE OS ORGANIZADORES E AS ORGANIZADORAS

Atauan Soares de Queiroz

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Licenciado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagens e Educação (GELINE/IFBA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGCHS/UFOB).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3923805819866846>

ORCID: 0000-0001-5550-0756

E-mail: atauan@ifba.edu.br

Tânia Aparecida Kuhnen

Graduação em Filosofia (2004), graduação em Letras - Alemão (2011), mestrado em Filosofia (2010) e doutorado em Filosofia (2015), todos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2012 realizou estágio de pesquisa na Humboldt Universität zu Berlin com bolsa DAAD/CAPE. Desde 2015 é professora na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), onde integra o Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS - UFOB). Coordena o Grupo de Pesquisa "Marginais: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Minorias e Exclusões", vinculado à UFOB, além de colaborar com o "Grupo Interdisciplinar em Pesquisas Socioambientais - Grupo IPÊS" (FURB). É autora do livro "Ética do cuidado: diálogos necessários para a igualdade de gênero" (EdUFSC, 2021).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8881089112935588>

ORCID: 0000-0001-6788-0784

E-mail: tania.kuhnen@ufob.edu.br

Marilde Queiroz Guedes

Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa/PT. Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde/PE. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru. Professora na Classe 5 Nível A Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Pesquisadora e Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professor e Currículo – FORPEC. É Membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1353574837768991>

ORCID: 0000.0002-9722-7505

E-mail: marildequeiroz@outlook.com

Cacilda Ferreira dos Reis

Graduada em Serviço Social pela Universidade Católica do Salvador. Mestra em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB), e doutora em Ciências Sociais/Unicamp. Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais-UFOB. Assistente Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Reitoria, atuando como Chefe do Departamento de Assuntos Estudantis/DPAAE. Líder do Grupo de Pesquisa Nego D'água: pesquisas disciplinares do Oeste da Bahia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9490265243088532>

ORCID: 0000-0001-5409-9040

E-mail: cacildafreisl@gmail.com

www.pimentacultural.com

Cartas para
**Paulo Freire,
bell hooks e
Frantz Fanon**